

Dr. A. A. MARTINS VELHO

O Espiritismo Contemporâneo

Considerado como Ciência
Positiva e Experimental

**Sua Demonstração Rigorosa,
Teoria e Prática**



LISBOA
LIVRARIA CLASSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA
17, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 17
1915

O Espiritismo Contemporâneo

Dr. A. A. MARTINS VELHO

O Espiritismo Contemporâneo

CONSIDERADO COMO CIÊNCIA
POSITIVA E EXPERIMENTAL

**Sua Demonstração Rigorosa,
Teoria e Prática**



LISBOA

LIVRARIA CLASSICA EDITORA

DE A. M. TEIXEIRA

17, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 17

1915

DO MESMO AUTOR:

ESTUDOS SOBRE O ORIENTE, 1 vol. (exgotado).

LIÇÕES DA LÍNGUA FRANCESA, 1 vol. (exgotado).

O MAGNETISMO, 1 vol., 300 réis.

A ENTRAR NO PRELO:

CREPUSCULARES, 1.^a parte (Contos em prosa).

CREPUSCULARES, 2.^a parte (Poesias diversas).

A D. GENOVEVA TEIXEIRA MARTINS VELHO

Querida Espôsa:

A ti, que tantas vezes assististe à confecção deste livro, e me incitaste a prosseguir neste trabalho até à sua conclusão, presto aqui homenagem, dedicando-to.

Praza a Deus que êle possa, de algum modo, contribuir para a tua felicidade, tanto ou mais do que a doutrina, que êle encerra, tem contribuído para a minha.

É êste o mais ardente voto do

teu marido estremoso,

Martins Velho.

O ESPIRITISMO

DUAS PALAVRAS PRELIMINARES

Fala-se muito lá fora no Espiritismo, estuda-se, discute-se acaloradamente o seu valor; e apesar disso entre nós êle é *quási uma doutrina secreta*, partilhada por algumas centenas de adeptos, que, receosos da zombaria dos seus contemporâneos, só em família se atrevem a confessar-se partidários de tal doutrina.

E todavia a verdade é que é êle um conjunto de doutrinas scientificas, profundamente elevadas, doutrinas que se apoiam em numerosíssimos factos observados e estudados com todo o rigor dos métodos experimentais pelos sábios mais conspícuos da Europa e da América.

Físicos, químicos, astrónomos, fisiologistas, médicos, jurisconsultos, antropólogos e homens de letras, do velho e do novo continente, forçados pela evidência dos factos, teem, ás dúzias, renegado as suas antigas teorias e crenças scientificas para abraçarem com resolução e firmeza

inabalável as doutrinas do Espiritismo. E êsses homens notáveis, tanto pelo seu talento como pela austeridade do seu carácter, não se contentam com abraçar a nova doutrina, vão mais longe, tornam-se os seus mais estrénuos propagandistas, publicando livros preciosos, que hoje constituem já uma bibliografia importantíssima.

E' que o Espiritismo é hoje uma sciência positiva e experimental, a base fundamental da Biologia, por isso que estuda precisamente as origens da Vida.

E' êle a bússola que mais proveitosamente nos pode guiar na vida, e que nos dá a orientação mais segura da felicidade, e a chave preciosa dos maiores problemas que affectam a espécie humana.

Se bem que as suas doutrinas possam, com vantagem, substituir mais tarde as diversas religiões, que só servem para desunir os homens, o Espiritismo não é no fundo uma religião, pois que não se estriba na fé, mas sim na convicção, não tem culto, nem dogmas, nem mistérios, nem crê no sobrenatural, pois tudo nêle se explica por leis naturais, embora desconhecidas do vulgo.

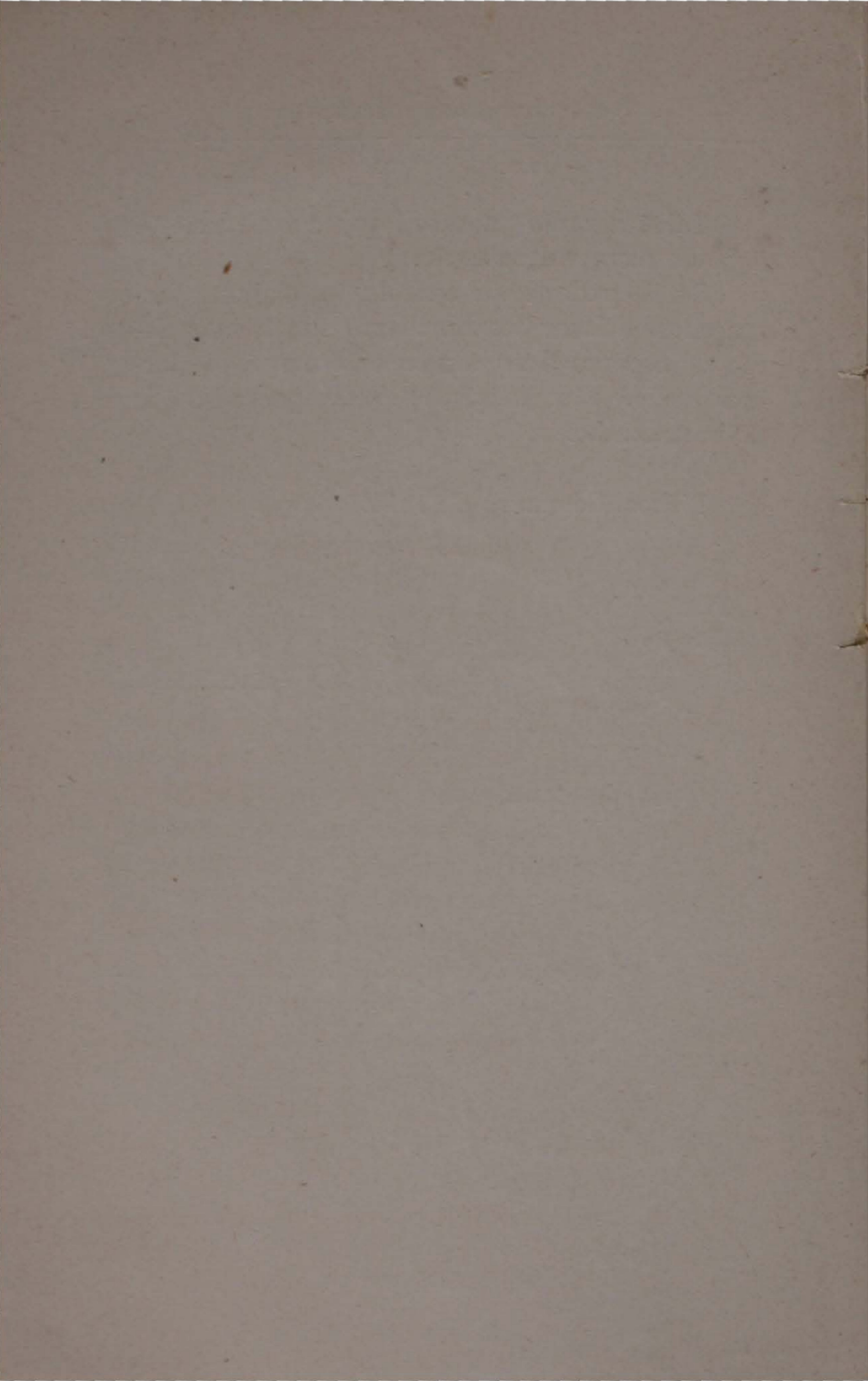
Vulgarizar por isso esta ordem de conhecimentos, que tanto interessam ao nosso bem estar terreno e à nossa felicidade futura, é *um dever imperioso*.

Tal é a razão que nos levou a escrever este livro de mera vulgarização.

Se êle puder levar consolações a alguns desgraçados, e fazer desabrochar o suavíssimo clarão de esperança no seu coração magoado, dar-nos hemos por felizes, e recompensados do nosso trabalho.

Lisboa, Setembro de 1915.

O Autor.



O ESPIRITISMO

NOÇÕES PRELIMINARES

I

A Neo-Psicologia

(TEORIA)

De longe vem, é certo, a luta travada entre a escola filosófica espiritualista e a materialista: pois que, se compulsarmos os monumentos literários das mais velhas civilizações orientais, iremos encontrar no velho Hindustão a prova evidente da existência ali das duas escolas filosóficas, desenvolvendo-se quási paralelamente.

E, tanto assim que nêsse país, berço fecundo da mais poderosa civilização antiga, lado a lado da escola espiritualista, floresceram também os princípios em que se apoia hoje o materialismo moderno.

Da mesma forma que o materialismo greco-romano tem as suas raízes mais fundas nos filósofos *neantistas* do velho Hindustão, assim também os materialistas do século XVIII foram

buscar a sua genealogia às escolas filosóficas da Grécia e Roma.

Há, porém, uma diferença fundamental entre os processos de propaganda científica e doutrinária dos tempos antigos, e a adoptada nos que se seguiram à Meia Idade.

A sciência antiga tinha os seus focos de irradiação nos templos mais notáveis da antiguidade; e o seu *modus docendi* fazia-se por *iniciação hierárquica* e sob a capa do mais *rigoroso sigilo*.

Desta sorte os conhecimentos scientificos eram *gradualmente* ministrados aos *adeptos*, que ascendiam em graduação hierárquica conforme o seu merecimento e aptidões. A *iniciação completa* ou grande iniciação ficava sendo privilégio dos chefes supremos.

É assim que os *Magos* na Caldeia e na Pérsia, os *Mahatmas* ou Grandes Bramanes no Hindustão, e os *Hierofantas* no Egipto se tornaram, pelo seu assombroso poder, os directores supremos dêsses povos.

Desta sorte foi das criptas monumentais dos grandes pagodes do Thibet e dos montes do nevoso Himálaia, e dos vastíssimos hipogeus do país do Nilo, que, em épocas diversas saíram numerosos *iniciados* que espalhando-se pela Europa, fundaram aqui e além diversos sistemas religiosos, que estadearam o seu poder miracu-

loso nos grandes santuários de Delfos, de Cumas e outros.

Foi dêsses centros iniciadores primários e secundários que saíram os iniciados e grandes taumaturgos da antiguidade e da meia idade, como foram Moisés, Jesus, Apolônio de Tiana, Simão o Mágico, Paracelso e os grandes alquimistas.

Todos êles mantinham o segrêdo dos seus conhecimentos, ou pelo silêncio absoluto a tal respeito, ou empregando nos seus livros uma linguagem convencional e figurada, que só podia ser compreendida pelos *iniciados*.

Daqui veio o designarem-se pelo qualificativo de *ocultas* as sciências que só eram conhecidas pelos *adeptos* dos diversos graus.

Actualmente, porêm, essas reservas e êsses sigilos cessaram; pois que hoje essas sciências são *sómente ocultas* para os que não as querem estudar com pertinácia e com dedicação.

E' todavia certo que, se todos os homens medianamente ilustrados podem ter umas ligeiras noções de sciências ocultas, bem poucos as podem obter num grau *intensivo*; já porque a sua aquisição demanda preliminarmente conhecimentos scientificos intensos e enciclopédicos, já porque ao entrar nêsse estudo é mister pôr de parte todos e quaisquer *preconceitos filosóficos ou religiosos* anteriormente adquiridos.

Não quiere isto dizer que as sciências ocultas combatam ou repilam o sentimento religioso; antes pelo contrário o estudo intenso do ocultismo transforma a religiosidade, que tão só dimanava da fé, numa *convicção indestructível*, que tem a sua base perdurável na *razão* apoiada pela *experiência*.

O ocultismo, abrangendo todo o complexo dos conhecimentos humanos mais transcendentes, leva o espirito do homem, por uma lógica irresistível, a abraçar convicto a teoria espiritualista.

Mas o espiritualismo scientifico moderno, baseado sólidamente na experiência e nas teorias ocultistas, se por um lado repele e combate por *insuficiente* a doutrina dos positivistas e materialistas antigos e modernos, por outro lado nada tem de comum com o espiritualismo *abstracto e vão* da velha escolástica medieval.

A nosso ver as duas expressões — *espírito* e *matéria* deveriam ser banidas da linguagem filosófica, como traduzindo *ideias falsas*.

Em vez delas, nós empregariamos apenas a expressão *substância*, para designar a *essência das cousas*, a que vulgarmente se dá o nome de — *espírito*, e apelidariamos — *forma* o que habitualmente chamamos *matéria*.

Teríamos assim — a *substância* abrangendo a totalidade dos seres. A *fôrça* designaria a su-

bstância num estado de *dinamização* maior ou menor, e a *forma* significaria a *substância* mais ou menos *condensada*.

Desta sorte acabaria toda a divergência entre materialistas e espiritualistas, porque a matéria e o espírito passariam a ser simples *modalidades* ou *estados* da *substância*.

Mas, como as cousas são *o que são*, e não o que *deveram ser*, nós teremos, para ser compreendidos, de continuar a empregar a velha terminologia, o que aliás para nós é indiferente, depois de havermos expendido o nosso modo de ver a propósito do sentido a dar às palavras *espírito* e *matéria*.

*

* *

As mais recentes aquisições no domínio das sciências levam-nos à convicção de que *matéria* e *espírito* coexistem inseparavelmente em todos os seres do universo, (desde a *molécula mineral* até ao ser mais perfeito da criação), e são orientados pela lei suprema — a *progressão indefinida dos seres*.

A evolução progressiva das espécies, reconhecida e proclamada por Lamarck e Darwin no mundo físico, é um facto que os espiritualistas *de boa fé* não podem pôr em dúvida.

Mas essa evolução *limitada ao campo físico é insuficiente* por ilógica. Ela dá-se simultaneamente no mundo físico e no psíquico, e prossegue mesmo depois da desagregação da matéria que se chama *morte*.

No degrau mais ínfimo da escala dos seres a *alma* é apenas *um simples elemento de vida*, uma inteligência *em potência*, que se limita a associar e manter as moléculas minerais *numa forma* definida.

A ciência dá a essa fôrça, assim limitada, os nomes de *afinidade* e *coesão*.

No degrau mais elevado da escala animal a alma é a um tempo *princípio de vida* e *princípio consciente* e *livre*. Daí resulta a personalidade e identidade humana.

O velho espiritualismo filosófico e religioso sustentou sempre como princípio básico da sua doutrina — a *imortalidade* do espírito humano. Mas, diga-se a verdade, a imortalidade tal como a concebiam e ensinavam as diversas religiões era bem pouco lógica e sensata, bem pouco justa. E daí resultou o descrédito em que vieram a cair as doutrinas espiritualistas.

Felizmente, porém, os estudos persistentes e as observações repetidas feitas nos últimos sessenta anos por numerosíssimos sábios da Europa e da América vieram dar-nos a *demonstração visível* e em certos casos *mesmo palpável* e

ponderável de que — *aquilo* que constitui *essencialmente* o homem não é o *corpo físico*, que a morte *desagrega e dissolve*; mas uma substância *imponderável e invisível*, a que se convencionou chamar — *espírito*.

Essas experiências, feitas *centenares de vezes* por conspícuos observadores de todos os países, demonstraram, por uma forma iniludível, que *êsse quid misterioso* sôbre o qual *a morte não tem poder, continua a viver* num outro meio, podendo, em condições determinadas, tornar-se *visível e tangível*, reconstituindo, pela adjunção temporária de moléculas materiais, hauridas no meio ambiente, *um novo corpo*, cópia fiel daquele que a morte desagregou.

Êsses observadores, de cujos estudos resultou a constituição duma *nova sciência positiva* — o *neo-espiritualismo* ou *espiritismo*, (nome por que é geralmente conhecido) contam-se já às centenas entre os mais conspícuos homens de letras e vultos de sciência mais conhecidos da Inglaterra, França, Estados-Unidos, Itália, Alemanha e Rússia.

Encheríamos muitas páginas se tivéssemos a pretensão de citar os nomes da maioria dêles. Não o faremos por certo; bastando dizer que na Inglaterra destacam-se entre os primeiros o sábio William Crookes, físico, químico e astrónomo eminente, o naturalista A. Russell Wallace, Wil-

liam Gregory, George Sexton, e o electricista Varley.

Em França avultam, entre muitíssimos, os nomes aureolados dos drs. Charles Richet, Conde de Rochas, Paulo Gibier e Flamarion, e entre os homens de letras Victor Hugo e Michelet, Vaquerie, Teófilo Gautier, Victorien Sardou e G. Delanne.

Enfileiram-se na mesma plêiade — na Rússia Aksakoff, Boutlerof e Wagner; na Alemanha o astrónomo Zollner, Fethner, Scheiner e Weber, e na Itália os professores Filaleti, Rossi Pagnoni, Palazzi e os sábios drs. Moroni e o antropólogo César Lombroso.

Apoiando-nos nas observações de tão distintos sábios, e escudado ainda nas próprias observações e experiências, é para nós uma honra seguir na esteira de tão distintos observadores.

E' que o *espiritismo* não é uma *crendice* própria de espíritos fracos; mas um corpo de *doutrinas científicas e positivas*, baseadas em numerosíssimos factos, meticulosamente observados, e nas revelações concordantes de muitos espíritos desincarnados.

Só ignorantes, ou aqueles que, não o sendo, não quiseram todavia estudá-la conscienciosamente, é que hoje se atrevem a combater ou impugnar a doutrina espírita. Mas êsses, embora constituam a grande maioria, nada provam, por-

que lhes falta a *autoridade* para discutir o que não estudaram.

O espírita detesta o misticismo e não reconhece o milagre; para êle tudo são *fenómenos naturais*, embora pouco vulgares ou desconhecidos do vulgo.

*

* *

Os fenômenos observados levam o neo-espiritualista a admitir, como conclusão final, que — a *Vida* é uma *progressão infinda*, uma *cadeia interminável*, cujos elos primeiros se perdem na nebulosidade longínqua do passado, e cujos elos futuros se entrevêem ao longe nas auras radiantes de progressivas transformações.

A *vida humana* no globo que chamamos Terra é apenas uma *página avulsa* do grande livro da Vida; página que seria *incompreensível e absurda mesmo*, se não tivesse as suas origens no passado e a sua lógica seqüência em sucessivas fases de existência futura.

A morte dissolve e separa os elementos materiais do corpo, *mas não os aniquila*; o espírito também *não morre, nem se aniquila*. Como a larva se transforma na crisálida e desta irrompe a irisada mariposa, assim o *espírito se depura e*

progride em sucessivas existências, revestindo formas diversas na escala ascencional da vida.

Subindo assim em perfectibilidade, a alma vai animar organismos de mais em mais aperfeiçoados, passando assim por uma série infinda de encarnações e desencarnações. Desta sorte a morte é apenas a *passagem transitória e fatal* de uma para outra encarnação; e as diversas espécies de seres *remontam todos* a uma origem primordial comum.

A progressão das espécies dá-se assim *na parte psíquica* como se dá *na física*.

E, se bem que a memória e recordação das existências anteriores *se apague e dormite* durante cada encarnação, para só reaparecer após a morte, é todavia certo que a alma *guarda intacta a sua individualidade e as aptidões adquiridas*, graças à sua *união indissolúvel* com um organismo *etéreo*, formado por um fluido tenuíssimo, conhecido pelos nomes de *perespírito* ou *corpo astral*.

Quando o ser vivo morre, a *alma* e o seu *perespírito* abandonam o *organismo material*, que já lhes não pode servir, e aguardam temporariamente no espaço o ensejo propício para revestir, por um novo *nascimento*, uma nova forma corpórea, ou neste planeta em que habitamos, ou em outro superior, onde possa prosseguir na sua evolução.

Desta sorte o homem, como todo o ser vivo, é um composto de *três entidades* — uma *alma*, princípio *intelectual e individual*; um *perespírito*, princípio *fisiológico e organizador*, e um *corpo*, princípio material, destinado a pô-lo em contacto directo com o mundo externo.

*

* *

Assim o homem não é, como o pintam os materialistas, um personagem *efémero*, que por uma *fatalidade do destino* nasce príncipe ou carvoeiro, banqueiro ou mendigo, filantropo ou salteador, e que, mais cedo ou mais tarde, vai encontrar no tûmulo, que a todos aguarda, um destino *exactamente igual* — o *aniquilamento* da sua individualidade, *aniquilamento* que seria a *máxima das injustiças* e o *cûmulo dos absurdos!* . . .

Não! pelo contrário o homem é uma *individualidade indestrutível*, que, pelos *seus próprios esforços*, se aperfeiçoa e progride em novas *incarnações*, depurando-se pelo *sofrimento*.

A felicidade não é o privilégio de poucos, mas o quinhão de todos, distribuído a todos segundo os próprios méritos e esforços, e não

dependente da *graça* ou do *capricho* de ninguém.

Assim o pede a justiça, assim o reconhece a razão, assim o afirmam unânimes todos os que, tendo deixado a Terra, vivem actualmente nas regiões do espaço.

O Corpo

O corpo (nos vegetais e nos animais) é um agregado de *células vivas, independentes entre si*, mas que, em virtude de uma fôrça inteligente e organizadora, se agrupam formando tecidos e órgãos diversos, destinados a produzir funções variadas.

Essa fôrça misteriosa não pode ser a *coesão*, que liga apenas, uns aos outros, átomos da mesma natureza; nem a *afinidade*, que congrega átomos dissimilhantes para constituir a molécula.

A célula é mais do que isso, porque é um *conjunto de moléculas*, que ficam assim constituindo um *organismo rudimentar*.

Qual é a fôrça que *organiza a célula*, qual a que agrupa células de diferentes espécies para constituir os tecidos, qual a que reúne os tecidos para formar órgãos e que agrupa os órgãos para criar a planta ou o animal?

A estas perguntas o fisiologista materialista só pode responder com subterfúgios, que tão só denotam ignorância.

O psicólogo, porém, apoiado na lição dos factos, responde:—essa fôrça *inteligente e organizadora*, (pois que actua sempre segundo um *molde-tipo prestabelecido para cada espécie*)—é aquilo que os espiritas chamam *perespírito* e que os ocultistas denominam *corpo astral*.

O Perespírito

O *perespírito*, segundo a observação e a lógica demonstram, é uma *substância* de natureza *fluídica*, mais ou menos subtil, conforme as espécies e os indivíduos, composta do *subtractum* dos elementos provenientes das anteriores incarnações, subtilizando-se por isso tanto mais quanto mais elevado se acha o ser na escala da perfectibilidade.

Desta sorte, sintetizando o estado de adiantamento do ser, cujos progressos vai fixando, *êle assegura a conservação da individualidade* em cada incarnação, servindo-lhe de *molde ou matriz* para a sua renovação molècular.

Atraíndo a si, no embrião, as moléculas materiais do meio ambiente, em que se des-

envolve, êle as *agrupa* e *afeiçoa* em harmonia com o *tipo do ser* a que pertence, assegurando assim o desenvolvimento normal do novo ente segundo uma *orientação prestabelecida*.

É o *perespírito* quem *preside e governa* todos os fenómenos fisiológicos da *respiração, alimentação e assimilação* dos alimentos, *extraindo* dêstes quanto possa ser útil a cada órgão, e *eliminando* o que lhe possa ser nocivo.

É êle ainda quem, no individuo, mantêm a *identidade consciente do ser*, pois que, sendo um ponto assente em fisiologia, que de sete em sete anos, ou (segundo outros) em período muito mais curto, todas as moléculas do nosso corpo são eliminadas e substituídas por outras novas, é lógico supor que passado êsse período nós não poderíamos ter a consciência *de sermos a mesma pessoa* que éramos no comêço dêsse período de tempo.

E todavia é certo que esta renovação celular *não obsta* a que o homem tenha a *consciência nítida* de que a sua pessoa e os seus órgãos são precisamente os mesmos que eram anteriormente.

É que o *perespírito*, como *fôrça de assimilação unificadora do ser*, substituiu assim pouco e pouco as células eliminadas por novas células *identicamente orientadas*.

*

* *

Não se julgue, porém, que o *perespírito* esteja sempre como que *encerrado* dentro do ser vivo: muitas vezes êle *irradia* para fora mais ou menos intensamente, segundo o seu grau de pureza e o seu poder irradiante.

Essa *irradiação* manifesta-se visivelmente na *aura* ou *eflúvio ódico* demonstrado por Reichembach, Boirac, Baraduc e Rochas.

Às vezes mesmo o *perespírito* pode separar-se momentâneamente do corpo na sua quási totalidade, dando lugar aos fenómenos da *exteriorização da sensibilidade* e da *motricidade*, ao *sonambulismo lúcido*, à *mediumnidade transcendente*; e ao *desdobramento da personalidade*.

E se nessa viagem psíquica o *perespírito* tem a fôrça precisa para atrair a si moléculas materiais suficientes, pode actuar a distância sobre os objectos externos e *impressionar a vista*, o *ouvido* ou a *chapa fotográfica*.

Tal é o caso de muitas *aparições individuais* ou *colectivas* e os *duplos* de pessoas vivas, que tantas vezes se teem observado. De todos êsses fenómenos falaremos a seu tempo.

A Alma

Substância subtilíssima por essência, a alma constitui no homem a sua *personalidade*, a sua *verdadeira individualidade*, o seu *Eu indestrutível*. Ela é a *consciência*, manifestando-se sob o triplice aspecto de *memória*, *inteligência* e *vontade*.

Seja ela embora um princípio activo *simples* na sua constituição, a filosofia considera-a *muito complexa* na sua composição íntima e nas suas manifestações externas.

Progressiva por essência, a alma adquire dia a dia qualidades novas, que a enriquecem e depuram, elevando-a na hierarquia ascencional dos seres.

Essas qualidades, que constituem os seus *títulos de nobreza*, proveem :

1.º — Das aquisições realizadas nas suas *anteriores incarnações*.

2.º — Das aquisições efectuadas na *incarnação actual*.

As aquisições realizadas nas vidas anteriores são *arquivadas e conservadas* pelo perespírito; mas só se *patenteiam* durante o tempo em que a alma, privada de corpo material, resume

em si *toda a sua personalidade*. Nêsse estado de desincarnação, a alma *conserva* a memória fiel de todas as suas existências, tendo então a *consciência total* de todos os progressos realizados e das *responsabilidades morais* que contraiu.

Quando, porém, mais tarde, volta a incarnar, como as moléculas que *então* constituem a *parte material* da sua memória não faziam *parte integrante da personalidade* que anteriormente representou, o perespírito, tendo de actuar através dessa *matéria nova*, não pode *recordar-se* nem *reproduzir* factos em que essa matéria *não teve parte*.

Dai resulta que, no nosso estado *normal*, não nos recordamos das nossas existências anteriores, por serem êsses factos alheios à personalidade *actual*.

Mas essa recordação fica *latente*, para só *reaparecer* mais ou menos nítida em certos casos de *profundíssima hipnose*, ou inteiramente nítida durante a desincarnação total.

Mas, embora a *consciência das personalidades anteriores* fique *obliterada* pela adjunção de um *novo corpo*, o que em regra não fica perdido, nem esquecido por completo são as *aquisições e aptidões intellectuais ou artísticas* e as *qualidades morais* conquistadas nas vidas anteriores, aptidões que muitas vezes ressurgem por

uma forma pasmosa no estado infantil, logo que a criança tomou verdadeira e integral posse do seu novo organismo.

Tais são, entre muitos casos menos notórios, essas *crianças prodígios*, que aos 6 ou 7 anos de idade se revelam como músicos distintíssimos, ou como matemáticos consumados. A cada passo se observa que, numa mesma família, que deu a todos os seus filhos *uma mesma educação*, acontece que muitas vezes se destaca um entre os demais pelas suas inclinações viciosas, e todavia os pais são os mesmos, e o meio é perfeitamente idêntico.

Bem sabemos que muitas vezes um espírito scintilante e muito adiantado se acha aliado a um corpo disforme, raquítico ou defeituoso que, em certo modo, o sufoca e esmaga o seu poder expansivo; mas isso não pode explicar essas anomalias morais. Mas pela liberdade moral de que o homem goza, e que é o seu mais belo predicado, a alma pode lutar contra todas as contrariedades do meio ambiente e defeitos do seu organismo físico, e, quer triunfe, quer não, *nessa luta pela perfectibilidade, ou na sua apatia perante essas circunstâncias deprimentes, está o seu mérito ou demérito, está a sua graduação moral no problema do seu futuro.*

*

* *

Assim, pois, a sciência espírita, baseando-se na observação e nos dados científicos mais rigorosos, tem como ponto assente — que a *consciência* normal ou *actual* de qualquer pessoa não encerra *toda a individualidade pensante, toda a personalidade* dêsse indivíduo.

Há mais, muito mais, que *jaz latente* durante o período de cada incarnação, e que só se manifesta *no seu plenário* durante os períodos de existência *meramente psíquica*.

Desta sorte a alma compreende duas partes, ou antes duas fases, — uma *consciente*, que é a *actual*, — outra *inconsciente* ou, melhor, *subconsciente*, que é a que resulta da reminiscência de todas as vidas corpóreas anteriores, reminiscências que *o perespírito guardou* e como que gravou na sua consciência, constituindo assim a *sua consciência total*, o verdadeiro *Eu*.

Essa *consciência total* apenas se revela por vezes na vida *anormal*, isto é, em certos estados do *sono magnético profundo*, no *transe mediúmnico*, ou ainda em certos *estados patológicos*, em que vários elementos da *subconsciência* po-

dem manifestar-se, revestindo por vezes uma das personalidades anteriores.

Essas manifestações *extra-normais* são e serão sempre um *problema insolúvel* para todos os que, alheios às doutrinas do neo-espiritualismo, não admitirem como base fundamental do problema da vida — a *teoria da reencarnação*, ou a *pluralidade das existências da alma* neste e noutros planetas.

Para terminarmos com a exposição sumária da teoria neo-espiritualista na parte que respeita ao momentoso problema da concepção da vida e da composição íntima do ser humano, resta-nos ainda expor o que é a *Morte* segundo a mesma teoria.

A Morte

Terminado o período da vida terrena para determinado indivíduo, a *alma*, envolta no seu *perespírito* ou *corpo astral*, abandona o corpo físico.

Êste, privado da fôrça sintética e organizadora que o dominava e mantinha unido, ficando adstrito unicamente às leis gerais da química, *dissocia-se, decompõe-se* nos seus elementos primordiais, entrando no vasto reservatório da

Natureza, para *ser assimilado* por novos e multiplices seres.

Mas a *alma*, como que atordoada por aquela, muitas vezes brusca, separação, fica geralmente, e durante um período mais ou menos longo, num estado de *perturbação* ou *inconsciência* do seu novo estado e do seu novo meio.

Diferindo extraordinariamente entre si as condições da vida *física* e *psíquica*, e, sendo mui diversas também as condições de perfectibilidade dos diversos desincarnados que comnosco se comunicam, e sendo ainda bastante raras as comunicações de espíritos elevados, não é muito fácil explicar em que consiste este *estado de perturbação*, porque cada um o pinta melhor ou pior consoante a *sua experiência própria*, que é variável e por vezes contraditória.

Pode todavia ter-se como certo o seguinte:

Na *vida normal* cada um dos cinco sentidos tem um órgão especial que lhe é affecto, e através do qual percebe uma determinada ordem de sensações.

Na *vida psíquica*, porêm, como os órgãos materiais *desapareceram*, a *sensibilidade anímica* acha-se como que condensada em um *sentido único* que se acha espalhado por toda a superficie do *perespírito*.

Na *vida normal* há um conjunto de *faculdades diversas*, — na *vida psíquica* há uma fa-

culdade única, uma como que *consciência geral* de todas as *potências* do espírito.

Assim pois na *vida normal* há como que uma *análise*; toda a *potencialidade sensitiva, intelectual e emotiva* da alma decompõe-se em faculdades diversas; — na *vida psíquica* há uma *síntese*, todas as faculdades *se condensam* em uma só.

E como nos desincarnados inferiores o per-espírito é *muito grosseiro*, êstes, *sentindo-se vivos*, tendo a consciência vaga de que *existem*, julgam *viver ainda no meio terreno*, sofrendo por não poderem saciar as suas paixões.

Vagueiam por isso invisíveis pelos meios em que viviam, e *sofrem* por não poder gozar como dantes.

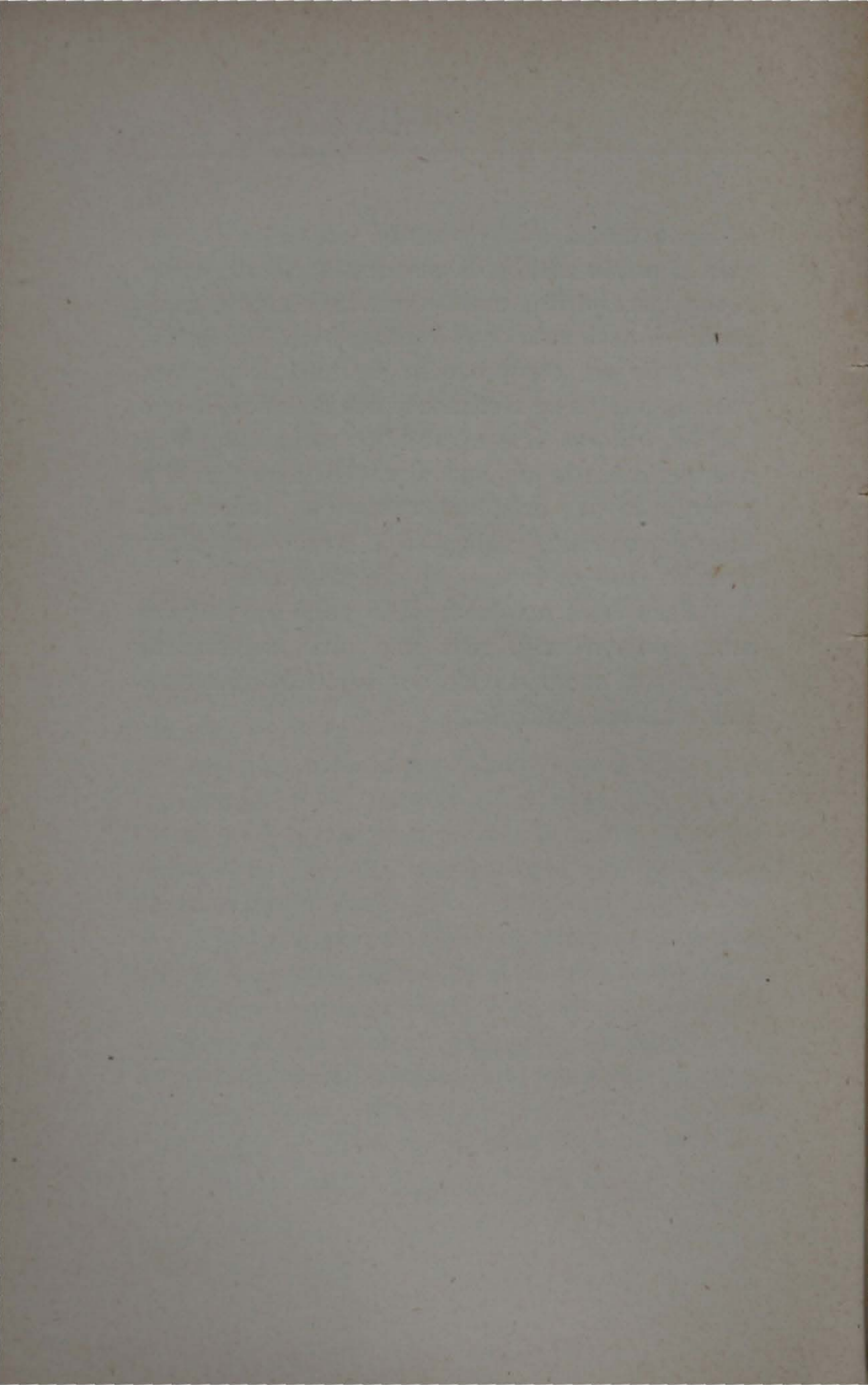
O seu estado psíquico torna-se em certo modo *nebuloso*, porque a privação dos antigos órgãos, ao mesmo tempo que se torna um sofrimento de Tântalo, produz nêle um estado de *semi-inconsciência*.

Passada, porém, essa *perturbação*, o espírito como que toma posse de si mesmo, conhece os erros que cometeu e que necessita emendar; e, como todas as suas tendências o arrastam para o mundo material, não tarda em *reincarnar*, revestindo um *novo personagem*, afim de procurar assim a sua reabilitação nessa nova existência.

Se, porém, o desincarnado se acha numa

situação moral *mais elevada*, se tinha já em vida a noção nítida da *sua imortalidade*, então o seu perespírito, mais apurado e subtil, aspirando conscientemente à progressão indefinida, não tarda em compreender a transição por que passou, adapta-se facilmente aos recursos de que dispõe, *acha-se bem* nêsse novo meio, reconhece a superioridade da sua situação, avoca a si a recordação das existências passadas, reflecte sobre os progressos realizados, e *traça o seu plano de vida* para os futuros aperfeiçoamentos.

Para êstes a reencarnação pode ser às vezes *uma conveniência*, mas não uma *necessidade imperiosa*, como sucede aos espíritos mais atrasados na sua evolução.



II

A Neo-Psicologia

(PROVAS)

Conquanto seja certo que a demonstração cabal de tudo o que afirmámos no capítulo anterior *só pode resultar* de tudo o que houvermos de dizer neste livro, é todavia certo que é conveniente começar desde já apresentando vários elementos de demonstração, embora mais tarde tenhamos de voltar a tratar o mesmo assunto com maior desenvolvimento.

Ora, tendo nós afirmado que o ser humano é um composto de três elementos associados — *corpo, perespírito e alma*, é conveniente tratar desde já de demonstrar — que o *perespírito* ou *corpo astral* não é um produto da fantasia, mas sim *um ser real e quási palpável*.

*

* *

Que em nós existe, como em todos os seres vivos (vegetais e animais), um *fluido aéreo poderosíssimo, independente e diverso* da parte material do nosso corpo, é hoje facilimo demonstrar; porque em determinados casos êsse fluido *irradia* do nosso corpo, tornando-se *visível* em certas circunstâncias, e podendo *medir-se e apreciar-se* com diversos aparelhos.

É por isso que êsse fluido é admitido hoje por diversos fisiologistas embora hostis aparentemente às teorias espiritualistas. Assim o barão de Reichembach apelidou-o — *fluido óptico*, outros — *fluido nêurico*, outros — *fôrça psíquica, corpo psíquico*, etc.

Vêm-no numa escuridão completa os indivíduos *sensitivos*, em forma de auréolas luminosas de côres diferentes, irradiando em tórno da cabeça e membros de cada um.

Vêm-no pela mesma forma os *sonâmbulos lúcidos*, e encontram-no as chapas fotográficas (experiências do dr. Baraduc, e outros) ⁽¹⁾, que

(1) Veja-se o nosso tratado — **O Magnétismo**, pág. 24 e seguintes.

apresentam curiosíssimos exemplares de impressões digitais luminosas e outras de variadas espécies.

Demonstra-se igualmente a existência dêsse fluido aeriforme irradiante nos indivíduos magnetizados, quando atingem o estado de sono denominado — *exteriorização da sensibilidade* (1). Nêste estado o corpo físico do passivo é *totalmente insensível* à dor; porque a sensibilidade irradiou toda para fora do corpo, constituindo em tôrno dêle uma espécie de *casca aérea e invisível*, dotada de uma *hiper-excitabilidade* extrema. Essa *casca* fica a uma distância que varia segundo os indivíduos. Nós tivemos muitas vezes ocasião de a observar num rapaz de 17 anos a uma distância de 12 centímetros, e numa rapariga histérica à distância de um metro. Picado o passivo na carne ou fora do corpo a uma distância qualquer para áquêm ou para além da *casca aeriforme*, não acusa a mínima dor ou sofrimento; mas, se a picada atravessa essa camada sensível, o passivo acusa uma dor violenta na região física correspondente.

Isto mostra que em tôrno do passivo se formou um fantasma aéreo, para onde convergiu toda a sensibilidade, e que esta não reside essen-

(1) Vide o mesmo livro, pág. 64 e seguintes.

cialmente na pele, nem nos músculos, nem nos nervos, mas sim e *únicamente* na substância fluidica que abandonou o corpo.

A existência do corpo astral demonstra-se ainda na *aparição de fantasmas*, nos *fenómenos de lucidez sonambúlica* ⁽¹⁾, e nos *fenómenos mediúmnicos*; mas de tudo isso nos devemos ocupar mais tarde.

Por isso limitar-nos hemos por agora a descrever um aparelho simples, que qualquer pode construir, por meio do qual se pode medir em graus a *fôrça irradiante* do *perespírito* ou *fluido vital* ou *psíquico*. Aludimos ao *Magnetómetro de Fortin*.

*

* *

Compõe-se êste aparelho de um cilindro de vidro, fechado superiormente por um prato de vidro, do centro do qual pende um fio de côco de 0^m,25 de comprimento, não torcido e muito fino, tendo prêsa à parte inferior uma agulha de arame de cobre recozido, prêsa ao fio por uma pequeníssima gôta de goma arábica ou lacre.

(1) Vide livro citado, pág. 65, 80 e 146.

Por baixo desta agulha fica horizontalmente colocado um mostrador de cartão dividido em 360°, e ainda por baixo dêste, servindo-lhe de apoio, uma *bobine* de arame de cobre fino, rodeando um pequeno cilindro de vidro.

Coloca-se êste aparelho sôbre uma prancheta triangular, de madeira, instalada no ângulo diedro formado por duas paredes grossas, por forma a evitar as trepidações do aparelho, causadas pelo rodar das carruagens.

O ar ambiente não pode influenciar a agulha, por causa do cilindro de vidro, que encerra o aparelho.

Êste deve ser colocado na meia obscuridade de um quarto interior, por forma que a luz nêsse local não exerça influência alguma no radiómetro de Crookes, e onde o calor solar também não possa chegar directamente, e por forma tal deve ter sido colocado o mostrador, que, no estado de repouso, a agulha deve apontar o zero.

Para se fazerem as observações com êste aparelho coloca-se o observador em frente do aparelho e aproxima dêle, a uma distância de 5 centímetros, os dedos de uma das mãos, reünidos em ponta, tendo o cuidado de não tocar no cilindro de vidro do aparelho.

Passado um tempo maior ou menor, que regula aproximadamente por dois minutos, a agulha desvia-se para a esquerda ou para a di-

reita, parando por fim num determinado grau, que marca a fôrça vital irradiante dessa pessoa. Retirada a mão, a agulha volta ao zero.

Repete-se essa operação por duas ou três vezes com intervalo de 5 minutos, e verifica-se assim que o desvio é sempre sensivelmente o mesmo, o que mostra que êle é devido unicamente à fôrça que emanou dos dedos do observador. Observado assim o valor do desvio e a maneira lenta ou rápida, firme ou intermitente por que êle se executa, obtêm-se assim a *fórmula biométrica* de cada individuo.

Esta fórmula é diversa de individuo para individuo, e no mesmo individuo varia alguma cousa segundo o estado *psíco-físico* do observador.

A observação deve ser feita ou às 10 horas da manhã ou das 2 às 5 da tarde, quando se presume que o estômago não está funcionando activamente.

A fórmula biométrica assim tomada é — a *expressão do estado vital* do observador no momento em que é tomada.

Na maioria dos casos a agulha é atraída pela mão direita e repelida ou immobilizada pela esquerda. Se, porém, substituirmos a mão por um foco calorífico, luminoso, eléctrico ou magnético, não se observa essa atracção para a direita e repulsão para a esquerda, donde se conclui

que a fôrça *nêurica ou vital* é perfeitamente distinta de todos êsses agentes naturais.

Depois de trezentas observações feitas em condições similares, o dr. Baraduc pôde deduzir delas as quatro leis seguintes:

1.^a Lei. — *Lei de constatação da acção*; isto é: o magnetómetro deixa-se impressionar pela *fôrça vital*, que, segundo o seu modo de acção em nós, determina na agulha movimentos diversos e próprios de cada indivíduo.

2.^a Lei. — *Lei das fórmulas biométricas*. Verificaram-se dezassete tipos de fórmulas biométricas, variáveis para cada indivíduo, constituindo assim *uma fórmula biométrica* pessoal a cada um.

3.^a Lei. — *Lei de transformação de fórmulas*. Esta lei verifica-se ou nos casos de *mudança de personalidade física*, (tais são os casos de transferência de doenças de uma para outra pessoa), ou nos casos de *mudança de personalidade psíquica*, que se dá muitas vezes nos passivos magnéticos *no estado de credulidade*, quando, por meio da sugestão, os investimos num personagem alheio. ⁽¹⁾

4.^a Lei. — *Estabelecimento da fórmula de vitalidade normal*, quando o indivíduo apresenta

(1) Vide livro citado.

alternativas de *evolução* físico-psíquica e de *involução* psico-física. Tais são os casos em que a atracção obtida pela mão direita é igual à repulsão obtida pela esquerda, e vice-versa, quando a repulsão obtida pela direita iguala a atracção obtida pela esquerda.

Devemos, porém, fazer notar que muito antes do dr. Baraduc ter feito estas experiências e deduzido estas leis, já W. Crookes tinha verificado e demonstrado, com o auxílio de um aparelho de sua invenção, que a *fôrça vital* podia, em determinados casos (com o concurso de um *médium* poderoso), determinar nos corpos sólidos uma *quantidade variável de pêso ou movimento*, destruindo assim pela base (pelo menos na aparência) os princípios fundamentais da física sobre densidade e pêso específico dos corpos.

O aparelho de W. Crookes a que acabamos de aludir compõe-se essencialmente das seguintes peças: — 1.^a Um tripé fotográfico, de cuja prancheta superior pende um pequeno dinamómetro ou balança de mola em espiral, a cujo gancho inferior está prêsa uma pequena corda. — 2.^a Uma *tábua* de mogno de dois metros de comprimento, suspensa por uma extremidade à corda do dinamómetro, tendo a outra extremidade da *tábua* apoiada sobre uma mesa.

Sobre esta extremidade havia duas pequenas caixas de papelão muito frágeis, sobre as

quais colocava os dedos das mãos Mr. Home, *médium* célebre, que auxiliava a experiência.

O pêso normal desta tábua era de três libras, mas logo que Mr. Home colocava os dedos sôbre as caixas de papelão, a fôrça que irradiava do *médium* era tal que o dinamómetro acusava logo um pêso que oscilava entre 6 e 9 libras.

Feita esta experiência por muitas vezes, sempre com o mesmo resultado, W. Crookes fez a contra-prova, colocando-se êle próprio de pé sôbre a extremidade da tábua onde Mr. Home colocara os dedos. Ora, apesar de ser de 140 libras o pêso de William Crookes, o dinamómetro apenas indicava um aumento de pêso de 1 libra e meia a duas libras, donde se pode concluir que, apesar de Mr. Home aplicar os dedos sôbre a extremidade da tábua aplicada sôbre a mesa, a fôrça psíquica que actuava sôbre o dinamómetro deve supor-se aplicada na outra extremidade da tábua.

Estas experiências foram feitas na presença dos ilustres sábios o dr. Huggins que vigiava as oscilações da balança, do dr. Sergeant Cox, e do ajudante de química de Crookes.

*

* *

Chegados, porém, a êste ponto, poderão sem dúvida perguntar-nos:—Mas o que vem a ser a Fôrça Psíquica ou Vital? qual a sua natureza? donde provêm?

A resposta a estas perguntas só se pode dar entrando no *campo das hipóteses*.

A teoria mais plausível e que mais satisfaz a intelligência é a do Fluido Universal, ou Éter, preconizada por Richnouski.

Êste illustre sábio, que conseguiu isolar o Éter de todos os outros corpos e estudar-lhe atentamente as suas curiosas propriedades, sustenta que o Éter é a fonte inexaurível da Vida Universal, a causa determinante dos movimentos planetários e siderais, a origem da luz, do calor, do movimento, etc.

Modificado ou adaptado aos organismos vegetais e animais, torna-se *fluido vital, ódico* ou *magnético*; é êste fluido que percorre as fibras dos vegetais e os nervos dos animais conduzindo a *Vida* ao aparelho cérebro-espinal, que é o acumulador dêsse fluido.

É êle o *medianeiro*, o *elo* que reúne a matéria inerte à alma espiritual.

O corpo torna-se assim um verdadeiro condensador do fluido;—os *plexus* nervosos são verdadeiras baterias, e os nervos funcionam como fios condutores da Fôrça Vital.

Assim o *fluido nervoso* produz em determinadas condições fenómenos físicos diversísimos e surpreendentes, de que mais tarde teremos de falar,—tais como as emanações ódicas, estudadas por Reichembach, Conde de Rochas, Durville, Jodko e Baraduc, que impressionam as chapas fotográficas; os fenómenos surpreendentes do magnétismo em todos os seus estados; e as mais maravilhosas ainda que resultam da *mediumnidade*.

Assim a experiência demonstra que a Fôrça Psíquica é *independente da matéria* organizada, porque não só se acumula e condensa no nosso organismo, mas se exterioriza dêle em parte, com todas as suas propriedades (sensibilidade, motricidade, vontade, etc.).

Desta sorte a experiência nos mostra que é nêsse Fluido Vital, alheio ao corpo, que reside a *fôrça organizadora e mantenedora da vida*, que é *independente* dos elementos anatómicos; os quais *se desagregarão, e morrerão*, logo que êle, por uma causa qualquer, abandonar êsse corpo.

Segundo as mais recentes experiências de Henri Durville, N. Iodko, do dr. Luys, Goudard

e Conde de Rochas, pode-se afirmar com toda a segurança que:

1.º — Todas as pessoas de ambos os sexos *emitem de todo o seu ser*, e mais especialmente dos olhos, nariz e dedos, *fluido vital ou ódico* em maior ou menor quantidade.

2.º — Que essa quantidade é tanto maior e mais intensa quanto melhor é o estado de saúde física e psíquica dessa pessoa.

3.º — Que nos homens êsse fluido é mais intenso e brilhante do que no sexo feminino.

4.º — Que nos homens é *azul* do lado direito e *vermelho* do lado esquerdo; ao passo que nas mulheres é *esverdeado* do lado direito e *alaranjado* do esquerdo.

5.º — Que na mesma pessoa a intensidade das radiações e vivacidade da côr variam consoante o seu estado sanitário e o seu estado psíquico.

6.º — Que os indivíduos *anestésicos bilaterais*, isto é, os que são privados de toda a sensibilidade de qualquer espécie, não emitem radiações algumas, e que a emissão dos eflúvios apresenta modalidades diversas, conforme o indivíduo se encontra no estado de vigília ou nos estados magnéticos de letargia, catalepsia ou sonambulismo.

Reconhece-se assim que os seres vivos são *na sua essência* fôrças permanentes que actuam

mediante a *renovação contínua* da matéria que os constitui, e — que *essa renovação* em nada prejudica a *individualidade e identidade do ser*, por isso que êste é constituído *essencialmente* pela *fôrça vital*, e não pelo corpo.

Os elementos anatómicos constitutivos dos corpos dos vegetais e animais *só vivem emquanto a fôrça psíquica os mantêm agrupados e activos; e morrem logo que essa fôrça os abandona.*

E é tal a subtileza e poder de penetração da *Fôrça Psíquica*, que ela se pode manifestar mesmo através de substâncias duras e opacas, como são, por exemplo, uma porta e uma parede.

De tudo o que deixamos dito se conclui que a existência do *Perespírito* ou *Fôrça Nêurica Irradiante*, como lhe chamou o dr. Baréty, é hoje em sciência considerada como um facto incontestável.

Só pode afirmar o contrário, mas sem provas, aquele que nunca se deu ao trabalho de estudar o assunto.

Dando assim por terminada a exposição resumida do muito que haveria a dizer sôbre o *Perespírito*, ou Corpo Astral dos ocultistas, resta-nos agora tratar sumariamente do que seja o terceiro elemento componente do ser humano — a *Alma*.

A Alma

Mas, o que é a alma?

Tal é o mais árduo problema que tem atravessado a mente dos filósofos de todos os tempos e de todos os povos.

Todos a sentem e reconhecem dentro em si, todos lhe conhecem os efeitos, mas ninguém a pôde definir com rigor; porque para o fazer era mister conhecer a sua natureza e essa está envolta na névoa espessa, que nos ofusca o brilho de todas as *causas primárias*. Temos, pois, de nos contentar com conjecturas, com raciocínios.

Os antigos filósofos espiritualistas faziam da alma ou do espírito uma concepção tão abstracta, que, em boa verdade, era quasi negá-la. Era quasi torná-la equivalente à noção do ponto matemático.

Reagindo contra esta absurda concepção, outros filósofos julgaram cortar o nó górdio decretando a *supressão da alma ou espírito*. Assim fizeram os materialistas; — as faculdades e propriedades atribuídas ao espírito foram transferidas para o corpo organizado.

A alma pôde muito bem ser considerada como uma secreção do cérebro, e o pensamento uma função dos centros nervosos.

Era a consequência lógica de outro *princípio dogmático* mais genérico da sua doutrina: — *a força é uma propriedade da matéria.*

Buchner é mais peremptório ainda, afirmando que o homem não é mais que um *simples produto da matéria.*

Seguindo a mesma orientação, Virchow afirma, (mas não tenta sequer provar), que a vida é apenas uma *forma particular da mecânica*; e Herrmann Sheffler, querendo desenvolver essa afirmação, acrescenta que o espírito é apenas *uma força da matéria, resultante da actividade nervosa*, sem reflectir que, se o espírito é produto do funcionamento nervoso, fica ainda por explicar qual é a força que produz essa actividade nervosa.

E assim os materialistas, dizendo *que todas as afirmações não experimentalmente demonstradas só devem merecer desprezo*, incorrem no vício que condenam, pois que as bases da sua doutrina apoiam-se exclusivamente em princípios que não demonstram.

O espiritualista moderno não carece de fazer afirmações gratuitas, para demonstrar a existência da alma como *um ser independente da matéria organizada*; faz essa demonstração apoiado em factos numerosíssimos que o forçam a admitir a sua existência.

E êsses factos são abundantíssimos, pois

que constituem o enorme pecúlio documental em que assenta a teoria espírita.

É cedo ainda para entrar nessa demonstração documental, e por isso limitar-nos hemos por agora a apresentar uma hipótese, aliás vulgar, que põe em sérios embarços o sábio materialista. É o caso de um homem que, estando no gôzo da mais perfeita saúde, morre súbitamente de uma simples síncope. O coração, que funcionava regularmente, parou súbitamente no seu rítmico pulsar, a respiração cessou, o calor vital extinguiu-se a pouco e pouco. E todavia os seus órgãos estão todos intactos, nenhum desarranjo orgânico impede o seu regular funcionamento.

Porque morreu êste homem? Porque cessou essa *actividade nervosa*, da qual (segundo Shefler) *havia de resultar o espírito* que se extinguiu?

O materialista responderá com subterfúgios e evasivas; porque não poderá dar uma resposta que satisfaça os menos exigentes.

O espiritualista, porém, responderá francamente:—Êsse homem morreu, porque a *causa da vida*, isto é, *o espírito*, se ausentou dêsse corpo, cessando de se vivificar.

Mas dir-nos hão talvez:—E onde está a prova de que essa *causa da vida* se ausentou?

Está em que, sendo ela uma *fôrça*, não se pode conceber inactiva, estando o organismo in-

tacto. E que ela não está lá, nem mesmo latente, prova-o a decomposição cadavérica que se sucede à morte.

Se a nossa *vista normal* tivesse a acuidade extraordinária da visão psíquica do sonâmbulo, veria sair do corpo do falecido o corpo astral dêste, da mesma maneira que o vê sair (embora temporariamente) do corpo do médium adormecido com a aparência de uma nebulosidade diáfana, que se eleva da região esquerda do tórax no local onde fica localizado o baço.

E, antes de ir mais longe, devemos desde já declarar, que a experiência e observação aturada dos mais ilustres sábios nos atesta que a *actividade psico-física* da alma humana não está confinada, como geralmente se pensa, dentro da periferia do seu corpo; antes pelo contrário, *irradia em tórno dêle* com maior ou menor pujança, constituindo a cada um de nós a sua *esfera de influência*. Esta *irradiação anímica* é o ponto de partida fundamental para a explicação satisfatória do *sonambulismo*, da *médiunidade* e da *telepatia*, fenómenos que todos corroboram a doutrina que sustentâmos e que mais adiante teremos ocasião de desenvolver.

*

* *

Mas o que será a alma?

Na impossibilidade de definir uma coisa, que se aceita por uma necessidade imperiosa da razão, mas que se não pode analisar nem conhecer intimamente, temos de nos contentar com conjecturas: e assim diremos que a alma é—*uma porção de substância distraída da fôrça universal para constituir cada individualidade.*

Actuando através dos órgãos cerebrais, é ela a parte pensante, raciocinante e consciente do indivíduo; é ela quem *guarda e arquiva* os conhecimentos adquiridos, e quem, guiada pelas sugestões do instinto, da sensibilidade e da razão, *delibera*, querendo ou não querendo tal ou tal acto.

Assim a *inteligência*, a *vontade* e a *consciência* são produtos *da alma*, ao passo que a *sensibilidade* é antes faculdade do perespírito ou corpo astral.

Deixando por agora de parte os princípios fundamentais da doutrina espírita, é conveniente entrar desde já na *parte histórica e fenomenal*, que compreende a exposição detalhada dos *factos* em que se estriba a teoria.

III

A Neo-psicologia — Factos

(PROVAS INDIRECTAS)

I. Telepatia

A Telepatia compreende o estudo de todos os fenómenos psíquicos, em que se manifesta — ou a existência de uma *transmissão mental de pensamentos* entre pessoas separadas por enormes distâncias, — ou a *previsão de sucessos futuros*, por meio de sonhos, intuições ou presentimentos, mais ou menos precisos e definidos.

Todos êstes fenómenos de uma natureza misteriosa, por desconhecida, provam, *embora indirectamente*, que no ser humano existe, além da matéria organizada, um *quid* misterioso, para o qual não há distâncias; pois que o pensamento e o sistema nervoso de um individuo pode vibrar harmónica e sincronicamente com o de

outro, embora medeiem entre êles milhares de quilómetros.

Prova igualmente que em determinados casos o *conhecimento antecipado* dos sucessos futuros pode não ser um mito.

Prosseguindo nesta orientação, diremos por isso o que fôr indispensável com respeito aos *fenómenos telepáticos, sonhos verídicos e proféticos, pressentimentos, intuições, alucinações telepáticas, etc.*

Sonhos verídicos e proféticos

É o *sono* um fenómeno fisiológico que todos conhecem por experiência própria; mas que, por isso mesmo talvez, pouquíssimos teem estudado atentamente.

Constitúi êle uma necessidade fatal da vida, e é por isso que *nenhum* ser organizado se pode subtrair ao seu império. Animais e vegetais, seja qual fôr o seu grau na escala hierárquica da vida, *todos dormem*, e a duração do sono parece ser tanto maior quanto mais se desce na escala dos seres.

A teoria do sono é daquelas sôbre que se teem aventado opiniões mais desencontradas, não podendo por isso os fisiologistas chegar a acôrdo a tal respeito.

Dizem alguns que o sono resulta de *modificações materiais* nas células do cérebro; querem outros que provenha de uma *congestão* do cérebro; e outros finalmente atribuem-o a uma verdadeira *anemia* cerebral.

Se bem que nenhuma destas teorias satisfaça por completo, parece-nos todavia ser esta última a que mais se coaduna com os factos e com a experiência.

E de facto o consumo diário de fôrças ocasionado pelas funções da vida de relação produz necessariamente — *a fadiga, o cansaço cerebral*, resultante de uma menor affluência de sangue ao cérebro, donde resulta o entorpecimento muscular, que precede e predispõe para o sono.

Então as pálpebras abaixam-se, impedindo assim as relações visuais com o mundo externo, todos os músculos, que respeitam à vida de relação, relaxam-se, as ideias baralham-se, desvanecem-se pouco a pouco, todos os órgãos atingem um alto grau de abatimento e prostração, de insensibilidade relativa, a ponto de perdermos a consciência do estado actual. Apenas os órgãos respiratórios e os de nutrição mantem a sua actividade, se bem que um tanto enfraquecida.

Pretendem alguns que as faculdades intellectuais também dormem, mais ou menos intensamente.

É um erro. As faculdades intellectuais, sendo função privativa da actividade do espirito, não carecem de repouso; o que mais ou menos dormita são os órgãos cerebrais, através dos quais elas operam no estado de vigilia.

Só assim se podem explicar os *sonhos*.

Como, porém, os órgãos dos sentidos nem sempre *repousam completamente*, daqui dimanam duas categorias de sonhos: se o repouso de todos os sentidos *é completo*, os sonhos são um produto espontâneo e exclusivo do espirito, porque na sua *gênese* não interveio, como base, uma qualquer sensação orgânica externa ou interna; se, porém, o repouso de algum dos órgãos *não é completo*, e neste se dá uma sensação qualquer, esta serve de base às locubrações da imaginação, que fantasia a seu talante, exagerando geralmente a sensação, por não estar em condições de lhe apreciar o verdadeiro valor, por falta de relações com o mundo externo. E' assim que, sonhando, a picada de um insecto se transforma, pela imaginação, numa punhalada, e o mais leve ruído se converte num tiro ou num terramoto.

Se o *sono* é um fenómeno puramente *fisiológico*, o *sonho* por seu turno é um fenómeno puramente *psicológico, anímico*, embora os órgãos meio entorpecidos possam fornecer-lhe um ponto de partida inicial.

E tanto assim é que, sonhando, nós *vemos, ouvimos, palpamos, sentimos prazer ou dor*, e todavia não carecemos para isso dos olhos, ouvidos, ou qualquer outro órgão, nem o que vemos ou sentimos em sonho poderia ser visto ou sentido, pelos órgãos dos sentidos, visto não ter existência real.

*

* *

Com quanto seja em regra pueril crer na realização da generalidade dos sonhos, não pode todavia negar-se que alguns dêles *se realizam* com todas as suas minudências.

O número de observações de sonhos desta espécie é tão considerável, que, apesar das hesitações da nossa razão em aceitá-los, não se pode hoje pôr em dúvida a sua existência, e até a sua frequência; nem explicar racionalmente a sua realização pela cómoda, mas fantástica, *lei das coincidências*, que para casos tais nada explica.

Poderíamos apresentar aqui uma extensa lista de *sonhos proféticos ou fatídicos*, mas, para não nos tornarmos difusos, limitar-nos hemos a citar apenas alguns mais curiosos.

*

* *

Cícero, que, como é sabido, se ria dos augures e dos sonhos, conservou-nos no seu tratado *De Devinatione* a memória de alguns sonhos proféticos.

Simonides, encontrando um dia numa estrada o cadáver de um homem, prestou-lhe as derradeiras homenagens, enterrando-o. À noite sonhou que via o falecido, e que êste o aconselhava a não embarcar no navio a partir para Delos, onde já tinha comprado passagem, porque êsse navio iria a pique. Impressionado com o sonho, Simonides ficou em terra e soube passados dias que o navio se havia afundado, morrendo toda a tripulação e passageiros.

*

* *

Calpúrnia, mulher de Júlio César, na noite que precedeu o assassinio de seu marido, sonhou primeiro que a estátua dêste vertia sangue, e pouco depois que o teto da sua casa abatia, morrendo César aos golpes de um bando de assassinos.

Contou o sonho ao marido, pedindo-lhe que não fôsse ao senado nesse dia, mas êle foi; e todos sabem que êle aí succumbiu aos golpes dos senadores e patrícios romanos.

*

* *

Na noite que antecedeu o torneio em que Henrique II foi morto, a rainha Catarina sonhou que o via pálido e coberto de sangue. Debalde tentou dissuadi-lo de tomar parte nessa diversão; Henrique teimou e morreu.

*

* *

A princeza de Conti sonhou uma noite que o teto do quarto em que dormiam suas filhas caía em derrocada.

Acorda sobressaltada e ordena às aias que lhe tragam as filhas para o seu quarto. Instantes depois caía com fragor o teto do outro quarto.

Como êstes, encontram-se na história dúzias de casos análogos.

Tendo, porém, passado sôbre êles muitos anos e séculos, e não sendo êsses factos, pela

maior parte narrados pelos próprios indivíduos com quem se deram, podem achar-se desvirtuados, ou ser alcunhados de suspeitos ou apócrifos.

Por isso preferiremos expor antes factos recentes, relativos aos últimos setenta anos, extraindo-os do interessante livro de observações—*Phantasms of the living*, compilado meticulosamente pelos sábios investigadores *Gurney, Myers e Podmore*.

É a esta interessantíssima compilação de factos extraordinários, feita com um plano e fim essencialmente científico, e baseado na narração directa das próprias pessoas com quem os factos se deram, que iremos de quando em quando buscar, resumindo-o, um ou outro facto mais notório.

*

* *

Começaremos pelo caso n.º 108 desta importante colecção.

É o cónego Warburton quem narra o facto passado com êle em 1848.

— «Parti de Oxford para passar um ou dois dias com meu irmão Acton Warburton, advogado que então residia em Fisk Street, Lincoln's Inn.

Chegado a casa dêle achei sôbre a mesa um bilhete desculpando-se de estar ausente, por ter ido a um baile de que só voltaria à 1 hora.

Em vez de me deitar, esperei-o recostado num fauteuil, onde em breve adormeci.

Á 1 hora da noite, porém, acordei sobressaltado, exclamando: — «Por Júpiter! êle caíu!»

— Sonhára que via meu irmão saindo de um salão brilhantemente iluminado, e que, chegando ao patamar, ao descer o primeiro degrau, caíra para a frente, aparando a queda com as mãos e cotovelos. Tornei a adormecer e passada meia hora fui despertado pela entrada brusca de meu irmão que entrou exclamando: — «Tu aí? Nunca como hoje corri tanto risco de quebrar as costelas!

Ao sair da sala do baile prendeu-se-me um pé ao tapete e caí pela escada abaixo.»

*

* *

Caso narrado por M.^{me} West, residente em Hildegarde, Fourness Road, Eastbourne.

— «Meu pai e meu irmão faziam uma viagem durante o inverno, e eu ignorava o dia exacto da sua volta. Era, se bem me recordo, durante o inverno de 1871 a 1872.

Deitei-me à hora costumada, e sonhei que, olhando por uma janela, via meu pai num trenó

seguido por meu irmão num outro trenó. Tinham de passar por uma encruzilhada do caminho, por onde vinha com toda a rapidez um outro puxado por um só cavalo.

Meu pai parecia não ter reparado no outro viajante, que por certo o atropelaria se não tivesse antes feito encabritar o cavalo, de modo que meu pai teve de passar por debaixo das patas dianteiras do animal com grave risco dêste cair e o esmagar. — «Pai! pai! exclamei eu; e nisto acordei assustada.

No dia imediato pela manhã meu pai e meu irmão chegaram e eu disse-lhes: — quanto folgo de vos ver chegar aqui sãos e salvos, porque tive ontem a vosso respeito um sonho bem terrível.

Meu irmão respondeu: — a tua angústia foi por certo igual à nossa; e narrou-nos o que lhes sucedera, que era exactamente o que eu sonhara.

(a) *Hilda West.*»

Esta narrativa é confirmada por uma carta de M. Septimus Crowe, irmão de Hilda West, e por outra de M.^{me} Bidder que ouvira contar esta aventura ao pai de Hilda, Sir John Crowe, antigo cônsul da Noruega.

*

* *

M.^{me} Green, mulher dum rico comerciante, relata assim um sonho que teve, a pedido de M.^{ele} Richardson, sua amiga.

Newry, 21 de Janeiro de 1885.

Acedendo ao vosso pedido, Mademoiselle, envio-vos os detalhes do meu sonho.

Eu via duas mulheres, decentemente vestidas, guiando sòzinhas uma carruagem semelhante às que transportam águas minerais.

O cavalo, achando água diante de si, parou para beber, mas, não achando terreno firme, perdeu o equilíbrio e caiu na água da ribeira. As mulheres levantaram-se gritando por socorro, mas caíram-lhes os chapéus e fôram engulidas pelas águas. Despertei então sobressaltada, e meu marido perguntou-me o que eu tinha.

Contei-lhe o sonho, e como êle me perguntasse se eu conhecera as mulheres, respondi-lhe que nunca as tinha visto.

Durante o dia seguinte não pude subtraír-me à penosa impressão que êste sonho me causou

e fiz notar a meu filho que êsse dia (10 de Janeiro) era o aniversário natalício d'êle e meu, e por isso me recordo muito bem d'êle.

No mês de Março seguinte recebi de meu irmão Allen, que residia na Austrália, um jornal e uma carta em que me participava o desgosto que tivera de perder uma filha que morrera afogada com uma amiga sua. Eu não conhecia minha sobrinha, porque, tendo nascido na Austrália, nunca viera à Europa. O jornal, que era o *Inglewood Advertiser*, narra o successo dizendo (em resumo) que duas mulheres, de nome Lehey e d'Allen, que iam de carrinho em direcção a Kinypanial, haviam morrido afogadas numa ribeira, num sitio que tinha 10 a 12 pés de profundidade, sendo encontradas abraçadas uma à outra e os chapéus boiando à superfície.

Uma carta do snr. Th. Green dirigida a M.^{lle} Richardson, confirma o facto do sonho.

*

* *

Análogos a êstes encontram-se na edição inglesa dos *Phantasms of de living* de Gurney e Myers mais 139 casos que o leitor curioso pode consultar.

A observação tem demonstrado que, por

via de regra, êstes sonhos se dão no momento preciso em que algures se passa um successo extraordinário, emocionante, desastre ou morte de pessoa conhecida, ou ligada à que sonha por um *elo de simpatia*, que serve como de espelho ou reflector do fenómeno.

A existência freqüente de factos desta ordem é hoje um facto averiguado por centenares de exemplos. Negá-los ou pô-los em dúvida pode ser cómodo, mas não é prova de esperteza; — é apenas um subterfúgio sistemático que só tem por fim iludir a dificuldade.

Mas como explicá-los?

Mais tarde o veremos.

Com esta ordem de fenómenos prende-se uma outra, remontando à mesma causa, embora se manifeste sempre no estado de vigília. Aludimos aos *pressentimentos*, *intuições*, *êxtasis*, etc.

*

* *

Dá-se o nome de *pressentimento*, ou *intuição* ao fenómeno psíquico mediante o qual certas pessoas, estando perfeitamente acordadas e no gozo pleno de todas as suas faculdades, teem súbitamente conhecimento mais ou menos nítido

de um acontecimento longínquo, presente ou futuro, geralmente desastroso.

São inúmeros os factos desta natureza, e manifestam-se geralmente por uma comoção interna indefinível, ou um mal estar orgânico que nos faz antever uma desgraça iminente.

Êstes fenómenos, vulgarmente denominados *simpáticos*, dão-se geralmente entre pessoas ligadas por estreitos vínculos de sangue, ou pelos laços, mais íntimos ainda, de um amor intenso ou uma amizade a toda a prova.

Alguns exemplos entre milhares.

*

* *

Um amigo nosso, médico ilustradíssimo e de uma probidade a toda a prova, asseverou-nos por várias vezes que, sempre que alguma pessoa de sua família, vivendo em terra distante, se achava em perigo de vida, êle tinha sempre o pressentimento ou aviso, manifestando-se pela audição, ao seu lado, de umas pancadas de um timbre especial, que lhe chamavam a atenção, sem que êle nunca lograsse descobrir a causa física que as produzia. Êste fenómeno precedia sempre a recepção de notícias tristes.

*

* *

A mulher de um official francês, no tempo do primeiro império, sempre que o marido, então em campanha, era ferido, sentia no seio direito uma dor violenta durante alguns minutos, dor tanto mais intensa quanto maior era a gravidade do ferimento. Onze vezes o marido foi ferido e onze vezes a dor se repetiu.

*

* *

Entrando um dia na igreja de S. Luis, e tendo ajoelhado, o abade de Montmorin, sentiu desde logo um vivo desejo de mudar de lugar. Reagiu a principio contra essa sollicitação interna e inexplicável; mas, como ela se tornasse cada vez mais forte, levantou-se e foi ajoelhar noutro sitio. Momentos depois uma pedra enorme, deslocando-se da abóbada, veio cair exactamente no sitio que êle occupava pouco antes.

*

* *

Um soldado francês, em serviço na Algéria, experimentou um dia súbitamente, e durante uns dez minutos apenas, uma comoção tão violenta que julgou morrer. Parecia, dizia êle, que uma mão de ferro lhe esmagava o cérebro e uma tristeza profunda se apossava de todo o seu ser; e todavia a sua fisionomia não indicava nenhuma alteração mórbida. Passado êsse tempo, todo o mal desapareceu súbitamente.

Dez dias mais tarde recebeu êle de França uma carta em que lhe participavam que sua mãe tinha falecido após uma dolorosa agonia, no mesmo dia e à mesma hora em que êle sofrera aquele inexplicável incómodo.

*

* *

Conta lord Byron que, quando viajava na Grécia, foi o seu guia súbitamente atacado de um tremor convulso, seguido de um abatimento

geral que o obrigou a deitar-se no chão. E como Byron o interrogasse sôbre a causa daquelle accidente: — Senhor, respondeu o guia, não longe de aqui deve passar-se neste momento o que seja de terrível: acreditai-me. Não devemos prosseguir por enquanto na nossa jornada. Há dois anos, indo para uma aldeia da Argólida, tive padecimento idêntico, e o tempo que perdi com isso foi o bastante para salvar-me a vida; porque a essa mesma hora hordas turcas massacravam os habitantes da aldeia.

Byron sorriu-se scépticamente daquela crença; mas quando meia hora mais tarde se pôs a caminho, encontrou a cinco quilómetros de distância vestígios de sangue derramado, e pouco adiante, oito cadáveres ainda quentes estendidos no chão.

Apesar de attribuir esta coincidência a *um mero acaso*, Byron consignou ainda assim o facto nas suas obras.

*

* *

Como êstes poderíamos citar centenas de casos análogos, que todos atestam haver na natureza humana um *quid* misterioso, que é a *chave explicativa* de todos êsses factos extraordinários.

Mas como explicá-los?

Aí começa a dificuldade. Uns contentam-se em atribuir êsses factos a *meras coincidências*. Outros dizem-nos que os pressentimentos são apenas *raciocínios inconscientes*, baseados em noções *inconscientemente adquiridas*, que se formam nas profundezas da trama cerebral e de que só *chega ao sensório a conclusão*.

E com êste *imbróglio* de palavras, que só traduz confusão de ideias, teem a pretensão de explicar o que só com muita clareza se pode compreender.

Outros limitam-se a reconhecer a existência entre certas pessoas de um laço simpático, mediante o qual certos indivíduos, de uma susceptibilidade nervosa mais apurada, teem a *capacidade de antever* o que está distante e de *prever o futuro* em determinadas circunstâncias. Esta explicação, conquanto mais aceitável, não é em rigor uma verdadeira teoria; porque não explica os fenómenos; limita-se a *reconhecer* a veracidade dêles.

Quanto a nós, reservamos para mais tarde a exposição da teoria que temos por verdadeira, porque ela é applicável a muitos outros fenómenos de que mais tarde falaremos.

II. Magnétismo. ⁽¹⁾

Sob o nome de Magnétismo Animal ou Pessoal compreende-se uma série de fenómenos variadíssimos, que resultam da influência que *a vontade de um homem enérgico* pode exercer sobre a vontade de um outro, que o é menos.

Essa acção produz um *sono especial*, chamado *magnético*, que, em regra, pode compreender cinco graus de intensidade ou estados; a saber:

Estado de credulidade.

» » letargia.

» » catalepsia.

» » exteriorização da sensibilidade.

» » sonambulismo.

Os três primeiros estados podem também ser obtidos por um processo mecânico, devido a

(1) Não permitindo o plano desta obra dar desenvolvimento suficiente à exposição dos fenómenos magnéticos e sua teoria, o leitor, a quem o assunto interesse, deverá consultar o nosso livro — **O Magnétismo**, publicado em 1913 pela Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira. Lisboa, Praça dos Restauradores.

Braid, médico inglês, processo que é conhecido pelo nome de *hipnotismo*, e o sono assim obtido chama-se então *sono hipnótico*.

Todavia o processo de Braid, *exclusivamente empregado*, não pode produzir a *exteriorização da sensibilidade*, nem o *sonambulismo*.

Devemos, porém, notar que a maior parte dos hipnotizadores empregam hoje os dois processos cumulativa ou sucessivamente, e dão a tudo o nome de hipnotismo. É por isso também que na linguagem usual se empregam indiferentemente as expressões *sono magnético* e *sono hipnótico*. ⁽¹⁾

*

* *

O estado de *credulidade* é aquele em que o sono é o mais leve de todos; dir-se hia que o passivo está plenamente acordado, porque goza de todos os seus movimentos e de todas as suas faculdades intelectuais. Apenas, em alguns casos, se lhe poderá notar um certo pêso nas pálpebras e uma pequena prisão na língua.

(1) Vide obra citada, pág. 130.

O que especialmente caracteriza êste estado magnético é o facto singularíssimo de o passivo *acreditar sem relutância* tudo quanto pelo magnetizador lhe fôr inculcado como verdadeiro.

Todos os sentidos do passivo obedecem cegamente ao magnetizador, desde que êste inculque uma ideia, por mais disparatada que ela seja. Se, porêm, o magnetizador lhe não inculca ideia alguma, nesse caso todos os sentidos e faculdades do passivo funcionam normalmente. E é *tão assombrosa* a alteração profunda que êste ligeiríssimo estado de sono produz nêle, que até a *consciência da sua própria personalidade* se lhe pode fazer perder, durante o tempo que nos aprouver, investindo-o em novas personalidades.

Estas experiências, que são interessantíssimas para o psicólogo, fizemo-las mais de cinquenta vezes com um dos nossos sonâmbulos, transformando-o, na mesma noite, em general, regente de banda, mestre de dança, etc. E era tal a perfeição com que êle desempenhava todos êsses papéis, que deixava assombrados todos os circunstantes pela naturalidade com que representava essas diferentes personalidades.

É por tal forma surpreendente o poder que a vontade do magnetizador exerce sôbre *todas as faculdades* do passivo magnético, que não há uma única que não lhe esteja eficazmente submetida, a ponto de por vezes chegar a atingir as

raias do que habitualmente se tem como impossível. Para o demonstrar vou citar um facto que se deu comnosco, haverá uns cinco ou seis anos, que foi presenceado por umas quatro ou cinco pessoas, e que a nós mesmo encheu de assombro, porque fizemos essa experiência sem esperança quasi nenhuma de bom resultado, sobre tudo de *resultado permanente*.

Estávamos nós magnetizando pela primeira vez um rapaz de 17 anos que voluntariamente se prestara a fazer várias experiências magnéticas.

Aconteceu, porém, que nesse mesmo dia havíamos sabido da mãe d'ele, que havia meses elle nada via de um dos olhos.

Isto suggeriu-nos a ideia de fazer uma experiência sobre o poder da suggestão. Sabíamos que os médicos não lhe haviam encontrado no olho defeito algum que justificasse a cegueira, e que em tal caso podia esta resultar de um estado nervoso local; e como por outro lado sabíamos que o poder do magnetismo *é quasi omnipotente*, quando é aplicado com o firme propósito de fazer bem, resolvemos fazer a experiência, embora tivéssemos bem pouca confiança *na permanência do resultado*, pois nunca havíamos tentado dar efeitos *post-hipnóticos* às suggestões dadas em *estado de credulidade*.

Foi nesta disposição de espirito que encetamos a experiência.

Quando o passivo se achou em estado de credulidade nitidamente caracterizado, mandamos-lhe fechar os olhos, e enquanto lhe fazíamos sobre o olho cego vários passes, contactos e insuflações apropriadas, fomos-lhe sugerindo enérgicamente, e procurando convencê-lo de que—o olho estava são... nenhum defeito aparente lhe impedia a visão... apenas uma ligeira afecção no nervo óptico lhe prejudicava a vista; mas que essa afecção lhe ia desaparecer... que, quando eu lhe mandasse abrir os olhos havia de ver com ambos quasi com igual perfeição, e que com alguns exercícos haviam de ficar perfeitamente iguais, etc., etc.

Então mandei-lhe tapar com a mão o olho são e ler sómente com o outro. Tomei um livro que estava sobre uma mesa, abri-o num sitio qualquer e disse-lhe: — «pode ler.» E êle leu a página toda, sem errar e apenas um pouco morosamente. Tirei-lhe o livro e disse-lhe: — vê, que era verdade o que eu lhe dizia? apenas lê um pouco mais de vagar... por falta de hábito; porque criou o *mau costume* de aplicar sómente o outro olho. Para ficar de todo bom precisa de fazer exercícos de leitura *só com o olho doente*, durante uns oito dias.

E agora *quero* que *depois de acordado* fique vendo dêsse olho tão bem como neste momento vê.

Dito isto acordei-o de todo: e depois de acor-

dado tive a *inesperada satisfação* de verificar, que os efeitos da sugestão *persistiram*, ficando o rapaz vendo de ambos os olhos, senão com a mesma intensidade, pelo menos aproximadamente igual.

Se houvéssemos feito êste tratamento *magnético sugestivo* no estado de sonambulismo, não nos surpreenderia muito a cura, porque nêsse estado as sugestões actuaem muito profundamente em todo o organismo; mas no estado de *credulidade*, que é um sono *tão leve* que pouco difere do estado de vigilia, surpreendeu-nos em verdade a mais não ser.

*
* *

Chegados a êste ponto, cumpre-nos examinar agora algumas das principais teorias explicativas da sugestão.

— O que vem pois a ser a sugestão?

Manifestamente é uma *fôrça* que, partindo do agente, vai imperar, *com soberania absoluta* não só no ânimo e vontade do paciente, mas em todos os seus órgãos e faculdades, e com uma intensidade tal que excede muitíssimo a que lhe poderia dar a própria vontade do paciente.

Mas porque forma ou processo actua essa fôrça?

Os processos magnéticos ou hipnóticos, dizem uns, produzem em primeiro lugar a *anevrosia*, isto é, o exgotamento nervoso, o entorpecimento de fluido vital, que traz consigo a privação temporária da vontade do paciente. Então a vontade do agente, que *é uma fôrça*, projecta-se sôbre o paciente, substitui-se à vontade entorpecida dêste, e opera assim todos os maravilhosos fenômenos do magnétismo.

Esta teoria, se bem que tenha um fundo de verdade na descrição do *modus faciendi*, é deficiente, porque não nos deixa entrever a *natureza* dessa fôrça misteriosa.

O dr. Ochorowicz, célebre fisiologista, procurando achar uma teoria explicativa para a sugestão mental, socorre-se a outros princípios em que também pode haver um fundo de verdade, e que é indubitavelmente mais completa e profunda, embora não atinja o âmago da questão.

O pensamento transmite-se de umas a outras pessoas, porque, segundo êle, o pensamento é um acto dinâmico, cujo movimento não fica limitado à superfície externa do corpo que o produz, mas antes se propaga e transforma ao atravessar meios iguais, análogos ou diferentes, e por isso o pensamento correlativo dêsse movimento também se propaga e transforma. Mas, nem o princípio de comunicação nem o de transformação nos serviriam de muito para a explicação da

sugestão mental, se não fôsem completados por um outro princípio de física geral — a lei de *reversibilidade*.

E com efeito, diz êle, nós sabemos que toda a fôrça se propaga; que toda a fôrça propagada, que encontra uma resistênciã, se transforma; não sabemos, porém, o que pode succeder numa segunda ou terceira transformação. Pode acontecer que um movimento *transformado duas vezes recobre o seu carácter primitivo*. Mas em que caso poderá isto succeder?

No caso particular em que o movimento communicado *ache um meio análogo ao do seu ponto de partida*.

Dá-se um exemplo dêste facto no *fotofono*, em que um raio de luz reflectido por um espelho, chega, modificado pela palavra, à outra estação; incide sôbre uma lâmina de *selênio*, atravessada por uma corrente local, à qual opõe maior ou menor resistênciã, segundo o brilho do raio luminoso, que a fere.

Esta corrente incessantemente modificada passa a um telefono, cuja placa vibra conforme as modificações que sofre, e reproduz a palavra que, transmitida pelos vasos ao cérebro, reproduz por sua vez o mesmo pensamento que lhe deu origem.

Na sugestão mental dá-se o mesmo. O correlativo dinâmico dos movimentos cerebrais pro-

paga-se e transforma-se, e quando chega a um meio análogo àquele que lhe deu origem, isto é, a outro cérebro, desperta nêste os mesmos pensamentos, as mesmas ideias, em virtude da *lei de reversibilidade*.

(Vide Dr. Ochorowicz — *De la Suggestion Mentale*, pág. 514 e seg.)

Esta teoria, aliás engenhosíssima, tem apenas o defeito de se basear em *uma mera hipótese*, qual é a possibilidade de um movimento recobrar o seu primitivo carácter após uma segunda ou terceira transformação.

Há ainda, dentro das teorias mais verosímeis, uma outra, a nosso ver, superior, porque não só explica os fenómenos magnéticos e de sugestão, mas também os de telepatia e outros mais complexos.

Aludimos à teoria do professor italiano *Dal Pozzo*, de que mais adiante falaremos.

*

* *

Falámos já dos fenómenos curiosíssimos que pode manifestar um passivo magnético no estado de credulidade.

Se, porém, tratarmos de intensificar a influên-

cia magnética, fazendo lentamente passes durante um tempo conveniente, os olhos do passivo fechar-se hão, e pouco e pouco os seus membros tornam-se flácidos, pesados e inertes, e a respiração torna-se mais ruidosa do que no estado normal; o passivo cái no estado *letárgico*,—*dorme profundamente*.

Se a letargia é perfeita, manifesta-se um fenómeno curiosíssimo:—é a *analgesia*, isto é, todos os seus músculos e órgãos tornam-se insensíveis à dor, porque toda a sua actividade sensória ficou *aniquilada*. Neste estado o paciente pode sofrer a operação mais dolorosa sem que sintam a mais leve dor.

Os Drs. Cloquet, Filassier, Lafow, Recamier, Pelletan, Darioux, Faure e muitíssimos outros tem realizado operações difíceis e morosas em doentes, magnética ou hipnóticamente adormecidos, sem que estes hajam conhecido que estavam sendo operados; verificando-se assim que o sono magnético ou hipnótico produz uma *insensibilidade igual e menos perigosa*, do que a obtida geralmente pelo clorofórmio.

E esta *insensibilidade* é tal que se pode colocar sob as narinas do paciente um frasco destapado contendo amoníaco, pois elle respirá-lo há sem denotar que o tal cheiro o incomoda.

*

* *

Ora todos estes factos levam-nos a uma conclusão fatal e iniludível, e é que os órgãos dos sentidos *não são*, por forma alguma, *a causa produtora* da visão, da audição, do olfacto e do gosto; que a sensibilidade geral espalhada por todo o nosso corpo *não reside, nem é produto* da fibra muscular; pois que por um simples *acto de vontade* do magnetizador se pode *anular* ou *transferir* de um para outro local, como succede aos sonâmbulos, que *podem ver com a nuca, com o estômago, ou pelas pontas dos dedos*.

No passivo magnético, quando, no estado de *exteriorização*, a faculdade de sentir abandonou completamente o corpo e *vai localizar-se fora* a uma distância maior ou menor, formando em torno do passivo e *isolado dêste*, uma espécie de *casca* ou *fantasma aeriforme*, para o qual *se transfere* toda a sensibilidade do passivo, mas num grau de *hiper-excitabilidade* extraordinário.

De onde se conclui que, uma cousa são os órgãos dos sentidos, e outra é a *faculdade de sentir*. Aqueles são dependências do organismo, esta é uma faculdade da alma.

*

* *

De entre os fenómenos mais notáveis que oferecem os *sonâmbulos lúcidos* destacam-se como principais — a *hiper-excitabilidade* de todos os sentidos, — a *transposição* dos mesmos — e a *sugestão* com efeitos hipnóticos e post hipnóticos.

É assim que a memória do sonâmbulo parece *evocar* do passado um mundo inteiro de recordações, de que no estado de vigília não lograria recordar-se, evocação que lhe permite como que tornar a ver ante si todo êsse passado já de há muito obliterado.

Mas não é só com respeito ao passado que essa *hiper-excitação* munemónica se manifesta; se lermos diante do sonâmbulo algumas páginas de um livro, terminada a leitura, êle repetirá, sem omissão de uma vírgula, tudo quanto ouviu, e isto ainda mesmo que o livro esteja escrito numa língua para êle desconhecida.

A mesma exaltação sensitiva se observa nos outros sentidos dos sonâmbulos. Assim êle poderá achar um cheiro melhor ou pior a objectos que todos nós consideramos inodoros; desta arte, se aproximarmos do nariz do sonâmbulo, (devida-

mente vendado), um pedaço de madeira, vidro, ferro, papel, pedra, chumbo, prata ou oiro, êle distinguirá todos êsses objectos conforme a sua natureza.

Dando-se para as mãos do sonâmbulo vários objectos pertencentes a diversas pessoas presentes à experiência, êle dir-nos-há em breve, recorrendo ao olfacto, quem é o dono de cada um dêles.

Mas assim como o sonâmbulo pode apresentar esta hiper-excitabilidade sensória, pode também, se o magnetizador quiser, apresentar a atrofia completa do órgão olfactivo, como já atrás dissemos.

Ora, sendo indubitável que o órgão olfactivo do sonâmbulo *não sofreu alteração alguma fisiológica*, como se pode explicar, no campo materialista, que êle passe da *hiperestesia* à *atrofia completa*, só porque uma terceira pessoa assim o quis?

Mas é sobretudo no ponto de vista da visão que o sonambulismo se torna verdadeiramente maravilhoso.

Manifesta-se isto por três formas diversas — *visão nítida*, com os olhos fechados e vendados, de objectos próximos, ou — *dupla vista*: — visão de objectos ocultos ou escondidos, — *criptoscopia*, e finalmente — visão a grandes distâncias, ou *visão telescópica*.

Negou-se obstinadamente durante muitos anos o facto da visão com os olhos fechados ou *dupla vista*, alegando-se que isso era um *mero embuste* dos magnetizadores e dos seus sonâmbulos; dizia-se que as experiências eram feitas por forma que os espectadores eram iludidos e não podiam merecer crédito nem confiança.

Os fisiologistas e médicos, eivados pelas teorias materialistas, achavam *mais cómodo* negar a pés juntos *a possibilidade do facto*, do que estudar a sério o assunto, e tentar desmascarar os *pretendidos embusteiros*.

E assim nêste estado de *prudente retraimento* se conservaram os *sábios académicos*, até que James Braid, médico inglês, descobriu um processo mecânico, mediante o qual se conseguia *parodiar em parte* os fenómenos magnéticos, sem correr o risco de passar por *charlatão*. Estava descoberto o hipnotismo.

O *termo novo* agradou aos *sábios oficiais*, que puderam então estudar *sem perigo de charlatanismo* o que já cem anos antes havia sido estudado pelos mais distintos magnetizadores do século XVIII.

Hoje os homens de sciência já não negam o fenómeno da visão com os olhos fechados; limitam-se a querer explicá-lo dizendo que o sonâmbulo tem o órgão da vista por tal forma *hiper-excitado* que lhe permite ver nitidamente

através das pálpebras fechadas, aliás muito translúcidas, e mesmo através das dobras duma espessa venda que se lhe ponha nos olhos.

Mas esta afirmação cai pela base se se reflectir que, quando se produz o sono magnético ou hipnótico, os globos oculares se reviram para a parte superior, por forma que sob as pálpebras fica apenas a parte branca do olho, que, como é sabido, não tem capacidade visual.

Hoje, porém, que os fenómenos do sonambulismo fôram minuciosamente estudados por homens de sciência da envergadura de Charcot, Richer, Dumontpallier, Bernhein, Chambard, entre muitos outros de não menor nomeada, está exuberantemente demonstrado que a *dupla vista* é um facto de que não pode duvidar-se.

E de facto a nossa experiência pessoal nos demonstrou por muitas vezes que um sonâmbulo *regularmente lúcido* pode ler com os olhos vendados uma carta encerrada no seu sobrescrito ou numa caixa; pode descobrir um objecto perdido ou escondido; e pode, viajando mentalmente, ir ver o que existe, ou se está passando a muitos quilómetros de distância do lugar em que se acha. É a visão criptoscópica e a telescópica, de que já falámos.

Como exemplo da *visão telescópica*, vamos apresentar o seguinte caso, que um distinto médico madrileno, o dr. Otero Acebedo, narra minu-

ciosamente no seu interessantíssimo livro intitulado—*Los Fantasma*s.

*

* *

« Pelo tempo, diz êle, em que tiveram lugar as experiências de que acabo de ocupar-me, achava-se doente em Santiago de Compostelia, o meu querido e infeliz mestre, o Dr. Jeremias, reitor da Universidade galega.

« Os sintomas da doença não eram completamente claros, como fôra para desejar, para que o diagnóstico fôsse unânime entre os facultativos que o tratavam. « Interessando-me, porém, imenso pela sua saúde, fazia com que o meu amigo S... o visitasse diariamente *durante o sono hipnótico*, e me dissesse ao despertar como o doente se achava, e se melhorava.

« As respostas, porém, não eram satisfatórias mas muito variáveis, segundo o estado em que diariamente se achava. Além disso S... que nunca estudou medicina, e ignorava até a forma do órgão affectado (por ser interno), não só me descrevia as pessoas que acompanhavam o paciente (dados comprovados com cartas que posuo) e as opiniões sustentadas pelos médicos, mas

até me descreveu um dia a lesão, quanto à sua forma, aspecto e sítio, dando-me pormenores curiosos, mais que por si mesmos, porque com êles pude fazer diagnóstico oposto ao que eu imaginara.

« No dia 26 de Abril de 1890, em que, como de costume, perguntei a S... pelo estado do Dr. Jeremias, respondeu-me que parecia um pouco aliviado, e mais tranqüilo.

« No dia 27 às 9 da manhã fiz-lhe a mesma pergunta, esperando que o alívio se tivesse acentuado, seguindo assim uma fase comum ao padecimento, mas, contra a minha expectativa, S... disse-me ao despertar:

— « O snr. Jeremias morreu esta madrugada. Acabo de o ver alumiado com tochas.

« E prosseguiu dando-me noticias das pessoas que acompanhavam o morto e da colocação dêste com respeito à casa que habitava.

« Não dei muito crédito às palavras de S..., porque não suspeitava que o desenlace da enfermidade fôsse tão rápido.

Todavia um telegrama recebido nêsse mesmo dia de Santiago, em resposta a outro meu, confirmou-me a triste verdade.

— « M. Otero — Praça Bilbao 4, Madrid. — Dr. Jeremias faleceu cinco manhã hoje. — Quero. »

Nesta observação a única cousa que não pude comprovar foi a relativa ao diagnóstico

formulado por S. . . , por não se ter autopsiado o cadáver.

*

* *

Chegados a êste ponto, tem cabimento aqui a teoria do célebre professor da Universidade de Peruggia, o dr. Dal Pozzo, que é a que mais cabalmente explica *fisiológicamente* não só todos os fenómenos já expostos, mas mesmo alguns dos que ainda temos de expor.

No seu livro intitulado — *Un capítulo de Psico-fisiologia*, impresso em Foligno em 1885, sustenta êle a seguinte doutrina, que vamos resumir.

Toda a actividade mental se traduz num fenómeno de movimento, produzido nas células nervosas donde se transmite a todo o organismo, e dêste ao meio ambiente, que não é constituído apenas pelo ar, mas também por todos os seres que nêle existem, produzindo-se assim uma ondulação que se propaga pelo Universo inteiro.

Ora, se todos os fenómenos da Natureza se reduzem a final a fenómenos de movimento, é claro que o pensamento não pode excluir-se esta lei.

Se fôsse possível a um observador presencear

os fenómenos fisiológicos, que se passam no nosso cérebro quando pensamos, êle veria apenas uma série de movimentos, emquanto que nós, não tendo consciência de tais movimentos, tê-la-híamos apenas de que *pensamos*, facto êste que o observador não poderia afirmar, porque a nossa consciência, como entidade subjectiva que é, não teria para êle existência real.

Por isso êle não poderia ver mais do que *umas simples vibrações*, correspondentes ao nosso acto mental.

Mas, como o movimento nem se perde, nem se aniquila, antes se propaga e transforma, assim também o pensamento e a vontade se propagam ou se transformam, conforme atravessam *meios iguais, análogos ou diferentes*.

Que toda a actividade mental *se traduza* em fenómenos de movimento aceitamos nós de boa vontade, e achamos por isso muito racional esta teoria; o que, porém, ela nos não diz é qual é a *causa produtora* dessa actividade mental.

E deve mesmo notar-se que Dal Pozzo não diz que são os actos psíquicos, *pensamento e vontade*, que se propagam, mas sim que êles *se traduzem*, isto é, *se convertem*, no mundo externo ou *eu pensante*, em movimentos correspondentes a êsses actos psíquicos, e que são essas ondulações objectivas que se *propagam e transformam*.

E assim como a ondulação produzida num

meio não é *som, nem calor, nem luz, nem electricidade*, assim também a ondulação do meio ambiente produzida pela vibração de um organismo vivo, *não é vital, nem fisiológica*.

Mas, se por ventura, essas vibrações do meio chegarem a um corpo, cujas partículas *sejam aptas* a vibrar isócronas com elas, (isto é, num outro cérebro ou vontade) nêsse caso produzem nêle uma sensação análoga áquela que produzira tais vibrações; ou, (o que vem a ser o mesmo), produzem *um pensamento ou acto volitivo igual*.

Assim, pois, um pensamento, expresso ou não por sinais exteriores, produz movimentos ondulatórios no meio que rodeia a pessoa que pensa, e estas ondulações viajam no espaço e comunicam-se às demais pessoas de uma maneira semelhante, sendo a sua influência tanto mais activa, quanto mais intenso fôr o pensamento do agente, e maior a capacidade receptiva ou sensível do outro indivíduo.

E' por esta forma que se pode explicar fisiologicamente a transmissão do pensamento, a sugestão mental, os pressentimentos, as intuições e vários outros fenómenos anómalos.

E' assim que as ideias religiosas e políticas abrem caminho e convertem por vezes multidões inteiras.

Por isso um orador veemente e apaixonado pode, em dados momentos, pelo só influxo do

seu verbo entusiástico, arrastar inconscientemente após si uma multidão inteira, impregnando-a com o seu ideal.

Um general, prestigioso como Bonaparte, arrastará após si o exército que, à sua voz, irá com fanatismo inconcebível dar por êle o sangue e a vida.

Na generalidade dos casos, porém, as ondulações são pouco intensas; a ideia, que as produz, penetra suavemente nos cérebros, tornando-os aptos para num dado momento se exteriorizar o movimento que ali ficára latente.

E' bem sabida a rapidez com que se propagam certas doenças, tais como convulsões, ataques epilépticos, histéricos, e a mania do suicídio. E essas doenças, está hoje reconhecido, não se combatem eficazmente com medicação terapêutica; curam-se apenas com um tratamento moral.

Citaremos alguns exemplos. As possessas de Loudun, que maravilharam a França com os fenómenos extraordinários que produziam, não nos assombram hoje, pois que se explicam satisfatoriamente pela sugestão mental e pelo magnetismo; e a rapidez com que êsse estado mórbido se propagou por todas as freiras explica-se razoavelmente pela teoria de Dal Pozzo.

O mesmo se pode dizer dessa epidemia que ameaçou invadir a França, e é conhecida na his-

tória sob o nome de—os Convulsionários de S. Medard.

Um granadeiro do exército de Bonaparte, desgostoso da vida, fez saltar os miolos. A seguir espalhou-se no exército a mania do suicídio com tal intensidade, que se tornou alarmante. Napoleão, porém, com uma intuição que maravilha, faz publicar uma ordem do exército, em que estatua, que todo o militar que se suicidasse fôsse considerado cobarde e exautorado. Foi o bastante. A mania do suicídio acabou como por encanto.

É por isso que a imprensa periódica, narando com minúcia os suicídios, duelos e grandes crimes, pratica inconscientemente um gravíssimo erro, pois contribui involuntariamente para a prática e repetição de crimes similares. A leitura desses factos mórbidos acha éco nos cérebros fracos, predispondo-os para o suicídio e para o crime.

Conta-se que na Grécia Antiga, tendo-se enforcado uma joven de Mileto, nos dias imediatos appareceram enforcadas muitas outras. O contágio ameaçava estender-se.

Os magistrados da cidade lembraram-se de publicar uma lei estatuinto que toda a mulher que fôsse encontrada enforcada, fôsse despida e exposta nua na praça pública.

O contágio moral cessou. O desprezo pela

vida foi suplantado pelo receio da vergonha de se verem assim expostas depois de mortas.

Todos êstes casos mórbidos e muitas outros análogos não são produzidos, como muitos julgam, pela imaginação ou espírito de imitação, que nada explica; mas são devidos, segundo Dal Pozzo, às ondas poderosíssimas que vagueiam na atmosfera, produzidas pelo pensamento do primeiro autor, e que se vão avolumando com as produzidas pelos successivos imitadores, tornando-se assim irresistíveis.

Todavia, para acalmar uma tal tempestade basta a interferência em sentido contrário de outra onda heterogénea e tão intensa como a primeira.

*

* *

Temos, pois, assente que a vontade é uma força psíquica que se exterioriza num movimento, que não fica localizado no cérebro, mas se estende a todo o organismo e dêste ao meio ambiente, produzindo uma onda tanto mais enérgica quanto mais intenso fôr o acto volitivo. Se esta propagação do movimento cerebral se produz involuntariamente, chama-lhe Dal Pazzo — *radiação humana*, e se o fenómeno se produz deliberadamente

sendo a vontade quem dirige a onda, nêsse caso diz-se — *projecção da vontade*.

Como, porêem, todo o ser vivo é um *foco dinâmico irradiante*, deve admitir-se que em tórno de cada ser vivo se forma uma *atmosfera vital*, de uma tonalidade própria e característica de cada individuo. Esta atmosfera *envolve-o, penetra-lhe o organismo, acompanha-o* em todos os seus actos, como a atmosfera terrestre acompanha a Terra em todos os seus movimentos.

Admitida assim esta *atmosfera vital*, acham já satisfatória explicação diversos fenómenos curiosíssimos que por outra forma a não tinham. Estão nêste caso — a *simpatia* a *antipatia*, o *amor*, a *indiferença*, etc.

*

* *

Duas pessoas que se encontram pela primeira vez *trocam mútuamente*, sem disso terem consciência, as suas *radiações vitais*; se essas radiações *se atraem*, temos a *simpatia*, a *amizade*, o *amor*, conforme a sua intensidade e o sexo das pessoas. Se se duas radiações *se repelem*, temos a *antipatia*, a *aversão*, o *ódio*.

Se as radiações se cruzam sem haver entre

elas atracção nem repulsão temos a *indiferença*.

Quantas vezes nos succede vir-nos súbitamente à mente a lembrança de um individuo, e quási no mesmo instante acontece passar êle junto de nós?

Quem é que não *pressentiu* alguma vez a chegada de um ausente, em ocasião que ninguém o espera; e êle aparece de facto? O que são, e como se podem explicar os *pressentimentos*, as *intuições*?

Segundo a teoria de Dal Pozzo, a explicação é fácil.

É que a nossa atmosfera vital *sentiu* as radiações dessa outra pessoa muito antes que os nossos olhos a pudessem ver.

E deve notar-se que estes fenómenos costumam dar-se com pessoas a quem nos ligam laços de amizade ou de sangue; e por isso as duas atmosferas vitais, costumadas já anteriormente a vibrar unissonas, ressentem a *sensação de presença* ao experimentar de novo as mesmas vibrações, fazendo assim despertar na nossa mente a idea ou o nome da pessoa que se aproxima.

Fixemos pois bem estes dois pontos capitais da teoria de Dal Pozzo — **normalmente** uma atmosfera vital irradiante envolvendo cada ser animado: — **anormalmente** projecção voluntária dessa atmosfera sôbre um determinado individuo mediante a fôrça da vontade.

III

Alucinações telepáticas

Define-se geralmente a alucinação como sendo *a percepção duma imagem ou som illusório* que só existe na imaginação do alucinado, não havendo por tanto *objecto real* que a produza.

Nós definiremos a alucinação dizendo que é — *a percepção sensória, sem objecto físico que a faça nascer.*

Há alucinações de todos os sentidos, porém as mais frequentes são as da vista e do ouvido.

Modernamente dividem-se as alucinações em dois grandes grupos — *patológicas e telepáticas.* As primeiras, tendo a sua origem num desarranjo mental intermitente ou permanente, constituem um *estado mórbido*, com o qual nada temos que ver. As segundas, porém, dando-se em indivíduos, cujo cérebro funciona normalmente, constituem *meros accidentes transitórios*, que nos oferecem um vastíssimo campo para investiga-

ções psicológicas. O seu estudo pertence exclusivamente ao psicólogo.

Distinguem-se as alucinações patológicas das telepáticas por várias características, sendo as principais as seguintes:

1.º As alucinações *patológicas*, resultando de um desarranjo cerebral mais ou menos persistente, repetem-se amiudadas vezes no mesmo indivíduo:—enquanto que as *telepáticas*, oriundas numa impressão de momento, dão-se só em indivíduos, cujo cérebro *funciona normalmente*; e por isso é raro que uma mesma pessoa tenha tido em toda a sua vida mais de uma alucinação desta espécie.

2.º As alucinações patológicas, sendo meramente subjectivas, não podem afectar simultaneamente mais do que uma pessoa; enquanto que as telepáticas, sendo de natureza subjectivo-objectiva, podem, embora excepcionalmente, ser simultaneamente experimentadas por dois ou mais indivíduos.

3.º As patológicas são duradouras, e não coincidem com fenómeno algum do mundo externo; enquanto que as telepáticas duram apenas alguns segundos, e coincidem sempre com um fenómeno do mundo externo, que é a sua *causa ocasional*.

Diz-se geralmente, mas sem fundamento, que as alucinações dos indivíduos normais teem

por causa determinante—uma grande fadiga, uma digestão difícil, ou uma sobre-excitação mórbida. É um erro crasso: os snrs. Gurney, Myers e Podmore, que no seu interessante livro **Phantasms of the living**, coleccionaram com um improbo trabalho 489 casos de alucinações telepáticas, visuais e auditivas, verificaram que de entre todas elas apenas 24 se deram em indivíduos que nessa ocasião se achavam adoentados, em síncope ou sob a influência de anestésicos.

Um grande número de indivíduos, em quem se deram fenómenos desta natureza, declaram categoricamente que, quando se deram os fenómenos que narram, era exactamente quando gozavam da mais completa saúde e o seu espirito se achava mais despreocupado, e quando nem sequer lhes vinham à mente os nomes das pessoas cujas aparições testificam.

É que, como é fácil demonstrar, as alucinações telepáticas são produzidas *pela projecção enérgica da vontade*, ou desejo intensíssimo de uma pessoa; vontade ou desejo que, transmitindo-se através do espaço, vai determinar num outro individuo uma percepção visual, auditiva ou táctil, a que se dá o nome de *alucinação verídica*, por isso que a sua causa determinante é um *ser* ou *facto real*, embora longínquo.

Quem tiver detidamente estudado o assunto, reconhece que a *transmissão do pensamento e*

vontade é um facto demonstrado pela observação e pela experiência.

Há, porém, espíritos tão cegos pelos preconceitos de escola, que lhes custa imenso render-se à evidência, julgando por isso *insuficiente* a prova já aduzida da transmissão do pensamento sem contacto, ou telepatia. É a êsses que especialmente se destina êste capítulo, onde acharão o suplemento de prova que podem desejar.

E se isto ainda fôr pouco, então recomendamos-lhes a leitura atenta das **Hallucinations Télépathiques**, tradução resumida da grande obra de Gurney, Myers e Podmore, que se intitula **Phantasms of the living**. É dêsse livro moderníssimo, escrito e compilado sob um plano rigorosamente científico, que nós vamos extrair diversos casos de telepatia, *reduzindo* a narrativa de alguns e apresentando textualmente as narrativas mais curtas.

A telepatia, apesar de ser uma sciência nascente, conta já hoje entre os seus adeptos nomes de primeira grandeza, tais como Charles Richet, lente da faculdade de medicina, Dal Pozzo, lente da Universidade de Peruggia, Lombroso, o mais célebre antropólogo dos tempos modernos, os drs. Ochorowicz e Otero Acebedo, entre muitos outros que fôra prolixo citar.

Charles Richet, prefaciando a tradução francesa dos *Phantasms of the living*, é bastante

claro, e fala com o maior desassombro, dizendo o seguinte:

.....
«—Sim! a nossa sciência é demasiado nova para ter o direito de ser absoluta nas suas negações; é absurdo dizer:— «Nós não iremos mais longe. Isso são factos que o homem nunca explicará. Êsses fenómenos são absurdos, e não se deve tentar compreendê-los, porque ultrapassam o limite dos nossos conhecimentos.» — Falar assim é limitarmo-nos ao pequeno número das leis já estabelecidas e dos factos já conhecidos; é condenarmo-nos à inacção; é negar o progresso e recusarmo-nos de antemão a uma dessas descobertas fundamentais, que, abrindo uma via desconhecida, criam um mundo novo, é finalmente preferir a rotina ao progresso».

.....
E mais abaixo acrescenta:

— «Reverencia-se a sciência, presta-se-lhe, não sem razão, as maiores honras; mas não lhe permitem que se afaste do caminho batido, do sulco aberto pelos mestres, de forma que uma verdade nova corre o grave risco de ser tratada de anti-científica.

«E entretanto há verdades novas, e por estranhas que pareçam à nossa rotina, é indubitável que serão um dia scientificamente demonstradas.

«É mil vezes certo que passamos, sem os ver, ao lado de fenómenos deslumbrantes, mas que não sabemos nem observar nem provocar.

«As alucinações verídicas, que são o principal objecto dêste livro, entram provávelmente nêstes fenómenos; difíceis de ver, porque a nossa atenção não se lhes dedicou ainda suficientemente, e difíceis de admitir, porque temos medo do que é novo, porque a *neofobia* governa as civilizações antigas e brilhantes, e porque não queremos ser incomodados na nossa beatífica quietude por uma revolução científica, que perturbaria as ideias banais e os dados oficiais.

.....

«Todavia, muitas observações referidas nêste livro são tão satisfatórias e completas, que é difícil não nos sentirmos abalados por provas tão frisantes.

.....

«E' a primeira vez que se ousa estudar *scientíficamente* o dia imediato ao da morte. Mas quem ousará dizer, sem ter lido préviamente êste livro, que isso é uma loucura?» Assim fala Richet.

*

* *

No intuito de organizarem uma estatística das alucinações telepáticas, os snrs. Gurney,

Myers e Podmore dirigiram pela imprensa um convite genérico aos habitantes do Reino Unido, pedindo que, a bem da sciência, se dignassem dizer-lhes se, durante o período de doze anos, compreendidos de 1874 a 1886, tinham, sim ou não, experimentado a *impressão nítida* de ver um ser humano, ou ser tocado por êle, ou ter ouvido a sua voz, sem que se pudesse atribuir essa impressão a uma causa exterior.

A esta pergunta responderam 5.705 pessoas, em grande parte pertencentes à classe mais ou menos ilustrada. A obra original dêstes distintos investigadores compreende 668 casos de *telepatia espontânea*, porêm a tradução francesa, que é resumida, apenas consigna 153 casos dos mais notáveis e característicos.

*

* *

As alucinações telepáticas dão-se—1.º durante o sono, e então chamam-se *sonhos verídicos*;—2.º entre a vigília e o sonho; 3.º durante a vigília, e são estas as mais interessantes.

Podem ser—*visuais, auditivas, táctis*, ou affectarem simultâneamente *dois sentidos*, o que é mais raro.

E quanto ao número de pessoas affectadas, podem ser *individuais, recíprocas e colectivas*.

A estatística demonstra que o maior número das alucinações telepáticas teem lugar no momento preciso em que o individuo cuja forma ou voz se manifesta está moribundo ou em risco iminente de morte.

Há, porêm, exemplos, se bem que mais raros, de uma pessoa *viva* e em *bom estado de saúde* aparecer a outra ou outras, estando o seu corpo verdadeiro num outro local, perto ou distante.

Nêste caso a aparição diz-se *exteriorização do duplo* do individuo que se manifesta.

Como observação geral devemos desde já dizer que as aparições de formas humanas, quando se dão num meio iluminado, teem geralmente uma tão completa aparência de vida que são tomadas quási sempre pelo próprio individuo, e é só quando se desvanecem sem deixar vestígios, que reconhecemos ser uma pura ilusão. Quando, porêm, a aparição se dá na obscuridade, ela se apresenta como uma imagem diáfana e luminosa, ou com aspecto corpóreo levemente iluminado por uma fosforescência, que a contorna.

Posto isto, passâmos a expor resumidamente os casos mais frisantes que se encontram na citada obra de Gurney.

*

* *

I. O dr. Collyer, Beta Hause 8, Alfa Road, S. Johons Wood, N. W. Londres.

15 de Abril de 1861.

(*Resumo*). No dia três de Janeiro de 1856, o vapor *Alice*, que era comandado por meu irmão José, abalroou com um outro vapor, o *Mississipi*.

Com o choque o mastro do pavilhão caiu com violência, fendendo o crânio a meu irmão, que teve morte instantânea.

Em outubro do ano imediato fui à América, a casa de meu pai, em Camdem, New-Jersey, onde se falou da morte de meu irmão.

Minha mãe então contou-me que, no momento em que êle morrera, vira meu irmão no quarto dela. A distância entre Camdem e o ponto onde se deu o abalroamento é de mil milhas me linha recta.

O dr. Collyer cita em seguida uma carta de sua mãe, em que esta lhe diz o seguinte:

(*Resumo*)—No dia 3 de Janeiro de 1856, es-

tando alguma cousa incomodada, assentei-me na cama; e como olhasse em tórno do quarto, vi, com pasmo, José, de pé junto da porta, fixando em mim olhos tristes. Tinha a cabeça cingida com ligaduras; um barrete de dormir sujo, e um fato branco, também sujo.

No dia seguinte narrei a aparição a meu marido e às minhas quatro filhas, dizendo-lhes que havíamos de receber más notícias de José.

De facto a 16 de Janeiro recebeu-se notícia minuciosa da morte d'êlé, verificando-se que estava vestido dessa maneira, e morrera nessa noite à hora em que fôra visto, atendendo à diferença de hora dos dois lugares, visto haver 15 graus de longitude entre êles, o que corresponde a uma hora de diferença.—Esta narrativa é confirmada por uma das filhas, única que ainda vive. O dr. Collyer, *que se declara materialista*, attribúi o fenómeno a um *laço simpático*, que devia existir entre mãe e filho.

*

* *

II. O Bispo de Carlisle.

(*Textual*).—O meu correspondente, estudante de Cambridge, tinha combinado, há alguns

anos com um de seus condiscípulos o encontrarem-se em certa época em Cambridge, para trabalharem de comum acôrdo.

Pouco tempo antes da época combinada, achava-se o meu correspondente no sul da Inglaterra. Acordando de noite, viu ou julgou ver o seu amigo, sentado aos pés da cama e com as roupas encharcadas.

O meu correspondente dirigiu-lhe a palavra, mas a aparição (pois parece que o era) contentou-se em abanar a cabeça e desapareceu, voltando, porém, nessa noite mais duas vezes.

Poucos dias depois chegou a notícia de que o amigo do meu correspondente morrera afogado no próprio momento em que o joven estudante o vira no seu quarto.

Tendo sabido depois que o correspondente do bispo de Carlisle era o arcediogo G. P. Farles, os snrs. Gurney e Myers escreveram-lhe, pedindo informações. O snr. Farles respondeu-lhes o seguinte:

Pampisford Vicarage, Cambridge.

(Textual). — A visão foi contada na manhã seguinte ao almôço, muitos dias antes de se receber notícia da morte do meu amigo. Conteï-a ao meu professor John Kempe, a sua mulher e família. O snr. Kempe e sua mulher já morreram, mas é possível que os filhos se recordem, se bem que fôssem então muito novos.

Tornei ainda a ver a visão 14 dias mais tarde, sendo a 1.^a no dia dois de Setembro de 1868.

É a única aparição que tive na minha vida.

G. P. Farles.

Um dos filhos do professor Kempe recorda-se do snr. Farles ter narrado a visão no dia imediato diante da família.

No registo dos óbitos achou-se que com efeito o amigo do narrador morrera afogado na ribeira Orouch no dia 2 de Setembro de 1868.

*

* *

III. O Tenente-general Albert Fytche C. S. I.

(Textual) — Um incidente extraordinário, que fez na minha imaginação uma impressão profunda, deu-se quando eu estava em Maulmain.

Vi um fantasma, vi-o com os meus próprios olhos e em plena luz do dia. Posso declará-lo sob juramento.

Vivera outrora na maior intimidade com um velho condiscípulo, que fôra depois meu amigo na Universidade. Havia, porém, muitos anos que não nos víamos. Uma manhã, quando me levantava e vestia, entrou súbitamente no meu quarto o meu velho amigo.

Acolhi-o calorosamente e disse-lhe que pedisse para lhe trazerem uma chávena de chá para a varanda; mas, quando lá cheguei, não encontrei ninguém.

Não podia acreditar os meus próprios olhos.

Chamei a sentinela postada em frente da casa, mas ela não vira entrar nessa manhã pessoa alguma estranha. Os criados fizeram-me igual declaração. E todavia eu tinha a certeza de ter visto o meu amigo. Apesar de não pensar nêles nessa ocasião, não fiquei contudo surpreendido com a sua chegada, porque a miúdo chegavam a Maulmain vapores e outros navios.

Quinze dias mais tarde soube que o meu amigo morrera a 600 milhas de distância e aproximadamente no momento em que eu o vira em Maulmain.

*

* *

IV. M.^{me} Taunton, Brook Vale, Witton, Birmingham,

15 de Janeiro de 1884.

(Textual)—Na noite de 14 de Novembro de 1867, assistindo com meu marido a um concêrto em Birmingham, resenti o calefrio que acompanha as alucinações.

Então vi mui distintamente entre mim e a orquestra meu tio W... , deitado numa cama, parecendo chamar-me como fazem os moribundos.

Havia meses que não ouvira falar dêle, e não tinha motivos para supor que estivesse doente. A aparição nem era transparente nem vaporosa, antes parecia um corpo verdadeiro, pois que eu *não podia ver a parte da orquestra que ficava por detrás da aparição*. Não tentei desviar os olhos para ver se a visão se deslocava com êles; mas antes fitei-a como fascinada, por forma tal que meu marido me perguntou se eu estava doente. Pedi-lhe que não me falasse durante uns dois minutos. Pouco a pouco a visão desapareceu; e, terminado o concêrto, disse a meu marido

o que tinha visto. Poucos dias depois recebemos uma carta anunciando-nos a morte de meu tio, sucedida no mesmo dia e hora em que teve lugar a aparição.

E. F. Taunton.

(assinatura do marido) *Richard Taunton*

*

* *

Bastam êstes quatro casos para dar uma ideia perfeita do que são as alucinações telepáticas *visuais*: porque a qualidade e ilustração das pessoas que falam não deixam dúvida sôbre a sua sinceridade.

Agora vamos citar alguns casos de alucinações, que affectam ao mesmo tempo *a vista e o ouvido*.

*

* *

V.—M. J. A. Symonds, historiador bem conhecido.

Davos, 1882.

(Textual)—Era eu então rapaz ainda, aluno da sexta classe no colégio de Harroso, e como

era o *primeiro* da aula de M. Rendall, tinha um quarto privativamente meu. Era durante o estio do ano de 1858.

Acabava eu de acordar, ao romper do dia, e estendia já a mão para agarrar os meus livros, que estavam numa cadeira entre a cama e a janela, quando senti como que necessidade de virar a cabeça para o outro lado, e nêsse momento vi, entre mim e a porta, o dr. Macleane, vestido com o traço negro de um *clergyman*. Êle inclinou ligeiramente o rosto pálido para o meu lado, e disse:— «Vou partir para uma longa viagem, velai por meu filho».

Enquanto eu estava olhando para êle, vi, súbitamente a porta no lugar onde tinha estado o dr. Macleane. Ora o dr. morreu nessa mesma noute em Clifton, mas não posso indicar a hora exacta da sua morte. Meu pai, que era seu amigo íntimo, achava-se junto dêle. Eu ignorava que êle estivesse mais doente do que o costume; pois que êle sofria de uma doença crónica.

John Addington Symonds.

Os snrs. Gurney e Myers souberam depois pelo filho do falecido que seu pai falecera em Clifton em 14 de Maio de 1858, às 6 horas menos um quarto da manhã.

*

* *

VI. M.^{ele} Hosmer, escultora célebre.

(*Resumo*). — Tive ao meu serviço durante algum tempo uma rapariga italiana de nome Rosa, mas teve de voltar para sua casa, atento o seu estado de saúde. Fui vê-la várias vezes durante a sua doença; e, conquanto não tivesse esperança na sua cura, a última vez que a vi, achei-a mais alegre, e nada fazia presumir um fim próximo.

Deitei-me com boa saúde e com o espirito tranqüilo.

Mais tarde despertei de um sono profundo, com o sentimento penoso de que *alguém estava no meu quarto*. Contudo as portas estavam fechadas à chave.

Distinguia vagamente todos os móveis do quarto.

— «Quem está aí? exclamei.

Não tive resposta. O relógio do quarto imediato bateu cinco horas.

Então vi a forma de Rosa em pé, ao lado da minha cama: e por uma forma qualquer (pois

não posso afirmar que fôsse por meio da palavra), recebi a impressão das palavras seguintes, como vindas dela: — *Adesso son felice, son contenta.* (agora sou feliz, estou contente). Em seguida a forma evaporou-se.

No dia seguinte ao almoço disse a uma amiga que vivia na mesma casa: — «Rosa morreu»: e contei-lhe a visão que tivera. E, como ela gracejasse, dizendo que eu sonhara, quando eu estava bem certa do contrário, mandei um mensageiro a saber do estado de Rosa. Voltou dizendo que ela tinha morrido, nessa manhã às 5 horas.

H. G. Hosmer.

*

* *

VII. Emma Burger, criada durante seis anos do dr. Charles Richet, era pessoa de sua inteira confiança.

É o próprio dr. Richet quem narra por escrito o seguinte:

Março de 1886.

(*Resumo*) — Emma Burger, de 24 anos, tinha ajustado o seu casamento com Carlos B.

Emma partira no 1.º de Agôsto para Ussel (Corrèze) para casa de Madame d'Ussel, onde vivia como criada grave.

Emma não tinha cuidado algum na saúde do seu noivo, que era aparentemente excelente.

No dia 7 ou 8 de Agôsto, Emma recebeu carta dêle, dizendo-lhe que negócios de família o obrigavam a deixar Paris, e passar alguns dias nos Ardennes.

A 15 de Agôsto, dia da Assunção de Nossa Senhora, Emma Burger, posto que não fôsse devota, sentiu-se atacada de tristeza, e chorou bastante durante a festa da Virgem. Nessa noite, como de costume, Emma dormiu no gabinete de toilette contiguo ao quarto de M.^{me} d'Ussel.

Ao lado da sua cama ficava a porta de uma escada de serviço interno, que ficava encoberta com os cortinados da cama, sendo preciso, a quem estivesse deitado, erguer as cortinas para ver quem entrasse por essa porta da escada.

Eis agora como Emma narra o sucedido:

(*Resumo*) — Eram 11 e meia horas da noite, estava eu já deitada, conquanto as outras criadas o não estivessem ainda, pois se ouvia bem o ruído que faziam na casa.

M.^{me} d'Ussel estava deitada no quarto immediato com a porta de comunicação aberta. Ouvi então um ligeiro ruído na porta da escada particular que se abria. Ajoelhei na cama para levan-

tar o cortinado e dizer a quem entrava que não fizesse ruído, pois M.^{me} estava já deitada.

Foi então que eu vi distintamente o meu noivo, de pé, com o chapéu e bengala na mão direita, segurando com a esquerda a porta entreaberta.

Foi tal a minha surprêsa que nem reflecti sôbre se a luz da lamparina seria sufficiente para explicar a nitidez com que apercebia todas as suas feições e as minudências do seu traje.

Estava risonho e olhava-me sem proferir palavra.

Então eu disse-lhe com severidade:— «Que vens fazer aqui? M.^{me} d'Ussel está ali. Vai-te!»

E como êle nada dissesse:— Mas... que me queres? vai-te! vai-te!

Então, êle, sorrindo serenamente, disse-me:— «Parto para uma viagem, venho dizer-te adeus!»

Então M.^{me} d'Ussel, que ainda não dormia, ouvindo-me falar em voz alta:— «Que tens, Emma, sonhas?» Ao que respondi passados instantes depois de Carlos se haver retirado, fechando a porta:— Sim, Madame, tive um pesadelo.

Eu, porêm, estava bem disposta e crente de que não era uma imagem vã o que eu vira, mas o meu noivo em carne e ôsso, e por isso dormi descansada.

No dia 18 pelas 9 horas da manhã recebi a carta seguinte:

—«M.^{ele} M. C. acaba de receber um despacho telegráfico annunciando-lhe a morte do snr. Carlos B., que teve lugar no dia 16 do corrente. Tomamos parte na vossa dor.

Perin,
Porteiro.

26, R. Marignae. Paris, 18 de Agôsto.»

O dr. Richet viu e transcreveu esta carta.

Soube-se depois que Carlos B. morrera na noite de 15 para 16 de Agôsto, de uma lesão cardíaca, que todos ignoravam, pois não se havia revelado por sintoma algum. Êstes factos são confirmados pela condessa d'Ussel, em casa de quem estava então, e por uma outra criada da mesma casa, a quem Emma contara o sucedido na manhã seguinte.

*

* *

VIII. M.^{me} Richardson. Combe Down,
Bath.

26 de Agôsto de 1882.

(*Textual*)—No dia 9 de Setembro de 1848, no cêrco de Moultan, meu marido, o major-ge-

neral Richardson, cavaleiro da ordem do Banho, que então era apenas ajudante do seu regimento, foi perigosamente ferido, e, julgando que ia morrer, pediu a um dos seus oficiais que tomasse o anel que tinha no dedo e o enviasse a sua mulher, que habitava então em Ferozepôr, distante dali 150 milhas inglesas.

Na noite de 9 de Setembro de 1848, estava eu deitada na cama, meio adormecida, quando vi distintamente que meu marido era transportado gravemente ferido, do campo de batalha, e ouvi a sua voz dizendo:

— «Tirai do meu dedo êsse anel e enviai-o a minha mulher».

Durante o dia seguinte foi impossível livrar-me da impressão causada pelo que vira e ouvira.

Soube tempo depois que de facto meu marido fôra gravemente ferido no ataque de Moul-tan. Escapou, porêm, e vive ainda.

Algum tempo depois do cêrco, soube também por um oficial, que meu marido fizera com efeito a um oficial o pedido respeitante ao anel.

M. A. Richardson.

Respondendo ao snr. Myers, o general Richardson declara recordar-se perfeitamente de

ter feito o pedido para a entrega do anel ao major E. S. Lloyd, e que esse facto succedera no dia 9 de Setembro de 1848, pois fôra ferido pelas 9 horas da noite dêsse mesmo dia.

*

* *

IX. — Ana E. Wright, Taylor's Cottages, London Road, Nottingham.

23 de Abril de 1883.

(*Textual*). — Recebemos uma carta vossa, há alguns dias, pedindo-nos a narração da morte da nossa querida filhinha, o que succedeu no dia 17 de Maio de 1879, e que tenho tão presente na memória como se se tivera passado há poucos dias.

A manhã estava esplêndida, parecendo-me até que nunca o sol se apresentara tão brilhante.

A criança tinha quatro anos e cinco meses e era linda.

Alguns minutos depois das 11 horas entrou ela na cozinha dizendo-me: — «Mãe, posso ir brincar?» Respondi-lhe que sim e ela saiu. Pouco depois fui buscar ao quarto um balde de água. Mas, quando atravessava o pátio, a criança pas-

sou por diante de mim como uma sombra luminosa; parei para a olhar, voltei a cabeça para a direita, mas vi-a desaparecer. Despejei o balde e dispus-me a entrar.

Meu cunhado, que vivia em nossa casa, chamou-me e disse-me:— «Fanny acaba de ser esmagada.»—Atravessei a casa e a estrada onde a encontrei.

Tinha sido derrubada pelas patas do cavalo, e a roda da carroça do padeiro tinha-lhe aberto o crânio junto da nuca. Alguns minutos depois expirava nos meus braços.

Ana E. Wright.

Êste acidente ocorreu em Derby.

O *Derby and Chesterfield Report* dá uma extensa narração do successo, que corresponde exactamente à narração que antecede.

*

* *

X. — M.^{me} Randolph Lichfiel, Cross. Deepis, Twickenham.

1883.

(*Resumo*). — Uma tarde, antes do meu casamento, estava eu sentada no meu quarto junto

à mesa do *toilette*, onde descansava o livro que estava lendo.

Estava tranqüila, de perfeita saúde, e sem cuidado algum pela pessoa a quem se refere esta narrativa. Súbitamente percebi, mas não vi, que alguém entrara no meu quarto. Olhei, mas ninguém vi.

Julguei que, quem quer que fôsse, vendo-me entretida a ler, tivesse saído, e ia a retomar a leitura, quando senti na testa um beijo longo e terno.

Erguendo de novo a cabeça, vi então, de pé, atrás da minha cadeira, reclinado sôbre mim, como para me beijar de novo, o meu noivo, mas pálido e muito triste. Levantei-me então surpreendida, mas não assustada, porque julgava ser êle em carne e osso; mas antes que eu tivesse podido proferir uma palavra, tinha êle desaparecido.

Estive três dias sem receber carta dêle, e em vista disto escrevi-lhe para saber o que havia, mas não lhe dizendo nada da aparição. Soube depois que, em consequência de um acidente ocorrido numa caçada, estivera em risco de vida, e ficara bastante ferido na mão direita, o que o impedira de escrever.

Contou-me depois que julgara morrer, e no momento do perigo, antes de perder os sentidos, dissera: — «May, minha pequena May, que eu não morra sem te ver de novo!»

Foi nêsse momento que eu o vi tão nítidamente no meu quarto. Foi só depois de saber dêle todos os pormenores do acidente, que eu lhe contei a visão que tivera.

M.^{me} Randolph Lichfiel.

*

* *

Nos dez casos que aqui deixamos exarados, o *agente*, isto é, a pessoa que se manifesta, se não está já morta, está pelo menos moribunda ou em *perigo iminente* de morrer, e é na *presunção* de que estão vivos, que Gurney deu ao seu livro o título de Phantasmas dos vivos (*Phantasms of the living*). É êste o caso mais freqüente. E compreende-se: ante o perigo iminente que se lhe antolha, a *alma concentra toda a sua potência de exteriorização numa vontade imperiosa* de se fazer ver ou ouvir de uma pessoa muito querida. Essa *vontade assim condensada* produz no éter ondulações especiais, que, propagando-se com a celeridade da luz, vão reproduzir no ponto de chegada uma imagem ou som igual ao que produzira tais ondulações.

Mas casos há, se bem que menos numerosos,

em que o *agente está vivo e bem vivo*, e não corre perigo de vida, nem tem muitas vezes conhecimento de ser visto noutra parte.

O fantasma que em tal caso se manifesta toma o nome de *duplo* do individuo que aparece.

Pertencem a esta categoria os casos seguintes :

*

* *

XI. — O Revd.^o Tomás Lockyes, pároco em Porthleven, perto de Hlston.

1 de Agôsto de 1884.

(*Resumo*).— Há alguns anos (não posso dar as datas certas, mas garanto os factos), estando eu em viagem no Sowersetshire, minha mulher, ao despertar, estando em Porthleven, viu-me distintamente em pé aos pés da cama. Assustou-se, como era natural, pois sabia que eu não podia corporalmente estar ali.

Nunca pude convencê-la de que havia sonhado, atestando-me sempre que me vira perfeitamente e estava bem acordada.

Numa outra ocasião, dirigindo-se à igreja, viu-me sair desta, vestido de sobrepeliz e estola,

caminhar para ela, e, torneando a uma esquina, desaparecer em seguida. E, entrando logo em seguida dentro da igreja, verificou que eu estava no côro dirigindo os officios religiosos.

Minha filha atesta também que, antes do seu casamento, passando um dia pela porta do meu gabinete de trabalho, que estava aberto, e em ocasião que eu não estava em casa, me vira sentado junto à minha secretária, numa attitude que me era habitual.

Uma rapariga mui piedosa, que há muitos anos habitou na minha paróquia, e que passava na igreja todo o tempo disponível, afirmou-me que muitas vezes me vira de pé, junto do altar em ocasiões em que, com toda a certeza, eu não podia estar ali corporalmente.

Devo notar que em todas estas ocasiões gozava eu de perfeita saúde.

Tomás Lockyes.

*

* *

Êste caso, que é verdadeiramente típico e modêlo entre os desta espécie, sugere-nos as seguintes considerações.

1.º Ao contrário do que se dá com as outras alucinações telepáticas, a aparição do *duplo* de uma pessoa viva repete-se muitas vezes.

2.º O *duplo*, em regra, pode ser visto por qualquer pessoa, ao passo que as outras aparições geralmente *só são visíveis* para a pessoa ou pessoas a quem dizem respeito.

3.º O *duplo* exterioriza-se geralmente *sem que o exteriorizado tenha disso conhecimento*.

4.º Quando se dá a exteriorização do *duplo*, em regra, a pessoa exteriorizada fica num estado de abatimento físico mais ou menos acentuado, a vitalidade manifesta-se muito mais intensa no *duplo*.

*

* *

XII. — M.^{me} Stone. Shute Haye, Walditch, Bridport.

1883

(*Resumo*). — Eu fui vista três vezes em sítios em que, com toda a certeza, não estava nessas ocasiões, e de cada vez fui vista por pessoas diversas.

Da primeira vez foi minha cunhada quem me viu. Era ela quem me velava após o nasci-

mento do meu primeiro filho. Ela olhou para o leito e viu de uma parte o meu verdadeiro corpo, e do outro lado a minha imagem, mais fraca, espiritualizada. Fechou por várias vezes os olhos, mas ao reabri-los, via sempre a mesma cousa, até que o meu *duplo* desapareceu.

Ela pensou que aquela visão era prenúncio de morte para mim, mas enganou-se.

Da segunda vez fui vista por minha sobrinha, que então habitava comnosco em Dorchester. Era numa manhã de primavera, e, quando ia a abrir a porta do seu quarto, viu-me subir a escada que ficava em frente do meu quarto, em direcção ao quarto da ama.

Reparou em que eu ia vestida de preto com colarinho e touca branca, traje que era então o meu habitual, porque andava de luto.

Descendo para almoçar, minha sobrinha estranhou a meu marido que eu me houvesse levantado tão cedo, para ir ao quarto da ama.

— Pelo contrário, respondeu-lhe meu marido, ela passou um pouco incomodada, de noite, e antes de descer teria de almoçar na cama.

A terceira aparição é a mais singular. Estava eu então em Dorchester, mas possuía em Weymouth uma pequena casa aonde ia passar a época dos banhos de mar, e onde na minha ausência habitava M.^{me} Samways, tia de uma nossa antiga criada, que vivia comnosco e lhe escrevera par-

ticipando-lhe o nascimento de meu filho mais novo.

No dia seguinte à recepção desta carta, tendo M.^{me} Samways de ir a uma festa religiosa, fechou a porta interior que conduzia a um pequeno pátio por detrás da casa, fechou a porta da rua e levou consigo a chave.

Ao voltar, depois de abrir a porta da rua, apercebeu ao fundo um clarão.

Aproximando-se viu que a porta que deitava para o pátio estava aberta, e que a luz iluminava completamente o pátio, no meio do qual ela viu perfeitamente a minha figura, coberta de roupas brancas, mui pálida e aparentemente fatigada.

Assustada, fugiu para casa de um vizinho, o capitão Court, o qual pouco depois a reconduziu a casa, verificando então que a porta que lhe parecera aberta estava fechada à chave. A êste tempo estava eu doente de cama, e assim permaneci algumas semanas entre a vida e a morte.

M.^{me} Stone.

*

* *

XIII. — M.^{me} Sara Janse Hall, The Yews, Gretton, perto de Kettering.

Dezembro de 1888

(*Textual*). — No outono de 1863 vivia eu com meu marido e meu primeiro filho, um bébé de oito meses, numa casa isolada, chamada Siberton, perto de Wansford, Northamptonshire, que tinha sido outrora uma igreja. No comêço do inverno uma prima minha e seu marido vieram ver-nos.

Uma noite, à ceia, levantou-se junto do aparador uma aparição. Éramos quatro à mesa, e entretanto o visitador espectral, vestido com uma ligeira *robe* de musselina riscada, era eu própria. A visão nada apresentava de terrível, nem na expressão, nem na sua maneira de ser. Vimo-la todos quatro, e meu marido chamou a nossa atenção dizendo: — «olhem! é Sara» com a naturalidade de quem reconhece uma pessoa, pois era de mim que êle queria falar. Depois disto a aparição sumiu-se. Nenhum de nós se assustou, pois a aparição se nos afigurou natural

e familiar. Aquela figura era externa à minha pessoa, e, segundo me parecia, como o poderia ser uma pintura ou uma estátua.

As três pessoas, que conjuntamente comigo viram esta figura, já todas faleceram, pois todas três morreram entre os anos de 1868 e 1869.

Sara Jane Hall.

*

* *

XIV. — O dr. Nicolau, conde de Gonemys;
Corfú.

Fevereiro de 1885.

(*Resumo*). — Em 1869 era eu cirurgião-mor do exército grego, e fôra nomeado médico da guarnição da ilha de Zante.

Quando me aproximava da ilha e estava a duas horas de distância da costa, ouvi uma voz interior que constantemente me dizia em italiano: — «*Vai ver Volterra*».

Nada me fazia pensar em Mr. Volterra, que habitava em Zante, e que eu mal conhecia, pois apenas o vira uma vez, haveria uns dez anos. Procurei distrair-me, conversando com os meus

companheiros de viagem, mas tudo era inútil, a voz continuava. Desembarquei, e no hotel onde me alojei, e onde me entretinha a abrir as malas, a mesma voz não me abandonava.

Pouco depois o criado veio dizer-me que um cavalheiro me procurava; e, perguntando quem era, soube que era Mr. Volterra.

Êste cavalheiro entrou todo lacrimoso, suplicando-me que acudisse a seu filho, que estava muito doente.

Encontrei êsse rapaz atacado de loucura e delírio; nu, num quarto vazio, abandonado havia já cinco anos por todos os médicos de Zante.

O seu aspecto era horrível, pelos contínuos acessos que sofria, acompanhados de assobios, rugidos, latidos e outros gritos de animais. Torcia-se por vezes como uma serpente, outras caía de joelhos em êxtasi, parecendo falar com interlocutores imaginários.

Quando abri a porta, atirou-se a mim com fúria; mas eu fiquei imóvel, agarrei-o pelo braço, e olhei-o fixamente.

Instantes depois o seu olhar enfraqueceu, pôs-se a tremer e caíu no chão com os olhos fechados. Fiz-lhe alguns passes magnéticos, e, em menos de meia hora, estava em estado sonambúlico.

A cura durou dois meses e meio, e durante

êsse tempo tive occasião de observar fenómenos extremamente interessantes.

Depois de curado não mais recaiu.

Nicolau,

Conde de Gonemys.

Uma carta dirigida ao dr. Nicolau e assinada por Demétrio Volterra, conde de Crissoplevri, por sua espôsa Laura Volterra, e por dois filhos seus, um dos quais é o doente curado, e ainda confirmada por três outras testemunhas, corroboram esta narração, atestando que a cura foi unicamente devida ao dr. Nicolau e ao magnétismo.

*

* *

XV. — O capitão Cecil Norton, do 5 de lanceiros. Queen's Gate, Londres.

(*Resumo*). — Em 1875 ou 1876, pelo Natal, estava eu com o meu regimento aquartelado em Aldershot.

Estava eu sentado à mesa do jantar com mais uns dez ou doze officiais, entre os quais me

recordo apenas de Mr. John Atkinson, Mr. Witts, cirurgião mor do regimento, e Mr. Russell.

Seriam 8 horas e 45 minutos, quando Atkinson olhou para a janela que lhe ficava ao lado, e como parecesse assombrado, Mr. Russell, agarrando-lhe o braço, disse-lhe: — «que tem, dr., que há de novo?» E como eu olhasse então na mesma direcção, vi distintamente, apesar do lustre e candelabros de gás que iluminavam a mesa, uma figura de mulher em traje de noiva, que pairava entre o vão da janela, mas pela parte de fora. Nenhuma pessoa viva podia por ali passar, porque a janela estava a uns 30 pés acima do solo, e os edifícios fronteiros distam da janela mais de 300 jardas.

Cecil Norton,

Capitão.

Passada a aparição, o capitão Norton recordou-se de que a visão se parecia muito com um retrato da mulher do veterinário do regimento, que, em traje de noiva, se via no quarto dêste.

Por uma coincidência singular, na ocasião da aparição o veterinário estava moribundo.

*

* *

XVI.—Revd.^o C. Jupp, director do Asilo dos Órfãos de Aberlour, Craigellachic.

(*Resumo*).—Em 1875 morreu um homem, deixando viúva e seis filhos. Os três mais velhos fôram dêside logo recolhidos no asilo e três anos mais tarde, tendo morrido a mãe, fôram também recolhidos os outros três, sendo o mais novo da idade de quatro anos.

Um dia, tendo vindo hóspedes ao asilo, o director, por falta de quartos disponíveis, cedeu aos hóspedes o seu quarto, e mandou armar para si uma cama no dormitório das crianças.

No dia seguinte, pela manhã, ao almôço, o director narrou o seguinte:

Adormeci ontem pelas onze horas, e dormi profundamente durante algum tempo.

Súbitamente acordei sem razão aparente e senti-me impulsionado a virar-me para o lado das crianças.

Antes de me revirar, notei que havia no dormitório uma luz suave, que julguei ser a luz do gás, que, quási apagado, ardia no corredor, cuja

porta estava aberta. Mas em breve verifiquei que não era; porque, ao revirar-me, vi que por cima do segundo leito, onde dormia a mais nova das seis crianças, flutuava uma nuvenzinha luminosa, formando um halo, como succede às vezes em tôrno da lua.

Sentei-me na cama para ver melhor e verifiquei que era uma hora menos cinco minutos da noute.

As crianças todas dormiam profundamente.

Tive a ideia de me levantar para examinar e tocar a substância que produzia o fenómeno, que tinha uns cinco pés de altura, mas uma fôrça oculta me reteve, e, com quanto nada ouvi, no meu cérebro havia como que a impressão destas palavras: — «Ficai deitado, nada receeis».

Deixei-me ficar, a claridade sumiu-se, e pouco depois adormeci, acordando apenas às cinco e meia, minha hora habitual.

Às seis horas comecei a vestir as crianças, e quando cheguei ao leito, por cima do qual se dera o fenómeno, notei que a criança cessara de conversar com as outras. Comecei a vesti-la, e ela então, olhando-me de frente, com uma expressão extraordinária, disse-me: — «Ó sr. Jupp, minha mãe veio ter comigo a noite passada. Viste-la?»

Durante alguns instantes não pude respon-

der-lhe; depois, pensando ser mais prudente não lhe falar disso, disse-lhe apenas:—«Vamos, despachemo-nos, que se faz tarde para o almoço.»

C. Jupp.

M.^{me} Jupp confirma em carta o conteúdo desta narração, que declara ter ouvido a seu marido na manhã que se seguiu ao successo.

*

* *

XVII.—M.^{me} Elgee, 18 Woburn Road. Bedford.

1 de Março de 1885.

(Resumo)—Era em Novembro de 1864; tínhamos chegado ao Cairo em viagem para a Índia, eu e a minha companheira de viagem M.^{elle} Dennys.

Alojámos-nos num mau hotel, onde dormimos ambas no mesmo quarto, depois de termos barricado interiormente a porta com um pesado sofá antigo.

Fechei a porta à chave e meti a chave de baixo do travesseiro.

Despertando súbitamente, quási de madrugada, vi ao clarão matinal que entrava pela janela a forma nítida e clara dum velho amigo meu, que eu sabia estar então em Inglaterra.

Era tal a nitidez do seu traje que até lhe distingui na camisa três botões de onix. Avançou alguns passos para mim, e, estendendo o braço para a outra cama, vi a minha companheira sentada nela, olhando para êle com a expressão dum terror intenso.

Instantes depois a forma desapareceu, parecendo atravessar a porta que estava barricada.

Pouco depois, ao levantar-se, M.^{elle} Dennys, sem que eu lhe contasse o que vira, narrou-me minuciosamente a aparição tal qual eu a vira, com a diferença de não reconhecer o fantasma, pois nunca vira o indivíduo. Supus que o meu amigo houvesse morrido, mas enganei-me; porque quatro anos mais tarde encontrei-o; e, sem lhe dizer o que vira, perguntei-lhe se êle se recordava do que fizera em certa noite de Novembro de 1864.

Isso, disse ele, é exigir que eu tenha muito boa memória: mas, depois de ter reflectido um bocado, acrescentou que por essa ocasião lhe haviam oferecido um emprêgo importante, e que muito o incomodava a dúvida em que estava sobre se o deveria aceitar.

Que estava sentado à lareira meditando no

caso e desejando ardentemente que eu estivesse junto d'êlé para ouvir a minha opinião a tal respeito; mas, como eu estava longe, procurou adivinhar o que eu lhe teria aconselhado.

Calculando a diferença de longitudes, averigui que a meditação do meu amigo em Inglaterra e a sua aparição no Cairo foram sensivelmente simultâneas.

E. H. Elgee.

*

* *

Nos casos XI, XII e XIII apresentamos exemplos de exteriorização de duplos de *peessoas vivas* mas produzidas sem que o agente, cuja imagem se exterioriza, *tenha disso consciência*. São por isso *involuntárias* estas aparições, e são êstes os casos mais vulgares; mas pessoas há cuja fôrça de vontade é tão enérgica e o poder de concentração mental é tão intenso que, *por deliberação própria*, e por um *esfôrço da sua vontade* conseguem *tornar-se visíveis* no sitio que desejam.

As pessoas dotadas desta faculdade são, porém, *muito raras*, mas há-as. E' certo que esta faculdade depende *fundamentalmente* de uma pre-

disposição natural; mas essa faculdade pode aperfeiçoar-se por uma *trenagem* metódica.

Vamos apresentar um caso desta exteriorização *voluntária*.

*

* *

XVIII.—Mr. S. H. B.

(*Resumo*)—Na sexta-feira, 1.º de Dezembro de 1882, às 9 e meia da noite, retirei-me para um quarto, sentei-me junto do lume e procurei fixar o meu pensamento com tanta intensidade sobre o interior de uma casa de Kew, (Clarence Road), onde habitava M.^{elle} Verity e suas duas irmãs, que se me afigurou que lá estava com efeito.

Durante a experiência adormeci num sono magnético, porque não perdi a consciência; apenas não podia fazer uso dos membros. Às dez horas despertei por um esforço de vontade e tomei notas do que acabo de dizer.

Mais tarde, quando me deitei, formei a resolução de à meia noite aparecer no quarto de M.^{elle} Verity, e de aí permanecer até que a minha presença espiritual fôsse notada.

Na manhã seguinte fui a Kew, e a primeira pessoa que encontrei, não foi M.^{elle} Verity, mas

sua irmã casada M.^{me} L., a quem eu só vira uma vez há dois anos, num baile, e com quem trocara apenas meia dúzia de palavras, o que devia ter-lhe feito perder toda a recordação do meu aspecto exterior, se por ventura alguma houvesse conservado.

Não me passou pela ideia perguntar-lhe qualquer coisa àcerca da experiência que intentara; mas no decurso da conversação contou-me ela que na noute anterior me vira distintamente duas vezes. Tinha passado a noute em Clarence Road, e tinha dormido no quarto da frente.

Pelas 9 horas e meia vira-me passar pelo corredor para ir de um a outro quarto: e cêrca da meia noute, estando ela perfeitamente desperta, me vira entrar no seu quarto, dirigir-me para o sitio onde ela estava, e tomar nas minhas mãos os seus cabelos, que são mui compridos.

Disse-me ainda que eu lhe agarrara em uma das mãos e lha considerara atentamente, a ponto que ela me dissera: — «não olheis assim para as linhas da minha mão, pois que nunca tive desgraças.» Que depois disto ela acordara sua irmã que dormia no mesmo quarto, e lhe contara o que acabava de se passar. Depois que M.^{me} L. me fez esta narração, mostrei-lhe um papel onde na véspera escrevera os apontamentos da experiência de que se trata.

Duas cartas de M.^{me} L. e de M.^{elle} Verity

confirmam esta narração, atestando que a mais velha narrara à mais nova a aparição na própria noute, em que ela se dera, e conseguintemente antes que Mr. S. Q. B. as fôsse visitar.

*

* *

Vem a propósito fazer agora uma observação que é importantíssima para demonstrar que as aparições de que temos falado não são meros produtos de fantasias mais ou menos mórbidas, como querem alguns; mas fenómenos *objectivos, reais, visíveis e palpáveis*, embora de uma duração efémera.

E' o que se passa com os cavalos e cães, que a experiência demonstra serem muito impressionados com êstes fenómenos.

Os cavalos espantam-se e tomam o freio nos dentes e muitos dêles ficam tão profundamente impressionados, que adoecem e alguns teem morrido poucos dias depois.

Os cães *não ladram*, como a estranhos, *mas vivem* lamentosamente, escondem-se ou fogem aterrados, chegando alguns a abandonar a casa do dono, por os obrigarem a dormir em quartos frequentados pelas aparições.

*

* *

Para todas as pessoas cujo espírito, liberto de preconceitos de escola, lhes deixa plena liberdade de orientação, estamos certos de que os 18 casos de alucinação mais característicos, escolhidos entre muitas centenas dêles, bastarão a dar-lhes a *convicção*, de que, além do mundo em que vivemos, há *um outro*, que o vulgo desconhece, e que a *moderna sciência experimental* começa a entrever, mundo cuja realidade se impõe com uma lógica irresistível aos espíritos pensantes *livremente* orientados.

Para aqueles, porém, a quem os preconceitos de escola obcecaram por forma tal que, acima de todo o testemunho humano, colocam a *sua opinião pessoal*, ou baseada na opinião pessoal dos seus mestres, ou nos dados já assentes de uma sciência *já revelha e rotineira*, para êsses, cuja vaidade os leva a crer que *atingiram a meta* do saber humano, e que só êles teem o *monopólio exclusivo* da inteligência e do bom senso; para êsses, tudo o que fica dito e o muito mais que nos resta dizer, não logrará por certo abrir a mínima brecha na couraça adamantina do seu *cómodo* dogmatismo filosófico.

Mas não é para os que, às descobertas das sciências novas, opõem o *non plus ultra* da sciência oficial, que nós escrevemos; mas sim para aqueles que, libertos de preconceitos, abrem a sua intelligência ao estudo de todos os factos novos, embora êles pareçam sair dos acanhados moldes da sciência do passado.

Para êstes os casos de aparições que deixamos extratados devem ser suficientes para lhes despertar o gôsto por êstes estudos, cuja importância e transcendência se impõe aos que não querem ser *propositadamente cegos*.

Por isso, passamos agora a fazer algumas considerações, que devem facilitar-nos a compreensão da teoria explicativa desta ordem de fenómenos.

*

* *

Na sua magistral obra — *Os Milagres do Moderno Espiritualismo* o célebre naturalista inglês sir Alphred Russell Wallace, aludindo aos fenómenos espíritas, diz o seguinte:

«—É por certo cousa fácil dizer que o que refiro é impossível. Eu sustento, porém, que é rigorosamente verdadeiro, e que nenhum homem, por maior que seja o seu talento, tem um conhe-

cimento bastante completo dos poderes da Natureza para estar autorizado a qualificar de *impossíveis* factos que eu e muitos outros constatámos por muitas vezes».

E o célebre William Crookes, respondendo aos seus antagonistas sôbre a aludida *impossibilidade* dos fenómenos, usando de um laconismo pungente e esmagador, disse-lhes apenas: — «*Mas eu não disse que êsses fenómenos eram possíveis; o que disse e afirmo è que são verdadeiros.*

O mesmo podemos nós hoje responder aos *críticos* que argumentam sôbre o que nunca estudaram, e cuja *negação* sistemática *nenhum valor pode ter* em face de tantas e tão categóricas *afirmações*, feitas por centenares de conspícuos observadores que os atestam.

De entre as 18 alucinações que deixamos exaradas, nota-se que 6 delas (a I, II, III, IV, IX e XV) eram puramente visuais, affectando um só observador; a X era visual e táctil; a XIV era simplesmente auditiva; a V, VI, VII e VIII são visuais e auditivas; a XVI e XVII são visuais e colectivas, porque fôram observadas por mais de uma pessoa; a XI, XII e XIII apresentaram os *duplos* de pessoas vivas *involuntariamente* produzidos; pois que as pessoas reproduzidas *não tinham consciência* dêste facto estranho; e finalmente a XVIII apresenta o exem-

plo de um *duplo* produzido *voluntariamente*, o que é raríssimo.

Na obra que citamos de Gurney, Myers e Podinore, nos estudos importantíssimos da Sociedade das Investigações Psíquicas de Londres, e em vários outros trabalhos dos mais notáveis investigadores, encontram-se arquivadas muitas centenas de observações que demonstram por forma indubitável que, além das alucinações patológicas, filhas de um desequilíbrio cerebral mais ou menos duradouro, há as alucinações telepáticas, que produzem fantasmas ou aparições de pessoas mortas e vivas.

Mas serão estas aparições *meramente subjectivas*, como as patológicas, ou terão, pelo contrário uma existência *objectiva e real*, independente da acção cerebral das pessoas em quem se manifestam?

A teoria de Dal Pozzo, apesar de ser um *meio termo* entre a subjectividade e a objectividade das alucinações telepáticas, a teoria da sugestão mental combinada com a lei da reversibilidade podem *a custo* dar-nos uma explicação plausível das alucinações individuais e simples, isto é, daquelas que affectam um só sentido e uma só pessoa.

Concebe-se que a sugestão do agente, traduzindo a sua vontade em actos dinâmicos vibratórios, possa actuar sôbre o cérebro do paciente,

transformando-se aí em um *acto ou imagem* igual ao originário. O que se não concebe, porém, nem pode explicar-se por essa teoria, é como essas imagens *sem realidade objectiva* podem afectar mais do que uma pessoa e mais do que um sentido, e isto *simultânea* ou *sucessivamente*.

Se não são reais, como é que podem afectar duas, três ou mais pessoas, que todas, simultânea ou sucessivamente, vêem a mesma aparição, pela mesma forma, e com as mesmas particularidades características?

Se não são reais, como é que podem actuar no cérebro dos animais (cães e cavalos) e causar-lhes tamanho terror?

Se não são reais, como é que podem afectar simultâneamente a vista, o ouvido, e por vezes o tacto de uma ou mais pessoas?

Como é que são vistas praticando actos de movimento, tais como abertura de portas, ascensão ou descida de escadas, deslocamento de móveis, e são vistas por vezes por pessoas diversas, praticando actos consecutivos, que denotam a sua realidade?

A experiência demonstra que as aparições *nem sempre resultam* de laços de mútua simpatia ou de sangue; mas antes dependem de uma *capacidade especial de perceptividade* que poucas pessoas teem; pois é certo que em muitos ca-

sos a presença da aparição não é percebida pela pessoa a quem é especialmente dirigida, ao passo que pessoas estranhas a vêem nítidamente.

Há mais a considerar que, se em algumas alucinações se pode aceitar a hipótese de ser *ainda vivo* o agente, a grande maioria delas teve lugar *depois da morte* do agente que as produziu. Tal é a que citamos sob o n.º XVI.

Ora, segundo as teorias de Dal Pozzo, Ochowicz e outros, seria mister admitir uma *supervivência* manifesta da actividade cerebral consciente, o que é incompatível com a doutrina materialista; pois que, para que o cérebro projecte a sua fôrça de vontade, é indispensável que esse cérebro *viva*, pois que cérebro morto não pensa, nem pode agir, segundo elles.

Torna-se por isso indispensável admitir uma teoria, que possa explicar satisfatoriamente, não só as aparições de vivos, mas também as de mortos.

É forçoso, pois, aceitar a hipótese de haver no homem, além da matéria perecível um *quid* que sobrevive à morte do corpo, e que, como continúa a existir, pode actuar depois da morte do corpo.

Do que sumariamente deixamos dito se conclui que as teorias dos mais célebres fisiologistas, que seguem as doutrinas materialistas, são de todo o ponto *incapazes* para explicarem sa-

tisfatóriamente os complicados fenómenos que temos relatado; e que é forçoso emanciparmos-nos da tutela ignominiosa que o materialismo impôs à inteligência humana, apelando para outra concepção da natureza mais racional e mais larga,—teoria que possa compreender no seu âmbito todos os fenómenos a que temos aludido, e explicá-los por uma forma *satisfatória e compreensível*.

Essa teoria tem de admitir como base uma exteriorização de fôrça, e conseqüentemente a *realidade objectiva* das aparições e fenómenos análogos.

Ora êsse *quid*, que se exterioriza, é a *alma*, e essa teoria é o *espiritismo*.

*

* *

Demonstrada assim a existência dos fantasmas dos mortos, o carácter objectivo dessas aparições patenteia por uma forma quasi palpável — a *imortalidade da alma*; pois que a despeito da morte e dissolução do corpo, a *personalidade*, que o animava, *vive ainda e pode influenciar* por formas diversas o cérebro dos vivos.

Demonstrámos já anteriormente, quando tra-

tamos do sonho, do sonambulismo e dupla vista, que, só admitindo como causa uma *exteriorização da forma anímica*, podíamos achar para êsses fenómenos uma explicação satisfatória; ora, se essa exteriorização é possível durante o sono magnético, e mesmo durante o sono normal, nada obsta a que ela se dê também em outras circunstâncias da vida, e mesmo depois da morte; pois que, se tal fôrça existe *independente do organismo*, não pode aniquilar-se por ocasião da dissolução dos elementos corpóreos.

Assim, as alucinações telepáticas, a que mais propriamente deveríamos chamar *aparições verídicas*, poderiam achar a sua completa explicação numa análoga *exteriorização da fôrça anímica*, que, emanando de um ser *vivo ou morto*, vai afectar outros indivíduos, dotados da *sensibilidade precisa* para receberem essa percepção sensoria.

Chegados a êste ponto, resta-nos expôr a *teoria espírita*, que não só *explica cabalmente* todas as aparições normais de vivos e mortos, mas até êsses *duplos* extraordinários de pessoas vivas, de que abundam na história tantos exemplos.

*

* *

A Teoria Espírita

Segundo esta teoria, o homem é em rigor — *um espirito revestido de uma forma corpórea.*

O espirito não é uma mera abstracção, nem um ponto matemático, mas sim uma *entidade real*, circunscrita e limitada, a que só falta o ser visível e palpável para se assimilhar aos seres humanos.

Em vida como depois da morte o espirito acha-se constantemente envolto numa substância fluidica mais densa, embora também *em regra* seja invisível, a que se convencionou chamar *perespírito* ou *corpo astral*.

O *perespírito* do homem apresenta a forma humana, e é por seu intermédio que o espirito exerce um poder extraordinário sôbre a matéria que o reveste e que o rodeia por toda a parte.

A sua acção sôbre a matéria ponderável explica-se facilmente pela sua própria natureza fluidica. Sabe-se em fisica que os gases e fluidos mais rarefeitos, que os imponderáveis como o

calórico, a electricidade, ou o éter, na hipótese de um só fluido, são tanto mais poderosos quanto mais rarefeita é a sua substância.

Não é porventura a luz *imponderável* que exerce uma poderosa acção química sôbre a matéria ponderável?

Não é ela que na chapa fotográfica decompõe os sais de prata e que produz a imagem?

Não é sob a sua acção enérgica que se elabora nos tecidos da planta a clorofila que dá ás suas fôlhas a bela côr verde que ostentam?

Não é a privação da luz solar que dá aos mineiros a côr terrosa e pálida, resultante de uma profunda alteração das condiçõs fisiológicas normais do organismo animal?

Se pois a luz, agente imponderável, actua tão enérgicamente sôbre a matéria inerte e sôbre a organizada, porque não há de o espírito, *mais imponderável ainda*, actuar poderosamente sôbre a matéria bruta?

E a electricidade, *imponderável* também, que força colossal não exerce ela sôbre a matéria, iluminando cidades, impulsionando combóios, e pondo em laboração fábricas enormes?

Se pois a luz, *calórico, electricidade* actuam sôbre a matéria *inconsciente e fatalmente*; que maravilha é que o *espírito, fôrça inteligente e voluntariosa*, exerça sôbre a matéria uma acção *mais enérgica e mais consciente*?

O corpo, agregado molecular de matéria, desagrega-se nos seus elementos constitutivos, — *morre*: mas êsses elementos *não se destroem*, não se aniquilam, *transformam-se apenas*, indo entrar na composição química de outros seres.

O espirito, porêem, substância simples e una, sem elementos químicos desagregáveis, não se decompõe pela morte, liberta-se apenas do corpo, conserva a sua individualidade e personalidade anterior, e *vive perpétuamente*, envolto no seu perespírito, nas regiões do espaço, a menos que não volte a animar um outro corpo.

Resta agora saber se o *espírito*, depois de libertado dos laços corpóreos, pode ou não *comunicar* com os homens *vivos*, e trocar com êle os seus pensamentos.

Que isso não é uma méra *possibilidade*, mas uma frisante *realidade*, hão de demonstrá-lo todos os fenómenos que temos de expor nos capítulos seguintes.

Por agora contentamo-nos com a demonstração da simples *possibilidade*, apoiando-nos tão só sôbre a razão: — os factos virão mais tarde.

*

* *

Sendo o homem apenas um espirito aprisionado num corpo, actuando *em vida* sôbre êsse

corpo por intermédio do *perespírito*, e podendo, pela mesma razão, depois de liberto, actuar sôbre a matéria ponderável, porque é que os espíritos livres não hão de *querer e poder* comunicar com aquelas pessoas que cá deixaram e a quem se achavam ligados pelos vínculos do amor ou da amizade?

Será lógico supor que a morte *acabou de vez* com o amor materno, paterno, filial ou conjugal?

Desde que se admite que a alma *sobrevive* ao corpo, é lógico admitir que ela conserva a sua *identidade e personalidade*, isto é todos os *conhecimentos* adquiridos na vida, e todos os *afectos*, que a exornavam em vida.

Ora, como os espíritos vagueiam no espaço em plena liberdade, podendo transportar-se de uns a outros lugares com a celeridade do raio, não será lógico e consequente admitir que aqueles que em vida nos amaram, se sintam, depois da morte, atraídos para nós, e que desejem por qualquer forma certificar-nos da sua existência, e entrar em relação connosco?

Se esta hipótese não é racional e lógica para os que admitem como incontestável a *existência e sobrevivência da alma*, nós pediremos então a êsses pensadores, que, aceitando os princípios, se recusam a aceitar as suas lógicas consequências, que nos demonstrem com razões físicas ou fisiológicas, que estamos em êrro, provando:

1.º Que quem pensa em nós durante a vida, não deve já pensar depois da morte.

2.º Que quem pensa naqueles que amou em vida, não deve desejar reentrar em relações póstumas com êles.

3.º Que, se pode estar em qualquer parte, não pode estar ao nosso lado, e estando junto de nós, não poderá por qualquer forma comunicar conosco.

4.º Que pelo seu invólucro fluidico (perespirito) não pode actuar sobre a matéria ambiente, inerte ou animada.

5.º Que, podendo actuar sobre a matéria, não pode produzir sinais materiais convencionais que possam servir para a transmissão do pensamento.

Quando os *espiritualistas* adversários do *espiritismo* nos demonstrarem que *isto não pode ser*, mediante razões *irrespondíveis*, então não teremos dúvida em reconhecer que teem razão em duvidar.

Essa demonstração, porém, ainda até hoje se não fez.

Os *espíritas* provam scientificamente a sua crença com numerosísimos factos irrefragáveis, e com o raciocínio mais rigoroso; os *espiritualistas inconsequentes* fecham os olhos *propositadamente* aos factos, e sem demonstrarem a falsidade dêsses factos, limitam-se a dizer *dogmáticamente*: — Não creio, porque isso é impossível.

A nossa época, porêem, já não aceita *dogmas*, e a *negação* nada prova.

*

* *

Deixando, porêem, de parte o procedimento inconseqüente dos espiritualistas, passemos a explicar os fenómenos a que aludimos, segundo a teoria geralmente adoptada pelos espíritas.

Segundo esta teoria, a transmissão do pensamento *entre pessoas vivas* não se efectua sem que uma outra intelligência *desincarnada* coope-re *com as vivas* na produção do fenómeno. Um espirito desincarnado, interpondo-se entre o espirito que pensa e aquelle que lê o pensamento do outro, representa entre êles o mesmo papel que desempenha o fio condutor entre duas estações telegráficas. Assim, o espirito livre lê no cérebro de um, o pensamento que lá existe e determina no cérebro do outro, um pensamento igual.

As revelações obtidas pelo medianismo são acordes em testificar a intervenção freqüentíssima dos espíritos desincarnados nos negócios dêste mundo. E de facto, como os espíritos desincarnados são dotados dos mesmos sentimentos e paixões que em vida manifestaram, é lógico su-

por que devem querer ser solidários com a humanidade corporizada na realização integral do plano geral do universo; e por isso as aparições freqüentes de indivíduos falecidos, que a cada passo se observam, podem ser resultantes de diversas causas.

Quem tiver analisado atentamente a sociedade em que vivemos, há de ter notado quão alheada ela anda do estudo dos grandes problemas do seu destino e fim; e, como no espirito das pessoas ilustradas, (ou que nessa conta se têm), é ou o estúpido *materialismo* sistemático, *tão cómodo* para quem não quiere estudar, ou então a *dúvida* ou a *indiferença* que dominam na grande massa das inteligências, sem ideal que as norteie, é naturalíssimo que os *espíritos livres*, desejando sugerir aos vivos ideias salutares e salvadoras, procurem mostrar-lhes *que vão seguindo um caminho errado*.

Daí resulta a freqüência de aparições e outros fenómenos similares, para assim convencer os vivos descrentes da imortalidade da alma.

Outras vezes essas aparições podem ser um acto de justiça, determinando assim o *remorso expiador* no espirito dos criminosos impenitentes; ou, pelo contrário, podem ser um *bálsamo consolador* para espiritos ulcerados pela dor de haver perdido seres idolatrados, certificando-os assim de que, a despeito da morte, *vivem ainda*

e são felizes, e de que a vida terrestre é apenas uma fase restritissima da existência humana.

Outras vezes ainda essas aparições podem ser resultantes da *indefinível atracção* que certos e determinados lugares exercem sobre o espirito dos que os habitaram em vida.

Os *duplos* de pessoas vivas, que por vezes se manifestam, são devidos à intervenção fluídica dum espirito livre, que, pela sua enérgica acção livre sobre a matéria, produz uma *imitação* dessas pessoas, realizando assim um desígnio por elas formado para um fim qualquer útil.

A faculdade que os espiritos teem de comunicar comnosco, e a reciproca que nós temos de os ver e perceber, *varia de intensidade* consoante a predisposição natural de cada um.

Geralmente, essa faculdade não se exerce directa mas indirectamente por via de medianeiros a que se dá o nome de *médiuns*.

Todavia, a *influência* dos espiritos actua sobre nós de uma maneira *vaga e inconsciente* por via de *sugestão mental*, fazendo nascer no nosso cérebro ideias *boas* ou *más*, ideias que supomos serem nossas, quando elas muitas vezes são alheias.

Noutras pessoas, mais sensíveis, essa influência torna-se mais eficaz, traduzindo-se por um pressentimento mais ou menos nítido, ou por um êxtasi, ou por um sonho, que as afecta mais ou

menos profundamente, levando-as assim a evitar ou realizar um determinado acto que lhes pode ser nocivo ou útil.

Finalmente, com pessoas de uma sensibilidade mais exaltada a influência dêles manifesta-se às vezes por alucinações visuais, auditivas ou táctis.

Todos êstes fenómenos extraordinários, *que nada teem de sobrenaturais*, resultam unicamente do exercício de faculdades (para nós desconhecidas) que os seres espirituais possuem, e que actuam de concôrto com determinados organismos terrestres (*médiuns*).

*

* *

Antes, porém de prosseguir na nossa exposição de doutrinas, devemos dizer com a máxima lealdade que discordamos dessa teoria em dois pontos importantes.

O *primeiro* é o que procura explicar a transmissão do pensamento entre vivos pela *intervenção* de uma *personalidade psíquica* alheia aos dois — *o que pensa e o que lê*.

Não me parece *necessário* invocar para casos tão simples a intervenção de uma terceira

entidade que ninguém vê, e cuja existência *ali* se não pode provar. Para casos destes a teoria de Dal Pozzo é mais do que suficiente. O pensamento de A, vibrando intensamente, produz ondas que se propagam no meio ambiente e que, encontrando um *meio análogo* no cérebro de B, vão aí transformar-se num pensamento igual.

Isto compreende-se e é o bastante.

O segundo ponto em que discordamos é o que trata de explicar a formação dos *duplos* dos vivos.

Não vemos necessidade alguma de introduzir nestes casos um terceiro personagem: a mecânica do fenómeno compreende-se facilmente sem isso.

A exteriorização do *duplo* é um fenómeno *puramente anímico*; para que havemos de complicá-lo com a intervenção, *não provada nem provável*, de uma terceira entidade já falecida?

As pessoas, que inconscientemente produzem *duplos*, são aquelas que a Natureza dotou com a estranha faculdade *de exteriorizar o seu perespírito com facilidade extrema*; ora, como é bem sabido que o perespírito tem, *por natureza própria*, a faculdade de *assimilar a si*, do meio ambiente, os elementos materiais de que carece, daqui resulta que, *exteriorizando-se*, chama a si esses elementos materiais, e produz assim uma *imagem viva* de si próprio, *imagem tão viva e*

tão real, que os duplos são sempre susceptíveis de serem vistos por toda e qualquer pessoa.

Parece-nos mais simples e compreensível esta hipótese, do que a que transforma os espíritos desincarnados em *fabricantes de fantoches*, ou antes de projecções fantasmagóricas de qualquer personagem alheio.

IV

O Espiritismo

I

O Espiritismo! eis o nome terrível que poucos ousam pronunciar sem um sorriso de mofa; eis a nova crença científica, que vem abalar e derruir o dogmatismo sistemático da sciência oficial, e que poucos homens de sciência ousam proclamar abertamente.

Êle é para o materialismo dominante na sciência o mesmo que o espectro de Banquo no festim de Macbeth.

E todavia a nova doutrina nada tem de tétrico nem de terrível.

É, pelo contrário, uma doutrina *toda paz, amor e justiça*.

É a mais racional e grandiosa das concepções filosóficas, a mais sublime expressão da moral na humanidade, o fanal mais deslumbrante da sociologia do futuro.

Como crença admite um *Deus Supremo* e a

imortalidade da alma; admite o princípio da *reincarnação*, isto é, a *necessidade* que cada alma tem de animar diversos corpos neste e nos outros mundos do espaço, a fim de se elevar de mais em mais na escala da perfectibilidade moral e intelectual.

A sua moral, toda baseada na verdade e na justiça, apoia-se nas sublimes doutrinas de Sócrates e Platão, de Confúcio e de Jesus. *Amor e Caridade*, — eis a sua divisa.

Do princípio fundamental da *reincarnação* deriva um outro eminentemente *salutar, justo e consolador* — o da *expição*, em virtude do qual todos os homens, sem excepção, podem resgatar os seus erros e crimes, sofrendo em várias *reincarnações* as provas que lhes são impostas, ou que nesse intuito *êles próprios pediram*, quando estavam no estado de meros espíritos.

No campo social o *espiritismo* proclama o direito de todos e de cada um à assistência social, nos limites dos recursos gerais; e recíproca-mente para todos e para cada um o rigoroso dever de trabalhar para a sociedade, concorrendo na medida das suas fôrças e recursos para o progresso social na ordem física, intelectual e moral.

Eis o que é o *Espiritismo* considerado como corpo de doutrina. Esta crença científica não é, porêem, uma simples, embora elevadíssima, concepção filosófica: — apoia-se em *factos numerosís-*

simos e positivos, que demonstram a sua verdade, e desafiam toda a crítica, porque fôram observados e estudados meticolosamente.

Mas, além dêsses factos positivos, há a *revelação directa* dos espíritos mais elevados, revelação surpreendente pela clareza da exposição, transcendência da doutrina, concordância de princípios e sublimidade da sua moral. Essa revelação permite-nos entreabrir a porta que nos separa das regiões de além-túmulo, e deixa-nos entrever com júbilo a estrada ascendente do futuro.

O *espiritismo* é um corpo assombroso de doutrinas, inspirado na mais rigorosa justiça, e na filosofia mais remontada a que o homem pode aspirar.

Dêste conjunto de princípios derivam as seguintes conseqüências gerais, que constituem a base da crença espírita:

1.º Os fenómenos espíritas são produzidos por espíritos, isto é — *inteligências extra-corpóreas*, que constituem o mundo invisível.

2.º Os espíritos de toda a ordem povoam o espaço infinito; existem por toda a parte, há-os constantemente em tórno de nós, e por isso reagem continuamente sôbre o mundo físico e moral, constituindo assim *uma das maiores potências*, embora ignoradas, da Natureza.

3.º Os espíritos, porém, não são *uma cria-*

ção à parte, na Natureza; são apenas as almas daqueles que já viveram na Terra ou em outros mundos, e que pela morte se despojaram já do seu invólucro corpóreo.

Donde se conclui que os homens, hoje vivos, são *espíritos incarnados*, e que morrendo passam novamente à categoria de *meros espíritos*.

4.º Há espíritos dotados de todos os graus de *bondade* ou de *malícia*, de *saber* ou de *ignorância*, assim como entre nós vemos homens dotados de todas essas qualidades morais e intelectuais.

Todos estão sujeitos à lei do progresso e podem, portanto, chegar à perfeição, em mais ou menos tempo, conforme os esforços e a vontade de cada um, visto que teem o seu livre arbítrio.

5.º A sua felicidade ou infelicidade depende do seu bom ou mau procedimento durante a vida, e do grau de adiantamento moral e intelectual a que chegaram. A felicidade perfeita só é apanágio dos espíritos que atingiram já o supremo grau de perfeição.

6.º Todos os espíritos, em determinadas condições, podem manifestar-se aos homens, servindo-se para isso de *médiuns*, isto é, pessoas de uma constituição especial, que lhes permite entrar em relação com o mundo dos espíritos, e auxiliá-los nos seus intuitos.

7.º Reconhece-se a superioridade ou infe-

rioridade dos espiritos pela sua linguagem, e natureza das suas comunicações: os bons só aconselham o bem, e manifestam-se pela elevação de pensamentos, homogeneidade de doutrinas e agudeza de conceitos.

*

* *

A origem do espiritismo perde-se na noite dos tempos; pois que a história no-lo mostra no berço de todos os povos. A Índia e a Pérsia, o Egito e a Grécia manifestam a cada passo os vestígios da sua influência.

A Bíblia atesta-nos por forma indubitável que a evocação dos mortos era a miúdo praticada pelo povo hebreu.

Porém de entre todos os povos antigos nenhum levou ainda tão longe a sciência dos espiritos como o velho povo ariano, o conquistador e civilizador do Hindustão.

Durante a Meia-Idade o espiritismo e todas as sciências ocultas, para evitarem as perseguições movidas pelo fanatismo religioso e pela ignorância maldosa, tiveram de viver a ocultas uma vida ignorada e mesquinha.

Foi só em Março de 1848 que fenómenos

imprevistos e providenciais vieram ressuscitar na América do Norte a sciência dos espíritos. Daí espalhou-se em breve com assombrosa rapidez pelas principais nações da velha Europa.

Sem termos a pretensão de historiar completamente a aparição, no mundo moderno, desta nova ordem de fenómenos, não podemos deixar de esboçar aqui os tópicos principais, que dão conta dêsse facto histórico.

II

Parte histórica do espiritismo moderno

É a Miss Kate Fox, menina de 9 anos de idade que coube a glória de iniciar êsses trabalhos.

Habitava ela com seus pais e uma outra irmã em Hydesville, no estado de York, quando se começaram a ouvir de noite *ruídos extraordinários e pancadas repetidas*, por forma a parecerem destinadas a chamar a atenção dos que as ouviam.

Uma noite, quando se deitavam, as mesmas pancadas ressoaram sôbre um móvel do quarto.

Não podendo atribuir tais ruídos a causa al-

guma física conhecida, a dúvida atravessou os espíritos, e Miss Kate Fox lembrou-se de fazer estalar os dedos das mãos. Imediatamente lhe respondeu igual número de pancadas. A outra irmã bateu as palmas um certo número de vezes.

Igual número de pancadas se fez ouvir como se fôra um éco.

Tudo levava a crer que a origem do fenómeno se devia atribuir a uma *causa inteligente*.

Então a mãe lembrou-se de perguntar:— «Sôis um ser humano?»— Silêncio absoluto.

«Sôis um espírito? Se o sôis, batei duas pancadas.» Duas pancadas responderam ao convite.

E assim, por meio de pancadas em número previamente combinado, se conseguiu escrever todas as letras do alfabeto e obter desta arte a primeira *correspondência espírita*.

Foi por êste processo que o espírito declarou chamar-se Charles Rayn, ter sido assassinado e enterrado no celeiro dessa casa, em sítio determinado, havia já alguns anos. Procedendo-se a averiguações, achou-se com efeito, no sítio indicado, porções consideráveis de um esqueleto humano.

Descobriu-se mais que de facto cinco anos antes visitara aquela casa um indivíduo de nome Charles Rayn, o qual desaparecera depois, ignorando-se o destino que tivera.

Apesar da evidência que resultava da desco-

berta por esta via de um crime ignorado, as duas Miss Fox, que, sem o saberem, eram *médiuns* de grande fôrça, foram qualificadas de *impostoras*, por afirmarem que podiam obter fenómenos espiritas bastante notáveis.

Os pais ofereceram-se então a submeter as filhas ao exame de uma *comissão de notáveis* eleitos em pública reunião.

Três comissões, uma após outra, foram eleitas, e nenhuma pôde descobrir o mais ligeiro vislumbre de impostura, nem reconhecer a causa produtora do fenómeno. A terceira, composta de cidadãos mais ilustrados e scépticos, que tinham qualificado as comissões anteriores de *estúpidas* ou *coniventes*, depois de sujeitarem as duas crianças a um rigoroso exame por mulheres, e de as fazerem deitar com os pés descalços, e os lençóis atados em roda dos artelhos, verificou que os sons e pancadas misteriosas se produziam nas paredes, no sobrado, nos móveis, sem que lhes fôsse possível *descobrir a causa produtora, nem indícios de qualquer artifício ou impostura*.

Reconheceu mais que por meio dessas pancadas se tinham obtido respostas satisfatórias a diversas perguntas feitas, algumas delas mentalmente formuladas.

Assim, pois, *caíra por terra a imputação de impostura* com que os sábios americanos haviam

tentado empanar a evidência palpável dos primeiros fenômenos.

Em breve diversas outras pessoas, que frequentavam as reuniões de Miss Fox, reconheceram que possuíam faculdades análogas, que, em maior ou menor grau, lhes permitiam entrar em relação com os espíritos.

Foi assim que em dois ou três anos o movimento se estendeu pelos Estados Unidos, apesar de lutar sempre e em toda a parte contra o mais desenfreado scepticismo, mas ganhando apesar disso por toda a parte prosélitos numerosos sôbre tudo nas classes mais ilustradas da sociedade. Três anos depois, em 1851, constituiu-se em Nova York *um grupo composto dos homens mais inteligentes*, com o intuito de estudarem a fundo o fenômeno espírita, e averiguar assim o que havia nêle de sério e aceitável.

À frente dêsse grupo figurava Sir Edmonds, juiz do Supremo Tribunal, que se distinguia entre todos pelo seu *irredutível scepticismo*. Pois apesar disso teve de *render-se à evidência*, e tornou-se depois um dos mais estrênuos propagandistas da nova crença.

Três anos mais tarde constituiu-se *nova sociedade investigadora*, composta de médicos, senadores, magistrados, advogados, eclesiásticos e escritores. E não satisfeito ainda com isto, o illustre professor e distinto clínico Mapes constituiu

um novo grupo de doze amigos ilustrados e quasi todos scépticos.

Mas, cousa singular, todos os que se dedicaram ao estudo dos fenómenos espíritas, a despeito do seu scépticismo anterior e da *aparente inverosimilhança* dos fenómenos, todos se tornaram afinal *espíritas convictos*.

Em 1870 havia nos Estados Unidos da América do Norte 125 sociedades espíritas, 207 conferentes espíritas, e igual número de *médiuns* públicos e uns 11 milhões de aderentes.

De então até hoje êste número tem aumentado assombrosamente.

Dos Estados Unidos o movimento espirituaalista passou para o Brasil, onde se tem propagado extraordinariamente, e para a Europa.

É assim que, nessa data, contavam-se já em Paris 100:000 aderentes e mais de 10:000 em Lion.

Na Inglaterra o seu número iguala, se não excede, o da França, enquanto que na Alemanha, Itália e Espanha, o seu número, se bem que inferior, era já então muito considerável.

E, note-se, que os espíritas recrutam-se de preferência nas classes mais ilustradas da sociedade.

*

* *

Durante algum tempo o *maravilhoso* dos fenômenos que se proclamavam, e a circunstância de se apresentarem *como uma derrogação* de várias leis naturais e teorias científicas, geralmente recebidas como verdadeiras, fez com que, no mundo sábio e ilustrado, se produzisse uma atmosfera de scepticismo e de isolamento, que colocou a nova doutrina em quarentena, como *suspeita de burla ou fraude*.

Mas o tempo corria e essa acusação não se confirmava, porque os sábios, certos de que era mais fácil *acusar e negar* do que *provar*, não queriam baixar do *seu pedestal olímpico* e consagrar uma parte do seu tempo ao estudo de uma doutrina que ia de encontro aos conhecimentos que penosamente haviam adquirido e que julgavam ser a expressão mais absoluta da verdade.

E houve quem ousasse sustentar, em nome da ciência, o paradoxo seguinte: — «*Não devemos admitir como verdadeiros fenômenos ou teorias novas que vão de encontro aos conhecimentos adquiridos*».

Outros igualmente vaidosos, afirmaram que

— *antes de nos dedicarmos ao estudo de uma determinada ordem de fenómenos, cumpre ao sábio investigar primeiro se êles são possíveis.*»
— Como se fôsse cousa fácil verificar a *possibilidade* de um fenómeno, sem primeiro o estudar atentamente!...

Foi, respondendo a esta *original* doutrina, que o sábio físico William Crookes retorquiou, apresentando o relatório das suas investigações espíritas, dizendo: — Eu não disse que isto seja *possível*, o que afirmo é que *é verdade*».

Foi por ir de encontro aos conhecimentos adquiridos que a Inquisição processou Galileu, pois *era absurda* a sua afirmação do movimento da Terra, visto que, segundo a Bíblia, Josué fizera parar o Sol.

Foi pela mesma razão que Franklin foi *justamente* qualificado de doido pelo mundo sábio, por sustentar que subtrairia a electricidade às nuvens por meio do *pára-raios*. Era um doido também Harvey quando defendia a sua teoria da circulação do sangue. Os médicos e os académicos riam-se, *e com razão*, porque êles *bem sabiam* que isso ía de encontro aos conhecimentos adquiridos.

Obrigar o Sol a fazer o retrato de qualquer garoto, que se lembrasse de sentar-se diante de uma câmara escura, era por seu turno uma *ideia absurda* que até ofendia a dignidade do astro rei!...

Os sábios também se riram de Tomás Yong, quando este apresentou a teoria das ondulações da luz.

Foi a mesma orientação que levou a Revista de Edimburgo a pedir uma camisola de fôrças para Tomás Gray, quando este sustentava as vantagens dos caminhos de ferro. E o mesmo succedeu a Stephenson, quando propôs a construção da via férrea de Liverpool a Manchester.

Não foi o grande Arago escarnecido pela Academia das Sciências de Paris, quando quis discutir perante ela o telégrafo eléctrico? — E porquê? — Únicamente porque o telégrafo eléctrico era um *impossível*, que brigava com os conhecimentos dessa época.

Não se riam os sábios dos fenómenos magnéticos e da dupla vista? E hoje são forçados a enguli-los, graças aos estudos e observações dos drs. Gregory, Eliotson, Lee, Ashburner, Herbert Mayo, Esdaile e Haddock. E actualmente qual é o homem de sciência que se atreve a negar êsses factos?

Riam-se pois embora os sábios e os académicos contemporâneos dos fenómenos espiritas; que isso nem nos humilha, nem nos convence; nós seguimos impávidos a rota que nos é imposta por uma convicção inabalável; e, rindo-nos por nossa vez da sua balofa vaidade, apelâmos para o futuro, dizendo: — *rira bien, qui rira le dernier.*

Mas, não! é mister sermos justos: nem todos os sábios se obstinam em não dedicar-se ao estudo do espiritismo. Há muitos, e dos primeiros, que o teem estudado afincadamente, e que, convencidos da verdade dos fenómenos, o teem proclamado abertamente.

Na América proclamam-no as maiores celebridades — Robert Hare, quimico notável e lente da Universidade da Pensilvânia, o Juíz Edmonds, de que já falámos, o dr. Mapes, quimico e lente da Academia Nacional, o dr. Buchanam, lente de fisiologia e antropologia, Ó Sulivam e Robert Chambers, diplomatas, o dr. Alcock, o geólogo Worthom e muitos outros homens notáveis.

Na Inglaterra o espiritismo é reconhecido e proclamado pelos distintos matemáticos Augusto Morgan e Chalis, o célebre naturalista Russell Wallace, que publicou duas importantes obras que muito contribuíram para a propaganda espírita.

William Crookes, físico, quimico e astrónomo célebre, que é uma das maiores glórias da sciência europeia, proclamou solenemente a veracidade de todos os fenómenos espíritas.

Reconhecem a mesma doutrina William Gregory, George Sexton, Herbert Mayo, Barkes, Robertson e Eliotson, médicos e fisiologistas notáveis, Trollope, Chambers, Sergeant Cox, Lord Lindurst e o electricista Varley, os literatos Tackeray e Owen e o arcebispo Wately.

Na França, onde a propaganda espírita tem progredido assombrosamente, contam-se à frente do movimento homens da envergadura de Michelet, Victor Hugo, Victorien Sardou, Teóphile Gauthier, Maurice Lachâtre, Eugénio Nus, e Eugéne Bonnemère. Entre os homens de sciência basta apontar os nomes dos drs. Paul Gibier, Hoeffle, conde de Rochas, dr. Dupouy, e os astrónomos Herman Goldchmidt e Camile Flammarion.

A Itália apresenta à frente do movimento os distintos professores Nicephoro Filalete, Rossi-Pagnoni, P. Palazzi, o dr. Moroni, Rossi di Giustini e o celebérrimo antropólogo Cezare Lombroso, que foi durante muitos anos o mais rude adversário do espiritismo.

Difundindo-se por toda a Europa o movimento espírita, achou na Rússia sábios de renome que o abraçaram com entusiasmo. À frente dêles figuram os nomes venerandos de Boutlerof e Wagner, lentes da Universidade de S. Petersburgo, Debros Cobin, Solowieff, e o célebre Alexandre Aksakoff, conselheiro privado do imperador da Rússia.

Na Alemanha, onde o movimento se propagou menos, há ainda assim nomes de primeira grandeza que aceitaram *como reais* os fenómenos espíritas, tais são o astrónomo Zollner, o físico Fethner, o matemático Scheiner, o electricista

Weber, os sábios Ulrici, Braune, Ludwig e o químico Thury.

Ora, quando uma doutrina científica tem entre os seus confessores e apóstolos homens dêste quilate, pode arrostar perfeitamente com a indiferença das academias, com o sorriso dos *sábios que atingiram a meta* do saber humano, e melhor ainda com a estafada argumentação dos pedantes, que falam de cadeira daquilo *que nunca estudaram*.

*

* *

O que deixámos dito basta para convencer todas as pessoas, para quem o testemunho humano não é uma cousa vã, de que o espiritismo não é uma superstição, filha de uma crença banal, ou de uma credulidade própria de cérebros doentes :— o espiritismo é uma convicção baseada em miríades de fenómenos transcendentos atestados por homens eminentes e conscienciosos, que nem podiam deixar-se iludir, nem eram capazes de nos iludir a nós.

O espiritismo compreende duas partes distintas — a parte fenomenal, que são as provas da verdade do espiritismo ; e a parte doutrinal, que

compreende o imenso conjunto de revelações feitas pelos *espíritos desincarnados ou livres*.

Com efeito a experiência prova-nos que, em determinadas circunstâncias, o homem tem a possibilidade de entrar em comunicação com outras *inteligências não encorporadas*, que são os *espíritos livres* de pessoas que já viveram neste globo, ou em outros mundos.

As pessoas mediante as quais nos pômos em comunicação com os *espíritos livres* são os *médiuns*, isto é, medianeiros.

Posto isto passemos a expôr resumidamente a *parte fenomenal* do espiritismo, ou sejam as *provas directas* da sua verdade.

III

Provas Directas do Espiritismo

Em Londres, quando a Sociedade Dialética resolveu proceder a um estudo atento do espiritismo, nomeou uma comissão de 33 membros a quem incumbiu dessa missão. Sir Russell Wallace era um desses comissionados mais distintos, e dos *mais descrentes*.

De entre êles havia só 4 que eram espiritas

convictos, 8 apenas acreditavam na realidade dos fenómenos, 6 eram completamente indiferentes e 15 completamente scépticos e materialistas.

Pois, terminadas as experiências, todos se tinham convertido à nova doutrina.

Eis como Russell Wallace narra em uma das suas obras a sua lenta conversão.

— « Eu era (diz êle) um materialista tão completo e convicto, que não podia haver no meu espirito lugar para uma existência espiritual e para qualquer outro agente universal, senão a matéria e a fôrça. Os factos, porém, são coisas bem teimosas.

A minha curiosidade foi a principio despertada por alguns fenómenos ligeiros, mas inexplicáveis, que se produziam numa família das minhas relações, e o meu desejo de saber e o amor pela verdade forçaram-me a prosseguir nas investigações. Os factos tornaram-se cada vez mais certos e variados, e ao mesmo tempo cada vez mais afastados de tudo o que a sciência moderna ensina, e de todas as especulações da filosofia actual. Os factos venceram-me, forçando-me a admiti-los como tais, muito antes que eu pudesse admitir a explicação espiritual; — não havia ainda então, na minha fábrica de pensamentos, lugar para essa concepção: mas pouco e pouco, lentamente, foi-se-lhe abrindo lugar.

E abriu-se, não por meio de *opiniões pre-*

concebidas, ou teóricas, mas por uma continua acção de factos sôbre factos, de que não podia desembaraçar-me por qualquer outra forma.

Assim se expressa um dos mais notáveis naturalistas de Inglaterra, que passou do materialismo ao espiritismo, *forçado pela evidência dos factos*.

*

* *

Desapontada na sua expectativa, e não querendo dar-se por vencida, a Sociedade Dialética recusou dar publicidade pela imprensa ao relatório da sua comissão. Esta, porém, sentindo-se ofendida na sua dignidade científica, com tão inaudito procedimento, também se não deu por vencida, e resolveu publicar sob sua responsabilidade individual o relatório dos seus estudos em que havia consumido 18 meses.

Ora nesse relatório atestavam-se como verdadeiros os seguintes factos:

1.º — Ruídos de natureza muito variável, provindo aparentemente dos móveis, do sobrado ou das paredes do quarto, acompanhados de vibrações, que muitas vezes são perceptíveis ao tacto, manifestam-se sem serem produzidas pela acção muscular ou por quaisquer meios mecânicos.

2.º—Corpos pesados movem-se sem auxilio de aparelhos mecânicos, e sem um desenvolvimento de fôrça muscular equivalente da parte das pessoas presentes, e mesmo muitas vezes sem contacto com pessoa alguma.

3.º—Êstes ruídos e movimentos produzem-se no momento desejado e da maneira pedida pelas pessoas presentes, e, mediante sinais previamente combinados respondem às perguntas que se fazem, escrevendo-se assim comunicações coerentes.

4.º—Essas respostas, se em regra são de um carácter trivial, muitas vezes aludem a factos que são desconhecidos de todas as pessoas presentes.

5.º—As circunstâncias em que os fenómenos se manifestam são mui variáveis, parecendo depender de determinadas pessoas, ao passo que a presença de outras parece contrariar os fenómenos.

Todavia esta indiferença não parece depender nem da crença, nem da descrença dessas pessoas na realidade dos fenómenos.

6.º—Corpos pesados, e em certos casos homens, se elevam acima do solo, conservando-se no ar algum tempo sem suporte visível ou tangível.

7.º—Aparições de mãos e formas que não pertencem a nenhum ser humano vivo; mas que parecem vivas pelo seu aspecto e mobilidade.

Por vezes estas mãos foram tocadas e agarradas pelos assistentes, convencendo-se de que não eram resultado duma impostura ou duma ilusão.

8.º—Execução de trechos musicais em diversos instrumentos, sem que nenhum agente visível os tocasse.

9.º—Execução de desenhos e pinturas produzidas em tempo tão curto e em condições tais que toda a intervenção humana era impossível. A esta lista de fenómenos espíritas verificados pela Comissão da Sociedade Dialética, devemos acrescentar mais os seguintes, que são atestados por diversos outros sábios e observadores meticolosos, tais como William Crookes, Russell Wallace, Goldenstubbé, Varley, Morgan, Zoelner, etc.

10.º—Alteração de pêso nos corpos e transporte de corpos pesados para fora de casas fechadas (*apports*).

11.º—Livramento de *médiuns* que se achavam ligados com cordas, ou presos com anéis de ferro soldados.

12.º—Imunidade contra a acção do fogo, e transmissão dessa imunidade.

13.º—Escrita automática, inconsciente, variando o tipo da letra, por forma a imitar extraordinariamente a letra do indivíduo a quem é atribuída. Esta escrita pode ser na língua nativa do *médium*, ou em línguas que êste desconheça.

14.º — Escrita directa espirita, obtida sem emprêgo da mão do *médium*.

15.º — Além dos fenómenos enumerados no n.º 7, há também a registar aparições luminosas, faíscas, estrêlas, globos luminosos, materializações completas (corpos inteiros) ou fosforescentes, ou opacos, visíveis, tangíveis e audíveis.

16.º — Fotografias e moldagens espíritas.

17.º — Claro-vidência e claro-audição de certos *médiuns*. Há *médiuns* que teem a faculdade de ver os espíritos e de ouvir o que êles lhes dizem, e apesar dos circunstantes os não poderem ver nem ouvir, a descrição que fazem dos que vêem e a narração do que ouvem, pode em muitos casos servir para atestar a identidade do personagem visto e ouvido.

18.º — A linguagem e ideias expendidas por *médiuns* num estado de inconsciência mais ou menos completa (*transe*), são por vezes tão transcendententes e remontadas que destoam profundamente da falta de cultura intelectual do *médium*.

19.º — Personalidade *múltipla* do *médium*. Durante o *transe* o *médium*, muda de voz, de modos e muitas vezes de fisionomia, chegando a dar uma ideia muito aproximada da pessoa que fala pela bôca do *médium*. Por vezes falam linguas que nunca aprenderam.

20.º — Faculdade de curar. Há *médiuns* cuja especialidade consiste em curar várias doenças

pela simples imposição das mãos ou pela aplicação de certos remédios, curando assim muitas doenças e aliviando o sofrimento noutras.

Tal é em resumo a sùmula dos fenómenos espiritas de que vamos ocupar-nos.

*

* *

I. Ruídos Vários (não provocados)

E' êste o fenómeno mais vulgar e mais variado.

Umaz vezes manifesta-se sob a forma de pancadas mais ou menos fortes, percutidas nos móveis, paredes, tectos, sobrados, etc. — outras vezes são toques de campainha, pertinazes, violentos, incomodativos.

Entre milhares de exemplos citaremos os seguintes:

— « O major Moor, membro da Sociedade Real de Londres, narra o seguinte, que se passou em sua própria casa em 1841.

— « Durante perto de dois meses se ouviram quási diáriamente em sua casa violentos e repetidos toques de campainha eléctrica, sem que se pudesse descobrir a causa do fenómeno.

As campainhas, diz êle, tocavam vintenas de vezes por dia, quando não havia ninguém no corredor, na casa ou no jardim.

Nem eu, nem os criados poderíamos realizar esta maravilha, que eu vi com mais de dez testemunhas.

E conclui: Estou inteiramente convencido de que o fenómeno não era produzido *por nenhum agente humano vivo*.

Em uma outra casa, perto de Chesterfield, durante 18 meses se ouviram longos e repetidos toques de campainha, sem se lhe conhecer a causa. Chegaram-se a cortar os fios, mas as campainhas soavam da mesma forma.

O dono da casa, Mr. Ashivell, seu amigo Felkins, e várias outras pessoas nunca puderam descobrir a causa do fenómeno, que muitas vezes se repetia de dia.

O célebre John Wesley, na narração que faz dos sucessos no curato de Epworth, depois de descrever os ruídos extranhos semelhantes aos que produziriam objectos de ferro e vidro lançados ao chão, acrescenta:

— « Pouco depois o nosso grande cão de guarda correu a refugiar-se entre mim e M.^{me} Wesley: enquanto duravam os ruídos, gania, pulava, abocando o ar, de um e outro lado, e isto a miúdo, antes que ninguém desse fé de qualquer cousa.

Passados dois ou três dias, o cão não só sofria com a repetição do fenómeno, mas presentia-o, pondo-se a tremer, e afastando-se, ras-tejando muito, antes que o ruído se manifestasse.

A família conhecia assim antecipadamente a aproximação dos fenómenos ».

Esta influência singular sôbre os cães é uma prova frisante da objectividade dos fenómenos e de que êles teem uma sensibilidade extraordinária com respeito aos fenómenos espiritas.

Êstes ruídos *parecem* produzidos sem auxílio de *médium*; mas, estudados atentamente os fenómenos, reconhece-se a maior parte das vezes que existe na família uma pessoa (filha ou criada) que *inconscientemente* desempenha as funções de médium.

Também se podem ouvir êstes ruídos e pancadas nas sessões espiritas, (nas de *tiptologia*), em que muitas vezes se pede ao espirito que se manifesta que produza certas pancadas ou no tampo da mesa ou nas paredes, etc.

*

* *

II Movimento de corpos pesados sem contacto

Quando o médium de que se dispõe é energico e de grande fôrça psíquica, então os fenómenos complicam-se, porque vários corpos pesados se movem sem que ninguém lhes toque, obedecendo muitas vezes não só a uma ordem verbal, mas até à vontade, *mentalmente formulada*, de qualquer dos circunstantes.

Vejamos o que diz a tal respeito um distinto físico electricista, Mr. Cromwel Varley, engenheiro em chefe das companhias de telegrafia internacional e transatlântica.

Na impossibilidade de transcrever na íntegra uma carta que êste notável homem de sciência escreveu ao professor Tyndall em 1868, citaremos apenas alguns trechos, e resumiremos outros.

As experiências que vamos relatar foram feitas pessoalmente por Mr. Varley, auxiliado por sua espôsa, tendo por *médium* Mr. Home, um dos mais poderosos de que há noticia.

Mr. Varley apresentou-se um dia em casa de Mr. Home, dizendo-lhe quem era, e manifestando-lhe o vivo desejo de presenciar alguns dos fenômenos físicos que se produziam com a sua intervenção.

O distinto *médium* prestou-se da melhor vontade à experiência, autorizando Mr. Varley a examinar atentamente todos os móveis sem considerações de etiqueta ou quaisquer outras.

Na sala havia apenas um sofá e doze cadeiras, não havendo cousa alguma onde se pudessem esconder quaisquer aparelhos ou máquinas.

— Eu tinha-me entendido previamente com minha mulher, (diz êle) para que esta observasse atentamente tudo quanto pudesse parecer suspeito, vigiando sollicitamente os móveis e as pessoas presentes.

Mr. Home, eu, minha mulher e mais cinco outras pessoas sentamo-nos em tórno de uma mesa redonda, grande e pesada.

Vinte minutos depois ouvimos um certo número de ruídos ou pancadas batidas na mesa, sôbre a qual se apoiavam as mãos de todos os circunstantes. Os pés estavam todos recolhidos debaixo das cadeiras, conforme o *médium* tinha recomendado. A sala estava iluminada com quatro bicos de gás.

Uma senhora manifestou em voz alta o desejo de que eu fosse tocado. Então, mediante o

alfabeto prestabelecido, soube-se que o espírito que ia manifestar-se receava aproximar-se de mim. Pouco depois êsse receio cessou, e soube-se que eu ia ser tocado.

E com efeito o meu casaco foi puxado ou sacudido por três vezes consecutivas com intervalo de meio segundo. Ocorreu-me então *a ideia* de que a prova seria mais concludente se os puxões fossem de baixo para cima.

No mesmo momento, em que *essa ideia* me atravessava o espírito, a aba direita do meu casaco foi levantada três vezes até quási à altura do meu rosto.

Então *desejei mentalmente* que a gola do meu casaco fôsse remexida do lado esquerdo.

Mal o desejo estava formulado, era a gola sacudida por três vezes do lado esquerdo.

Pouco depois fomos avisados de que o meu joelho ia ser tocado.

Desejei *mentalmente* que fôsse o joelho direito e por três vezes.

No mesmo instante resenti três pressões bem sensíveis.

Formulando vários outros *desejos mentais*, Mr. Varley foi repetidas vezes tocado, nos hombros, joelhos, cabeça, etc., sem que nunca pudesse ver cousa alguma.

A mesa foi balanceada por várias vezes, e

por fim levantamo-nos apoiando ao de leve sôbre a mesa apenas as palmas das mãos.

Então, esta, depois de alguns balanços para um e outro lado, levantou-se repentinamente do chão a uma altura de 14 ou 15 polegadas acima do sobrado, fez alguns movimentos laterais para a direita e esquerda, e pousou novamente no sobrado.

Mr. Varley examinou, durante o fenómeno, a mesa por baixo e por cima; mas nada viu de extraordinário. As mãos de todos apoiavam-se sôbre a mesa, não podendo por isso contribuir para a levantar do chão, antes pelo contrário, deviam mais ou menos impedir êsse levantamento.

Desejei depois que a mesa realizasse os movimentos em harmonia com a minha vontade.

Três ou quatro minutos depois a mēsa levantou-se de novo, dirigindo-se para diversos lados, consoante o meu desejo.

Por vezes um tremor geral atraía a atenção de todos.

Muitos dos circunstantes, que estavam sentados em cadeiras, sentiram-se súbitamente revirados com as suas cadeiras em uma direcção diversa.

Quando pouco depois tentamos praticar o mesmo reviramento por nosso próprio esforço, reconhecemos que era indispensável fazer um

grande esforço com as mãos para realizar um tal movimento.

Quando pouco depois da meia noite Varley voltou a casa com sua mulher, verificou que as observações desta coincidiavam com as suas.

Enquanto procediam a êste confronto Varley e sua espôsa ouviram pancadas batidas nas paredes do seu próprio quarto, que distava umas cinco milhas da casa do *médium*.

No dia imediato à tarde Varley recebia de Mr. Home uma carta em que êste lhe dizia que na noite anterior devia ter ouvido pancadas na sua própria casa.

Dias depois Mr. Home foi dar uma segunda sessão de espiritismo em casa de Mr. Varley, onde nunca havia entrado.

Os fenómenos aí produzidos foram em parte semelhantes aos primeiros, em parte diversos.

Pela noite adiante, diz Varley, Home pareceu tornar-se muito nervoso. Pediu-me que lhe segurasse as mãos, e depois exclamou: — oh! olhai para trás de vós!... Colocou em seguida as suas duas pernas sôbre o meu joelho esquerdo, e, a pedido seu, segurei-lhas entre as minhas, ao mesmo tempo que segurava as suas mãos. Feito isto, olhei para trás.

A sete pés de distância, por detrás de Mr. Home, havia uma pequena mesa encostada a uma janela, e da qual éramos nós dois os mais aproximados.

Instantes depois, essa mesa começou a mexer-se. Ela tinha roldanas nos pés, e foi impelida até junto de mim por uma fôrça invisível, pois que ninguêm estava junto dela, e eu segurava fortemente os pés e mãos do *médium*.

Um grande camapé, onde podiam sentar-se oito pessoas, foi invisivelmente impellido através de toda a sala, forçando-nos assim a recuar até ao piano.

Não havia em tudo isto ilusão ou embuste possível....

.....

Depois de uma carta destas publicada pela imprensa e dirigida a um sábio como Tyndall, na opinião sizuda de *certos sábios* europeus, que exgotaram até às fezes o cális da sciência, Mr. Varley deveria pedir logo um passaporte para Bedlam, que é o Rilhafoles de Inglaterra.

Esta, porêm, que é singular em tudo, *nomeou-o membro da Sociedade Real de Londres* (Academia das Sciências): e, para cúmulo, foi Tyndall o mais ardente promotor da sua eleição!....

Que desapontamento para os positivistas!...

*

* *

Fenómenos análogos a êstes foram presenciados repetidas vezes pelo eminente físico e astrónomo Willian Crookes, o inventor do radiómetro e o descobridor do *talium* e da matéria radiante. Êsse homem de renome europeu, que é uma das mais fulgentes glórias da sciência contemporânea, no seu interessante livro — *Recherches sur les Phenomènes du Spiritualisme*, atesta-nos a páginas 151 e seguintes, que em sua própria casa e na presença de *médiuns* diversos ouviu produzirem-se os sons e pancadas mais variadas nos móveis, nas paredes, no sobrado, nos tetos, nas árvores, nos vidros, no ar, etc. Sentiu-os por vezes nos seus próprios hombros, nas mãos e noutros sítios, e em tais condições que não pôde fugir à convicção de que êsses sons eram bem reais, e não podiam ser produzidos por fraude ou por qualquer meio mecânico.

Viu em sua própria casa corpos pesados, tais como mesas, cadeiras, etc. serem postas em movimento sem contacto de ninguém.

Viu a sua própria cadeira, estando êle sentado, com os pés levantados do chão, deslocar-se e descrever um arco de círculo.

Em cinco ocasiões diversas viu uma pesada mesa de jantar levantar-se acima do solo algumas polegadas, e isto em condições que tornavam impossível qualquer fraude.

*

* *

Tackeray, êsse analisador cáustico e frio, respondendo um dia à crítica que lhe faziam por ter permitido a publicação de um artigo espírita no jornal.—*Cornhill Magazine*, disse:—«Para vós, que provavelmente nunca vistes manifestação alguma espírita, fica-vos bem falar dessa maneira; mas se houvésseis visto aquilo, que eu posso testemunhar, teríeis por certo diversa opinião».

E entrando em algumas explicações acrescentou que—ao terminar um jantar de cerimônia viu a grande e pesada mesa de jantar, coberta de garrafas, copos e sobremesas, elevar-se dum salto dois pés acima do sobrado, verificando assim que o *modus operandi*, era uma fôrça espírita: pois que nenhuma prestidigitação tinha sido, nem podia ter sido, empregada em tal ocasião, e êle sentiu-se tão profundamente convencido de que a potência motriz estava acima das leis vulgares da matéria, que imediatamente deu

a sua adesão às verdades do espiritualismo, e era em resultado dessa convicção que aceitara o artigo sôbre a sessão espírita de Mr. Home.

*

* *

Mr. T. Adolphe Trollope, distinto homem de letras, numa carta dirigida ao Atheneum e datada de Florença em 21 de Março de 1863, diz o seguinte :

— «Assisti a bastantes sessões de Mr. Home em Inglaterra, e a algumas outras na minha própria casa em Florença e a algumas ainda em casa de um amigo, na mesma cidade . . . Ora eis o meu depoimento.

— «Vi e verifiquei factos materiais completamente inexplicáveis, a meu ver, por nenhuma das leis físicas conhecidas e geralmente recebidas.

Regeito sem hesitar a teoria que considera tais fenómenos como obtidos por meios familiares aos mais hábeis professores de prestidigitação».

Afirmações análogas foram feitas com respeito a Mr. Home, pelo professor Challis, dr. Eliotson, Lord Lindurst, arcebispo Whately, William Horwitt, etc.

*

* *

III. Variação de pêso de corpos

Com os fenómenos que acabamos de narrar, ligam-se intimamente os da variação no pêso dos corpos e os de *levitação*, ou ascensão de corpos vivos.

Miss Kate Fox, a fundadora do espiritismo na América, foi um *médium* distinctissimo e de primeira fôrça, que durante 26 anos exerceu pública e particularmente as funções de *médium*; saindo sempre triunfante das constantes experiências a que rigorosamente foi submetida durante êsse período de tempo.

Em 1860 o dr. Robert Chambers, de combinação com o seu amigo Roberto Dale Owen, sem prevenirem a *médium*, empregaram uma balança romana para experimentar o *poder levitante*. Suspenderam à balança uma mesa de jantar do pêso de 60 quilos. Depois, em plena luz do gás, postos os pés de *miss* Fox e de sua irmã em contacto com os dos dois experimentadores, e colocadas as mãos de todos por cima da mesa,

mas sem a tocar, verificou-se que a mesa se tornava mais leve ou mais pesada conforme o desejo dos assistentes, variando o pêso entre 30 e 67 quilogramas! . . .

Fizeram muitas outras experiências com *miss* Kate, e as precauções não podiam ser maiores. (Vid. *Region Discutée*, par Robert Dale Owen, pág. 293).

Êstes fenómenos foram atentamente estudados por numerosos sábios, tais como — o conde Agenor de Gasparin, Mr. Thury, Boutlerow, lente de química na Universidade de S. Petersbourg, e mais especialmente o sábio inglês William Crookes.

Como já anteriormente descrevemos o aparelho com que êste sábio realizou as suas experiências, abstemo-nos de o descrever agora aqui. É a essa fôrça que faz variar consideravelmente o pêso dos corpos que Crookes chamou *fôrça psíquica* e Mr. Thury *fôrça ecténica*.

O nome pouca importa, o que interessa é conhecer-lhe os efeitos e investigar-lhe a natureza.

*

* *

IV. Levitação ou ascensão de corpos vivos

Dá-se o nome de *levitação* à elevação total de um corpo humano vivo, por forma que durante um tempo mais ou menos curto êle não tenha contacto algum com o solo, nem com os objectos circunjacentes.

Êste facto extraordinário a que a história antiga, profana e sagrada, faz muitas vezes alusão, chamando-lhe milagre, está modernamente demonstrado por uma forma que desafia toda a crítica.

Com efeito a história regista casos numerosos de corpos humanos se elevarem nos ares, mantendo-se suspensos durante algum tempo.

A história eclesiástica diz-nos que muitas vezes foram vistos, e por muitas pessoas, elevarem-se nos ares S. Francisco de Assis e Santa Tereza de Jesus, S. Francisco de Paula e muitas dezenas de outros. Atribui-se a mesma faculdade ao samaritano Simão, cognominado o Mágico, que se diz ter lutado em Roma com S. Pedro e S.

Paulo, no tempo de Nero, elevando-se na atmosfera por várias vezes; mas acrescenta-se que na última ascensão fôra mal sucedido, quebrando as pernas, em consequência das orações dos apóstolos.

É inútil dizer que êstes fenómenos extraordinários fôram durante os séculos XVIII e XIX relegados para o domínio das fábulas piedosas. A filosofia que então predominava, não podendo aceitar a ideia de *milagre* nem de obra diabólica, preferia *negar* os factos mais comprovados, já que, aceitando-os, não sabia como explicá-los.

O espiritismo também não admite *milagres*, mas *não nega por sistema* factos mais ou menos maravilhosos ou extraordinários, desde que êles sejam atestados por pessoas de todo o crédito.

E por isso hoje, que temos outros elementos de certeza que não tinham os nossos avós, já não alcunhamos de *mentirosos* os historiógrafos que nos narram casos dêsses: se não os garantimos como *verdades* incontestáveis, temo-los na conta de muito *possíveis* e *prováveis*, pois que moderadamente há muitos factos idênticos de que não podemos duvidar; acrescendo que por isso mesmo que tais factos eram *aparentemente* incríveis, não é natural que os que se dizem testemunhas oculares ousassem tentar convencer-nos de uma cousa *incrível*, se êles a não houvessem presenciado.

Modernamente registam-se numerosos casos desta ordem autenticados por testemunhas da maior respeitabilidade. Estas ascensões teem-se realizado umas numa obscuridade relativa, outras em plena luz.

Só em Londres há mais de 50 pessoas de todo o crédito que assistiram às múltiplas levitações do célebre *médium* Daniel Home de quem já temos falado.

A páginas 156 e seguintes do seu livro já citado, diz-nos William Crookes o seguinte:

— «Êstes factos produziram-se quatro vezes na minha presença e na obscuridade. As condições em que se realizaram foram completamente satisfatórias; mas a demonstração pelos olhos de um facto dêstes é tão necessária para destruir as nossas ideias preconcebidas — «sôbre o que é naturalmente possível ou o não é,» que só mencionarei aqui os casos em que as deduções da razão fôram confirmadas pelo sentido da vista.

Numa ocasião vi uma cadeira, sôbre que uma senhora estava sentada, elevar-se muitas polegadas acima do chão. Noutra ocasião, para afastar toda a suspeita, essa senhora ajoelhou sôbre a cadeira de maneira que os quatro pés dela eram visíveis para todos nós.

Ela então elevou-se a cêrca de três polegadas e conservou-se suspensa uns dez segundos, descendo em seguida lentamente.

Doutra vez duas crianças, em duas ocasiões diferentes, levantaram-se acima do solo com suas cadeiras em plena luz, e nas condições mais satisfatórias para mim, porque eu estava de joelhos e não perdia de vista os pés da cadeira, na qual aliás ninguém podia tocar.

Os casos de ascensão mais notáveis de que fui testemunha deram-se com M. Home.

Em três ocasiões diversas vi que êle se elevava *completamente* acima do pavimento do quarto.

Da primeira vez estava êle sentado numa *chaise-longue*, da segunda estava ajoelhado sôbre a mesma e da terceira estava em pé.

De todas as vezes tive toda a latitude precisa para observar o fenómeno, no momento em que se produzia.

Há pelo menos cem casos bem constatados de ascensões de Daniel Home, produzidas perante muitas pessoas diferentes, e ouvi mesmo da própria bôca de três testemunhas — o conde Dunraven, lord Lindsay e o capitão C. Wynne, a narração dos factos dêste género mais tocantes acompanhadas das suas maiores minuciosidades.

Regeitar a evidência destas manifestações, equivale a regeitar todo o testemunho humano, qualquer que êle seja, porque não há facto na história sagrada ou profana que se apoie em provas mais imponentes.

*

* *

O dr. Cyriax, de Berlin, conta, numa brochura que publicou com o título — *Como eu me tornei espiritualista*, uma aventura que lhe succedeu na América em 1853, em casa do pintor Lanning, de Baltimore.

Achavam-se então reunidos, no grande atelier dêsse pintor, umas cem pessoas pouco mais ou menos, afim de assistirem a umas experiências espíritas feitas com o *médium* M.^{me} French.

Tinha a *médium* caído em transe, quando súbitamente foi levantada do estrado sôbre que se achava e levada para o fundo da sala, por onde deu uma volta completa, pairando sempre a uma altura do sobrado de dois pés aproximadamente.

A vista dêste fenómeno, constatado pelos meus olhos e pelos de uma centena de damas e cavalheiros, causou-me um calefrio. Eu via ante mim, na plenitude dos meus sentidos, uma pessoa que, sem mexer um membro, pairava por cima do sobrado com os olhos fechados e os braços cruzados, e era transportada por entre duas filas de bancos contendo cada uma umas cinquenta pessoas, e voltando de novo ao fundo da

sala até ao estrado, proferindo simultâneamente um discurso, como se nada de extraordinário se houvera passado.

E eu via todas as outras pessoas constatarem o mesmo fenómeno, deixando-as atordoadas como a mim.

Os meus sentidos não me haviam pois enganado, era bem verdade aquilo que eu tinha visto.

Que fôrça é essa que tinha sido posta em jôgo?

Uma fôrça natural cega seria capaz de realizar tão pasmosos efeitos, sem chocar com qualquer obstáculo? Como tal hipótese estava em opposição com a experiência, fui obrigado, após um sério exame, a chegar à conclusão de que, nestas circunstâncias, parecendo suprimidas as leis da gravidade, ou pelo menos encontrando uma resistênciã, era indispensável admitir a intervenção duma vontade inteligente, e que, pois que essa vontade dava provas de intelligência, ela não podia emanar senão duma personalidade, dum individuo.

Querer explicar o facto por uma manifestação *inconsciente* dum cérebro, não era cousa admissível nestas circunstâncias.

Tal impressão me produziu êste fenómeno, que não dormi toda a noite: achava-me constantemente em frente do que tinha visto, e em vão tentava explicá-lo pelas leis naturais conhecidas.

*

* *

Em 12 de Abril de 1871 William Crookes escrevia a Home nestes termos:

—«Não hesiteis em citar-me como um dos vossos mais firmes aderentes. Uma meia dúzia de sessões no género da de ontem à noite, com alguns homens da sciência bem qualificados, bastariam para fazer admitir scientificamente essas verdades, *que se tornariam então tão incontestáveis como os factos da electricidade.*

*

* *

Em 16 de Dezembro de 1868, em Londres, numa sessão obscura, na presença de lord Adare, o capitão Winne e lord Lindsay, passaram-se os seguintes factos que são relatados à *Sociedade Dialética* por lord Lindsay, um dos presentes:

Home, que estava em *transe* havia já algum tempo, depois de ter passeado pelo quarto dirigiu-se à sala vizinha.

Neste momento uma comunicação veio assustar-me:

Eu ouvi uma voz murmurar ao meu ouvido: — Êle vai sair por uma janela e entrar pela outra.

Aturdido só de pensar numa experiência tão perigosa, eu disse aos meus amigos o que ouvira, e foi com grande ansiedade que aguardamos a sua volta. Ouvimos então levantar-se a janela do outro quarto, e quasi immediatamente nós vimos Home flutuar no ar pela banda de fora da nossa janela.

A lua batia em cheio no quarto, e como eu tinha as costas viradas para a luz, o apoio da janela fazia sombra na parede em frente de mim, e eu vi os pés de Home, que vieram projectar-se por cima, a uma distância de cêrca de seis polegadas.

Depois de ter ficado nesta posição durante alguns segundos, êle levantou a janela, introduziu-se no quarto com os pés para a frente e veio sentar-se.

Lord Adare passou então ao outro quarto, e notando que a janela por onde êle saíra estava aberta sómente até à altura de 18 polegadas, manifestou a sua surpresa por Home ter podido passar por tão pequena abertura.

O médium, sempre em *transe*, respondeu: — «Eu vos mostro isso». E virando as costas para

a janela, inclinou-se para trás e foi projectado para fora com a cabeça na frente, o corpo rígido e assim voltou ao seu lugar.

A janela está a 70 polegadas acima do solo e as duas janelas distam uma da outra sete pés e seis polegadas.

*

*

*

Como acabamos de ver, a *levitação* nem sempre se faz no sentido vertical: muitas vezes ela opera descrevendo um movimento de translação, como succedeu nos dois casos últimamente descritos.

Podíamos citar dezenas de factos similares, mas opõe-se a isso o plano que traçámos a esta obra.

*

*

*

Êstes fenómenos de *levitação* e os de *variação de pêso* dos corpos são por certo dos *mais incríveis* que o espiritismo apresenta, e todavia são de uma verdade irrefutável.

Mas, se parecem *incríveis*, é unicamente porque se admite *erróneamente* que êles importam uma *violação das leis da gravidade* e uma alteração na densidade dos corpos.

Mais tarde, depois de termos dado um esboço ligeiro das diversas teorias com que se tem tentado explicar êstes fenómenos, apresentaremos a nossa teoria, graças à qual o fenómeno perde todo o seu *aparente maravilhoso*, e cabe perfeitamente dentro das leis naturais.

Os ocultistas atribuem a levitação e a variação de pêsso à *preponderância do corpo astral*, que, emancipando-se do corpo carnal, arrasta após si o corpo físico. Neste ponto os ocultistas estão de acôrdo com os místicos, que sustentam doutrina análoga.

Os católicos por seu turno, atribuem êstes fenómenos à acção directa de entidades inteligentes invisíveis (anjos ou demónios).

Os orientais e com êles o dr. Fugairon atribuem a levitação à acção de fortes correntes electricas que se desenvolvem no corpo do *médium*.

Outros sustentam que os corpos muito eletrizados ou intensamente magnetizados se tornam mais leves. Mas esquecem que essa diferença de pêsso é *mínima*, pois se traduz apenas em algumas grammas, ao passo que nos casos de levitação teria de equivaler por vezes a muitas dezenas de quilos.

Depois há um outro *contra* a esta teoria, e é que a fôrça eléctrica ou magnética não é uma fôrça inteligente, ao passo que a fôrça levitante dá provas de ser inteligente.

Todas estas teorias são, a nosso ver, deficientissimas; pois não logram dar-nos uma explicação *cabal e satisfatória*. Por isso pensamos em apresentar outra que melhor satisfaça. Te-lo-emos conseguido? Os nossos leitores o dirão.

*

* *

Um corpo pesado *pode variar de pêso*, sem se alterar a constituição da sua massa, nem se alterar a sua densidade. Basta para o conseguir aplicar ao corpo pesado uma outra fôrça, que, ou actua no mesmo sentido da gravidade (e em tal caso o corpo aumenta de pêso), ou actua em sentido contrário (e nesse caso o corpo diminue de pêso). Se a fôrça aplicada fôr igual à da gravidade, o corpo flutuará indifferente na atmosfera. Pode demonstrar-se praticamente essa teoria por meio de um pesa-cartas e dum íman.

Coloque-se no prato do pesa-cartas um pedaço de ferro qualquer, e veja-se qual o pêso que acusa. Se por cima do pedaço de ferro colo-

colocarmos o íman, e o formos aproximando até que o ferro fique dentro da sua esfera de atracção, ver-se-há que o bocado de ferro *pesará tanto menos quanto mais próximo* estiver o íman.

Se colocarmos êste por baixo do prato do pesa-cartas, verificar-se-há que o ferro *aumentou de pêso*. E todavia a densidade do ferro *não mudou*, porque a sua massa *não se alterou*.

As leis que regulam a gravidade não se alteraram, nem se destruíram; simplesmente à fôrça da gravidade opôs-se uma outra fôrça *que a ajudou* num caso e a *contrariou* ou *compensou* no outro.

E' o que se dá com a levitação do corpo humano. Ao pêso do corpo humano resultante da gravidade opôs-se uma outra fôrça aproximadamente igual que permitiu ao corpo o flutuar ou elevar-se na atmosfera.

Mas que fôrça é essa que assim neutraliza a gravidade?

A nosso ver essa fôrça é a *fôrça psíquica*—ou a do *médium*, ou a de um *espírito desincarnado* que opera por intermédio do *médium*. No primeiro caso o fenómeno seria puramente *anímico*, no segundo o fenómeno seria puramente *espírita*.

Nós, atendendo a que a levitação só se dá no estado de *transe* ou de *êxtasi*, em que o *médium* não está no pleno gôzo das suas facul-

dades, antes está dominado pela fôrça psíquica de outrem, inclinamo-nos antes para a hipótese de ser *um espírito alheio* a causa determinante da levitação.

Desta sorte fica êste *milagre antigo* ou *mavilha diabólica* reduzida à sua expressão mais simples — um mero problema de *equilíbrio de fôrças concorrentes*, que em nada destrói as leis fundamentais da gravidade, antes as corrobora.

*

*

*

V — Execução de trechos musicais

A experiência mostra que a aptidão *mediúmnica* é variável de natureza e de intensidade de indivíduo para indivíduo. Alguns são mesmo especialistas; isto é, só teem aptidão para realizar determinados fenômenos. Tal é o caso que vamos narrar.

O dr. Frederick Willis, lente de patologia na Escola Médica de Nova York, a pág. 209 do *Spiritual Magazine* de 1867 descreve desta forma uma das suas experiências feitas com um *médium* músico.

— « Uma noite o *médium* foi para um quarto

escuro e sentou-se ao piano. Eu estava na sala imediata cuja luz entrava no quarto escuro pela porta que ficara aberta e que deixava visíveis todos os objectos que ali existiam.

Apenas o *médium* feriu no piano a primeira nota, logo um tamboril e campainhas pareceram brotar do sobrado e começaram a tocar uníssonos. Sem fazer ruído introduzi-me no quarto e durante alguns segundos pude assistir a um espectáculo raro e maravilhoso. Pude assim ver o tamboril e as campainhas em movimento: estas eram levantadas do chão e sacudidas por mão invisível e ressoava cada uma por sua vez artística e harmónicamente com as notas do piano. O tamboril era manejado com destreza e perícia, e todavia não havia mão alguma junto dêle.

Mas súbitamente, virando a cabeça, o *médium* notou a minha presença. Imediatamente todo o efeito cessou. Enquanto a minha presença no quarto só foi conhecida dos seres invisíveis, as manifestações continuaram; mas, logo que o *médium* a conheceu, tudo acabou. Uma ligeira emoção de receio tinha affectado a sua alma sensível de mulher, e foi isso o bastante para sustar todos os fenómenos.

Isto deu-me a entender que em geral é o estado do *médium* que torna difficil aos espiritos o manifestarem-se em plena luz, e não uma falta de poder ou de vontade da parte dêles».

*

* *

No seu livro — *Nouvelles Experiences sur la Force Psychique*, William Crookes narra minuciosamente as experiências que fez com Daniel Home, e com um harmónium que o *médium* segurava pelo lado oposto às chaves ou teclas, estando a outra mão do *médium* constantemente apoiada sôbre a mesa. Assim, seguro com três dedos apenas e encerrado numa gaiola de arame colocada debaixo da mesa, o harmónium executava árias completas, como se mão invisível manuseasse às teclas.

Outras vezes o harmónium agitava-se solto dentro da gaiola sem que mão alguma lhe tocasse, e apesar disso desempenhava peças musicais.

Aludindo a estas e outras experiências semelhantes, diz Crookes a páginas 158:

— «Atribuir êstes resultados à fraude é absurdo; porque devo mais uma vez lembrar que tudo quanto refiro aqui não se passou na casa de qualquer *médium*, mas na minha própria, onde seria impossível preparar de antemão qualquer cousa.

.....

—«Um médium não podia trazer consigo um aparelho para agitar as cortinas das janelas, para levantar as persianas até 8 pés de altura; não podia fazer um nó num lenço, e pô-lo num canto afastado do quarto, não podia fazer ressoar notas sôbre um piano, levantar de cima da mesa uma garrafa e um cális, fazer erguer-se verticalmente sôbre uma das suas extremidades um colar de coral; fazer mover um leque e abanar com êle os circunstantes; ou pôr em movimento a pêndula de um relógio encerrado numa vitrine fixa à parede.»

Daniel Home que durante 21 anos de carreira *mediúmnica* se submeteu voluntariamente a milhares de experiências sem que jámais se conseguisse encontrá-lo em fraude, além de ser notabilissimo pelas suas levitações, gozava de outra faculdade que para muitos era a mais singular.

Referimo-nos à prova do fogo.

Quando se achava em *transe*, tomava na palma da mão um carvão incandescente e passeava com êle em tórno da sala sem se queimar, e sem que a epiderme sofresse qualquer alteração fisiológica.

Êste facto, presencado por quatro ou cinco cavalheiros da maior respeitabilidade, não é ainda assim o que mais surpreende. O que toca quási as raias do impossível é o facto de êle poder

transmitir temporariamente a outros indivíduos essa imunidade. Foi assim que lord Lindsay, miss Douglas e Mr. Hall, graças à sua intervenção, fizeram com a sua assistência a mesma experiência sem se queimarem.

*

* *

VI — Claro-vidência — Claro-audição

A claro-vidência e claro-audição são também faculdades de que gozam certos *médiums*, em grau muito elevado.

Vêm muitas vezes os espíritos que os rodeiam, indicando-os pelos seus nomes, se por ventura os conhecem.

Acontece, porém, que muitas vezes vêm espíritos desconhecidos, que não podem dizer quem sejam; mas sucede por vezes descreverem-nos com tal minuciosidade, que alguns dos circunstantes, apesar de não os verem, os reconhecem como amigos ou parentes seus.

Outros lêem cartas lacradas e escrevem a resposta na mesma língua, embora essa língua lhes seja desconhecida.

O *médium* mais célebre nesta especialidade é Mansfield, o patriarca dos *médiuns* americanos.

Depois de tocar ao de leve as cartas lacradas que de toda a parte lhe eram enviadas, a sua mão tomava a pena, e, posta inconscientemente em movimento pelos espíritos, que o guiavam, traçava a resposta.

Um dia dois scépticos de Nova York, pretendendo desmascará-lo, foram ter com um chinês das suas relações e pediram-lhe que lhe escrevesse *em chinês* uma carta dirigida a seu pai, que havia falecido anos antes; mas sem enderêço, para não se saber a quem era dirigida.

O chinês satisfez o pedido, e depois de muito bem envolvida, fechada e lacrada, os dois americanos dirigiram-se a casa de Mansfield, pedindo-lhe uma sessão que lhes foi logo concedida.

Puseram a carta fechada sôbre a mesa e esperaram a resposta.

Mansfield tocou no envólucro, e tomando da pena pôs-se a rabiscar o quer que fôsse numas fôlhas de papel, e quando acabou, entregou a resposta e a carta fechada como a recebera.

Os americanos, entregando a carta e resposta ao chinês seu amigo, caíram das nuvens quando viram que a resposta estava escrita em *chinês* e que era assinada por seu pai, respondendo ao conteúdo da carta, e dava-lhe notícia

de um facto que êle desconhecia, o qual era o falecimento na China de uma prima dos americanos, ocorrido posteriormente à partida dêles daquela nação.

Foi tão concludente esta experiência que os dois scépticos converteram-se ao espiritismo e publicaram esta experiência.

*

* *

Mediumnidade Escrevente ou Psicografia

Uma das formas mais brilhantes e úteis porque os Espíritos se nos manifestam, revelando-nos a sua existência e o seu poder, as suas aptidões e o seu carácter, é indubitavelmente por meio da escrita.

É certo que as comunicações por meio de pancadas, batidas pelos pés das mesas, são as mais fáceis de obter e as mais vulgares, mas teem um grande defeito — são muito morosas.

Por isso pensou-se, e com razão, que se um espírito pode por meio do *médium*, exercer sobre êle uma acção bastante enérgica para a fazer bater com os pés da mesa um determinado nú-

mero de pancadas, mais facilmente poderia exercer no braço e mão do *médium* a acção precisa para o fazer escrever *mecânicamente* qualquer cousa.

E com efeito a experiênciã demonstra que há numerosíssimos *médiuns* desta natureza.

A *mediumnidade escrevente* ou *psicografia* pode ser de duas espécies:

- 1.º *Escrita automática*;
- 2.º *Escrita directa* ou *pneumatografia*.

A primeira é vulgaríssima, a segunda só os grandes *médiuns* a podem obter.

* * *

*

VII. Escrita automática

O *médium* escrevente toma um lápis e uma fôlha de papel, senta-se, concentra-se e aguarda os acontecimentos. Passado algum tempo, o braço direito entorpece-se, torna-se hirto, cataléptico; um tremor convulso o agita. É o espírito que toma posse do braço do *médium* e o faz escrever.

Mas a escrita, convulsivamente feita, limita-se a princípio a traços mais ou menos tremi-

dos onde a custo se distingue uma ou outra letra. E' não desanimar. E' assim que se começa. Passados alguns dias de exercícios improfícuos, começam a aparecer palavras completas, e em breve o *médium* pode escrever comunicações completas.

Os médiuns desta classe dividem-se em *mecânicos* ou *inconscientes*, e *intuitivos* ou *conscientes*. Os *médiuns mecânicos* não sabem o que escrevem, só terminada a correspondência é que pela leitura teem conhecimento do que escreveram.

Os *médiuns intuitivos* teem conhecimento do que vão escrevendo, porque o espírito que se comunica actua-lhes mais no cérebro do que no braço.

Dêstes *médiuns* os melhores são os *mecânicos* ou *inconscientes*. Nada os perturba ou incomoda. O médium desta natureza pode estar conversando ou discutindo com os circunstantes, enquanto a mão vai traçando *inconscientemente* a comunicação.

Se o médium é intuitivo, pode dar lugar a duvidar-se, se a comunicação é propriamente d'ele ou se é do espírito a quem é atribuída. Todavia, se o teor da comunicação fôr muito além do que é lícito supor da capacidade intelectual do *médium*, pode ter-se a certeza de que a comunicação não é obra d'este.

Assim, por exemplo, sendo o *médium* uma pessoa sem ilustração e que mal conhece a sua própria língua, se o vímos responder com o máximo acêrto e agudeza de espírito a questões de sciência ou de filosofia, que embaraçariam por certo os competentes na matéria; se vímos o *médium* escrever em várias línguas estrangeiras, que êle desconhece por completo, como se há de explicar o fenómeno, sem se admitir a intervenção de um *ser extranho*, que inspire o *médium*? Nêste género há bastantes *médiuns*, e como exemplo vamos apontar um:

O Juíz Edmonds era um magistrado distinto entre os membros do Supremo Tribunal de Nova York, e um scéptico e materialista convicto.

Despeitado com o malôgro das primeiras investigações, e com as conversões operadas entre os próprios investigadores e membros de comissões, o Juíz Edmonds, no intuito de fazer luz e desmascarar o embuste, impos-se voluntariamente a tarefa de estudar atentamente os fenómenos espíritas. Porêm, cousa singular! depois de um estudo pertinaz de 27 meses e de ter assistido a mais de 200 sessões com diversos *médiuns*, sem lograr descobrir o *presumido embuste*, o Juíz Edmonds proclamou-se espírita!...

A sua pública profissão de fé, atenta a sua alta posição social, produziu um verdadeiro escândalo.

Moveram-se contra êle despeitos, intrigas e perseguições, a ponto que conseguiram destituí-lo do alto cargo que occupava.

Ele, porêm, sorria-se desdenhoso dêsses espiritos mesquinhos, que julgaram abalar assim as suas crenças, ou vingar-se do seu nobre procedimento.

Mais tarde êle mesmo reconheceu que era *médium*, e sua filha, Laura Edmonds, tornou-se um dos mais notáveis *médiuns* dos Estados Unidos, na especialidade poliglota.

Laura Edmonds, que apenas conhecia a sua língua nativa, o inglês, e alguma cousa de francês, respondia às consultas que lhe eram feitas na própria língua do consulente, quer esta fôsse espanhola ou portuguesa, francesa ou italiana, alemã ou húngara, latina ou grega, e até em hindustâni ou nos dialectos dos indígenas da América.

E deve notar-se que as conversações que assim sustentava duravam por vezes mais de uma hora, sem que as pessoas conhecedoras dêsses idiomas lhe pudessem notar vícios de pronúncia ou erros de linguagem.

E' claro que tentar explicar factos dêstes, sem admitir a intervenção dos Espíritos, é *mais inverosímil* do que admitir essa intervenção; e é por isso que homens notabilísimos não duvi-

daram reconhecer públicamente que é esta a única explicação satisfatória.

Foi assim que o dr. Georges Sexton, depois de 15 anos de investigações, foi forçado a reconhecer que as comunicações, que recebia, eram de facto de amigos e parentes seus, falecidos em diversas épocas.

Por seu turno Camilo Flammarion, depois de 10 anos de investigações, num relatório que enviou à Sociedade Dialéctica de Londres, depois de declarar que admite a *realidade objectiva* dos fenómenos, acrescenta que a hipótese da intervenção dos Espíritos, única que pode explicar certos fenómenos, foi adoptada por bastantes sábios franceses, tais como o dr. Hoeffle, autor da *História da Química*, e da Enciclopédia Geral, e Mr. Herman Goldsmith, o célebre astrónomo a quem se deve a descoberta de 14 planetas.

*

* *

Depois de termos dito o indispensável sobre a escrita automática, executada mediante a mão do *médium*, é justo que nos ocupemos dum dos fenómenos mais assombrosos do espiritismo, e que demonstra pela forma mais cabal a existên-

cia dos Espíritos e o seu poder sôbre a matéria: — referimo-nos à *escrita directa* ou *pneumatografia*.

Dá-se êste nome à escrita que é obtida *directamente* sem a intervenção da mão do *médium*.

Não se julgue, porêem, que queremos dizer com isto que se prescinde do *médium* para casos dêstes. Pelo contrário: a sua presença é indispensável; e mesmo só *médiuns* duma certa fôrça logram obter correspondências desta natureza.

O que simplesmente queremos dizer é que nêste caso a mão do *médium* para nada serve, a não ser, nalguns casos, para segurar a superfície sôbre que se escreve.

Conquanto já anteriormente fôsse conhecida na América, a escrita directa foi introduzida na Europa pelo barão de Goldenstubbé, que em Paris fez estudos interessantíssimos sôbre êste fenómeno, e escreveu um livro importante: — *La Réalité des Esprits et de leurs manifestations*. Como apêndice a esta obra notável e de grande erudição, encontram-se no fim do volume 15 grandes estampas, contendo 93 fac-símiles da escrita de diversos espíritos, em línguas diferentes, variando o tipo da letra em harmonia com a letra que êle tinha durante a sua vida terrena.

A posição social do barão, a consideração de que gozava na sociedade mais ilustrada, a sua

independência de carácter e as testemunhas presenciais dos fenómenos a que alude, removem toda a suspeita de fraude a seu respeito.

Êste género de comunicações obtêm-se, como em geral as demais manifestações espíritas, mediante a concentração de espírito e a evocação.

Conquanto, em regra, seja indiferente o local e as circunstâncias acessórias, o barão de Goldenstubbé preferia fazer essas evocações nas igrejas, nos cemitérios, junto ao túmulo dos grandes homens, e nos museus, junto às estátuas dos heróis e vultos históricos. Junto ao pedestal da estátua depositava um papel branco, devidamente rubricado pelas testemunhas presenciais, e um lápis, e encerrava tudo num pequeno cofre fechado.

Pouco tempo depois de feita a invocação, abria-se o cofre, e o papel, que lá fôra encerrado em branco, achava-se agora coberto de palavras, e assinado quási sempre pelo espírito invocado. Em alguns dêsses escritos a letra é em tudo igual à que usavam quando viviam na terra.

Modernamente tem-se feito essas experiências empregando duas ardósias novas e iguais. Limpam-se estas perfeitamente, coloca-se sôbre uma delas um pequeníssimo lápis de ardósia, coloca-se a outra por cima, ligam-se perfeitamente uma à outra, lacra-se o atado, colocam-se sôbre a mesa e o *médium* põe-lhe a mão em

cima e espera-se um bocado. Quando o *médium* julga que a correspondência deve estar feita, desatam-se as ardósias e verifica-se o conteúdo.

Terminaremos êste assunto resumindo algumas das experiências feitas em Leipzig em 1877 pelo sábio astrónomo Zoelner, com o *médium* Slade, em casa do astrónomo e na presença de várias notabilidades da sciência alemã.

—«Na noite seguinte, 16 de Novembro de 1877, diz Zoelner, coloquei uma mesa de jôgo com quatro cadeiras num quarto onde Slade nunca tinha entrado. Depois que Fechner, o professor Braune, Slade e eu collocámos as nossas mãos entrelaçadas sôbre a mesa, sentiram-se pancadas batidas nêste móvel; eu tinha comprado uma ardósia, que tínhamos marcado, um fragmento de lápis foi depositado sôbre a ardósia, que Slade colocou à borda da mesa; súbitamente a minha faca foi projectada à altura de um pé, caindo em seguida sôbre a mesa...

Repetindo-se a experiência com duas ardósias, bem limpas e sobre-postas, tendo interiormente um fragmento de lápis, foram as ardósias seguras por Slade, apoiando-as sôbre a cabeça do professor Braune.

Ouviu-se uma ligeira raspadura, e quando as ardósias se abriram, acharam-se sôbre elas muitas linhas de escrita.

Duma outra sessão a que assistiram mais os

professores W. Weber, C. Ludwig, Thiersch e Wundt, diz Zoelner o seguinte:

—No domingo 18 de Novembro estávamos reunidos, eram três horas da tarde. Eu tinha comprado *nova* mesa de jôgo, feita de madeira de nogueira.

As ardósias tinham sido compradas por mim e pelos meus amigos e por todos marcadas.

Entre uma dupla ardósia que Slade segurava na mão, por cima da mesa, bem à vista de todos, três aforismos se acharam escritos, um em inglês, outro em francês, e outro em alemão, e cada um dêles escrito com letra diferente».

*

* *

VIII—Manifestações várias

Ao passo que vamos subindo na escala ascendente dos fenómenos espíritas, vai *pari-passu* subindo igualmente a nossa maravilha, porque o assombro recresce a ponto que, sentir-nos híamos tentados a *qualificar de falsos* êsses fenómenos, se não fôra a probidade e autoridade científica daqueles que no-los atestam, pois fôra mister

supor que êsses meticolosas observadores — ou *tentaram iludir-nos, ou se deixaram iludir.*

Que outros façam tão caluniosa afirmação; — nós não.

No seu curioso livro *Choses de l'autre monde*, Eugène Nus, um espírita convicto, mas a quem falta a coragem para afirmar francamente que o é, com receio de incorrer no ridículo, diz-nos, a pág. 250, o seguinte:

— «Eu vi, nessas sessões obscuras mãos luminosas agarrarem, de sôbre a mesa, caixas de música, passeá-las através do quarto, e elevá-las até ao teto.

Uma noite, num quarto de dormir, levaram-nas para debaixo da cama. O mesmo succedeu com uma campainha, que dedos fosforescentes agitavam no ar, afastando-se, apróximando-se, volteando até às extremidades do quarto, introduzindo-se debaixo da cama e mesmo sob o *edredon*, que a cobria, onde a campainha, sempre agitada, só se ouvia em surdina; depois do que a campainha, a pedido meu, foi depositada na minha mão, estendida por debaixo da mesa para a receber.

Senti, também na obscuridade, o ruído que faz um lápis escrevendo sôbre fôlhas de papel que nós colocávamos sôbre a mesa.

Acesa a luz, achavam-se frases perfeitamente traçadas e desenhos perfeitíssimos.

Lembro-me, entre outros, dum pequenino ramo de flores de traços tão finos e complicados, que era mister olhá-lo muito de perto e quási à lente, para lhe distinguir as minudências. Pois apesar disso, foi executado em menos de três minutos».

Quando as aparições são luminosas, é condição indispensável, para se tornarem visíveis, o realizarem-se na obscuridade.

Deixamos agora falar o eminente físico, William Crookes:

—«É inútil recordar que nestas experiências eu tomei todas as precauções convenientes para evitar que me iludissem por meio do óleo fosforado, ou por outros meios.

Além de que devo acrescentar que muitas dessas luzes eram duma natureza tal, que nunca pude conseguir imitá-las por meios artificiais.

Nas condições de fiscalização mais rigorosa vi um corpo sólido luminoso do tamanho aproximado de um ovo de perúia flutuar sem ruído através do quarto, elevar-se por vezes até ao tecto e descer brandamente sobre o sobrado. Êste objecto foi visível durante mais de dez minutos, e antes de desaparecer bateu três vezes sobre a mesa com um ruído semelhante a um corpo sólido e duro».

A aparição de mãos luminosas na obscuridade é um fenómeno tão trivial que William

Crookes só alude a êle de passagem, como cousa de somenos importância.

Por isso passamos agora às aparições de mãos em plena luz, mãos com toda a aparência de vida, de uma perfeição e nitidez de forma tal, que não se distinguiriam das verdadeiras, se fizessem parte de um corpo qualquer.

Seja ainda Crookes quem fale.

—«Uma mãozinha de bellissima forma se levantou da mesa de jantar e deu-me uma flor.

Noutra ocasião uma mão e braço pequeninos, semelhantes aos de uma criança, apareceram brincando sôbre uma senhora que estava sentada junto de mim.

Doutra vez vi um dedo e um polegar arrancar as pétalas de uma flor que estava na botoeira de Mr. Home, e depositá-las diante de várias pessoas que estavam sentadas junto dêle. Mas nem sempre as mãos e dedos me pareceram sólidos e como vivos. Por vezes, devo dizê-lo, ofereciam antes a aparência de uma nuvem vaporosa condensada em parte em forma de mão.

Por várias vezes vi, primeiro mover-se um objecto, depois uma nuvem luminosa formar-se em tórno dêle e emfim a nuvem condensar-se, tomar uma forma, e transformar-se em mão de uma conformação perfeitissima. Mas nem sempre essa mão parece uma simples forma, às vezes mostra-se animada e mui graciosa. Os dedos mo-

vem-se, e a carne parece tão humana como a das demais pessoas presentes. Mas no punho ou no braço torna-se vaporosa e difunde-se numa nuvem luminosa.

Ao tato estas mãos parecem às vezes frias como gelo e mortas, outras vezes parecem-me quentes e vivas, e apertam a minha com o apêto firme de um velho amigo.

Retive um dia uma destas mãos na minha; nenhum esforço houve da parte dela para me fazer largar a prêsá: mas pouco a pouco a mão pareceu resolver-se em vapor, sendo assim que se libertou da minha».

Estas observações de Crookes são importantíssimas, porque contem o *modus faciendi* das materializações. Quando a fôrça do *médium* não é suficiente para produzir uma materialização completa, produz-se apenas *uma parte* do corpo, uma mão, um pé, ou uma cabeça.

Mas em qualquer dos casos a materialização só é completa na parte principal, a aparição vai diminuindo de densidade para a extremidade, rarefazendo-se até se esvair de todo numa nuvem mais ou menos imperceptível.

Em uma sessão de materialização a que o autor teve a felicidade de assistir em Paris em Julho de 1900 vimos nós a uma distância de dois metros quando muito uma destas materializações parciais. Era uma mão e braço em todo o seu

comprimento, braço musculoso e forte de marinheiro.

A claridade de uma lâmpada vermelha que sôbre êle batia em cheio, deixava aperceber perfeitamente o jôgo dos músculos, porque o braço e mão eram *bem vivos*, praticando todos os movimentos que lhe poderia imprimir uma pessoa viva. Mas, próximo do ombro, a matéria de que era formado esfumava-se pouco e pouco até desaparecer por completo.

*

* *

A experiência demonstra que a aptidão *mediúmnica* não é a mesma em todos os *médiuns*.

Alguns acumulam diversas aptidões, outros são especialistas num determinado género.

Citaremos a propósito um *médium* notabilíssimo, M.^{me} Guppy, célebre na sua especialidade — a produção ou *apport* de flores naturais.

Uma das mais interessantes experiências realizadas com ela foi feita em Florença na presença de Mr. Adolph Trollope, da esposa dêste, de Miss Blagdem e do coronel Harvey.

O quarto onde se realizou foi prévia e rigorosamente inspeccionado pelos homens. M.^{me}

Guppy foi despida e tornada a vestir por M.^{me} Trolloppe, e cada peça do seu vestuário cuidadosamente examinada. Sentaram-se todos em tórno de uma mesa, sendo M.^{me} Guppy muito bem segura.

A sessão era às escuras. Passados dez minutos todos exclamavam que cheirava a flores, e acendendo-se uma vela, verificou-se que os braços de M.^{me} Guppy e os de Mr. Trolloppe estavam cobertos de junquinhos, que enchiam o ambiente com o seu perfume.

Doutras vezes as flores não só eram da espécie que se pedia, mas apareciam até cobertas de um ténue orvalho. (Vide *Rapport de la Societé Dialectique sur le Spiritualisme*).

*

* *

Não são menos notáveis as experiências feitas em Leipzig pelo astrónomo Zoellner com o *médium* Slade, e com a assistência dos professores Weber, Scheiner, Ludwig e outros.

Citaremos algumas:

Em um vaso cheio de farinha achou-se o vestígio de uma mão, com todas as sinuosidades da epiderme distintamente visíveis.

Quási ao mesmo tempo Zoellner sentiu que uma mão grande e forte lhe apalpava o joelho. Essa mão, enfarinhada, estampara-lhe na calça todos os seus contornos. Examinadas as mãos do *médium*, que aliás tinham estado sempre apoiadas sôbre a mesa, não se lhes notou sinal algum de farinha, verificando-se ainda que as mãos dêste eram mais pequenas do que as estampadas na calça.

Com papel enegrecido à luz de um candieiro de petróleo, e pregado numa tábua, obteve-se uma manifestação mais durável, aparecendo sôbre êle nitidamente desenhado um pé descalço.

Então, a pedido dos professores, Slade levantou-se, tirou os sapatos, mostrou os pés, verificando-se assim não só não haver nêles vestígio algum de negro de fumo, mas a circunstância importante de terem quatro centímetros a menos do que o pé estampado no papel.

Repetiu-se esta experiênciã sôbre uma ardósia, fotografando-se em seguida o vestígio ali deixado, que, como Zoellner fez notar, era o de um pé que tinha usado botas apertadas, por isso que um dedo era coberto pelo outro por forma tal que não era visível.

Mais tarde Zoellner colocou, sôbre a superficie interior de uma dupla ardósia com dobradiças, duas fôlhas de papel preparadas com negro de fumo, e, dobrando-as em seguida, colocou-

-as sôbre os joelhos, afim de as ter sempre à vista.

Então, passados cinco minutos, em um quarto bem iluminado, estando todas as mãos sôbre a mesa, e sem que o *médium* lhe tocasse, Zoellner sentiu por duas vezes uma pressão sôbre as ardósias que tinha nos joelhos.

Abertas estas, achou-se em cada uma delas o vestígio de um pé (direito e esquerdo).

Comentando esta experiênciã, diz o ilustre sábio :

— « Depois de ter sido testemunha dêstes factos, os meus leitores podem crer que me é impossível considerar Slade como um impostor, ou um prestidigitador.

Outro fenómeno não menos surpreendente é o que foi várias vezes feito por Slade na presença do astrónomo e dos seus companheiros. E' o de dar nós em cordas ou correias depois das suas extremidades terem sido lacradas e seladas sôbre uma mesa.

*

* *

IX. — Fenómenos de Encorporação ou Mediumnidade Vocal.

Dá-se o nome de *encorporação* ao facto de *um espírito livre tomar posse efectiva do corpo do médium*, substituindo-se temporariamente ao seu espírito próprio.

Êste fenómeno, aliás muito vulgar, só se dá no estado de *transe*. Para êle se realizar tornam-se indispensáveis determinadas disposições especiais.

Para bem se compreenderem êstes fenómenos torna-se indispensável descrever minuciosamente uma sessão dêste género.

Num quarto espaçoso e fechado, na escuridão absoluta, ou, pelo menos, frouxamente iluminado por uma lanterna vermelha, reúnem-se 6 a 20 pessoas e o *médium*. Ao centro da sala senta-se, numa cadeira forte e de braços, o *médium*, que por cautela deve ter os braços bem ligados aos da cadeira, e em certos casos também os pés.

Em tórno do *médium*, formando circulo,

sentam-se os circunstantes, alternando-se, sempre que possível seja, os homens e as mulheres, e dão-se as mãos, formando cadeia; o director da sessão deve ficar o mais próximo possível do *médium*, para o observar, e prestar socorro, sendo preciso.

Nestas sessões *só o director deve usar da palavra*; os circunstantes devem guardar o mais rigoroso silêncio, *obedecer passivamente ao director e identificar-se completamente com êle*, por forma que em todo o círculo haja *uma só vontade*, e, por assim dizer, *um só pensamento*. Estabelece-se o mais absoluto silêncio. Todos os circunstantes se concentram, afugentando de si quaisquer outros pensamentos. O director da sessão, que deve ser o mais conhecedor do assunto, ou o que disponha de um poder psíquico maior, faz a meia voz uma invocação ao Criador, e aos bons espíritos, pedindo o seu auxílio, invocação com que todos os circunstantes se identificam.

Então aguarda-se em silêncio a aparição dos primeiros sintomas do transe, que se demoram um tempo variável, (de um quarto até três quartos de hora).

Se bem que os sintomas precursores do transe sejam variáveis de um para outro *médium*, todavia *geralmente* num transe bem caracterizado os fenómenos passam-se desta sorte.

O *médium* cai insensivelmente em sono letárgico; e começa depois uma crise acompanhada de gemidos, ais, e movimentos bruscos de aparência cataléptica.

O tórax agita-se com movimentos sacudidos, convulsivos. O pescoço aumenta de volume, o *médium* revela um sofrimento maior ou menor.

Êstes sintomas resultam da luta que se trava entre o espírito do *médium*, que não quer sair do corpo, e o *espírito adventício* que trata de apoderar-se dos órgãos, que lhe não pertencem. Em geral é êste quem vence; mas muitas vezes succede que o espírito intruso *não pode* ou *não sabe* servir-se de improviso dos órgãos que conquistou. Daquí resultam ruídos vários, gemidos, ais, gritos, berros, uivos e deglutições em sêco, ruídosas e muito repetidas.

Muitos não passam disto; e não conseguem falar, por forma a serem entendidos; mas a grande maioria, depois de uma certa trenagem, adapta-se por fim aos órgãos do *médium* e fala fácil e correntemente.

Então pode assistir-se a scenas do género mais variado. Umás vezes são comunicações respeitantes à vida do falecido, ou dos seus parentes vivos, outras, quando o espírito que se manifesta é culto e tem um certo adiantamento moral, são discursos sôbre a vida de além-túmulo, exortações sôbre moral, sociologia, ou sôbre filo-

sofia e sciências diversas; e êsses assuntos são sempre tratados com uma elevação superior, que transcende quási sempre a capacidade do *médium*.

As sessões dêste género proporcionam-nos as mais agradáveis surpresas; são geralmente de um encanto indizível.

Geralmente, em cada sessão não se manifesta um só espírito, mas sim dois, três ou muitos mais. E cada um fala *com voz diferente*, muito aproximada àquela que tinha na Terra; cada um tem seu modo de falar especial e seus gestos próprios.

No seu grau mais elevado êste fenómeno é acompanhado da *transfiguração* completa do *médium*, isto é, o corpo, e sobretudo a fisionomia do *médium*, transformam-se temporariamente por forma tal que o fazem assimilhar imenso ao falecido, incarnado no *médium*.

Em Paris tivemos nós ocasião de assistir a uma sessão dêste género, com o *médium* M.^{me} Lay Fonvielle, especialista nêste género.

Numa sessão realizada em plena luz do dia, vimos nós esta senhora, que devia ter então os seus cinquenta anos, transformar-se (fisionomia e voz) em uma bonita rapariga de dezoito anos, e pouco depois numa pessoa da minha família, homem velho e doente.

E a similhaça era tal, que a comoção que senti foi profundíssima e penosa em extremo.

Por isso estas sessões de incorporação são muitas vezes extremamente impressionantes.

*

* *

X.—Materializações Completas

Chama-se *materialização completa* à formação *temporária*, e mais ou menos *efémera*, de um ser vivo, num local onde êle não existia.

Desmaterialização é a desapareição súbita ou gradual dessa mesma forma viva.

Quando a *materialização* não é de corpos vivos, mas de produtos do reino vegetal ou mineral, tomam geralmente o nome de *aports*.

Tratemos agora sómente das materializações de seres vivos.

Êste fenómeno apresenta-se em graus de diversa intensidade.

No seu gráu mais fraco a materialização aparece apenas como um clarão na obscuridade, clarão que pouco e pouco se define e mostra como um busto ou figura inteira, mas de contornos vagos e imprecisos.

No seu gráu médio essa forma, a princípio

vaga e imprecisa, aclara-se pouco e pouco, toma as côres naturais e apresenta as formas nítidas de uma pessoa conhecida; mas essa forma é de natureza instável, durando apenas poucos instantes.

No seu gráu mais elevado a forma criada pelo *médium* ou antes à custa dêle, não é já uma forma fantástica,—é um *corpo completo, vivo, cujos pulmões respiram, cujo coração bate, cujo sangue circula, cuja bôca fala e cujo pensamento funciona*. Tem simplesmente uma *vida efémera*, pois pode viver quando muito algumas horas.

Passado êsse tempo desaparece, tal qual como appareceu.

Estas formas materializadas teem sido fotografadas muitas vezes, e teem-se obtido em parafina moldagens perfeitíssimas das suas mãos e pés.

Estas formas humanas transitórias teem o pêso normal do corpo humano; e se se faz a pesagem do *médium* antes da sessão, verifica-se que êsse pêso é igual à soma dos pesos da forma materializada e do *médium* enquanto dura o fenómeno. Isto prova por uma forma incontroversa que a matéria de que é feita a *forma materializada* foi inconscientemente fornecida pelo *médium*.

Há uma estreita e íntima relação entre o *médium* e a *aparição*. Assim, muitas vezes a apa.

rição, embora difira muito nos seus caracteres mais importantes (estatura, côr da tez e dos cabelos, sexo, etc.) apresenta algumas similitudes com o *médium*.

Se durante a sessão se fizer uma nódoa de tinta num ponto determinado da aparição, essa nódoa se achará mais tarde no corpo do *médium*, embora em sítio diverso.

Qualquer ferida feita na aparição é sofrida pelo *médium*, como se nele fôra feita.

Em conclusão: toda a *materialização produzida* é acompanhada de uma *desmaterialização* proporcional do *médium*.

Os *aports* explicam-se por uma *desmaterialização* completa do objecto transportado, seguida da *materialização* do mesmo corpo no sítio onde aparece.

Agora passemos aos *factos* que comprovam esta teoria.

*

* *

Quando se dispõe de um bom *médium*, dos denominados *materializantes*, isto é, dos que teem capacidade para produzirem, por sua intervenção *formas, materiais, palpáveis, vivas*, as

experiências assumem então um carácter *assombroso, inimaginável*.

Então, do *médium* em estado letárgico, e do lado esquerdo do tórax, na região correspondente ao baço, destaca-se uma espécie de nuvem subtilíssima, que pouco e pouco se adensa, se eleva e congloba, até formar um *ser humano* mais ou menos nítido, que, atingindo o máximo gráu de intensidade, reveste todas as *aparências de vida, andando, falando e praticando todas as acções próprias dos seres vivos*.

Êstes *médiuns*, pouco vulgares na Europa, são numerosíssimos na América do Norte, foco ingente da cultura espírita.

Aí tornaram-se notáveis, além de Miss Kate Fox, M.^{mes} Hull, Cadwell, Fay, Caffrey, Allen, e as irmãs Berry, entre muitas outras.

Na Europa, e na mesma categoria, ocupam lugares preponderantes, M.^{me} d'Esperance, Miss Florência Cook, e Eusápia Paladino.

*

* *

Não há muitos anos ainda que os jornais de Nova York se ocuparam muito de manifestações de um espírito que se materializava por uma

forma singular em Astória, em frente da grande capital, na residência de Mr. Hatoh, homem opulento e bem conhecido em Nova York.

Tendo-lhe morrido na idade de 18 anos sua filha Lizzia, êle e sua espôsa, para se consolarem, lembraram-se de mandar vir de Boston M.^{me} Hull, *médium* materializante, no intuito de, por seu intermédio, poderem tornar a ver a filha idolatrada.

E, com efeito, durante todo o inverno, os esposos Hatoh puderam gozar da presença de sua filha Lizzia, que se materializava e desmaterializava à sua vista em pleno salão.

M.^{me} Hull, o *médium*, caía em letargia sôbre uma cadeira à vista de todos.

Uma pequena nuvem branca surgia súbitamente do tapete, adensava-se pouco e pouco, até que as formas graciosas de Lizzia se desenhavam nítidas, vivas, palpáveis, como outrora.

Então a criança ressurgida corria a abraçar seus pais, sentava-se junto dêles, ou então dirigia-se ao piano, tocava os seus trechos favoritos, ou cantava em voz alta, acompanhando-se ao piano.

Outras vezes subia ao seu quarto, então deserto, acompanhada pelos pais, revolvía as roupas e brinquedos, e punha-se a fazer a sua *toilette*.

Como êstes factos extraordinários começassem a propalar-se no exterior, a imprensa enviou

os seus *reporters*, que foram perfeitamente recebidos, e daí vieram os relatórios que foram publicados nos maiores jornais de Nova York, e doutras cidades.

*

* *

Já por diversas vezes temos falado do poder *mediúmnico* de Miss Kate Fox; reservámos, porém, para êste lugar o falar das experiências em que êsse misterioso poder atingiu a sua culminância.

Mr. Livermore, conhecido banqueiro de Nova York, era um scéptico intransigente que, como tantos outros, se propôs desmascarar os espíritos.

Para isso assistiu durante cinco anos a mais de trezentas sessões de experiência, feitas com todas as precauções e minudências de que é capaz um homem inteligente, quando o anima o desejo ardente de desvendar um embuste, em que piamente acredita.

Em todas essas sessões o fenómeno mais importante e convincente que se produziu foi o que teve lugar com a *médium* Miss Kate Fox, consistindo na aparição de uma figura *tangível, visível e audível*, que em nada se distinguia das pessoas vivas, a não ser na facilidade com que se *volatilizava* na presença dos circunstantes.

Às vezes aparecia no meio de uma nuvem luminosa, para em breve desaparecer como surgira.

Essa figura misteriosa era nada menos do que a mulher do próprio investigador, Mr. Livermore, falecida alguns anos antes, e que inúmeras vezes se lhe apresentou numa forma *tão perfeita e concreta*, que, se não fôra a certeza de ter falecido há muito, seria tomada pela própria.

Esta aparição conversava, mexia nos móveis, e, com a sua própria letra de outros tempos, escrevia cartas, que o marido ainda hoje conserva para prova irrefragável da *realidade da aparição*, que aliás é atestada por mais dois amigos.

Estas aparições realizavam-se num quarto absolutamente fechado em casa do marido.

Que mais poderia exigir um homem *racional e lógico* para se convencer de que os mortos *vivem* a despeito da morte, e de que os espíritos são uma *realidade objectiva, visível, audível e palpável?*

Foi por isso que Livermore, que, apesar de scéptico, era um homem *lógico e sensato*, se convenceu de que o espiritismo *não era um embuste*, porque o concurso de três sentidos, *vista, ouvido e tacto*, lhe atestavam que sua espôsa *existia ainda*, pois que a *vira, ouvira e sentira*, por muitas vezes, junto de si, apesar de ter falecido alguns anos antes.

O leitor a quem apraza obter mais esclarecimentos à cerca desta interessantíssima aparição, pode encontrá-los na obra de *Robert Owen — La Region Discutée*.

*

* *

Porêm, de entre todas as manifestações e aparições espíritas, nenhuma por certo iguala a de que nos vamos ocupar, já pela duração e persistência do fenómeno, já mui especialmente pela autenticidade que lhe advêm de ter sido observada com todo o rigor científico por uma das mais fulgurantes notabilidades da sciência europeia, o eminente físico, químico e astrónomo inglês William Crookes.

Não se trata agora de uma aparição momentânea, mais ou menos efémera, mas de um fenómeno duradouro e repetido quasi diáriamente, durante três anos, e que o sábio inglês pôde estudar meticolosamente.

O *médium* era Miss Florência Cook, rapariga de 15 anos, baixa, trigueira, de cabelos quasi pretos.

A aparição tomava o nome de Katie King e revelava-se em plena luz, sob as formas de uma mulher joven, alta, bela, de tez branca e cabelos

louros, em parte cobertos com uma espécie de turbante de côr branca, com as ronpagens em que habitualmente se envolvia.

O *médium* trajava quási sempre de veludo preto.

Enquanto a aparição passeia livremente em plena luz pela casa de jantar do sábio químico, conversando com êste e com os filhos e espôsa, o *médium* jaz no quarto contíguo, às escuras, em estado letárgico, deitado sôbre um sofá, e separado da casa de jantar por uma cortina ou reposteiro.

Posto isto como preliminar, damos a palavra ao eminente sábio, afim de que seja êle, e não nós, quem descreva algumas das suas últimas sessões, realizadas todas, como dissemos, na sua própria casa.

*

* *

« Havia algum tempo, diz êle, que eu fazia experiências com uma lâmpada de fósforo, que consistia em uma garrafa contendo um pouco de óleo fosforado, sólidamente rolhada.

Eu tinha razões para crer que à luz dessa lâmpada alguns dos misteriosos fenómenos do gabinete poderiam tornar-se visíveis, e esta minha

esperança era igualmente compartilhada por Katie King.

No dia 12 de março, durante uma sessão em minha casa, e depois de Katie ter caminhado por entre nós e nos ter falado durante algum tempo, ela retirou-se para detrás da cortina que separava o meu laboratório, onde os assistentes estavam sentados, da minha biblioteca, que temporariamente servia de gabinete escuro. Instantes depois Katie entreabriu a cortina e chamou-me dizendo: — « Entrai, e levantai a cabeça do meu *médium*, que caiu no chão ».

Katie estava então em pé diante de mim, com o seu traje branco habitual e toucada com o seu turbante.

Dirigi-me logo para a biblioteca para levantar Miss Cook, e Katie deu alguns passos para o lado para me deixar passar.

Com efeito Miss Cook tinha escorregado em parte do canapé e a sua cabeça pendia numa posição penosa.

Coloquei-a de novo convenientemente, e, fazendo isto, tive, apesar da obscuridade, a viva satisfação de verificar que Miss Cook trajava de veludo preto, seu fato habitual, bem diverso do de Katie, e que aquela se achava em letargia profunda.

Havia apenas três segundos que eu vira Katie trajando de branco.

Voltando ao meu posto de observação, Katie reapareceu, dizendo-me que julgava poder mostrar-se-me, ao mesmo tempo que o seu *médium*.

Diminuindo-se a luz do gás, pediu-me a lâmpada de fósforo.

Depois de se ter mostrado, à sua pálida luz, durante alguns segundos, entregou-me dizendo: — « Agora entrai, e vinde ver o meu *médium* ».

Segui-a de perto para a biblioteca, e à luz da lâmpada vi Miss Cook descansando no sofá tal como eu a deixara. Olhei em torno de mim para ver Katie, mas tinha desaparecido.

Chamei-a: não tive resposta. Voltei para o meu lugar e logo Katie reapareceu, dizendo-me que, durante todo esse tempo, estivera em pé junto de Miss Cook.

Perguntou-me então se não poderia ela mesma tentar uma experiência, e, tomando nas mãos a lâmpada de fósforo, passou para detrás da cortina, pedindo-me que não olhasse, por agora, para o gabinete. Passados alguns minutos restituiu-me a lâmpada, dizendo que nada conseguira, que exgotara todo o fluido do *médium*; mas que tentaria de novo para outra vez.

Meu filho mais velho, rapaz de 14 anos, que estava sentado defronte de mim, em posição tal que podia ver alguma coisa por detrás da cortina, disse-me ter visto distintamente a lâmpada de fósforo flutuar no espaço por cima de Miss

Cook, e iluminando-se, enquanto ela jazia estendida inerte sôbre o sofá; mas que não vira ninguém segurar na lâmpada ».

*

* *

« Passo agora à sessão realizada ontem à noite. Nunca Katie apareceu com tão grande perfeição como desta vez.

Durante perto de duas horas passeou pelo quarto, conversando familiarmente com todos os circunstantes.

Por várias vezes ela tomou o meu braço, e, camínhando assim, a impressão que eu ressentia era a de uma *mulher viva*, que se achava ao meu lado, e não um visitante do outro mundo; e esta impressão foi tão forte e profunda, que se me tornou quási irresistível a tentação de repetir uma recente e curiosa experiência.

Pensando pois que, se não era um espírito que eu tinha junto de mim, era pelo menos uma senhora, pedi-lhe a permissão de a tomar nos meus braços, afim de me permitir verificar as interessantes observações, que um experimentador ousado tinha havia pouco feito conhecer por uma forma um tanto prolixa.

Essa permissão foi-me graciosamente concedida, e por tanto usei dela, em termos hábeis, como em análogas circunstâncias o haveria feito uma pessoa bem educada.

E é por isso que posso assegurar que o *fantasma*, (que aliás nenhuma resistência opôs), era um ser *tão material* como Miss Cook.

Katie disse-me então que desta vez se julgava capaz de se mostrar ao mesmo tempo que o seu *médium*.

Diminui a luz do gás, e tomando a lâmpada de fósforo, penetrei no quarto, que servia de gabinete.

Mas, previamente, eu tinha pedido a um amigo, que assistia à experiência, e é hábil estenógrafo, que notasse toda a observação que eu pudesse fazer, enquanto estivesse no gabinete, pois eu conheço a importância que se liga às primeiras impressões, e eu não queria confiar à minha memória mais do que era necessário.

Essas notas tenho-as agora diante de mim.

Entrei no quarto com precaução; estava escuro, e foi às apalpadelas que dei com Miss Cook, que encontrei agachada no chão.

Ajoelhando, deixei entrar na lâmpada algum ar, e à sua luz pude ver que estava vestida de veludo negro como no começo da sessão, e tinha toda a aparência de estar completamente insensível.

Não se mexeu quando lhe tomei a mão e lhe aproximei do rosto a lâmpada; pois continuou respirando suavemente.

Elevando então a lâmpada e olhando em torno, vi Katie, que estava junto de Miss Cook, mas por detrás dela.

Trajava roupas brancas flutuantes, como as com que se mostrara já nessa sessão.

Segurando uma das mãos de Miss Cook, e ajoelhando ainda, levantei e abaixei a lâmpada para me assegurar de que era a verdadeira Katie, que eu via, aquela que pouco antes apertara nos meus braços, e não o fantasma criado por um cérebro doente,

Por três vezes diferentes examinei Katie e o *médium*, para me assegurar de que eram exactamente elas que ali estavam. Por fim o *médium* fez um ligeiro movimento, e Katie fez-me sinal para que me retirasse.

Retirei-me para outro canto do gabinete, e deixei então de ver Katie; mas não deixei o quarto sem que o *médium* acordasse, e que dois dos assistentes entrassem no gabinete com luz ».

William Crookes a princípio suspeitava que Miss Cook e Katie King fôsem uma e a mesma pessoa; mas mais tarde teve ocasião de convencer-se de que errara na sua conjectura, pois havia muitas e grandes diferenças entre elas, tais como e estatura, a côr da tez e dos cabelos, os dedos

das mãos, etc. E finalmente o facto de ver as duas *simultâneamente* junto de si, acabou de cortar de vez toda e qualquer dúvida.

Por várias vezes Katie havia declarado que só poderia aparecer com o seu *médium* durante três anos, findos os quais desapareceria para não mais voltar.

Na semana que precedeu a sua desapareição definitiva (o que se realizou a 21 de Março de 1874), Katie deu sessões em casa de W. Crookes, quási todas as noites, afim de lhe permitir o fotografá-la à luz artificial.

Cinco máquinas fotográficas colocadas em sítios diversos da sala eram simultâneamente empregadas para fotografar Katie no momento em que ela fazia a sua aparição junto da cortina. O preparo e revelação das chapas era feita pelo próprio Crookes, auxiliado por um ajudante. Desta forma pôde obter 15 *clichés* por noite, fazendo ao todo 44 negativos, alguns excelentes, e os outros regulares ou medíocres.

De todos os assistentes o único que podia estar de pé e andar por onde lhe aprouvesse era Crookes; os outros deviam estar sempre sentados.

— «Segui-a, diz Crookes, muitas vezes para o gabinete e vi por várias vezes Katie e o seu *médium* simultâneamente; mas as mais das vezes só encontrava o *médium* em estado letárgico; Katie e o seu fato branco haviam desaparecido».

Florência Cook passava às vezes semanas inteiras em casa de Crookes, vivendo constantemente em companhia da esposa dêste e dos filhos, e a única bagagem que levava era um pequeno saco de noite que não tinha fechadura.

Depois de jantar e de conversar um bocado, Miss Florência Cook dirigia-se para o gabinete escuro, estendia-se no chão, com a cabeça apoiada numa almofada, e em breve caía em letargia.

— «Durante as sessões fotográficas, diz Crookes, Katie envolvia a cabeça do *médium* em um chale, para que a luz não incidisse sôbre o seu rosto.

Freqüentes vezes levantei um canto da cortina, quando Katie estava em pé junto dela. As sete ou oito pessoas que assistiam às experiências viam então nítidamente e ao mesmo tempo Katie e o *médium* sob o jacto brilhante da luz eléctrica.

Tenho uma prova fotográfica de Katie e Florência Cook em grupo; mas Katie ficou diante da cabeça de Miss Cook.

— Mas a fotografia, continua Crookes, é tão impotente para pintar a beleza do rosto de Katie, como as palavras o são para descrever o encanto das suas maneiras. A fotografia pode, é certo, dar um desenho da sua attitude, mas como poderia reproduzir a pureza brilhante da sua tez, ou a expressão cambiante de suas feições tão móveis,

ora veladas de tristeza, quando narrava algum successo amargo da sua vida passada, ora sorrindo com a inocência da juventude, quando, tendo reunido meus filhos em tórno dela, lhes contava episódios das suas aventuras na Índia.

Tenho a certeza mais absoluta de que Miss Cook e Katie são *duas individualidades distintas*, pelo menos enquanto aos corpos. Muitos sinais pequenos que se notam no rosto de Miss Cook, faltam por completo em Katie; o cabelo de Miss Cook é castanho escuro, quási preto: um anel dos cabelos de Katie, que aqui tenho presente, e que ela me permitiu cortar no meio das suas tranças luxuriantes, depois de ter seguido o cabelo com os meus dedos até ao crâneo, para assim me assegurar de que não eram postiços, é dum belo castanho dourado.

Uma noite contei as pulsações de Katie, o seu pulso batia regularmente 75, enquanto que o do seu *médium*, poucos instantes depois, batia 90, o que nela era normal.

Apoiando o ouvido sôbre o peito de Katie pude ouvir as pulsações do seu coração, que eram ainda mais regulares do que as de Miss Cook, quando, finda a sessão, esta me permitiu auscultá-la.

Os pulmões de Katie mostravam-se mais sãos do que os do *médium* que nessa ocasião soffria ainda as conseqüências de uma bronquite.

Quando o momento de nos dizer adeus para sempre chegou, eu pedi a Katie o favor de ser eu o último a vê-la.

Conseqüentemente, quando ela chamou a cada um dos circunstantes para lhe dizer algumas palavras em particular, ela deu-nos instruções gerais para a nossa direcção futura, e com respeito à protecção a dar a Florência Cook. Dessas instruções que foram estenografadas cito a seguinte:

— « Mr. Crookes procedeu constantemente bem, e é com a maior confiança que eu deixo Florência entre suas mãos, pois estou certa de que jámais faltará à fé que nêle deposito. Em todas as circunstâncias imprevistas êle poderá fazer melhor do que eu própria, porque tem mais fôrça ».

Terminadas as suas instruções, Katie convidou-me a entrar no gabinete com ela, e permitiu-me ficar ali até ao fim.

Depois de ter fechado a cortina, conversou comigo algum tempo; depois atravessou o quarto para ir ter com o *médium*, que jazia inanimado no sobrado.

Inclinando-se sôbre ela, Katie tocou-a, e disse: — « Desperta, Florência! desperta! E' mister que eu te deixe agora!

Miss Cook acordou, e toda lacrimosa, suplicou a Katie que ficasse mais algum tempo.

— « Não posso, minha querida, a minha missão está cumprida.

Que Deus te abençoe, respondeu Katie, e continuou a falar com ela.

Durante alguns minutos conversaram juntas, até que enfim as lágrimas de Miss Cook lhe embargaram a voz.

Segundo as instruções de Katie, corri a segurar Miss Cook, que ia cair no chão, e soluçava convulsivamente.

Olhei em torno de mim, mas Katie e o seu vestido branco haviam desaparecido ».

*

* . *

Uma testemunha ocular desta sessão de despedida confirma a narrativa de W. Crookes, mas acrescenta algumas minudências importantes.

— « Às 7 horas e um quarto da noite, Mr. Crookes conduziu Miss Cook para o gabinete escuro, onde ela se estendeu no chão com a cabeça apoiada numa almofada. Às 7 e 28 minutos Katie falou pela primeira vez e às 7 e 30 minutos mostrou-se fora da cortina.

Vestia de branco, com mangas curtas e pescoço descoberto.

Longos cabelos castanho claro de cambiantes dourados caíam-lhe em anéis aos lados da fronte e pelas costas até à cintura.

Trazia um longo véu branco, que só uma ou duas vezes abaixou durante a sessão.

O *médium* trajava um vestido de merino azul claro.

Durante quási toda a sessão Katie esteve de pé diante de nós.

A cortina do gabinete estava afastada por forma que todos podiam ver distintamente o *médium* adormecido, com o rosto coberto com um chale encarnado para o subtrair à intensidade da luz.

Katie falou da sua próxima partida, e aceitou um ramilhete que Mr. Tapp lhe havia trazido, assim como alguns lilazes, oferta de W. Crookes.

Katie convidou Mr. Tapp a desatar o ramilhete, e colocar as flores no chão diante dela. Sentou-se no chão à moda turca, e pediu-nos que fizéssemos o mesmo em tórno dela. Então dividiu as flores em pequenos raminhos e deu um a cada um, atado com uma fita azul.

Escreveu também cartas a várias pessoas amigas, assinando-se Annie Owen Morgan, dizendo ser êsse o seu verdadeiro nome durante a sua vida terrestre.

Escreveu também uma carta ao seu *médium*,

e escolheu para esta como lembrança de despedida um simples botão de rosa.

Katie agarrou então numa tesoura e cortou uma trança dos seus cabelos, que dividiu por todos os circunstantes. Tomando então o braço de W. Crookes, percorreu a sala em tórno, apertando a mão a todos.

Assentou-se de novo, e, cortando vários pedaços do seu vestido e do seu véu, presenteou com êles os assistentes.

Como, porém, ficassem grandes buracos no seu fato e lhe perguntassem se ela podia reparar êsse prejuízo, como doutras vezes fizera, ela, apresentando a parte cortada à claridade da luz, bateu-lhe em cima uma pancada, e imediatamente a parte cortada ficou tão intacta e completa como antes de cortada.

Os que estavam junto dela, com permissão sua examinaram o tecido e verificaram não haver buraco, costura ou qualquer espécie de remendo, onde pouco antes tinham visto buracos de muitas polegadas de diâmetro.

Deu em seguida as suas últimas instruções a Mr. Crookes, e a outros amigos sôbre a conduta a seguir, com respeito às manifestações ulteriores prometidas por ela, por intermédio do seu *médium*. Mostrou-se então fatigada, e dizia com tristeza que desejava ir-se embora, pois que a sua fôrça desaparecia.

Reiterou a todos as suas despedidas pela forma mais affectuosa.

Os assistentes agradeceram lhe as manifestações maravilhosas que lhes havia proporcionado.

E enquanto dirigia a seus amigos um último olhar grave e pensativo, deixou cair a cortina e tornou-se invisível para nós.

Ouvimo-la então despertar o *médium* que lhe rogou por entre lágrimas que ficasse por mais um pouco; mas Katie disse-lhe:

—«Minha querida, não posso. A minha missão está cumprida; que Deus te abençoe!

Ouvimos então o som do beijo de despedida.

O *médium* apresentou-se depois completamente exgotado de fôrças, e profundamente consternado. Katie dizia que de ora em diante não poderia falar nem mostrar o seu rosto: que realizando durante três anos estas manifestações físicas, tinha passado uma vida muito penosa para expiar suas faltas. Que estava resolvida a elevar-se a um grau superior da vida espiritual; que só de longe em longe é que poderia corresponder-se por escrito com o seu *médium*; mas que êste poderia sempre vê-la por meio da lucidez magnética.

*

* *

Antes de encerrarmos a parte demonstrativa d'êste livro, julgamos a propósito relatarmos sumariamente uma sessão de materialização a que tivemos a felicidade de assistir em Paris em um dos últimos dias do mês de Julho de 1900.

Realizou-se ela em uma pequena casa de campo de um dos arrabaldes da grande capital, aonde fomos apresentados por M.^{me} Leymarie, que, na ausência de seu marido, então gravemente doente, teve a amabilidade de nos proporcionar a assistência a essa sessão.

Estiveram presentes 14 pessoas, médicos, jurisconsultos, homens de letras e algumas senhoras, quasi todos franceses, pois havia apenas dois polacos, uma inglesa e um português.

O *médium* era M.^{me} Corner, nome que actualmente usa, por ser casada, essa mesma Miss Florência Cook, de quem acabámos de nos ocupar.

Devemos ainda dizer que, como é frequente succeder a outros *médiuns*, a *mediumnidade materializante* desta senhora *desapareceu* por completo, durante muitos anos, sendo só em 1900

que essa interessante faculdade voltou a reaparecer, se bem que em grau muito mais fraco, do que no seu tempo de solteira.

É conveniente descrever ligeiramente os principais traços da sua figura e o traje que tinha vestido.

M.^{me} Corner é uma senhora de 45 anos, baixa, trigueira, cabelos quási pretos, falando a língua francesa com alguma dificuldade na escolha dos termos, e tendo na pronúncia um acentuado sotaque inglês.

Trajava um vestido comprido de veludo violeta, que à luz do gás parecia preto, tendo no peito um pequenino decote em quadrado e mangas curtas até ao cotovêlo, terminadas por compridas rendas côr de creme.

A sala da sessão era no segundo andar, a que dava acesso uma comprida escada terminada em cima por uma porta fechada à chave. Esta sala constituía como que um pavilhão isolado, pois não tinha outros quartos contíguos. Aberturas para o exterior havia apenas três janelas, fechadas e trancadas com trancas de ferro, e a porta de que já falámos, cuja chave, depois de fechada, ficou em poder de um de nós. O teto era de estuque e o chão coberto por uma alcatifa inteiriça.

Num dos ângulos da sala estava o gabinete escuro, formado por dois pesados reposteiros de fazenda escura, abrindo ao meio.

Dentro dêste gabinete triangular havia apenas uma pequena cadeira de costura bastante sólida e aparafusada ao chão.

Depois de bem inspeccionada a sala e as paredes batidas a punho, foi o *médium* atado pela cintura à cadeira, por mim e por um dos outros assistentes, as mãos atadas também nos pulsos, e êstes ligados ainda à cintura.

Os assistentes sentaram-se em semi-círculo em frente do reposteiro, formando cadeia com as mãos, por forma tal que apenas os dois cavalheiros que estavam nas extremidades é que tinham uma das mãos livre.

Apagou-se a luz do gás, ficando a sala iluminada apenas por uma luz encarnada que incidia sobre os reposteiros, e permitia que nos vissemos todos uns aos outros, embora sem detalhes.

Passados uns 15 minutos de expectativa, ouviu-se dentro do gabinete uma voz de homem, rude e brutal, falando inglês, e travando diálogo com o *médium* que também falava a mesma língua. Pouco depois apareceu pela parte superior dos reposteiros um braço, nu até ao ombro, de um homem musculoso e forte. Braço e mão tinham toda a mobilidade de um braço vivo, e pertencia, bem como a voz, ao *espírito guia* do *médium* que era conhecido apenas pelo título de *capitão*, pois parece que era de um capitão de marinha mercante.

Houve nesta sessão fenómenos muito variados, sendo o mais original umas bolas luminosas de uma luminosidade tão intensa e suave, que se viam nítidas através do reposteiro, como se êle não existisse, e que descreviam a capricho as curvas mais sinuosas em todos os sentidos. Estas bolas, do tamanho de bolas de bilhar, não eram scintilantes, mas de uma luz difusa tão intensa que faziam lembrar bolas de neve luminosa.

Houve diversas materializações, a que ligámos pouco valor, porisso que, estando vestidas de escuro, a custo se distinguiam sôbre o fundo escuro dos reposteiros. Por vezes se ouviram dentro do gabinete escuro vozes diversas de três ou quatro pessoas falando simultâneamente em inglês; até que mais tarde se ouviu uma voz extremamente simpática e juvenil, expressando-se em *puríssimo francês*, em conversa com o *médium*, cuja voz e pronúncia se distinguia perfeitamente da outra.

Era, segundo nos informaram, a voz de Miss Mary, uma menina, filha de pais ingleses, mas que por ter nascido e vivido sempre na Algéria, preferia a língua francesa à lingua nativa de seus pais.

Pouco depois o reposteiro, na parte em que tocava na parede sita ao meu lado esquerdo, entreabriu-se deixando passar uma figura de mulher vestida de branco, que pouco se demorou, e que

eu mal pude ver, por ficar em sítio onde a luz vermelha não batia em cheio. Felizmente, alguns minutos mais tarde, os reposteiros abriram-se ao meio e, afastando-os e segurando-os com as duas mãos, surgiu entre êles a figura esbelta e graciosa de Miss Mary, que, dando um ou dois passos à frente, estacou ante nós, conservando sempre os reposteiros afastados com as mãos.

Trajava vestido de noiva de longa cauda, branco de neve, decotado em cima de ombro a ombro, e os braços inteiramente nus. A sua pele, de brancura setinosa, tinha todo o frescor da juventude, e uma abundante cabeleira loiro-claro caía-lhe em anéis sôbre os ombros e braços.

Um comprido véu branco bastante espesso cobria-lhe os cabelos e rosto, não deixando assim apreciar miudamente as suas graças juvenis.

Pois que esta aparição distava de mim apenas metro e meio, e porque não posso pôr em dúvida o que a minha vista e ouvido me dizem, posso afirmar sem hesitações, que estava *bem viva* a figura que eu via ante mim, pois que tinha todos os movimentos que só a vida dá, e falava um francês tão puro e correcto como raras vezes se ouve. Antes de se retirar pediu pena e papel para escrever. Indicou-se-lhe uma pequena mesa que ficava encostada à parede junto ao reposteiro, no mesmo sítio onde primeiramente apparecera.

Então Miss Mary retirou-se, os reposteiros caíram, unindo-se, e instantes depois voltou a reaparecer no sítio indicado; estendeu o braço, tomou uma pena e, dobrando o corpo sôbre a mesa, escreveu apressada e febrilmente algumas palavras de despedida, que assinou e retirou-se para o gabinete donde não tornou a sair, embora durante algum tempo ainda ouvíssemos a sua voz. Quando escreveu, o silêncio era tão profundo e o movimento da pena tão enérgico que eu ouvi nitidamente o ranger da pena sôbre o papel, e o ruído da caneta quando ela a largou sôbre a mesa.

O que vi e ouvi foi visto e ouvido pelas outras 13 pessoas, três das quais enviaram para a *Revue Spirite* dêsse ano, artigo, em que atestavam o que tinham visto e ouvido.

*

* *

Tais são as experiências mais notórias que atestam por uma forma exuberante a verdade do espiritismo.

Parece-nos, porém, estar vendo nos lábios de alguns dos nossos leitores um sorriso contrafeito, exprimindo dúvida ou incredulidade. Parece-nos mesmo ler-lhes no espírito a seguinte objecção:

— « Dando de barato que êsses diversos sábios sejam homens de toda a probidade, e como tais incapazes de tentarem convencer-nos de cousas que não viram, quem pode garantir-nos que êles não foram vítimas de uma alucinação de *todos os sentidos*, que lhes fez ver o que não existia?

Onde está a prova de que êsses espíritos *materializados* são reais, e não meras aparências ou devaneios da fantasia?

A êste último reduto dos scépticos e positivistas *à outrance* respondemos ainda com *factos*.

Aceitando, *por mera hipótese*, (bem entendido) e apesar da sua inverosimilhança, a *possibilidade* dessas múltiplas e constantes alucinações dos sentidos; os scépticos serão forçados a admitir que *o sol não pode ser vítima de alucinações*, e que a máquina fotográfica só fixa e retêm as imagens de *objectos reais* colocados diante da objectiva.

Pois bem: as fotografias espíritas são a prova mais frisante de que os espíritos podem revestir um corpo capaz de reflectir raios actínicos, que vão actuar na chapa fotográfica. William Crookes fotografou inúmeras vezes Katie King, e era êle próprio quem preparava e revelava as chapas negativas.

Aksakoff, illustre sábio russo e conselheiro secreto do Czar, obteve numerosas fotografias de

espíritos, em *clichés* previamente marcados por êle.

Numerosos fotógrafos amadores de diversos países teem obtido, não só fotografias de espíritos materializados, e portanto visíveis para qualquer, mas, o que é mais, fotografias de espíritos *invisíveis para os circunstantes* e apenas perceptíveis para o *médium* e fotografáveis.

Dar-se há o caso de que a objectiva fotográfica esteja sujeita a alucinações?

Mas como se esta prova ainda não bastasse para *abrir os olhos a quem não quere vêr*, temos ainda outra *prova esmagadora, permanente, visível e palpável*, cuja produção transcende os meios físicos de que a sciência e a indústria dispõem.

Referimo-nos às *moldagens em parafina*, tanto em voga nas sociedades espíritas da América do Norte, e que se obteem pela seguinte forma:

Na frente do estrado onde os espíritos devem aparecer materializados, colocam-se dois vasos fundos, um contendo água fria, e o outro uma porção de parafina dissolvida, que neste estado se assemelha a cera derretida.

Quando as fórmãs materializadas aparecem à frente do estrado e em plena luz, a pedido dos assistentes, mergulham a mão ou braço, a perna ou o pé na parafina derretida.

Quando os retiram, êsses membros veem co-

bertos com uma tenuíssima camada de parafina que os cobre como uma luva.

Seguidamente mergulham êsse mesmo membro no vaso, que contêm água fria; donde, passados alguns instantes, o tiram, ficando a flutuar na água um molde ôco de parafina, reproduzindo fielmente todas as minudências características dêsse membro.

Vasando-se depois gesso diluído dentro dêstes moldes, obteem-se reproduções admiráveis de finura e modelado.

Qual seria o ser vivo dêste globo, que ousaria mergulhar a mão em parafina a ferver, e qual o que, supondo possível sair impune dessa prova, conseguiria descalçar depois essa luva de nova espécie, sem a rasgar no pulso ou na canela?

E, note-se, a experiência dá sempre igual resultado, quer a mão tenha os dedos unidos, quer afastados uns dos outros, quer os dedos estejam dobrados sôbre a palma da mão.

Um observador de Washington obteve até a moldagem perfeita de duas mãos agarradas uma à outra.

Só os espíritos materializados podem realizar tais prodígios, porque só êles teem a faculdade de se poderem *materializar* ou *dissolver* dum para outro instante, consoante a sua vontade.

A fotografia espírita e as moldagens em pa-

rafina, que se podem conservar indefinidamente são a prova mais convincente para demonstrar que os nossos sentidos não são iludidos quando atestam a existência real dos espíritos.

*

* *

Mas, perguntar-nos hão, qual é a natureza e procedência dos espíritos?

Serão êles uma criação independente da Natureza, individualidades superiores distintas do homem, ou serão, como se pretende geralmente, as almas dos homens que já viveram na Terra, e que vagueiam no espaço libertadas dos laços da matéria?

A resposta é esta:

Os espíritos são pura e simplesmente as almas de indivíduos que, em épocas mais ou menos recentes ou remotas, viveram já à superfície da Terra.

As provas são muitas, mas podem reduzir-se ao seguinte:

Todos os espíritos, que se manifestam na Terra, são contestes em afirmarem-se como sendo almas que já viveram na Terra, [dando os no-

mes, por que aqui foram conhecidos, e dando provas irrecusáveis da sua identidade.

Aqueles, que se materializam com nitidez, apresentam as feições exactas, que aqui tinham; e os que se revelam pela escrita, apresentam a mesma caligrafia e o mesmo estilo característico.

Assim a humanidade terrestre e a que vive no espaço são solidárias e constituem uma *única humanidade*.

Entre milhares de provas, que poderíamos apresentar, mencionaremos apenas dois factos que são frisantes:

Mr. Bland, cavalheiro bem conhecido em Washington, fazia estudos de espiritismo com uma senhora amiga da sua família, que nem era *médium* de profissão, nem fazia pagar as sessões.

Por intermédio dela, comunicava freqüentes vezes com sua mãe, falecida havia já algum tempo.

Um dia esta fez-lhe saber por essa forma que, se êle quisesse ir a uma fotografia de Cincinnati, ela tentaria retratar-se, aparecendo na chapa fotográfica ao lado de seu filho.

Nada, porém, se combinou sôbre qual seria o fotógrafo.

Dias depois Mr. Bland e o *médium* foram à primeira fotografia que se lhes deparou.

O fotógrafo, que ignorava o acôrdo, ficou surpreendido vendo no cliché três retratos em

vez de dois. Mas, cousa singular, a terceira figura não era a de sua mãe.

Regressando a casa, consultou sua mãe por via do *médium* e soube então que essa terceira figura era a de um amigo que a acompanhara, e que, por ser mais experiente, tentara primeiro a experiência; mas que, se lá voltasse, então apareceria ela própria. E com efeito, voltando à fotografia, Mr. Bland obteve dois *clichés*, em ambos os quais figurava o retrato de sua mãe.

Mr. Russell Wallace, que cita êste facto, declara ter visto os três *clichés*, e ter ouvido ao próprio Bland a narração dêsse successo.

*

* *

Êste outro caso deu-se com um amigo de Mr. Russell Wallace, residente em Washington, e official militar do exército dos Estados Unidos.

Havia muitos anos que êste official estudava o espiritismo e recebia freqüentes comunicações de sua filha, falecida alguns anos antes.

Numa dessas sessões appareceu-lhe a formae rial e visível de uma formosa senhora, que êle não conhecia e que dizia chamar-se Nelly Morrison, e ser amiga de sua filha.

Na sessão imediata, tendo o *médium* declarado que sua filha estava presente, embora não visível, êle perguntou-lhe quem era essa tal Nelly Morrisson.

Soube então que de facto era sua amiga e filha de um oficial cuja patente indicou e que falecera em Filadélfia.

Foi a esta cidade, investigou, e poudo verificar que com efeito êsse oficial falecera ali em determinada época.

Soube mais tarde, de um outro espírito, que Nelly Morrisson morrera também em Filadélfia em determinada rua e casa, a sua idade e o nome de sua sogra que ainda era viva.

Obteve de Nelly Morrisson um anel dos seus cabelos, que eram de um fulvo dourado muito especial, e tendo procurado a sogra, esta reconheceu os cabelos como de sua nora, e confirmou todos os detalhes, que acêrca dela já eram conhecidos.

*

*

*

Objectam alguns que o espiritismo não pode deixar de ser um embuste, pois que só opera na escuridão, e que facilmente seria desmascarado se operasse em plena luz.

Uma tal afirmação peca por falsa em absoluto e por contraproducente.

Nem todos os fenómenos do espiritismo exigem a escuridão para se produzirem, embora seja certo que a luz branca *dificulta* ou, pelo menos, *enfraquece* os fenómenos do alto espiritismo.

Com *médiuns* de pouca fôrça a escuridão póde ser favorável, porque auxilia a sua produção. Mas, em qualquer hipótese pode ser substituída pela luz vermelha ou azul.

Se, porêem, o *médium* é de fôrça, pode operar mesmo em plena luz do dia ou artificial.

As aparições luminosas só brilham com toda a intensidade em completa escuridão, mas as opacas podem fazer-se com a luz vermelha.

O que é indispensável é um pequeno gabinete escuro, onde o *médium* repouse durante o seu estado de *transe*, (misto de letargia e de catalepsia) e onde geralmente se formam as aparições; mas logo que essas *formas vivas* se acham criadas, saem para fora do gabinete e podem sofrer a acção da luz vermelha e muitas vezes da luz branca, sujeitando-se assim ao exame dos circunstantes.

Vê-se, pois, que, em absoluto, *não é verdade* o afirmar-se que o espiritismo só actua na escuridão. Mas, ainda que assim fôsse, daí não se podia concluir que o espiritismo era um embuste, pois que ninguém qualifica de *embuste* a fotografia, ape-

sar dela *exigir como condição indispensável* a escuridão completa na câmara escura para a produção da imagem, e, pelo menos, a *luz vermelha*, que é a escuridão relativa, no gabinete de trabalho, para a revelação e fixação da imagem.

Todas as objeções, que, como estas, se teem apresentado contra a realidade dos fenómenos espiritas, cáem por terra; porque, acima de todos os preconceitos dos sábios e eruditos, levanta-se a supremacia incontestável dos factos, que se impõem à razão humana com um tal grau de evidência, que não há meio de resistir-lhe. É que o *verdadeiro* homem de sciência não pode ter preconceitos nem dogmas de escola, tem de aceitar os factos quais êles são, e procurar explicá-los.

É por isso que Cezare Lombroso, o grande e sábio antropólogo italiano, que foi uma das mais fulgentes glórias do século passado, depois de ter sido um dos mais ferrenhos adversários do espiritismo, tendo em 1891 assistido em Nápoles a uma série de experiências com a *médium* Eusápia Paladino, na presença dos professores Tamburini, Limoncelli, Bianchi, Ascensi, Gigli, Vizio-li e Giolfi, se penitenciou voluntariamente do seu erro, escrevendo ao snr. Giolfi, que lhe havia enviado uma relação em duplicado das experiências feitas nessas sessões, a seguinte carta que foi publicada na Tribuna Gindizziaria de 5 de Julho de 1891:

Il.^{mo} Snr.:

A relação em duplicado, que me enviou, está absolutamente exacta; acrescente também que quando se achou voltado o vaso com a farinha, o *médium* tinha anunciado que atiraria com a farinha à cara dos assistentes, e tal deveria ter sido a sua intenção, que só realizou por metade, o que para mim é uma nova prova de perfeita boa fé da paciente e do seu estado de semi-inconsciência.

Sinto-me envergonhado e condoído por ter atacado com tanta tenacidade a possibilidade dos factos chamados espiritas; e digo os factos, porque sou ainda contrário à teoria. Porém, os factos existem e eu jacto-me de ser escravo dêles.

Cumprimente em meu nome o snr. Chiaia, e trate de fazer medir com Albini o campo visual e o fundo ocular do *médium*, pois penso em ocupar-me disso.

Turim, 25 de Junho de 1891.

Seu affectuosíssimo

C. Lombroso.

Anos mais tarde, depois de ter assistido a uma nova série de experiências, deu a sua ade-

são plena à teoria espirita, e não contente com isto, publicou um livro sôbre espiritismo, onde analisou e proclamou a nova doutrina, dando assim a prova mais deslumbrante do seu carácter leal e sincero e da sua probidade científica.

*

* *

E agora, que demonstrámos, com factos e com o testemunho unânime dos mais conspícuos e meticulosos observadores, que as mais assombrosas manifestações do espiritismo, longe de serem um embuste, *são factos reais e inegáveis*; agora que temos demonstrado que todos os homens mais eminentes, que se teem dedicado com afinco ao estudo dêste novo ramo de sciência, teem terminado por renegar as suas antigas teorias e crenças materialistas, para se converterem à nova doutrina, a despeito das vaias e protestos daquelles que, enfatuados pela *sciência deficientíssima que possuem*, argumentam de cadeira sôbre o que nunca estudaram nem conhecem; agora que os scépticos e materialistas de todas as escolas recebem, com factos indiscutíveis, o mais rude golpe que fôra possível vibrar-se contra os seus sistemas e descrença, só lhes resta um dilema: — ou sub-

meter-se, confessando o seu êrro; ou então proclamar aos quatro ventos a sua *infalibilidade* científica; e, cheios da mais santa indignação, vibrar contra essa illustre pleiade de *idiotas* diplomados, que crêem no Espiritismo, a sua excomunhão maior, que póde redigir-se assim:

— «Nós, os imortais de todas as academias dos Dois Mundos, nós, que atingimos a meta no domínio das sciências, nós, que nos rimos de Galvani e Arago, de Mesmer e Harvey, nós, que condenámos o galvanismo e os caminhos de ferro, o magnetismo, a circulação do sangue e a telegrafia eléctrica; nós, que condenámos o corte do istmo de Suez, o pára-raios e a navegação a vapor; nós, que nunca nos dignámos estudar êsses pretendidos fenómenos do espiritismo, porque sabemos de *sciência certa*, que tais fenómenos não existem, e que o espiritismo é um embuste; *nós anatematizamos como heréticos* no domínio das sciências, êsses *falsos* sábios que se chamam Russell Wallace, William Crookes, Zoelner, Mapes, Robert Hare, Morgan, Varley, Goldenstubbé, Lombroso, e quejandos, e os exautramos como observadores *ineptos* e indignos de crédito».

Aqui não há meio termo; é mister optar — ou pelos *Imortais omniscientes*, que já não estudam, — ou pelos *heréticos* que ainda estudam, porque *muito há que aprender*.

Pela nossa parte, nós, que não temos vaidades scientificas a sustentar, nem preconceitos de escola que nos avassalem, preferimos determinar-nos pela lógica irresistível dos factos, e ficar resolutamente ao lado dos heréticos, rindo por nosso turno daqueles que se riram da telegrafia eléctrica, da navegação a vapor e do fonógrafo.

*

* *

Conclusões

A nossa crença espiritualista implanta-se e propaga-se na consciência humana com assombrosa rapidez, a despeito das mil dificuldades que se lhe deparam a cada passo. E, com efeito, o grande desenvolvimento que as sciências físicas tiveram no século findo, levou insensivelmente o homem a só ver *matéria* em tudo quanto o rodeava. Por outro lado a filosofia contemporânea, não vendo senão banalidades nas especulações inanes da metafísica medieval, retrogradiou por falta de fundamento sério em que basear o sobrenatural.

Concorrentemente os fisiologistas, analisando

a formação e funcionamento dos diversos órgãos, atribuindo a cada um dêles sua missão especial, e observando em todos manifestações de vida, sem que lograssem deparar com o espírito, concluíram pela sua *não existência*.

Na física, por seu turno, as tendências materialistas acentuaram-se de mais em mais: o calor, a luz, o magnetismo e a electricidade passaram da categoria de fluidos, agentes ou forças naturais, que animavam a matéria inerte, à simples categoria de *propriedades inerentes* à matéria, meros movimentos vibratórios das suas moléculas.

Seguindo a mesma corrente de ideias, tentou-se demonstrar que as forças vitais que animam o mundo orgânico, não passam de transformações dessa energia física, cujos vestígios se foram seguindo até aos movimentos moleculares.

Ora, vindo assim a vida a ser *uma mera resultante da matéria organizada*, era consequência fatal, (para os sábios), chegar à conclusão de que, nos domínios da Natureza, *não havia lugar para o espírito*, entidade supérflua; porque a matéria em movimento abarca o universo inteiro, e é a origem e causa de todas as manifestações de actividade e vida presente e futura.

Ora, foi no meio de uma sociedade, cuja grande maioria ou não pensa nestas cousas, ou, se pensa, tem uma orientação toda eivada de

materialismo, que em 1848 fez a sua entrada triunfal a nova sciência espiritualista, tão possante e vivaz que há 68 anos desafia a crítica das comissões scientificas, e dos sábios isolados; conquistando, *não pela fé, nem pela fôrça*, mas por *uma convicção inabalável*, fundada em provas incontrovertidas, *milhões de adeptos* em todas as classes sociais de todos os países do mundo.

E êsses crentes são recrutados em todas as religiões, em todas as escolas filosóficas e scientificas, entre os scépticos e os positivistas, como fôram Russell Wallace, W. Crookes, e Lombroso.

E, coisa singular, de entre tantos convertidos, nem um sequer renegou ainda a nova crença scientifica!

É que as teorias materialistas, a despeito do talento dos seus defensores, não satisfazem a intelligência, por *nímiamente superficiais*. Deixam sempre no espirito, que prescruta o âmago dos factos, *um vácuo* que *simples palavras* não logram preencher.

É, alúdindo a êsse *vácuo* que o grande naturalista Richard Russell Wallace diz o seguinte, que é a condenação mais frisante do materialismo:

— «Se um elemento material, ou mil, combinados em uma molécula, *são todos inconscientes*, não podemos acreditar que a simples adição de *um, dois ou mil outros* elementos materiais para

formar uma molécula mais complexa, possa, por qualquer forma, tender a formar *um ser consciente*... Não podemos admitir no todo uma propriedade que falta em absoluto em cada uma das suas partes.

Não se pode escapar a êste dilema:—ou toda a matéria é consciente, ou então o senso íntimo é distinto da matéria, e neste último caso a sua presença nas formas materiais prova a existência de seres conscientes, *fora e independentes* do que nós chamamos—*a matéria*».

*

* *

Demonstrado assim por factos positivos e incontrovertidos, que além da matéria, existe independente no homem uma fôrça perdurável que a morte *não destrói*—o *Espírito*, vem a propósito perguntar:

—*Haverá uma outra vida?*

A esta dúvida, que por vezes salteia a inteligência humana, respondem triunfantemente todos os factos que deixámos expendidos, responde o Espiritismo com as suas revelações de além túmulo, confirmando assim os assertos da razão e da nossa consciência, que nos arrastavam para a afirmativa.

E, com efeito, se não houvesse outra vida, ou melhor — *outras vidas*, se tudo para nós se resumisse *nos prazeres efémeros* ou *nas agruras desta existência* mesquinha e fútil, o *ideal do homem*, logicamente considerado, deveria ser — *procurar obter, cada um para si, a soma máxima de gozos e de vantagens, a despeito de tudo e de todos.*

Seria arvorar o *egoísmo mais desbragado* como *norma e lei fundamental* da sociedade. Seria negar a própria sociedade.

Porque, nesta hipótese a moral e a justiça não passariam de nomes vãos, inanes de sentido; a lealdade, o desinteresse, a fraternidade e a solidariedade humanas seriam meros devaneios de poeta; o desinteresse, a abnegação, o altruísmo, simples loucuras, filhas dum cérebro mórbido.

A doblez, a perfídia, a maldade e o crime passariam a ser *meios legítimos* de fazer fortuna; por que acima de tudo está o *egoísmo* e êste diria ao homem — «a vida são dois dias; goza, custe o que custar.»

As leis civis e criminaes seriam *meras tiranias sociais*; pois não teriam base sólida em que apoiar-se.

Ora, como a corrente dominante na sociedade consiste em não se elevar acima da materialidade da vida, daqui resulta que, *de facto*,

pode dizer-se que é o *egoísmo* o princípio dominante da sociedade actual.

O homem lesa o seu semelhante sempre que disso pode tirar proveito, buscando apenas occultar o acto criminoso para evitar o castigo que a lei lhe imporia.

Se os homens, que se dizem inteligentes, e que estão à frente das diversas sociedades humanas, não estivessem *repassados de materialismo até à medula dos ossos*, se tivessem a norteá-los *a crença salutar e salvadora da imortalidade*, por certo que não teriam desencadeado, sobre o mundo todo, essa medonha hecatombe que estamos vendo, e que é a mais inverosímil vergonha da espécie humana.

Materialistas de todas as escolas e categorias, contemplai a vossa obra! vêde até onde o *egoísmo*, *a ambição e a perversidade* podem arrastar a humanidade, quando esta não tem a norteá-la a crença na *imortalidade da alma* e a da *responsabilidade individual e social*.

*

* *

Não julguemos que o espiritismo é novo, pois que é tão velho como o mundo: desde as

mais remotas eras o homem acreditou sempre *em outra vida, em muitas vidas* mesmo: e essa crença que a história nos mostra tão profundamente radicada no espírito dos povos, não resulta por certo de meras concepções metafísicas, mais ou menos transcendentales.

A nosso vêr, ela resulta antes da crença vívida e positiva na existência e aparição sôbre a Terra de seres espirituais, espíritos de mortos.

É dêsses factos positivos, e de outros vários, tais como predições, fantasmas e visões diversas, tradicionalmente transmitidos de pais a filhos, que nasceu a crença universal na immortalidade e espiritualidade da alma humana.

Consulte-se a vida íntima de todos os povos, estude-se atentamente as suas crenças, e em todos êles, bárbaros ou civilizados, heis de achar cimentada por forma indestrutível essa crença salutar e grandiosa, que tem resistido, a despeito de tudo, ao perpassar inâplacável do tempo, e ao embate constante das filosofias e dos scépticos.

E' que essa crença estriba-se em factos positivos, e fulge com brilho inapagável como uma verdade eterna no íntimo do coração humano.

E essa verdade é por certo *a mais importante que pode haver para o homem*; porque ensinando-lhe que além da campa está, não a morte aniquiladora de todo o ser, mas — *a vida immortal e progressiva*, torna-se o bálamo mais poderoso

e salutar para suavizar os infortúnios da vida, e o incentivo mais enérgico para o progresso e perfectibilidade humana.

Assim a *morte* perde o aspecto sinistro, que a revestia, e passa a ser a aurora de uma nova existência, em que o espírito, liberto das peias da matéria, recobra a sua natural lucidez, e extraordinárias faculdades sôbre a matéria; e depurando-se pela consciência do passado, nessa existência meramente espiritual, apresta-se a conquistar mais tarde, por novas encarnações, novos gráus de ascensão na escala infinda da perfectibilidade humana.

É assim que o espiritismo, tornando-se a demonstração *lúcida e palpável* da imortalidade da alma, neste século em que a crença nela é já tão débil, vem dizer ao dúbio e ao crente que hesita: *Surge et ambula!* — Homem! és imortal! A campa não é o aniquilamento do ser: — a morte... *é a vida sob uma fase nova, grandiosa, progressiva, infinda:* — semelhante à sorte dos lepidópteros, que de imunda lagarta se transformam em inerte crisálida, donde mais tarde se evola a irisada mariposa, o homem é também um verme terráqueo, que a morte converte em crisálida repelente donde surge alfim o espírito humano, liberto das fachas grosseiras da matéria para viver radioso nas regiões infindas do espaço.

A vida, essa quadra da tua existência, a que

ligavas tanto aprêço, — é *um momento* de prova e de expiação ou de espinhosa e voluntária missão; — *momento* que, se por vezes se traduz em sorrisos e esperanças, muitas outras se converte em lágrimas amaríssimas, e dores alanceantes; — momento que, ora se estadeia em virtudes e pompas sedutoras, ora se afunda na lama de crimes que desonram, ou de misérias que deprimem.

Homem! sê bom, sê justo, sê honesto durante esse *momento tão curto*, a que chamas vida!

Ama todos os homens como se fôsem teus irmãos: faz todo o bem que puderes sem vaidade e desinteressadamente. e sómente pela consciência de que assim cumpres o teu dever; despe do teu coração todos os maus sentimentos; eleva o teu espírito, pelo estudo e pela contemplação do Universo, até à *Causa Primária* que o produziu; aceita resignado todos os vaivêns da sorte, e, sem orgulho ou vaidade, os dons que êle te outorgue; e quando, mais tarde, exaustas as fôrças corpóreas, o teu espírito tiver de remontar aos mundos sidéreos do espaço, a *morte*, êsse velho e medonho espectro dos scépticos e dos maus, será para ti a *aurora risonha* do livramento, a suave e consoladora esperança, irisada pelas rutilações fulgentes da imortalidade.

*

* *

Pela nossa parte julgamos ter demonstrado cabalmente a tese que nos propusemos desenvolver; e fazendo-o, chamando para êsses assuntos a atenção de todos os que amam a luz e a verdade, julgamos apenas ter cumprido, conforme nos foi possível, um dever de fraternidade, e uma parte da nossa missão.

Não temos a louca vaidade de supor ter levado a convicção a todos os que nos leram; mesmo porque desgraçadamente há muita gente cuja inteligência, embora culta, não está em condições de poder elevar-se a estudos dêstes e compreendê-los devidamente; e há outros que, ou *por sistema ou por mêdo*, não querem mudar de ideias e convencer-se de cousas que lhe poderiam causar *inquietações ou remorsos*.

Se, porém, lográmos levar a convicção a algum espírito descrente ou dúbio, se conseguimos fazê-lo interessar-se por êstes assuntos, essa é para nós a máxima recompensa a que podíamos aspirar; porque assim o nosso tempo e o nosso estudo não ficaram de todo improdutivos para os nossos semelhantes.

Quanto a nós, o estudo atento e porfiado durante cinco anos das teorias e fenômenos *anímico-espíritas*, conseguiu radicar, por forma indestrutível em nossa consciência, a crença infável na *imortalidade*, de que em tempo duvidáramos; e longe de tais cogitações terem levado (como muitos pretendem) a perturbação mental à nossa inteligência, só serviu para rasgar amplíssimos horizontes intelectuais ao nosso espírito, ávido de saber, e para dar homogeneidade e unidade à concepção geral do Universo, e à compreensão racional do destino do homem na sua evolução futura através dos tempos e dos mundos.

O Espiritismo, que é o espiritualismo científico, abrangendo no seu âmbito imenso a filosofia de todas as sciências naturais e morais, tem sido para nós um manancial inexaurível de consolações e incentivos a novos e mais importantes progressos; é nele que dia a dia bebemos novas fôrças para a luta pela existência, e lição perene de constantes ensinamentos; devendo-lhe por isso, a par de não poucos dos melhores momentos da existência, a crença inabalável nas sucessivas e mais perfeitas fases da existência que nos reserva o futuro.

Filosofia Espírita e Espiritismo Prático

A fim de evitar repetições escusadas, julgamos conveniente tratar simultaneamente da *Filosofia Espírita* e do *Espiritismo Prático*, atenta a íntima relação e conexão que existe entre êsses dois aspectos do Espiritismo.

Desta sorte poderemos ser mais breves, sem faltar à clareza da exposição, que temos sempre em vista.

Generalidades

Na frente de todos os problemas, que podem afectar a intelligência humana, há um que se destaca e avanta a todos, que se impõe com uma evidência esmagadora à nossa razão, — é a questão fundamental de **Deus**.

O espírita condena todas as superstições, é indiferente a todos os cultos; mas é essencialmente religioso e crente nessa *Entidade Soberana*, que enche com a sua duração a infinidade

dos tempos, e com a sua grandeza a imensidade do espaço.

Espírito subtil donde dimanam todos os espíritos, *Fôrça Universal* donde brotam todas as fôrças, *Vida*, que adensa em si todas as vidas, *Substância Primordial*, donde, por condensações progressivas, dimana toda a substância; o espírita entrevê, com os olhos da razão, o *Grande Irrevelado* nessas miríades de sóis que se libram fulgurantes nos páramos do espaço, e nas leis sábias e fatais, que regem o mundo físico; nas verdades morais, que a consciência nos revela; no tipo ideal de beleza a que aspiram todas as artes; na aspiração ilimitada do homem ao ideal supremo do Bem, e no constante aneio a conhecer a Verdade absoluta.

E como o infinito não pode caber no finito, nem o Grande Ser pode revelar-se ao homem, nem a inteligência limitadíssima dêste o pode conceber.

Admite-o a razão por uma *necessidade* imperiosa e fatal da lógica, mas compreendê-lo não; porque isso equivaleria a limitar o que por sua Natureza não tem limites.

*

* *

Revela-se, porêm, *indirectamente* ao homem pelas suas obras, condensação progressiva de suas vontades, objectivação múltipla do seu pensamento. Essa obra chama-se — a *Criação, o Universo*.

E como a razão não pode conceber uma Fôrça inactiva durante um período qualquer da sua existência, pois isso equivaleria a negar a sua essência; forçoso nos é supor o Universo co-eterno com a Divindade, a criação um *acto contínuo*, e não a obra de um momento qualquer na série dos tempos.

Os sóis e os mundos, que povoam o espaço infinito, *nascem, vivem e morrem*, isto é:—a matéria cósmica, obedecendo às leis constitutivas da sua natureza, *congloba-se, condensa-se e dissolve-se* para tornar mais tarde a constituir novos mundos; mas o Universo no seu conjunto subsiste sempre.

No momento actual o Universo contém em si — o *mundo material* ou *condensado*, e o *mundo espiritual* ou *invisível*.

O mundo material compreende todos os

corpos celestes, que povoam o espaço; a Terra com tudo o que nela existe, desde a erva mais humilde até à árvore mais forte e altiva, desde o microscópico infusório até ao homem, último elo da escala animal terrestre.

O *mundo espiritual* ou *invisível* compreende os *Espíritos*, *fôrças conscientes* de diversas ordens na escala da perfectibilidade.

São êles que em determinadas condições *vitalizam a matéria*, revestindo corpos e fazendo-os servir à sua perfectibilidade infinita.

O *mundo material* serve apenas de *meio* para o aperfeiçoamento dos espíritos.

Miriades de séculos antes que o Sol existisse e a Terra se destacasse da grande nebulosa solar, já os Espíritos existiam, e tinham muitos atingido um grande desenvolvimento e perfeição.

Inicialmente todos os Espíritos fôram criados iguais, simples e ignorantes, mas dotados da mais plena liberdade de acção.

Para se aperfeiçoarem e colaborarem no plano geral da criação, todos teem de animar corpos materiais nos inumeráveis mundos que povoam o espaço.

No desempenho dessa missão e no gôzo do seu livre arbitrio, uns seguem a *linha recta*, que conduz ao bem, outros seguem as veredas tortuosas que os desviam e desnorteiam.

Aqueles, como êstes, *todos hão-de atingir o*

cúmulo da perfeição em mais ou menos tempo, com mais ou menos sofrimento, mediante a expiação dos seus erros obtida em mais numerosas e penosas incarnações. Aqui não há *réprobros* nem *eleitos*, cada um é o *fautor único* do seu destino.

Quando um Espírito atingiu já um alto grau de ciência e de moralidade, as incarnações cessam por inúteis, e o seu aperfeiçoamento continua-se no *mundo ou plano espiritual*.

Todavia, por exceção, alguns Espíritos Superiores incarnam por vezes, de tempos a tempos, em corpos materiais, para virem, como enviados da Providência e lugares-tenentes da Divindade, prègar aos homens a lei moral, e abrir à humanidade mais largos horizontes. Tais foram os grandes pioneiros da civilização, que se chamaram Krishna, Budha, Jesus, Mahomet, etc.

E deve notar-se que, antes de incarnar numa forma humana, o espírito foi animando previamente toda a série de formas do reino vegetal e animal, em cada uma das quais foi ganhando qualidades novas.

Desta sorte entre as plantas e os animais inferiores e entre estes e o homem fica havendo uma íntima solidariedade, formando assim a Criação inteira *um único todo*.

Quando, porém, o espírito conseguiu ascender até à categoria de homem, já não pode *re-*

trogradar, reincarnando em formas animais inferiores; pode, porém, retrogradar, como expiação, dentro da espécie humana, passando, por exemplo, de banqueiro a mendigo, quando, sendo rico, haja pela sua avareza, feito uso mau das suas riquezas; ou pode passar de potentado orgulhoso e despótico a humilde e dependente operário, necessitando assim de um rude e ímprobo trabalho para grangear o sustento quotidiano.

Assim, nesta elevadíssima e justa compreensão do destino humano, cada um é o filho das suas obras; as desigualdades sociais resultam fatalmente do *mérito adquirido* nas existências anteriores, não tendo ninguém direito de queixar-se da posição social que ocupa.

Aquele que aceita resignado a sua sorte, depura-se rapidamente, assim como aqueles que colaboram activamente para melhorar a sorte infausta dos seus semelhantes.

É a confirmação das palavras do Cristo: — Bem-aventurados os que choram, porque elles serão consolados.

— Bem-aventurados os que teem fome e sede de justiça, porque elles serão fartos.

Bem-aventurados os misericordiosos, porque elles alcançarão misericórdia.

Não se julgue, porém, que o espírito humano revista logo após a morte uma nova forma corpórea.

Medeia sempre um largo período de anos entre uma e outra reencarnação. Alguns opinam mesmo que é só passados séculos que êsse facto se pode dar.

II

O Homem

Como já, na primeira parte dêste livro, demos noções diversas sôbre os elementos componentes do homem, por isso apenas diremos agora alguma coisa que se torne indispensável para a concatenação das matérias que temos a expor.

*

* *

Vimos já anteriormente que a análise físico-psicológica do homem e a teoria, que dimana da observação atenta dos fenómenos espíritas superiores (aparições, materializações, etc.), nos atestavam que o homem é um ser composto de três substâncias distintas: — *corpo material, perespírito ou corpo astral, e alma.*

Com estes dados, que se deduzem da observação, concordam plenamente *as revelações* dos Espíritos superiores, que nos vem assim confirmar nas nossas conjecturas.

*

* *

O **Corpo**, todos o sabem, é essa quantidade de *substância* condensada e organizada, composta de *células vivas*, cada uma das quais constitui um ser elementar, e cujo conjunto harmónico constitui a nossa *forma externa*.

*

* *

O **Perespírito** ou **Corpo Astral** dos ocultistas, (já o dissemos), tem nesta doutrina uma importância capital, porque é êle que explica satisfatoriamente inúmeros fenómenos espirituais, que, sem êle, ficariam completamente enigmáticos.

É êle uma *substância etérea*, imponderável, de per si só invisível, *intermediária* entre a substância condensada e a alma.

É o traço de união que as liga, e que torna possível a acção recíproca destas duas substâncias.

É constituído pela subtilização dos elementos combinados das encarnações anteriores, constituindo assim — *o tipo* ou *molde* individual, que progride e se depura *pari passu* com a *alma*, tornando-se por isso tanto menos material, quanto mais elevado fôr o depuramento da alma.

Potência de assimilação eminentemente activa, ela *condensa no embrião* do novo ser as moléculas corpóreas fornecidas à mãe pela assimilação intestinal, *agrupa-as* e *coordena-as* segundo o seu *molde* preexistente.

Se não fôsse êste *poder organizador* do per-espírito, o resultado da fecundação não passaria de uma *monstruosidade*, um tumor informe.

Mais tarde, após o nascimento, as moléculas corpóreas vão sendo dia a dia *eliminadas* pelas secreções e substituídas por *outras novas*, fornecidas pela alimentação, por forma tal que no curto período de alguns anos, nós não temos no nosso corpo *uma única* das células, que anos antes constituíam a nossa individualidade.

E todavia, apesar dessa renovação constante e periódica do nosso ser, nós *temos a consciência nítida* de que somos o *mesmo indivíduo*, que éramos anteriormente.

Essa consciência de identidade resulta-nos do

perespírito que força as novas células a ocupar o lugar das antigas.

*

* *

A **Alma** é o princípio pensante e voluntarioso, activo e indestrutível do indivíduo. É êle que propriamente constitui a *personalidade eterna*, porêm, perfectível do indivíduo.

Ela é o *princípio preexistente da vida*, a mola oculta que rege o nosso organismo, mantendo em todas as suas partes o acôrdo e a mais perfeita unidade.

É o princípio de todas as sensações, de todos os sentimentos, a energia produtora de todas as ideias, o arquivo indestrutível da consciência.

Tendo começado a sua existência por *dar vida* e duração aos seres do reino vegetal, e *vitalizando* mais tarde os corpos materiais dos diversos seres do reino animal, a alma foi adquirindo novas qualidades, desenvolvendo novas aptidões, até que, reunindo todas as aquisições das anteriores existências, *entra no reino humano*, vitalizando *primeiro* indivíduos das raças mais rudimentares até que, depurada da maior parte dos vestígios da animalidade, passa a dar vida ao *homem culto* do nossos dias.

Assim, pois, a alma é—como já dissemos, uma síntese dos progressos realizados—1.º nas anteriores encarnações;—2.º na encarnação actual.

*

* *

Assim o ser humano, como aliás *todos* os mais seres animais e vegetais, durante o período das encarnações, a que chamamos *vida*, compõe-se de *corpo*, *perespírito* e *alma*, sendo o primeiro *apenas um instrumento*, destinado ao aperfeiçoamento da *última*, que é a parte fundamental e indestrutível do indivíduo.

Quando, porém, sobrevêm a *morte*, a Alma, envolta no seu *perespírito*, que lhe constitui um *corpo aéreo*, abandona à terra êsse *farrapo*, imprestável já, e vai ocupar no espaço infinito o lugar que lhe compete em harmonia com a sua *densidade moral* (permita-se-nos o termo); pois assim como no mundo físico é a densidade dos corpos que determina a sua posição no espaço, assim também no mundo astral, ou dos espíritos, os mais subtis ou depurados ocupam regiões mais elevadas, ao passo que aqueles, cujo perespírito é *mais denso*, ou mais *próximo da matéria*, não podendo alar-se às regiões siderais,

ficam gravitando na nossa atmosfera, até que se lhes depare o ensejo de uma nova incarnação.

É às almas despojadas da matéria, mas envoltas no seu perespírito, que em Ciências Ocultas se convencionou chamar *Espíritos*.

Êstes não são pois seres alheios e diversos do homem, mas sim *irmãos nossos* numa outra fase da sua existência, ocupando gráus ou situações mais ou menos elevadas e boas, em harmonia com o seu desenvolvimento moral e intelectual.

III

A Vida Terrena

Saindo da última transmigração na série meramente animal, o espírito, cõnscio já da sua *identidade* e da sua *personalidade*, tendo já a *intuição* da lei fatal do progresso, e do seu próprio destino, entra numa nova série de incarnações — *as humanas*, onde êle tem por fim *despir gradualmente* os instintos materiais da animalidade, e *ascender* de mais em mais em moralidade e sciência, limpando-se, depurando-se, nobilitando-se através de sucessivas incarnações, até que, pelo seu valor e mérito, possa prosseguir numa vida puramente espiritual.

Chegado a esta fase do seu desenvolvimento, o espirito começa por animar corpos humanos pertencentes às raças mais rudimentares e incultas. E, se é prudente, e não vaidoso, nas subsequentes encarnações *sobe gradualmente* os diversos graus da escala humana, até atingir a categoria do homem culto e civilizado.

Se, porêem, após a sua primeira encarnação humana, o espírito é *vaidoso* e presume demasiado das suas próprias fôrças, então *escolhe* para sua encarnação imediata uma que os seus méritos não comportam, e pode então vêr-se o hotentote ou o cafre de *ontem*, transformado *hoje* em cidadão de um estado europeu culto e livre.

Mas então os instintos insociáveis do selvagem *ressumbram* através da capa do homem civilizado, transformando-o num cidadão maléfico, incompatível com a civilização no meio da qual vive. O homem nestas circunstâncias será politicamente um anarquista, e socialmente um grande criminoso.

É certo que o homem tem para sua defêsa e guia — *a consciência*, que lhe dita o seu dever moral; mas se êle não bebeu ainda as noções indispensáveis do dever individual e cívico, a sua *consciência* não pode vêr claro onde tudo são sombras e incertezas.

*

* *

Eis, pois, o homem colocado entre *o bem e o mal*; e, no gôzo pleno do seu livre arbítrio, escolhe o caminho que mais lhe apraz.

Ora, os deveres do homem, apesar de múltiplos e variados, podem resumir-se em poucos.

Com respeito a si próprio o homem tem o dever de *se instruir* e de *se moralizar*, isto é: tomar como norma da sua vida a *Verdade* e o *Bem*.

Mas o homem nasceu também para a vida social, sem a qual não poderia progredir; é conseqüentemente um membro, uma parcela da grande família humana.

Daqui resultam-lhe direitos e deveres para com os seus semelhantes; e dêstes o mais indispensável, a virtude que sobreleva a todas, é a da *Caridade*, isto é, o *amor fraterno* para com todos os membros da grande família humana.

A *caridade*, porém, como o espírito a compreende, não consiste apenas na *esmola*, ainda que pródigamente espalhada; a *esmola* é apenas uma das múltiplas formas da caridade, que se aplica aos nossos irmãos indigentes; a *caridade* consiste essencialmente numa *benevolência ilimi-*

tada para com todos os homens, desde o mais virtuoso até ao mais delinqüente. Como o Proteu da fábula, ela toma mil formas. — É a *esmola* para o indigente, o *conselho* para o ignorante, o *incitamento* ao que fraqueja, a *censura amorável* ao que se transvia; é a *paciência* para com o arrogante e o vaidoso, o *confôrto* para o que sofre, é o *perdão* para o que nos ofende.

É isto, e muito mais do que isto; é tudo quanto significa um acto de *solidariedade* e amor para com os nossos semelhantes; e tudo isto *feito sem ostentação*, sem mira em qualquer recompensa ou elogio presente ou futuro.

Consiste em fazer o bem, *simplesmente por ser um bem*, e porque é um dever fazê-lo.

«*Amar a Deus e ao seu próximo é realizar toda a lei e os profetas*» dizia o Cristo. E, de facto, a caridade encerra em si todas as virtudes. Quando o amor da humanidade nos anima, fazemos aos outros o que desejaríamos que êles nos fizessem em idênticas circunstâncias.

É difficilimo, bem o sabemos, realizar cabalmente êste dever de caridade universal; mas nem por isso êle deixa de ser o ideal e a lei do nosso dever, que consiste em *combater o mal* com intransigência, e em *fazer o bem* a todo o transe, em harmonia com as nossas posses e capacidade.

Aqueles que mais se aproximarem dêste ideal serão os mais beneméritos perante o Criador, e

terão, como *recompensa necessária*, uma ascensão mais rápida na escala do progresso; os que se afastarem, sucumbindo na luta, *por culpa* de sua vontade, terão, como *punição fatal e conseqüente*, — uma mais longa série de reencarnações sucessivas, antes de ascenderem à vida espiritual definitiva.

*

* *

IV

A Vida Astral

Morreu um homem.

Segundo pretende o positivismo e o materialismo, êsse homem, fôsse êle um Mozart, um Rubens, um S. Vicente de Paula, ou o mais feroz assassino—*cessou de existir*.

Todos êles *são iguais* perante a morte. Qualquer dêles não passa de *um cadáver*, que a terra dissolverá no seu laboratório imenso, e de que *só ficará subsistindo* (quando muito durante algum tempo), um nome querido ou abominado.

Nada mais. A inteligência ou a índole vir-

tuosa que o exalçara em vida, ou a malvadez de carácter, que o tornara temido e odiado, tudo isso *se sumiu para sempre*, como secreções passageiras de um cérebro putrefacto. Nesta doutrina *subversiva* não há *mérito* nem *demérito*, tudo é *fatal* e *irresponsável*.

Mas o espiritualista, agremiado em qualquer culto, sustenta a negativa, dizendo que -- *êsse homem não morreu de todo*, porque o espírito, *imaterial* e *eterno*, não pode acabar. Mas, como para êle há *mérito* e *demérito*, e tem conseqüentemente de haver *expição* de culpas, manda-o previamente para uma região *hipotética* e *desconhecida*, a que chama *purgatório*; e só, depois de aí expiar as suas culpas, é que pode ascender às regiões inefáveis da *beatitude eterna*, ao céu, onde passará a eternidade na mais santa ociosidade, contemplando absôrto e face a face — o *Criador*.

Se, porém, êsse homem era um perverso, então manda-o desde logo, *sem apelação nem agravo*, para outra região igualmente *hipotética*, que nem a geografia, nem a astronomia conhecem, — para o *inferno*; onde, para expiar culpas gravíssimas, *embora passageiras*, terá de sofrer suplicios horríveis e *eternos*.

Uma vez entrado aí, não lhe resta a mínima esperança de melhoria de situação. *Lasciate ogni speranza ó voi che intrate*, diz o Dante no seu

poema imortal, aludindo às hórridas e tórridas regiões do *inferno*.

Mas, em oposição a estas duas doutrinas, que pecam ambas por *irracionais e opostas a toda a noção de justiça e de progresso*, vem o espiritismo e diz:

— “Não! êsse homem, que dizem morto, *não cessou de existir*.

Desincarnou apenas, largou o invólucro material que já não podia servir-lhe, e, envolta a alma no seu corpo astral, mantendo a mesma forma humana (embora invisível), e a mesma personalidade, passa *a viver* no imenso espaço sideral, uma vida mais livre e remontada. Aí, livre dos laços materiais, que lhe ocultavam o conhecimento das suas *existências anteriores*, e inventariando assim todos os progressos realizados, rememorando todos os seus lapsos e quedas, todos os seus vícios e crimes, — ela *sofre* pelo remorso do que fez, *sofre* pela impotência em que se acha de continuar a saciar os seus desejos e apetites, que aliás não pôde deixar na terra.

E quando a *sua própria consciência* se houver arvorado em juiz inexorável, quando pelo remorso salvador houver readquirido uma noção exacta da sua situação real, e a convicção de quanto lhe falta para se aproximar do ideal que deve norteá-lo; êsse espírito *resolverá, por sua iniciativa própria*, reincarnar novamente, a fim

de, em nova existência terrestre, prosseguir na expiação que deve colocá-lo na senda da perfectibilidade, que é a *sua lei*.

E quando, após uma série mais ou menos longa de existências terrestres, êsse espírito houver atingido na Terra o seu máximo desenvolvimento intelectual e moral, *imigrará* para outros planetas ou mundos siderais, que em miríades de milhões povôam os campos do espaço, e aí, retomando corpos cada vez mais subtis, prosseguirá na sua marcha ascencional e eterna.

E só mais tarde, depois de encerrado o ciclo das suas reencarnações, é que o espírito humano, depurado de todos os laivos da animalidade, rico de sciência e de virtude, pode passar a viver uma vida *puramente espiritual*, mas independente de tudo quanto o rodeia.

Porque os espíritos não são, como erroneamente se julga, seres vagos e indefinidos, à maneira de chamas, fogos fátuos ou fantasmas; são, sim, *seres nítidos de formas e pessoais*, tendo um corpo como o nosso, mas *fluídico e invisível* para os nossos olhos, *no seu estado normal*.

*

* *

No mundo espiritual há, segundo dizem os

Espíritos, sete esferas, ou antes sete *estados* da alma ; pois que estas esferas não são *mundos* ou *lugares* de expiação, mas sim *graus* de *perfectibilidade*.

Na primeira esfera, que se pode dizer occupada pela atmosfera terrestre e suas imediações, o espírito, impregnado ainda de todas as paixões terrestres, *sofre* não só pelo remorso e pela vergonha do mal que fez, mas pelas sensações múltiplas, que agora se tornam insaciadas. E' assim que o assassino *vê* constantemente ante si as suas vítimas sanguinolentas que o perseguem.

O avarento *sofre* por *vêr* dissiparem-se prodigamente as riquezas que em vida sórdidamente guardara.

O orgulhoso e soberbo *sofre* na sua vaidade, pelo isolamento em que se acha, visto que o prestígio e as hipocrisias da vida terrestre cessaram de todo com a morte do adulado.

O sensual e o vicioso *sofre* por não poder saciar os seus instintos animais, e as paixões que constituíram o objectivo constante da sua vida terrena.

Assim, enquanto a consciência dos seus êrros lhe não abre as portas salvadoras do remorso, o espírito desincarnado *sofre* um verdadeiro supplicio de Tântalo.

Na segunda esfera, o espírito, mais depurado pelo remorso, *sofre* ainda, mas não tanto, e

progride *pelos seus próprios esforços*, e pela colaboração dos vivos, mediante a oração, não por que esta vá por qualquer forma alterar os decretos imutáveis da Providência ; mas porque, actuando no espírito desincarnado, aumenta a sua fôrça moral, e dá-lhe coragem para lutar com a adversidade, abrindo-lhe o caminho da esperança. E' nestas circunstâncias que o espírito — ou toma a resolução de incarnar novamente para expiar os seus êrros, ou passa, se lhe é possível, à esfera fluídica imediata.

Os bons Espíritos habitam geralmente na quarta e quinta esferas, onde se aperfeiçoam no estudo superior das leis da Natureza, e nas missões de paz e caridade que êles assumem voluntariamente sôbre a Terra, ou em outros planetas. E' assim que, de espaço a espaço, aparecem os *grandes génios* nas sciências e nas artes, os *grandes modelos de caridade*, os *grandes reformadores*, a fim de darem à humanidade do seu tempo um impulso verdadeiramente genial.

Tais foram o Krishna, Budha, o Cristo, S. Vicente de Paula, Joana d'Arc, Raphael, Newton, etc.

Os maus espíritos, ou espíritos atrasados, reincarnarão vezes inúmeras até que, depurados pela expiação, possam ascender à vida espiritual.

Assim neste sistema filosófico—não há penas nem sofrimentos *eternos*, não há *eleitos* nem

condenados; — todos são *eleitos* em prazo mais ou menos longo, consoante os seus merecimentos. E' isto o que o Cristo ensinou, quando disse: — «*Assim, vosso Pai, que está nos céus, não quer que pereça um só de seus filhos.* (S. Mateus cap. XVIII, v. 11.)

Perante esta concepção, *única* que se coaduna perfeitamente com a noção da justiça divina, imanente no fundo do nosso coração, não há lugar para desânimos: a lei soberana do progresso não admite excepções, — *Todos hão de progredir, todos hão de atingir a meta.* E' questão de tempo.

*

* *

Quais são, porêm, as condições reais da vida dos desincarnados?

Não é muito fácil responder satisfatoriamente a esta questão; já porque as condições da existência são totalmente diversas das da vida, faltando assim palavras com que traduzir em rigor essas condições, já porque a tal respeito não são completamente harmónicas as revelações dos Espíritos, atento o seu diverso gráu de cultura, pois em regra cada um pinta os factos a seu sabor, traduzindo o que consigo se passa.

Só os Espíritos superiores (que aliás raras vezes se comunicam) poderiam dizer-nos a verdade inteira a tal respeito.

Todavía há uns certos dados que se consideram adquiridos para a sciência.

Pode dizer-se de uma maneira geral que a personalidade terrestre — é *um ser analítico*, ao passo que a personalidade espiritual é *um ser sintético*.

E com efeito, na vida terrestre cada função vital tem seu órgão distinto, cada percepção anímica tem ao seu serviço um órgão especialmente conformado. Na vida psíquica, nem o corpo fluídico precisa de órgãos para viver, nem a alma carece de sentidos para sentir.

Não há órgãos dos sentidos, diversos e especiais, mas apenas *um sentido único*, fusão de todos êles, a que poderemos dar o nome de *consciência*, e que se estende por toda a superfície do *perespírito*. Esta consciência mais ou menos *extensa*, mais ou menos *livre*, mais ou menos *afectiva e emotiva*, permite-lhes apreciar com maior ou menor intensidade — *a verdade, o belo e o bem*. Posto isto, é fácil compreender que a situação e capacidade psíquica dos desincarnados é mui diversa, consoante o seu desenvolvimento intelectual e moral anterior.

Nos animais inferiores o perespírito, sendo ainda muito grosseiro e material, torna o seu

estado psíquico muito obscuro, por isso, para estes seres a reencarnação é quasi rápida, porque é o único meio de progresso para êles.

Nos animais superiores, e no homem moralmente pouco desenvolvido, o *perespírito* é já menos denso, mas ainda pouco apurado, as suas recordações são pouco nítidas, e a consciência *vaga e nebulosa*. O desincarnado desta categoria compreende mal ou pouquíssimo a sua nova situação. Muitos supõem que *ainda vivem* a vida *terrena*, e esforçam-se por praticar os mesmos actos que lhes eram habituais.

E assim vão vivendo numa *meia inconsciência*, até que se opera uma nova incarnação.

Quando, porém, o falecido tem uma intelectualidade mais elevada e moralmente mais desenvolvida, o seu espírito após a morte, e passado um *curto período de perturbação*, resultante da passagem para *um meio* muito diverso, cedo adquire a consciência, não só da sua *última personalidade*, mas também a das *existências anteriores*, deduzindo assim dessas biografias sucessivas, a noção nítida das necessidades futuras que mais lhe interessam.

Nestes casos a reencarnação, consciente sempre, torna-se mais ou menos livre, dentro de uns certos limites; pois é sempre mister que haja uma relação de similhaça entre a organização física dos futuros pais e o estado de adiantamento do desincarnado.

Êsses espíritos, já obedecendo ao seu próprio raciocínio, já cedendo às sugestões de espíritos superiores, calculando os trabalhos e provas a que precisam de sujeitar-se, escolhem para regressar à Terra as condições de vida que lhes parecem mais aptas para o seu progressivo desenvolvimento.

Nos desincarnados de mentalidade superior a sua consciência e liberdade atingem um grau muito desenvolvido, que lhes permite conhecer o seu passado e entrever o seu futuro dentro de limites bastante largos.

Para êstes não há obstáculos materiais.

O seu *perespírito* resplandecente transporta-se a distâncias enormes com a rapidez do pensamento. Livres já das reencarnações penosas, continuarão a elevar-se de mais em mais na escala da perfectibilidade.

Sessões Espíritas

I.—Generalidades

Toda a teoria e toda a moral do Espiritismo resulta, — não de um sistema preconcebido ou da imaginação mais ou menos fecunda do homem; mas sim e unicamente — *da revelação feita pelos espíritos de vários desincarnados de uma categoria moral superior.*

Essas revelações, coligidas pouco e pouco, aqui e alêm, em todos os pontos do globo, constituem já hoje o corpo de doutrina, mais completo e variado que é dado conceber-se.

Harmónicas sempre no *fundo essencial* da doutrina, estas comunicações apresentam apenas divergências accidentais, que resultam unicamente do particular modo de ver de cada um dos reveladores, que quasi sempre manifestam reminiscências do seu modo de pensar terreno.

Importa por isso a todo o espirito sincero e estudioso *conhecer os meios para se pôr em rela-*

ção directa com os Espíritos desincarnados, a fim de obter dêles conselho e ensinamentos profícuos.

Para realizar êsse fim devem os espíritas reúnir-se em grupos de 4 a 12 indivíduos, podendo excepcionalmente exceder-se êsse número, sem ultrapassar o de 20. Sempre que possível seja, deve compreender homens e mulheres, e em número aproximadamente igual. Importa muito que as sessões sejam feitas em dias e horas certas e que o pessoal seja sempre o mesmo.

Em regra, as sessões fazem-se de noite, e com uma luz moderada, porque a luz quási sempre prejudica a intensidade dos fenómenos, que por vezes decuplicam de valor na obscuridade completa ou quási completa.

Há sempre um presidente ou director, que deve ser o mais entendido no assunto; é êle quem dirige a sessão e o único que deve em regra usar da palavra.

Aberta a sessão pelo presidente, os assistentes devem colocar-se numa *atitude de passividade* e sempre em harmonia de pensamento e de vontade com o presidente, pois é *indispensável* que o grupo constitua *uma fôrça única, uma só pessoa moral*.

Esta recomendação é de capital importância nas sessões de *incarnação* ou *incorporação*, e nas de *materialização*, *apports* e outras de *espiritismo transcendente*.

Nas sessões de *tiptologia* e *escrita indirecta* ou *mecânica*, não é indispensável, embora sempre seja vantajoso, tanto rigor; e o mesmo se aplica à obscuridade, que nestes casos é dispensável.

Êstes fenómenos, sendo os mais simples do espiritismo e aqueles que melhor se prestam à fraude, teem tudo a lucrar em serem obtidos com uma luz suave e moderada, que os não prejudica e se presta melhor à fiscalização.

Se, porêm, o médium é de fôrça a produzir fenómenos mais transcendentes, como são:—*aparições luminosas, materializações e incorporações*, como em tais casos o médium cai em *transe*, e a luz lhe é, em tal caso, extremamente nociva, é indispensável empregar a *luz vermelha, azul* ou a *obscuridade completa*.

Afim de conciliar os interesses do médium com a conveniência da fiscalização, costuma-se fazer na mesma sala onde se faz a sessão, (que se realiza à luz vermelha) um pequeno recinto triangular, formado com reposteiros, dentro do qual a escuridão é completa e onde o médium repousa. Êste recinto escuro é o ponto de partida de todos os fenómenos, que depois se manifestam na sala.

Durante a sessão importa sobremaneira que os assistentes se mantenham tranquilos, sem medo nem receio, e animados de uma viva benevolência para com o médium, desejando íntima-

mente que se produzam fenómenos, que não devem ser interrompidos enquanto se estão produzindo. Os assistentes devem manter o seu espírito numa passividade completa, identificando-se com o director da sessão.

Se o papel do *médium* é importante, o dos assistentes está longe de ser indiferente. Êles podem, pela sua boa ou má vontade, ou pela sua desconfiança para com o médium, *auxiliá-lo ou prejudicá-lo* a ponto de impedir a produção de fenómenos. Constituem um *círculo fluídico*, que impede o perespírito do *médium* de perder a sua fôrça, e impede por outro lado que influências exteriores ao grupo, se as houver, se apossessem dêsse perespírito.

É por isso que nas sessões de *incorporação, d'apports e de materialização* se deve formar sempre a *cadeia* em tórno do *médium*, dando-se os circunstantes as mãos.

Essa *cadeia* é fechada ou aberta, conforme o *médium* fica no centro da cadeia, ou sómente em frente dela.

Atendendo a que um ou dois dos assistentes bastam, pela sua má vontade para com o *médium*, para impedir os fenómenos, importa escolher os assistentes por forma que o grupo fique o mais homogéneo possível.

Como num grupo de 6 ou 8 pessoas há ordinariamente uma, pelo menos, que tem faculda-

des *mediúmnicas*, é raro que, reunindo-se um grupo de pessoas sérias, nas condições que deixamos indicadas, passadas algumas sessões, se não manifestem alguns fenómenos de ordem espirita.

O primeiro dêles é quasi sempre os *movimentos da mesa*, com o contacto das mãos dos assistentes; mais tarde veem as *pancadas no interior da mesa*, a *escrita automática*, e *movimentos de objectos* sem contacto.

São êstes os fenómenos que ordinariamente se podem obter com os *médiuns* vulgares, cuja potência é muito limitada.

Quando, porém, o *médium* dispõe de um poder mais elevado, pode então ir muito mais longe, e obter por exemplo — a *escrita directa*, os *transportes* de objectos distantes, as *incarnações* e as *materializações*.

*

* *

Os espíritos desincarnados, tal qual como os incarnados, são atraídos pelos laços de simpatia, e da similhaça de carácter e gostos.

É por isso que os espíritos elevados não frequentam os grupos de pessoas levianas, onde se faz do espiritismo um mero divertimento.

Importa por isso em todos os círculos ou grupos espíritas, banir das suas sessões as perguntas e consultas frívolas e banais, pois elas só poderiam atrair os espíritos levianos e maus, que só buscam ocasiões de enganar e embair os crédulos, e que muitas vezes assediam e perseguem com a sua má influência o *médium* e os assistentes.

Os grandes espíritos após a morte, como em vida, só se dignam comparecer nos grupos de homens sérios e eruditos, que fazem do espiritismo um estudo especial e transcendente.

É freqüente invocarem-se a cada passo homens célebres, tais como Ovídio, Homero, Platão ou Galileu, e sucede a mesa revelar a sua presença em círculos de pessoas mais ou menos fúteis, para quem o espiritismo não é um objecto sério de estudo.

Em casos tais é muito para duvidar que a presença de tais personagens *seja real*. Geralmente são outros espíritos inferiores e zombeteiros, que, conhecendo a vaidade e pouca seriedade dos evocadores, se aprazem em representar o papel d'esses grandes homens, para ludibriarem os seus crédulos invocadores.

Por isso, afim de evitar em grande parte esse perigo, em muitos grupos tem-se por hábito não invocar *determinadamente* o espírito de ninguém, fazendo apenas nma *invocação genérica*.

Essa invocação é feita pelo director, (geral-

mente em voz alta), e acompanhada mentalmente por todos os assistentes, que assim começam por pôr-se em unísono com o director. Não há fórmula definida para essa invocação; todas podem servir. Todavia, como amostra, damos a seguinte, que é muito usada.

—«Deus Onipotente e Criador dos Universos, nós te invocamos e veneramos;—Espíritos bons e tutelares, fazei com que algum de vós tome este grupo sob a sua direcção e protecção, permitindo que às nossas sessões só venham espíritos benevolentes, que nos inspirem para o bem, e os espíritos sofredores, que possam receber de nós auxílio e conselho.»

Toda a sessão espírita, para que seja proveitosa e livre de perigos, deve em primeiro lugar ser *séria e recolhida*, tratando-se os espíritos com as *mesmas atenções* com que os trataríamos se fossem vivos.

Julga-se geralmente que todo e qualquer *médium* pode fazer comparecer todo e qualquer espírito.

É um engano; e sobretudo nos *médiuns* superiores observa-se que elles teem geralmente um *espírito guia* que lhes assiste, e que é por intermédio dêste que outros espíritos se podem manifestar.

O *médium* é um ser *essencialmente passivo*, é *uma faculdade* e não *uma fôrça*, é um instru-

mento, que para dar sons carece de *um músico* que o faça vibrar. E os músicos aqui são os espíritos.

E alguns dêstes por tal forma se impõem ao *médium*, que o subjugam e impedem de comunicar com outros espíritos. É isto o que se chama a *obsessão*.

Ê por esta razão que muitas vezes succede perder o *médium* súbitamente a faculdade *mediúmnica*, e manter-se nesse estado negativo durante um tempo mais ou menos longo, até que mais tarde se resolvem a levantar-lhe a *interdição*.

*

* *

Presumem as pessoas alheias ao Espiritismo, e mesmo muitos espíritas incipientes, que os espíritos desincarnados, pelo facto de se acharem libertados da matéria, *devem saber tudo*, e conseqüentemente podem responder a tudo que se lhes perguntar. É um êrro crasso. Os espíritos, mormente nos primeiros tempos após a morte, não teem maior sabedoria do que aquela que tinham levado da vida terrena.

É só passado algum tempo após a sua desin-

carneação, e depois de terem atravessado o *período de perturbação mental*, que elles retomam posse de si mesmos, rememora as passadas existências, e começa a reconhecer o meio novo em que vive.

Só então é que elles podem estar em condições de saber alguma cousa mais do que nós; porque é só com o decorrer do tempo que podem adquirir uma soma considerável de novos conhecimentos.

Mais ainda;—a morte *só por si* não depura as consciências; e o espirito do selvagem ou o do criminoso não é, além da campa e nos primeiros tempos a seguir, menos selvagem e criminoso do que fôra cá. O do homem leviano e fútil, o do mentiroso, ou o do vicioso mantem durante um largo periodo os mesmos hábitos e os mesmos vícios. Arrastando na sua bagagem espiritual as mesmas ideias e crenças religiosas, vêem tudo através dêsse falso prisma, e iludindo-se a si próprios, iludem-nos *inconscientemente* muitas vezes, dando-nos como verdades inconcussas, o que não passa de ser a sua própria crença e ideias terrenas.

É preciso que eles estejam muito depurados e livres de preconceitos terrenos para que as noções que nos ministram sôbre a vida de além túmulo mereçam um crédito inteiro.

É por isso mister muita circunspeção na admissão das suas comunicações, e não aceitar

como verídico senão aquilo que fôr digno de crédito. Se há espíritos que nos ilustram com as suas comunicações transcendentales, a grande maioria são levianos, zombeteiros, ou maus, que só produzem banalidades, embustes ou incoerências.

Assim, pois, torna-se evidente que as comunicações espíritas podem ser boas ou más, verídicas ou falsas, científicas ou banais, conforme os espíritos donde partem.

E' pela natureza da comunicação que podemos reconhecer se ela parte de um espírito elevado ou culto ou de um atrasado e rude.

Por outro lado, os Espíritos não podem em rigor responder senão sôbre o que conhecem, e sôbre o que *lhes é lícito* dizer, pois há cousas que à humanidade *cumpre descobrir* e que não devem portanto ser-lhes *gratuitamente* reveladas e ainda outras cuja revelação seria mesmo *um crime*.

As manifestações espíritas não devem ser destinadas a servir *aos nossos interesses materiais*, tais como descobrir o meio de enriquecer sem trabalho; descobrir qual o número de uma lotaria em que há de sair a sorte grande, descobrir tesouros escondidos, quando êles devem pertencer a outrem, etc.

Os espíritos elevados não *adivinham* o futuro, podem *pressenti-lo* de uma maneira mais ou menos vaga; mas ainda que queiram precisar a data de um successo pretérito ou futuro, não o podem

fazer com segurança, porque, não havendo para elles dia nem noite, não teem uma noção exacta do tempo decorrido ou a decorrer.

É por isso que bastas vezes se notam erros de data na asseveração de factos de todo o ponto verdadeiros.

Cada um de nós tem um *espírito tutelar*, que assiduamente vela por nós, nos inspira *inconscientemente para nós*, procurando levar-nos pela senda do bem, sem contudo forçar por qualquer forma o nosso livre arbitrio.

É este espírito tutelar que o Cristianismo baptizou com o nome de Anjo da Guarda.

Além dêste, muitos outros espíritos familiares nos rodeiam e inspiram a cada passo, sem que nós o pensemos.

*

* *

II. — Os Médiuns

O que vem a ser um *médium*?

A resposta é simples: — Dá-se o nome de *médiuns* às pessoas cuja constituição físico-psíquica lhes dá a faculdade de poderem servir de

intermediários entre os vivos e os que já morreram.

Como poderemos reconhecer que uma pessoa é *médium*?

Em rigor só pela *experiência* se podem reconhecer as pessoas que gozam dessa faculdade. Todavia observa-se que em geral os *médiuns* se encontram quasi sempre entre os nevropatas, isto é, pessoas nimiamente nervosas ou histéricas.

São mui fáceis de cair no sono magnético ou no hipnótico, e obedecem mui facilmente às sugestões, mesmo mentais, dos assistentes.

E por isso podem *inconscientemente* fornecer aos desincarnados uma parte mais ou menos considerável do seu fluido nervoso, e mesmo, no medianismo transcendente, uma porção da *sua substância orgânica*, o que permite aos espíritos o manifestarem-se *materialmente*.

Pode isto parecer um absurdo aos não iniciados no espiritismo; mas é um facto indubitável, atestado por notabilidades científicas dignas de todo o crédito.

Sendo, como já dissemos, muito impressionáveis e sugestíveis, importa que os assistentes mantenham uma *passividade mental completa*, para assim evitar que o *médium* possa *reflectir* os seus pensamentos, o que aliás é facilimo porque durante a produção dos fenómenos mais importantes, êles perdem quasi sempre a sua *consciência*

normal, ficando num sono especial denominado *transe*.

Como os fenómenos espiritas não se produzem *sempre que o médium quer*, daqui resulta que alguns dêles, para manterem os seus créditos, são muitas vezes levados a fraudes; *consciente* ou *inconscientemente*.

A fraude *inconsciente* consiste geralmente em pequenos movimentos arrebatados, que, *de per si*, seriam *insuficientes* para produzir o fenómeno, mas que, segundo parece, tendem a facilitá-lo. A fraude *consciente* consiste em empregar *meios fraudulentos* para *simular* o fenómeno. Esta sim, é a verdadeira fraude, aquela que desacredita o *médium*.

Para evitar estas fraudes deve o *médium* ser constantemente vigiado com cuidado, por maior que seja a confiança que nêle se deposite.

A *mediumnidade* é um dom natural; mas pode aumentar consideravelmente com o exercício.

Para conservar êste dom precioso o *médium* deve evitar—a fadiga moral ou física, o uso de narcóticos e de bebidas alcoólicas.

*

* *

Tiptologia

A *mediumnidade* é de variadas espécies. Pode ser *tiptológica*, de *escrita automática*, *intuitiva*, *auditiva*, *visual*, *vocal* ou de *incorporação*, de *escrita directa*, de *aparições luminosas*, *d'apports* e de *materializações*.

A *mediumnidade tiptológica* é a mais vulgar, e aquela por onde se deve começar.

Para fazer uma sessão de *tiptologia*, quando não temos *médium* conhecido, toma-se uma pequena mesa redonda de pé central, sentam-se em torno dela 4 ou 6 pessoas, homens e mulheres alternadamente, (podendo ser), e colocam todas as mãos sobre a mesa, podendo as mãos *ficar ou não* em contacto umas com as outras.

O director faz a invocação, todos fitam os olhos no centro da mesa, e esperam em silêncio os acontecimentos. Se entre os assistentes há um ou mais *médiuns*, passados alguns minutos a mesa começa a oscilar e a ranger, podem mesmo produzir-se uns pequenos estalidos no interior da

madeira, e por fim a mesa levanta um pé e bate uma ou mais pancadas. Então convencionase com o espírito, que a fez mover, que uma pancada significa **sim**; duas pancadas **não**; e três **talvez** ou **não sei**: que, para formar as diversas pancadas, ao **a** corresponderá *uma* pancada; ao **b** duas; e assim por diante.

Deve então perguntar-se ao espírito qual ou quais dos circunstantes são *médiuns*.

Seguidamente pergunta-se—o nome e sobrenome do espírito, a idade que tinha, quando morreu, a doença de que faleceu, a terra onde morava, e todas as mais circunstâncias que tendam a verificar, se o espírito é quem diz ser, etc. Muitas vezes a comunicação fica interrompida, porque um outro espírito vem desalojar o que estava.

Por vezes a comunicação só dá palavras ininteligíveis. Isso é o resultado ou do espírito não saber ler, ou, o que também é vulgar, ser um espírito folgazão que se quer divertir à custa dos circunstantes. Em qualquer dos casos, o que de melhor há a fazer, é levantar a sessão, tirando as mãos da mesa. Outras vezes, quando o espírito é pouco sério, não quer dar comunicação, e limita-se a bater pancadas sucessivas e alternadas com os três pés, ou a inclinar o tampo sobre o colo de qualquer ou de todos os circunstantes,

outras ainda a percorrer a casa em tórno *arrojando-se* ou *saltando de pé em pé*.

Se o *médium* tiver bastante fôrça, a mesa pode funcionar tendo os circunstantes as mãos por cima da mesa, mas sem contacto com ela.

Escrita Automática

Nas sessões de *escrita automática* não há necessidade de formar cadeia com as mãos. Os circunstantes sentam-se onde melhor lhes apraz, o *médium*, ou o que pretende sê-lo, toma um lápis e uma fôlha de papel e senta-se em disposição de escrever,

Se o futuro *médium* tem tendência para vir a sê-lo, começa por fazer umas linhas mais ou menos tremidas; alguns dias depois podem aparecer algumas letras perceptíveis: mais tarde palavras inteiras, e finalmente comunicações extensas perfeitamente legíveis. Para se chegar a êste resultado é mister muita persistência; pois muitas vezes são precisas vinte sessões ou mais. Mas, quaedo se atinge êste resultado fica-se de sobra compensado do trabalho que se teve.

Ha *médiuns* escreventes, que ignoram o que estão escrevendo; e, só depois de finda a comunicação, é que teem conhecimento do que escreve-

ram; outros sabem o que vão escrevendo, porque o espírito actúa sôbre o cérebro formando nêle as ideias ou as palavras que a mão vai escrevendo. Estes teem o defeito de não saberem às vezes, se o que escreveram é *própriamente seu*, ou resultado da *inspiração do espírito*, ao passo que os primeiros nunca podem ter essa dúvida.

Os médiuns escreventes começam por sentir no braço direito um formigueiro ou entorpecimento geral: depois o braço torna-se *hirto, cataléptico*, e é, quando se acha neste estado, que o fenómeno da escrita automática começa.

Quando o *médium* está já *trenado* na escrita, chega a atingir uma velocidade extraordinária, e pode fácilmente estar discutindo e conversando com os circunstantes, sem que o perturbe na escrita que está fazendo.

*

* *

Às vezes acontece que a mediumnidade cessa por completo durante muitos dias. Nêste caso, verificando-se que durante 5 ou 6 dias o *médium* nada produz, é conveniente aceitar êsse facto com paciência, e suspender os exercícos de mediumnidade durante três semanas ou um mês.

Geralmente a mediumnidade volta mais tarde ou mais cedo.

Os espíritos teem geralmente percepções muito mais apuradas do que nós; vêem e ouvem cousas e sons que os nossos olhos e ouvidos não podem ver, nem ouvir; lêem mui fácilmente no nosso pensamento, e por isso, ou por meio da mesa, ou por meio da escrita, respondem muitas vezes a perguntas que nós só *mentalmente* fazemos. Não quere, porêm, isto dizer que os espíritos saibam tudo, ou possam responder a quanto lhes perguntarmos.

Os espíritos conservam na vida sideral, em geral, as mesmas afeições que de cá levaram; mas também pode succeder que abandonem alguns dos seus amigos terrestres, por verificarem agora que essa amizade era *fementida e interesseira*.

É conveniente, para se reconhecer a *identidade* de certos espíritos e a sua capacidade intellectual, obrigá-los a responder a perguntas *mentais*, mas isso, para ter valor, deve fazer-se da seguinte forma:— Em pequenos bilhetes todos iguais em tamanho e qualidade do papel, cada um dos circunstantes escreve um pensamento. Dobram-se os bilhetes em quatro partes e deitam-se numa caixa; depois o director da sessão tira ao acaso um deles e pede ao espírito que responda àquele bilhete. Como ninguém sabe o

que está escrito no bilhete, não pode atribuir-se a resposta, quando certa, a sugestão de nenhum dos circunstantes. Dada a resposta à pergunta, abre-se então o bilhete e mostra-se aos circunstantes. E da mesma forma se procede para os demais pensamentos.

Importa também destrinçar os bons dos maus espíritos. Os bons reconhecem-se pela veracidade e sisudez das suas respostas, ao passo que os maus caracterizam-se pela banalidade, leviandade e mesmo falsidade do seu dizer.

Nem sempre um espírito invocado pode vir ao nosso apêlo; a vida do espaço não é uma vida de ociosidade; há lá o trabalho espiritual, como aqui temos o trabalho material. E os espíritos mais adiantados teem missões a cumprir, missões que não podem abandonar para acorrer à nossa chamada. Outras vezes não vêm ao nosso chamamento, ou por falta de laço simpático entre êles e o *médium*; ou porque, tendendo essa evocação a satisfazer uma mera curiosidade dos circunstantes, êsses espíritos não se prestam a servir de recreio ou passatempo a ociosos.

*

* *

As mediumnidades intuitiva, auditiva e visual não se prestam a sessões com *médiuns* exclusivamente dessas naturezas; porque esses *médiuns* não podem ser observados ou estudados convenientemente; por isso passaremos a outro género de sessões, que são interessantíssimas a todos os respeito;—referimo-nos às sessões de *encorporação* ou de *mediumnidade vocal*, que se realizam da maneira seguinte.

*

* *

Mediumnidade Vocal

Estas sessões realizam-se ou em completa obscuridade, ou então iluminadas com uma lanterna munida de um vidro vermelho ou violeta.

O *médium* deve estar sentado cómodamente num *fauteuil* ou cadeira de braços muito sólida,

atado à cadeira pela cintura, pelos pulsos e pelas pernas por cima das roupas, afim de que se não possa molestar, se a sessão fôr muito agitada, como por vezes succede.

Os assistentes sentam-se em tórno do *médium* formando um círculo, e dão-se as mãos, formando uma cadeia fechada. O director da sessão recita a meia voz a invocação, e faz-se um silêncio profundo.

Passado um quarto de hora, pouco mais ou menos, ouve-se o *médium* soltar alguns suspiros e gemidos, ficando em seguida em estado letárgico.

Devem inteirar-se todos os assistentes do **perigo enormíssimo** que pode correr o *médium*, se por qualquer motivo se romper a cadeia.

M.^{me} de Esperance, um dos *médiuns* mais notáveis da Europa, esteve quatro meses às portas da morte, pelo facto de, numa sessão em que ela mediava, um dos assistentes ter repentinamente rôto a cadeia e acendido um fósforo. Que êste facto sirva de lição aos imprudentes.

O *médium* passa em breve do estado de letargia para o de catalepsia mais ou menos accentuada. Nesta ocasião divisam-se às vezes em tórno do *médium*, aqui e alêm, pequeníssimas luzes azuladas, que nem todos podem aperceber. É o perespírito do *médium* que sai dêste, e se torna visível aos assistentes.

O *médium* começa então a sentir a invasão de um espírito desincarnado, que procura ocupar o lugar do seu, que está saindo, e essa luta manifesta-se por sintomas muito variados,—gritos, gemidos, vozes inqualificáveis, etc. Porêem, de todos os sintômas o mais característico dêste estado, é uma série de deglutições consecutivas muitas vezes repetidas.

Depois de muitos esforços o *médium* consegue falar.

Quando o *médium* está já *trenado*, estas incorporações tornam-se mais rápidas e fáceis.

Devemos fazer notar que a voz do *médium* varia com cada personagem, que nêle se incarna, e o estilo e modos igualmente.

Quando a sessão é feita com luz vermelha, observa-se também em muitos *médiuns*, que êstes mudam de fisionomia, conforme o espírito que nêle se incarna.

Quando a sessão de incorporação se prolongou bastante, e se calcula que o *médium* deve estar fatigado, deve dar-se a sessão por terminada, e para êsse fim pede-se ao espírito que está falando, que, quando tiver dito tudo o que deseja, se retire suavemente, despertando o *médium* completamente, e deixando-o perfeitamente sereno e tranquilo.

Se o espírito é razoável, concorda com o nos-

so pedido, e em breve o *médium* solta alguns suspiros de alívio e desperta.

Nesta ocasião o director da sessão intervêm também, dando alguns sôpros enérgicos nos olhos do *médium*, e fazendo-lhe em frente do rosto e sôbre a cabeça vários passes desmagnetizantes (vid. o nosso livro — *O Magnétismo* a paginas 36.)

Devemos sempre tratar os espíritos com a máxima afabilidade e atenções; mas casos há em que é indispensável ser enérgico e mesmo violento. Tal é o caso de se ter incarnado no *médium* um espírito maléfico e rebelde às atenções e delicadezas. Se se vê que se está tratando com um espírito dêstes, convida-se primeiro com bons modos a sair, e deixar o *médium* tranquilo. Se porêm, êle recalcitra e declara que não quiere sair, os assistentes unem-se *numa só vontade* com o director da sessão, e então êste, forte com essa união de vontades, — *ordena com toda a fôrça da sua vontade* ao espírito — *que saia já*. Se êle ainda tentar resistir, ordena-se-lhe novamente que saia em nome de Jesus.

É preciso, porêm, para que estas ordens sejam eficazes, que os assistentes *não sintam medo*, e estejam certos de que, nesta luta de *uma só vontade* contra a vontade *de muitos*, a fôrça está incontestavelmente do lado dêstes, e que são êles que hão de vencer.

Em casos extremos alguns directores de sessão chegam a vias de facto, dando no *médium* uma ou duas bofetadas. A êste argumento não há espírito que resista; porque o *médium* nada sofre com êle; e quem sente a dôr é o espírito intruso.

*

* *

Sessões Diversas

Para se realizarem as sessões de *apports*, fenómenos luminosos, materializações, etc., o dispositivo é quási o mesmo, com a diferença de que o *médium* fica num pequeno recinto completamente às escuras, sendo a sala onde estão os assistentes iluminada com luz vermelha, formando-se a cadeia (nas materializações) em frente do reposteiro que fecha o gabinete escuro.

Nas sessões de *apports* costuma-se atar as mãos do médium, e metê-lo dentro de um grande saco atado ao pescoço dêle. Desta sorte, êste fica impossibilitado de praticar qualquer *fraude consciente* ou *inconsciente*.

VI

Origem das Comunicações e seu Valor

Quando se tem assistido a numerosas sessões espíritas e se tem estudado meticulosamente o assunto, observam-se certos factos-típicos, característicos, gerais, de envolta com outros meramente accidentais, que levam a dúvida ao nosso espírito.

Não poucas vezes succede que as respostas dadas pela mesa, ou pela prancheta, parece responderem precisamente ao que temos no pensamento; enquanto que outras vezes as respostas são por tal forma diversas do que poderíamos supor, que nos deixam assombrados.

Perante estas divergências somos forçados a formular esta pergunta:—Serão com efeito provenientes dos espíritos das pessoas falecidas *todas as respostas*, que a mesa ou a prancheta nos dão como tais?

Durante muitos anos assim se supôz, porém

recentemente surgiu uma teoria nova — o *animismo*, que, sendo *falsa e insuficiente*, se pretendermos explicar com ela *todos os fenómenos* do espiritismo, pode todavia ser verdadeira, se apenas a aplicarmos àqueles fenómenos que *ela pode explicar cabalmente*.

Hoje todo o *espírita consciencioso e meticoloso* é ao mesmo tempo um *animista*.

Assim, ao passo que antigamente se atribuíam todos êstes fenómenos ao *espírito dos mortos*, hoje admite-se, *como possível*, a hipótese de que *uma parte* dêles possa resultar da *acção inconsciente* do espírito do *médium* combinado com o dos assistentes, e só os mais transcendentes sejam forçosamente produzidos pelos espíritos desincarnados.

Se a *teoria espírita* pode explicar satisfatoriamente *todos os fenómenos* de que temos tratado, a *teoria animista* apenas pode explicar cabalmente *alguns*.

Assim pois, sempre que um fenómeno se possa satisfatoriamente *explicar* pela teoria animista, devemos classificá-lo de *animista*; embora êle possa ser *espírita*; porêm, todos aqueles que não cabem dentro da teoria animista, devem desde logo ser classificados como fenómenos espíritas.

*

* *

Todos os que teem assistido a numerosas sessões de tiptologia teem notado que *a grande generalidade* das comunicações obtidas pelas mesas e por outros meios, partem de uma *personalidade inteligente*.

Nota-se mais:— 1.º que essa *personalidade* diz sempre ser o espirito de um individuo, que conservou a sua *individualidade e a memória do passado* mesmo depois de morto.

— 2.º que essa *personalidade*, em sessões diversas e mesmo com *médiuns* diferentes, conserva sempre as mesmas características, o que nos leva a crer que essa pessoa é *uma e a mesma*.

— 3.º que essa entidade tão fixa e permanente como a de um ser vivo, recorda exactamente, na maioria dos casos, a personalidade do falecido, ou seja revelando-nos certos factos, desconhecidos de todos, mas que posteriormente se averigua serem verdadeiros, e de que só essa entidade tinha conhecimento enquanto viva; ou seja revelando-se pelas suas qualidades ou defeitos morais, enviando-nos muitas vezes as suas comunicações na sua lingua própria, com a sua

caligrafia usual, ou timbre de voz; características estas de que raras vezes o *médium* tem conhecimento.

—4.º finalmente, que, *em regra*, essa entidade *do além* se reveste de todas as características próprias da última época da sua incarnação terrestre.

Assim pois, quando as comunicações se nos apresentam com êstes caracteres de identidade e de personalidade definidas, nenhuma dúvida devemos ter em aceitar que essa comunicação seja do espírito da pessoa que se diz ser.

Quando, porém, essas características não aparecem bem definidas, ou se mostram modificadas por uma mistura de elementos que se degladiam, ou que parecem emprestadas ao *médium* ou aos assistentes, nêsses casos *é prudente* concluir que a comunicação *não é da pessoa que se diz ser*. Sucede isto muitas vezes, quando vemos uma comunicação frívola ou ridícula assinada por um grande nome, que por certo se recusaria a firmá-la se vivo fôsse.

Estas comunicações—ou são devidas a um *espírito folgazão*, que se aprouve em vir embair-nos tomando um nome pomposo; ou então são um *produto anímico*, devido à *sugestão consciente* ou *inconsciente do médium* ou de algum dos assistentes.

Mas, tirados êstes casos, que são excepcionais,

não se deve, em regra, atribuir ao *médium* nem o conteúdo nem a forma da comunicação.

*

* *

Entrando agora na apreciação do valor intellectual e intrinseco das comunicações espiritas, diremos que nada há de mais variável e inconstante.

Se muitas vezes nos revelam verdades incontestáveis, noutras só nos dizem mentiras, banalidades, chegando muitas a ser grosseiras, injuriosas, e muitas vezes incoerentes e perfeitamente obscuras.

Mas, embora não passem por vezes de banalidades, podem todavia ser para nós do mais vivo interesse, quando nos dão provas incontestáveis da *identidade* do espírito que se revela, o que por vezes nos traz satisfações do mais subido quilate, mormente quando partem de seres que nos foram caros, e que encontramos assim através das brumas que separam os dois mundos.

Mas em muitos casos, e quando dispomos de um *médium* razoável, em vez da banalidade vulgar, obtemos ás vezes comunicações transcendentales e remontadas, que revelam uma intelligencia

lucidíssima e uma soma de conhecimentos extraordinariamente superiores aos do *médium* e dos assistentes.

E quando isto se dá, podemos então esperar conselhos preciosos e conhecimentos transcendentos. Foram as comunicações desta classe, que, ministrando-nos conhecimentos preciosos sôbre a vida espiritual, serviram de base para êsse conjunto admirável de conhecimentos filosóficos, que constituem a doutrina espírita.

Estas comunicações, espontâneas quási sempre da parte dos espíritos superiores, não tratam nunca de questões de interesse material, e apenas ministram conhecimentos científicos superiores, ou conselhos morais da maior vantagem para o progresso da sociedade.

Tal é essa admirável colecção de comunicações coligidas pelo distinto *médium* escrevente, o snr. Fernando de Lacerda, sob o título—*Do País da Luz*, que consta de três volumes colaborados póstumamente pelos mais distintos homens de letras e de sciência portugueses e franceses.

É a obra doutrinária que mais recomendamos, como complemento a êste nosso trabalho, que, pela sua natureza sintética, não pode entrar em minudências de doutrina.

E com efeito não conhecemos no estrangeiro livro que se lhe possa comparar em elegância de forma e sublimidade de doutrina.

*

* *

Todavia, para bem nos compenetrarmos do valor intrínseco das comunicações espíritas, é mister atender:—1.º à situação *actual* dos desincarnados que se comunicam. — 2.º às condições mediante as quais êle se está comunicando comnosco.

E com efeito, quanto ao 1.º ponto de vista cumpre não esquecer que, como na Natureza tudo se modifica *lenta e gradualmente*, não pode haver para os desincarnados (mormente nos primeiros tempos após a morte), uma transformação considerável na sua situação moral ou intelectual, e conseqüentemente não podem ser, durante êsse período, nem muito melhores, nem muito peores do que eram na época da sua morte.

São só os espíritos mais depurados e elevados moralmente, ou os que desincarnaram há bastante tempo, que gozam de amplas faculdades que lhes permitem ter uma largueza de vistas superior. Quanto aos de categoria média, que constituem a grande maioria, pouco avançam nos primeiros tempos, e os espíritos inferiores, moralmente muito atrasados, êsses, longe de serem su-

periores ao que eram na terra, em consequência de se verem privados dos seus sentidos materiais, experimentam logo após a morte um obscurecimento psíquico maior ou menor, que não lhes deixa perceber nitidamente a sua situação actual.

Porque, desenganemo-nos por uma vez, os desincarnados — nem são *bem-aventurados*, que gozam de uma meia omnisciência, — nem são *condenados* ou *réprobos*, sofrendo suplicios eternos.

São meros seres humanos que transitam da vida corpórea para a espiritual, procurando a fazer-se à vida dêste novo meio.

E com respeito ao 2.º ponto de vista, que cumpre ter em vista, isto é, *quanto às condições mediante as quais o espírito está comunicando comnosco*, cumpre atender a que o desincarnado só pode manifestar-se, atuando sôbre um organismo vivo. E por isso temos em primeiro lugar a *sugestão do espírito sôbre o médium*, e nêste caso a capacidade psíquica do espírito livre tem de modificar-se e limitar-se consoante a capacidade psíquica do *médium*. Em segundo lugar deve notar-se que se dá aqui como que uma *reincarnação efémera* do espírito no corpo do *médium*, e consequentemente ficará o espírito submetido às consequências fatais, embora atenuadas, das incarnações normais (tais são o obscurecimento relativo da consciência do espírito, o esquecimento parcial do passado, etc.)

Tal como o ar passado através de diversos instrumentos musicais, produz sons diversos consoante a forma e natureza de cada instrumento, assim também um espírito livre, actuando sobre o organismo de um *médium*, se modifica fatalmente consoante o organismo e a capacidade dêste.

*

* *

De tudo isto resulta que as comunicações espiritas *são o que são*, e não o que *desejaríamos que elas fôsem*.

Nada é, pois, para estranhar que sejam muito freqüentes as comunicações mediocres ou inferiores; pois que a grande maioria dos espíritos que se comunicam connosco, não estão intelectualmente em nível superior à humanidade incarnada, e as leis fisiológico-psíquicas, que regem essas comunicações estatuem que elas teem de coadunar-se com a capacidade e afinidades do *médium*.

Além disto os espíritos, para serem mais facilmente reconhecidos, mostram-se, quási sempre, o que eram no último período da sua derradeira existência terrena, por isso que a reencarnação parcial, que se torna necessária para a comunicação se dar, tende a fazer-se *sobre o modelo orgânico* mais moderno.

Acusam-se também as revelações e os fenómenos visuais do espiritismo de fazerem lembrar em muitos casos certos caracteres físicos e psíquicos do *médium*.

E todavia nada há que admirar que tal se dê, se reflectirmos em que as leis que regem êstes fenómenos são *completamente análogas* às que governam os fenómenos psico-físicos, que todos reconhecem e admitem.

A *analogia* é a grande lei do Universo.

Ora, assim como na vida normal a criança participa do moral e do físico dos progenitores que lhe deram o corpo, assim também as manifestações espíritas, produzidas pela combinação dos elementos psíquicos do espírito com os elementos físicos do *médium*, traduzem por vezes um misto que participa de ambos. E não é só isto; os próprios assistentes, se não se mantiverem numa passividade completa, podem, por sugestões mais ou menos *involuntárias*, actuar sôbre o *médium* e fazer com que êste traduza os seus próprios pensamentos.¹

Nota-se ainda que as comunicações de natureza elevada são fornecidas geralmente pela mediumnidade vocal ou pela *escrita automática*, e não pelos espíritos completamente materializados; e isto explica-se, porque no primeiro caso o espírito serve-se do organismo do *médium* actuando por sugestão sôbre êle, ao passo que

no segundo caso, criando provisóriamente para seu uso um organismo de empréstimo, a inteligência do espírito, perdendo a sua liberdade espiritual, vê-se forçada a servir-se dêsse organismo, de empréstimo, de que já não sabe usar convenientemente.

VII

Teoria dos Fenómenos Espíritas

Hoje nenhum homem sensato e de boa fé ousa já negar a *existência e realidade* dos fenômenos conhecidos pelo nome de *espíritas*; onde pode haver divergência de opiniões — é quanto à *teoria explicativa* dêles.

Não podemos, porque isso nos levaria muito longe, apreciar aqui, mesmo resumidamente, essas diversas teorias, das quais a mais sensata (afora a teoria espírita), é a conhecida com o nome de *animismo*.

Mas êste, já o dissemos, só pode aceitar-se para explicar *um restrito número* de fenômenos; como *teoria geral* é insuficiente; porque não pode explicar todos os fenômenos.

Ora, quando há duas teorias por igual aceitáveis, pede o espírito científico que se prefira aquela que *encerra a outra*, explicando satisfatoriamente *todos* os fenômenos.

E' isso o que se dá com a *teoria espírita*.

Segundo ela (já o demonstrámos) o homem é um *espírito incarnado*, composto de três entidades distintas, mas íntimamente ligadas, durante o periodo que chamamos vida.

Essas entidades são — a *alma*, o *perespírito* ou *corpo astral*, e o *corpo físico* ou *material*.

A *morte*, nesta teoria, não é o *aniquilamento do ser*, como pretende o materialista; é apenas o abandôno e dissolução do *corpo físico*, porque a alma, envolta no perespírito, fica constituindo o que se chama o *espírito*, que é *eterno* e progride em novas fases da existência, depurando-se indefinidamente.

Mas o *perespírito*, (já o vimos anteriormente), em vez de estar dentro do corpo material, irradia constantemente em tórno dêle uma parte da sua substância, formando como *uma auréola de eflúvios luminosos*, que os sensitivos vêem na obscuridade, e os sonâmbulos lúcidos também. Esta irradiação, mais ou menos intensa, segundo os individuos, pode exteriorizar-se nos *médiuns* e nos sonâmbulos até distâncias indeterminadas, produzindo assim fenómenos variadíssimos, tais como a *dupla vista*, a *hiperestesia sensória*, a *exteriorização da sensibilidade* e da *motricidade*, etc.

Até êste ponto bastaria *talvez* a teoria anímica para explicar êstes fenómenos. Há, porém,

muitos outros que são *incontestavelmente devidos* à acção combinada do *corpo astral* do *médium* com o corpo astral de um ser humano *já desincarnado*.

Dessa acção combinada resultam então fenómenos muito mais transcendentes e variados, — tais como *as materializações, as incarnações, a escrita directa*, e certas *revelações espíritas*, que não acham explicação racional em nenhuma outra teoria.

É que, de facto, a doutrina espírita é de todas — a *mais simples, a mais completa e clara, a mais racional e natural*.

O que é um facto incontestável é que, mesmo para os que não adoptam a teoria espiritual (mas que não podem negar a realidade dos seus fenómenos) a derrota do materialismo é completa e esmagadora, porque os modernos estudos de psicologia experimental vibraram-lhe o golpe de misericórdia.

O materialismo neantista está morto, e bem morto; pertence à história dos fòsseis. Prestou serviços relevantes à sciência, como um dique formidando, uma reacção necessária contra as teorias inconsistentes da psicologia escolástica, tão ôca, como inútil.

Mas a sciência não pára, o espírito humano progride sem descanso, e hoje que o materialismo era já *um impecilho* para o progresso sciên-

tífico, tão grande como o fôra a clássica filosofia medieval, vêem os fenómenos espíritas, pela frequência e meticulosidade das suas observações, opôr um dique ao materialismo e positivismo, que haviam ousado, qual novo Hércules, opôr um dique ao espírito humano, impedindo-o de ultrapassar as novas colunas de Hércules.

O materialismo *apoucou o homem*, reduzindo-o a um *mero autómató*, um *fantoche* sem dignidade, nem finalidade própria, nem responsabilidade; um fonógrafo com corda para um certo número de anos, findos os quais *tudo terminava no nada*.

Por seu turno os velhos espiritualistas também se enganaram; porque o espírito humano, como êles o sonhavam, era *uma mera abstracção*, sem realidade demonstrável.

A alma humana é alguma cousa de *mais real e grandioso*; porque os seus poderes são enormíssimos e o seu futuro progressivo em nada se assemelha ao que êles haviam sonhado. Raio emanado da *Potência Universal*, o espírito humano *é imortal*, e segue a trajectória infinda do progresso universal.

E, note-se; não foram *apenas* os fenómenos espíritas que mataram o materialismo: já antes disso lhe haviam vibrado golpes certos e fundos, os modernos estudos sôbre o *hipnotismo*, o *sonambulismo*, a *telepatia*, *desdobramentos da*

personalidade e fenómenos superiores da subconsciência.

E de facto, a clássica doutrina materialista, que considerava o pensamento, — *uma secreção do cérebro*, e a alma como — *uma função necessária dos centros nervosos*, era inadmissível por completo, desde que os fenómenos a que acabamos de aludir demonstraram que — essa tal *secreção anormal patológica* e meramente *accidental* dos hipnóticos, histéricos e sonâmbulos *vale mil vezes mais* como finura e intensidade, do que a *secreção idêntica*, mas *normal e regular*, dêsses mesmos indivíduos quando se acham no seu estado normal.

*

* *

Dissemos há pouco que os fenómenos do espiritismo eram devidos à acção combinada do *médium* com um espírito desincarnado. Êste representa o papel *activo*, aquele o papel passivo.

Ora, para que um espírito desincarnado possa comunicar comnosco, e actuar sôbre a matéria ambiente, — é *indispensável* que o *médium*, no estado de inconsciência, lhe possa ceder grande parte do seu fluido vital, e com êle, muitas vezes também, uma parte da sua substância orgânica.

Esta *cedência de substância material* demonstra-se directamente pela diminuição de pêso que experimentam os *médiuns*, quando se produzem os fenómenos de materialização de formas espiritas.

O perespírito dos seres desincarnados não pode actuar directamente sôbre a matéria inanimada, mas *só e unicamente* sôbre a matéria *análogamente organizada e viva* do *médium*.

Essa *acção* exerce-se por várias formas.

Umaz vezes actua por via de sugestão sôbre o *médium*, que assim á *forçado* pelo seu *magnetizador iuvisível* a escrever, falar ou praticar tal ou tal acção, conforme lhe aprouver.

Assim se produzem os *médiuns* típtólogos, escreventes, auditivos, intuitivos, de efeitos físicos, etc.

Outras vezes, actuando por meio de um organismo vivo, o espirito desincarnado apossa-se temporariamente de parte do corpo do *médium*, fazendo-lhe pouco e pouco mudar os traços fisionómicos, o metal de voz, ou a caligrafia, falando directamente pela sua bôca, escrevendo com a sua letra, e dando à vista a sensação fisionómica do morto.

Tais são os *médiuns* de *incarnação* ou *incorporação*.

Outras vezes o espirito *chama a si* uma parte da substância orgânica do *médium*, num estado

de desagregação molecular, e com ela constitui *provisóriamente* um corpo tangível, propriamente seu, produzindo assim mãos, pés, cabeças, bustos e corpos inteiros, que respiram, que falam, que pensam e actuam como uma pessoa normal, corpos reais que teem pêso, calor e vida, como qualquer de nós; mas *vida efémera* como a da mariposa; corpo que se esvai como névoa, e que como névoa se condensou, pêso que decresce rápido até reduzir-se a *zero*.

É assim que se produzem as materializações parciais ou totais que citámos anteriormente.

*

* *

Desenvolvendo êstes princípios torna-se fácil explicar *o processo* pelo qual se realizam os diversos fenómenos.

Suponhamos que se trata de um fenómeno de materialização, incontestavelmente o mais maravilhoso de todos.

Para que êle se produza é mister:

1.º que o espirito desincarnado, actuando sobre o *médium*, o magnetize, exteriorizando-lhe mais ou menos completamente o perespirito, mas não totalmente.

Em consequência desta exteriorização o *médium* cai num estado letárgico chamado *transe*.

2.º O espírito desincarnado apossa-se então do corpo material do *médium*, abandonado pelo seu perespírito, e afeiçoando, *ao seu próprio perespírito*, as moléculas materiais de que precisa, subtraídas ao *médium*, constitui um *corpo próprio*, que gradualmente se vai destacando do *médium*, até que, emancipando-se d'ele, constitui o *espírito materializado*. Êste, se a condensação material é frouxa, apresenta um aspecto mais ou menos diáfano, vaporoso ou luminoso no todo ou em parte; se, porém, a condensação material é completa, nêsse caso manifesta-se como um corpo *duro e tangível*, que anda, mexe, fala e raciocina.

Se, enquanto durar a aparição, se pesar o *médium* e se confrontar êsse pêso com o que tinha antes da experiência, verificar-se há que o dinamómetro acusa a falta de muitos quilogramas. Para onde foi essa quantidade de matéria? indubitavelmente para o corpo *provisório* do espírito materializado. E a contraprova está em que o *médium* readquire (com a diferença de algumas grammas) o seu antigo pêso.

Como é que se opera essa *desmaterialização e recomposição moléculas* do *médium*?

Diz-se, e com razão, que a *materialização* dum espírito é uma verdadeira *reincarnação num organismo transitório* constituído á custa do

médium, e que por isso *materialização e reencarnação* são fenómenos absolutamente *paralelos e comparáveis*, sendo a *reencarnação*—uma encorporação *normal, lenta* e por isso *durável*, ao passo que a *materialização*—é uma encorporação *anormal, rápida* e por isso *efêmera*.

Ora na *reencarnação* o perespirito da futura criança atrai a si os elementos materiais de que carece—1.º do *germen orgânico fecundado*.—2.º atrai também por assimilação, uma parte dos produtos da nutrição absorvidos diariamente pela mãe nos alimentos que tomou, e que são *matéria orgânica assimilável*,—vegetal e animal.

Na *materialização* o perespirito do desincarnado assimila a si *rapidamente do médium* as moléculas já animalizadas existentes no corpo d'ele.

E assim como, nascendo, a criança está prêsa à mãe pelo *cordão umbelical*, assim também a aparição materializada fica prêsa ao *médium* por um laço fluídico, sem o qual não pode subsistir.

Mais analogias: assim como, geralmente, a criança se assimilha aos pais, que *lhe deram o corpo*, assim também o espirito materializado muitas vezes apresenta similhaça maior ou menor com o *médium*, que *lhe emprestou o corpo*.

Finalmente, a criança esquece, *reincarnando*, a história da sua vida *anterior*, porque o seu organismo *actual* é diverso daquele que perdeu

pela morte. Da mesma sorte o espírito *materializado*, revestindo um corpo de empréstimo, experimenta também um *obscurecimento* maior ou menor da memória e da consciência; porque os seus órgãos actuais são *emprestados* e não os que teve quando vivo.

Como se vê, as analogias são numerosas e frisantes; mas, se por um lado são satisfatórias *quanto à formação e materialização*, não nos explicam pela mesma forma como é que o corpo do *médium* se pode *desmaterializar parcialmente* e *tornar a materializar-se*, qual era anteriormente, sem que isso affecte gravíssimamente o seu funcionalismo regular.

Compreendemos que a explicação dêsses factos tenha a sua razão de ser *na natureza íntima do perespírito*, que é essencialmente *um poder enorme de irradiação e de agregação molecular, orientada pelo molde-tipo* da espécie; mas isso não obsta a que êste fenómeno fique sendo para nós o *problema mais insolúvel* do espiritismo.

Mas a lógica dos factos é inexorável, e a êste respeito diremos o que W. Crookes respondeu aos seus antagonistas — « Eu não disse que êsses factos eram *possíveis*, o que afirmei é que *eram verdadeiros* ».

Desenvolvendo esta ideia que formamos do perespírito, diremos que — sabendo-se que o perespírito é a fôrça que associa e mantêm aderen-

tes entre si as moléculas do corpo vivo, e sendo certo que no estado de *transe* o corpo material está quasi totalmente privado do perespírito, é claro que a *coesão molecular* do corpo do médium *deve diminuir*, facilitando assim a sua desagregação. Ora, nestas circunstâncias, achando-se o corpo do médium privado do seu *centro de gravitação molecular*, e achando-se em contacto com *um outro centro de gravitação*, que é o perespírito do desincarnado, não é impossível conceber-se que êste, actuando por atracção, vá chamando a si as moléculas de que carece para criar um corpo novo, *facetado* ou *moldado* sôbre o perespírito do desincarnado, reproduzindo assim os traços fisionómicos da sua vida anterior.

*

* *

Por esta teoria as aparições luminosas ou nebulosas são apenas materializações incompletas, meramente esboçadas.

A penetração da matéria pela matéria e os *apports* podem explicar-se como resultado de uma *desmaterialização* seguida de uma nova *materialização*.

O espírito *desmaterializa* o objecto em ques-

tão, transporta os seus elementos constitutivos para o lugar da sessão, e aí reconstitui molecularmente o corpo no seu estado anterior.

A escrita directa, dentro de caixas fechadas, ou entre duas ardósias ligadas entre si, é executada por mãos fluídicas, invisíveis para nós, atento o seu fraquíssimo grau de materialização.

A *variação de pêso* nos corpos e a *levitação* explicam-se pela nossa teoria, expendida neste livro, quando tratámos dêstes fenómenos.

Finalmente os fenómenos de *incarnação* que consistem em o médium se transfigurar por forma que a sua fisionomia apresenta pouco e pouco os traços fisionómicos mais característicos do morto, em pensar pelo seu cérebro, e falar pela sua bôca, explicam-se, como já démos a entender, pela seguinte forma:

Caindo o *médium* em *transe*, o seu perespirito *exterioriza-se*, e o corpo abandonado, é ocupado pelo perespirito do morto, que gradualmente vai *amoldando e facetando* a matéria orgânica do *médium* por forma a reproduzir, com mais ou menos perfeição, as feições do falecido e igualmente a sua voz e as maneiras.

Como a natureza e plano dêste livro não nos permitem dar maior extensão a êste assunto, deixamo-lo de parte para passarmos a outra matéria.

VIII

Concordância do Espiritismo com todas as Ciências

É realmente maravilhosa a forma concisa e clara por que o Espiritismo explica satisfatoriamente, sem perífrases nem ambages, e sem mesmo recorrer a êsses palavrões esdrúxulos de um grego mais ou menos avariado, todos os fenómenos que as diversas sciências não teem logrado até hoje fazer sair da região dos factos obscuros ou duvidosos.

E não menos é para admirar a facilidade com que o espiritismo *se põe de acôrdo* com as diversas sciências, *harmonizando-as, concatenando-as e completando-as.*

É que, de facto, a doutrina espirita é a *cúpula* de todo o edificio scientifico, o *elo* que encerra e concatena numa síntese maravilhosa e única todos os conhecimentos humanos.

Pode dizer-se sem receio de errar que o *Espiritismo* é — *a filosofia das sciências.*

E de facto:

Nascidos na mesma época, o Transformismo e o Espiritismo *completam-se* um pelo outro, e *corroboram-se*, quando a princípio pareciam destinados a degladiarem-se sem tréguas. Hoje todo o espírita é transformista, e todo o transformista, (se fôsse lógico), deveria ser espírita. Infelizmente, porém, a lógica não cabe em todos os cérebros, e por isso não se compreendem.

E com efeito:

A *base* do transformismo assenta essencialmente em admitir que a Natureza, partindo dos seres mais rudimentares e simples, foi subindo gradualmente e por uma transição insensível até aos organismos mais complexos e perfeitos, como o do homem. *Natura non fecit saltus*.

Mas os transformistas não foram nas suas afirmações para além do mundo ou plano fisico, e é nisto que pecaram. Excesso de *miopia*.

Vem então o Espiritismo e diz-lhes:

— «Essa progressão insensível não pára aí; é ela *igualmente* a lei do mundo psíquico. E o espírito que *tudo vitaliza* na Natureza; o espírito, que é a *fôrça imanente* e o *centro de atracção* de toda a matéria; — o *Espírito começa*, sob as formas de *coesão* e *afinidade*, a vitalizar os minerais, pois que preside às suas aggregações e combinações químicas; ascende depois um grau, e

vitaliza a célula, e esta, aglomerando-se com outras, *constitui a planta* mais rudimentar.

Subindo em categoria, o *Espírito vegetal* depura-se, e pelo seu poder de atracção e assimilação produz organismos vegetais mais complexos.

O mesmo princípio de vida, o mesmo espírito, (já então mais depurado e nobre), vai, em uma nova ordem de existências, criar um corpo adequado às suas faculdades, aos seus progressos; — mas esse corpo é já *o de um animal*.

O seu progresso continua sempre nessa nova categoria, e assim, depois de *vitalizar*, em vidas sucessivas, diversos seres da imensa série animal, vai alfim *dar entrada no reino humano*, onde se incarna tantas vezes, quantas fôr mister, até que se haja depurado de todos os vestígios da animalidade, e tenha adquirido a moralidade e sciência, que lhe permitam ascender a *outros mundos* mais perfeitos e espiritualizados.

Dest'arte, o *progresso indefinido*, ou, por outra, a evolução sem limites — *é a lei soberana do Universo*, quer seja *no plano físico*, quer seja *no plano psíquico*.

Assim, completado e explicado pela doutrinação espírita, o *Transformismo* constitui uma magnífica síntese, que abraça todos os conhecimentos humanos, estabelecendo um *elo indissolúvel* entre o *passado* e o *presente*, e mostrando-nos que este é o factor imprescindível do *futuro*.

Afirmando assim que a *evolução humana* não termina na Terra, mas se continua *indefinidamente na série inumerável dos mundos*, que se libram no espaço; — o *Espiritismo* está de pleno acôrdo com a astronomia, que de há muito nos prova que a Terra — *não passa de um átomo no seio do infinito*, e que, longe de ser ela o centro do Universo, é apenas — *um astro insignificante* entre miríades de milhões de outros enormíssimos, que a observação e a razão nos levam a crer que devem ser habitados.

A Física e a Química por seu turno de há muito que tendiam — uma a demonstrar a *unidade das forças físicas*, e a outra caminhava a passos agigantados para a crença na *unidade da matéria*.

O *Espiritismo* reconhece e estabelece como ponto capital de doutrina — não só a *unidade de força*, mas também a *unidade da matéria*.

*

* *

Observando-se como um facto indubitável que a *intensidade da força* é tanto maior quanto maior fôr a rarefacção das moléculas do corpo em que ela se manifesta; conhecida já hoje, pelos trabalhos de Crookes, a *matéria radiante*, e a

potência dos raios X, não é muito difícil de conceber que, levada *um pouco mais longe* a rarefacção, ela possa constituir o que chamamos — o *perespírito* ou *corpo astral*.

E se atentarmos bem no que nos ensina a química superior sôbre a *constituição molecular* dos corpos, e reflectirmos em que as moléculas *dêstes* não estão em contacto umas com as outras, mas antes se mantem a distâncias maiores ou menores e em constante vibração, consoante o grau de calórico que possuem, também se tornam de uma compreensão relativamente fácil os fenómenos de materialização e desmaterialização.

*

* *

O espiritismo completa e corôa admiravelmente os ensinamentos da fisiologia com respeito aos problemas mais árduos que esta não logra explicar.

É assim que a *persistência* do *perespírito* como força de atracção e *molde típico* do ser, — explica satisfatoriamente:

1.^o— O agrupamento na mesma forma orgânica da inúmera quantidade de moléculas e células que constituem o nosso corpo.

2.º— A conservação inalterável da personalidade física, moral e intelectual do ser, apesar do renovamento constante das suas moléculas.

3.º— As relações íntimas que existem entre o físico e o moral.

4.º— As diferenças capitais que separam as funções do pensamento das funções meramente orgânicas.

Para se formar uma ideia aproximada das dificuldades com que lutam os sábios quando pretendem estabelecer uma teoria aceitável para certos fenómenos, transcendentos ; para se ver até que ponto a teoria do perespírito é sensata e vem preencher a lacuna enormíssima que todo o fisiologista sincero encontra, sempre que tente pesquisar o *quid* de que resulta a vida, basta ler-se com atenção o seguinte trecho de Claude Bernard, na sua Introdução à Medicina Experimental. Diz êle:— «Vemos na evolução do embrião aparecer um *simples esboço* do ser, antes de qualquer organização. Os contornos do corpo e dos órgãos são a princípio simplesmente definidos, começando pelos esboços orgânicos provisórios que hão de servir de aparelhos funcionais do feto. Nenhum tecido aparece então distinto. Toda a massa é constituída sómente por células plasmáticas e embrionárias.

Mas neste esboço vital *está traçado o desenho ideal dum organismo*, ainda para nós invi-

sível, *desenho* que assinalou a cada parte e a cada elemento o *seu lugar próprio*, a sua estrutura e propriedades.

No sítio onde devem vir a existir os vasos sanguíneos, os nervos, os músculos, os ossos, etc., as células embrionárias transmudam-se em glóbulos sanguíneos, em tecido arterial, venoso, muscular, nervoso e ósseo.»

E mais adiante acrescenta:

«O que é essencialmente *do domínio da vida* e que *nem pertence à física nem à química*, nem a outra qualquer sciência, é a *ideia directriz* dessa acção vital. Em todo o germen vivo há uma *ideia directriz*, que se desenvolve e manifesta pela organização. E, enquanto o ser *dura*, fica sempre *sob a direcção e influênciã dessa fôrça vital e criadora*.

É sempre *a mesma ideia que conserva o ser*, reconstituindo-lhe as partes vivas, desorganizadas pelo exercício, ou destruídas por accidentes ou doenças.»

Aqui está como fala um homem de sciência, que acima de todos os preconceitos de escola coloca os deveres sagrados da sua probidade scientifica.

Reconhece com toda a franqueza, que acima de toda a sciência, de toda a física e química, e fora delas, há um *quid* desconhecido que *produz a vida* e é o *esbôço pre-existente* de todo o

organismo, o *centro director*, o *foco de atracção* de toda a matéria organizada.

Um espirita convicto não demonstraria com mais clareza a existência do perespírito e da alma.

*

* *

Nos domínios da Psicologia, o Espiritismo é ainda o mais poderoso auxiliar do espírito humano para a resolução das inúmeras dificuldades, que a cada passo se nos deparam.

E, com efeito, a cada instante se vêem muitos indivíduos, filhos dos mesmos pais, educados na mesma escola e princípios, criados no mesmo meio, apresentarem diferenças enormíssimas entre si, tanto no físico como no moral. Vêmos por vezes de pais rudes sair um filho com uma inteligência privilegiada, ou com uma aptidão extraordinária para uma arte ou sciência determinada.

Tudo isso, todas as desigualdades intelectuais, sensitivas e morais, que se observam no meio social; desigualdades que nem a hereditariedade, nem a influência do meio, nem os esforços individuais podem logicamente explicar, acham a sua plena e natural explicação na teoria espirita da *reincarnação*.

Por outro lado a teoria do perespírito supprime radicalmente uma gravíssima objecção que anteriormente se fazia ao espiritualismo, qual era a dificuldade ou mesmo impossibilidade de se conceber nitidamente a alma, por ser uma entidade *destituída de forma*.

Hoje tudo mudou: como a alma, ou seja no *estado de incarnação*, ou seja no *estado astral*, anda sempre envolta no seu respectivo perespírito, que afecta sempre a *forma própria* do ser a que pertence, a alma fica sempre tendo uma forma própria.

*

* *

A sciência que mais analogias apresenta com o *Espiritismo* é indubitavelmente o *Hipnotismo*, termo modernizado, mediante o qual o *Magnétismo Animal* logrou fazer a sua entrada triunfal nos domínios da sciência oficial.

Os inúmeros e extraordinários fenómenos, que se encerram no vastíssimo quadro desta sciência, são todos uns meros enigmas, se nos mantivermos dentro do campo materialista.

Se, porêm, entrarmos francamente no campo espírita, que assenta sôbre a noção da constituição tripla do homem — *alma, perespírito e corpo*,

todos êsses fenómenos são lúcida e perfeitamente explicados com uma clareza tal, que contrasta com as teorias forçadas e sibilinas, que tanto abundam nos escritores que seguem a doutrina oposta.

Assim, por exemplo, o dr. Azam no seu livro — *Hypnotisme et Double Conscience*, apreciando os fenómenos de *desdobramento de personalidade*, manifestados no seu passivo Felida, — ora atribui êsses fenómenos ao *funcionamento independente dos dois lóbulos cerebrais*, (o que aliás não serve para o caso de *três personalidades ou mais* no mesmo indivíduo), — ora os atribui ao *sonambulismo total*, — ora a fenómenos de *vaso-dilatação* ou de *vaso-constricção* na circulação cerebral; e por fim, descoroçoado, reconhecendo a inanidade de todas essas teorias, exclama: — « tudo são dúvidas, tudo dificuldades. »

E todavia, segundo a teoria que adoptámos, a explicação é *simples e comprehensível*.

O estado de hipnose é apenas o *comêço da separação temporária* entre o princípio anímico e o corpo. Isto prova-se pelo facto da sensibilidade cutânea ter abandonado o corpo, *exteriorizando-se e localizando-se em tôrno dêle* a uma curta distância. (Vide o nosso livro — *O Magnétismo*, a pág. 64.)

O corpo pode ser percutido, picado, ferido, sem que resulte dor alguma; mas, se se exercerem

êsses actos nas *imediações do corpo*, sem se tocar na pele, imediatamente acusará uma dor vivíssima; porque a alma, embora se exteriorize a grandes distâncias, fica sempre ligada por um laço fluídico, que é, entre as duas entidades, o mesmo que o condutor metálico entre dois postos telegráficos.

No estado hipnótico o *corpo* não vê, não ouve, não sente, não percebe, *por intervenção dos seus órgãos corpóreos* para tal fim destinados; mas, apesar disso *vê, ouve, sente e percebe* com bem maior agudeza e perfeição — *pelo sentido único*, a que anteriormente aludimos, e cuja existência agora se torna bem evidente.

Êsse sentido *único, sintético* está disseminado por toda a superficie de irradiação periorgânica ou pelas suas imediações.

É por isso que o sonâmbulo vê pelo esófago ou pelos dedos, ou pela nuca, e apresenta o fenómeno da transmutação dos sentidos à vontade do magnetizador. (*)

Prova-se ainda esta exteriorização do elemento psíquico com as célebres experiências de

(*) Vide *Etude sur l'exteriorisation de la sensibilité* de Mr. de Rochas.

Analyse des Choses, do Dr. Gibier, e *Annales des Sciences Psychiques* de 1895.

Mr. de Rochas, sôbre os fenómenos profundos da hipnose.

Nêste estado viu êle e descreve a formação, à direita e à esquerda do passivo sonâmbulo, de um duplo fantasma aéreo, que em breve se reúne e condensa em um único.

Resultam também desta exteriorização anímica, fenómenos de ordem intelectual mais ou menos transcendentes.

No comêço da hipnose manifesta-se desde logo um entorpecimento da consciência e da vontade, por isso que a intelligência se separa pouco e pouco do seu órgão cerebral, e daqui resulta a *facilidade da sugestão*, que não é mais do que a imposição de uma *vontade enérgica* a outra que o é muito menos, ou que não tem fôrça para reagir.

Num estado de hipnose mais profundo a exteriorização anímica torna já possível o exercício das faculdades mais transcendentes, tais como a *leitura do pensamento*, a *visão a grandes distâncias*, etc.

Nêste estado, diz o dr. Gibier, — não há já cérebro para a percepção ou para o pensamento, mas uma e outro podem estar espalhados em todo o ser.

Nêste estado o passivo pode, (por meio do éter ambiente, cujas vibrações se comunicam ao seu éter anímico exteriorizado), dar-se conta de

uma imensidade de factos *passados, presentes,* e ousa até dizê-lo, *futuros.*»

Nêste estado a *personalidade normal desaparece*, porque o corpo está quasi completamente alheado da alma, e esta então avoca a si a plena posse e noção das suas existências passadas, as recordações reaparecem em grande número; e por isso aquilo que se convencionou chamar — *sub-consciência* desempenha aqui o principal papel.

Assim, o valor ou importância intelectual da *sub-consciência* será tanto maior quanto maior fôr o número das existências ou personalidades anteriores do passivo hipnotizado.

*

* *

Por seu turno os fenómenos telepáticos podem resultar de três causas diversas. Assim: Uns resultam de *claro-vidência*, ou acção directa entre o pensamento de dois individuos, acção esta que tem o seu paralelo no mundo fisico—na *telegrafia sem fio*.

Outros resultam da *visão a distância*, durante o sono normal, visão produzida pela exteriorização do corpo astral.

Outros, finalmente, e são êstes os mais complexos, pois que podem afectar uma ou muitas pessoas, simultânea ou sucessivamente, explicam-se, uns pela acção anímica, e outros pela intervenção dos espíritos.

Em tais casos o perespírito arrasta consigo as moléculas materiais bastantes para lhes dar a consistência suficiente para irem influenciar os sentidos da pessoa ou pessoas a quem o falecido, ou o vivo exteriorizado deseja manifestar-se. E isto é tanto mais verosímil, quanto é certo que o fenómeno telepático se produz quási sempre após uma *morte acidental ou violenta*, ou no momento de uma crise, que põe em risco a vida; pois em tais casos, não tendo a fôrça orgânica sido exgotada pela doença, e preparado o corpo astral para a sua separação radical, êste, forçado pela *crise súbita* da morte, conserva durante algum tempo uma grande parte das moléculas materiais, que traduzem nitidamente o seu estado real no momento da morte.

*

* *

Importa mencionar aqui também as analogias frisantes que existem entre o sono *magné-*

tico e o *mediúmnico*, analogias que muito convêm conhecer, mesmo para o fim de criar e educar os *médiuns*.

Dissemos já que o sono hipnótico apresenta três fases principais e nítidamente caracterizadas — o *estado letárgico*, o *cataléptico* e o *sonambúlico*. O primeiro é caracterizado pelo *sono profundo*, *insensibilidade* e *lassidão* de todos os músculos.

O segundo estado apresenta sintomas opostos — *rigidez muscular*, e *conservação das atitudes*.

E, finalmente, o terceiro estado caracteriza-se por uma *aparência completa do estado de vigília*, e pela *excessiva sugestibilidade* do passivo.

O *médium* por seu turno apresenta também três fases distintas e correspondentes, porque o *medianismo* é o *magnétismo exercido pelos desincarnados*, da mesma maneira que o *magnetizador vivo* exerce a sua acção magnética sobre o passivo com que trabalha.

Parece-nos que o *médium adormece por si*, caindo num estado de letargia profunda. É um engano. O *médium é adormecido* por um espírito, geralmente o seu espírito guia, que o magnetiza como nós fazemos aos nossos passivos.

Enquanto o *médium* fica em estado letárgico a sua fôrça nervosa *exterioriza-se* e pode vir actuar a uma certa distância.

Muitas vezes as materializações são produzidas enquanto o *médium* está em letargia.

Depois os olhos abrem-se, o olhar torna-se fixo, os músculos tornam-se rígidos. O médium fica *cataléptico*. Êste estado é para o *médium* um simples *estado de transição* para outro superior. Enquanto êle dura *nenhum fenómeno espírita* se produz.

Depois os músculos perdem a sua rigidez e o *médium* entra no terceiro estado, que corresponde *exactamente* ao *sonambulismo magnético*, e em que as analogias entre o sonambulismo magnético e o medianismo são mais frisantes.

A distinção mais notável entre o passivo magnético e o *médium* neste estado é que o passivo magnético é sugestionado por um ser vivo e portanto *visível*, ao passo que o *médium* é sugestionado por um espírito desincarnado e portanto *invisível*.

No estado sonambúlico o passivo pode *mudar de personalidade*, se o magnetizador assim lho ordenar.

No mesmo estado o *médium* pode revestir várias personalidades, isto é, pode *ser ocupado* por diversos personagens. E' o que se chamam as *incarnações*.

Tanto o passivo como o *médium* são inconscientes neste estado.

Quando uma determinada incarnação se re-

tira, — o *médium* ou desperta, ou manifesta os sintomas de uma nova incarnação, isto é, cai novamente em letargia, desta passa ao estado cataplético (ambas estas fases de uma curta duração) e seguidamente fica sonambúlico, dando-se então a nova incarnação. Nalguns *médiuns* estas fases tornam-se quasi indistintas.

*

* *

Destas analogias e correspondências entre o sono magnético e o mediúmnico, e da idêntica natureza de ambos se chegou à seguinte conclusão:—que para se *escolherem e educarem médiuns* se deverá começar por *escolher e educar* bons passivos magnéticos.

Ora uns e outros se encontram de preferência entre os seres muito nervosos.

Escolha-se por isso previamente um bom passivo magnético, capaz de produzir as três fases do sono magnético.

Começa-se, pois, por obter o primeiro grau de sono — o *estado letárgico*, podendo para isso empregar-se qualquer processo magnético, ou mesmo qualquer processo hipnótico, tal como a *bola hipnótica*, os *espelhos rotatórios*, etc.

Em muitos passivos produz-se desde logo um *estado mixto*, semi letárgico, semi sonambúlico. Nêste estado o passivo ouve e fala, mas tem os olhos fechados.

Noutros produz-se a *letargia pura*. Em qualquer dos casos é indispensável ir avante, procurando passar ao *estado cataléptico*, que se pode obter por três meios—ou ordenando ao passivo que abra os olhos, *mas sem acordar*;—ou abrindo-lhos à fôrça;—ou finalmente actuando por meio de passes.

Uma vez obtida a rigidez cataléptica, passa-se ao estado sonambúlico—ou fazendo-lhe sôbre a testa uma ligeira insuflação, ou actuando por meio de passes durante uns quinze minutos, ou empregando qualquer outro processo usado para tal fim.

Durante êstes trabalhos é mister que reine entre os circunstantes o mais rigoroso silêncio.

Uma vez obtidas as três fases do sono magnético, o resto irá por si.

Uma vez posto o passivo em estado de *sonambulismo lúcido*, forma-se a cadeia em tórno dêle, de maneira que ninguém lhe toque.

A obscuridade deve ser completa e é indispensável que durante estas experiências, e enquanto o passivo estiver dormindo, *a cadeia não se rompa*, pois que vai nisto interessada a saúde e mesmo a vida do *médium*.

Espera-se nesta situação que o *mundo invisível* se manifeste.

Se passada meia hora ou três quartos de hora o *mundo invisível* não se tiver manifestado, e dado indicações sôbre o que se deve fazer, o magnetizador isola-se dos outros assistentes (mas sem que a cadeia se quebre), e trata de despertar o *médium*.

Repetem-se estas experiências durante dez ou doze dias, e se, passados êles, o *mundo invisível* não se tiver manifestado, pode proceder-se da mesma forma com um outro passivo.

Se, porêem, algum espírito se incarnar no *médium*, devem observar-se as suas prescrições.

*

* *

Até mesmo a *Patologia* pode auferir inúmeras vantagens da teoria e conhecimentos do *Espiritismo*, sôbretudo a *patologia nervosa*, indubitavelmente a mais repleta de incertezas e obscuridades.

Assim a histeria explica-se facilmente pelo estudo científico do perespírito, pois que ela resulta de um desequilíbrio de aptidões e funções entre o perespírito e o corpo, e só os processos

magnéticos e o tratamento sugestivo lhe podem dar remédio ou alívio.

Na histeria vulgar e nos *nevropatas inferiores* o *perespírito* não funciona regularmente, porque a alma é *demasiado rudimentar* para o organismo, *muito mais aperfeiçoado* do que deveria ser.

Nos grandes histéricos ou *nevropatas superiores* dá-se exactamente o contrário: — a alma é *nímiamente perfeita* para poder servir-se regularmente de um organismo tão grosseiro, e dessa disparidade resultam essas perturbações tão extravagantes nos órgãos sensitivos e motores e nas faculdades mentais dos histéricos.

Da mesma forma certos factos de alucinação, de possessão e loucura, no campo das sciências ocultas podem encontrar explicação bem mais plausível, do que aquela que vulgarmente se lhes quer dar.

E uma vez conhecida a causa e origem destes males, facilmente se chega à conclusão de que o seu tratamento não está na terapêutica vulgar, mas na *anímica* ou *sugestiva*.

*

* *

Não encerraremos êste capítulo sem tratar, embora sumariamente, de um outro assunto, de que os adversários do *Espiritismo* fazem o seu cavalo de batalha.

Negam êles a reencarnação, pelo simples facto, (aliás indubitável), de *não nos recordarmos* do que fomos e fizemos nas nossas *existências anteriores*.

Ora êste argumento, — a perda da memória dessas vidas anteriores, é daqueles que a velha lógica qualificava de *viciosos*, porque provavam de mais. — *Qui nimis probat, nihil probat*.

E, com efeito, se a perda da memória de uma certa ordem de factos houvesse de provar *a não existência de tais factos*, seríamos forçados a concluir:

1.º — Que a quasi totalidade dos factos da nossa vida actual *não existiram*, porque *hoje* não nos lembramos dêles; e mesmo de muitos de maior importância — *apenas conservamos uma reminiscência vaga e longínqua*.

2.º — Que tudo o que vemos, ouvimos e fazemos, *sonhando*, também não teve existência

subjectiva, por isso que, em regra, tudo nos esquece ao acordar.

3.º— Que tudo quanto o sonâmbulo disse ou fez enquanto esteve dormindo *não existiu também*, porque, ao acordar, tudo, *absolutamente tudo*, lhe esqueceu.

4.º— Que nos casos, (aliás pouco vulgares), de personalidades múltiplas em um mesmo indivíduo no estado de vigília, todos os actos e factos praticados por êsse indivíduo sob o predomínio da personalidade A *não existiram* para êsse indivíduo, quando nêle impera a personalidade B, porque nesta situação lhe esqueceu tudo quanto respeitava à outra personalidade.

Vê-se, pois, que, em diversas circunstâncias e condições da existência, *nos podemos esquecer completamente* de inúmeros factos da nossa vida actual, para que possamos daí tirar argumento contra a teoria da *reincarnação*.

Mas há ainda dois argumentos directos que demonstram *fisiológica e moralmente*, que passando o nosso espirito de um para outro corpo, — *não podíamos nem devíamos* recordar-nos do que *fomos e fizemos* nas anteriores existências.

E, com efeito, sabemos que a memória é *uma faculdade da alma*, que se exerce e objectiva mediante o emprêgo de certos órgãos cerebrais, isto é, *corpóreos*.

Portanto, para os espiritualistas a memória é uma faculdade ou função *psico-fisiológica*.

Comparou-se já a memória a um livro em cujas fôlhas se vão arquivando as imagens latentes das ideias, das cousas, das palavras, etc., donde, em consequência de um esforço da nossa vontade, surge nítida e viva a imagem que desejamos.

Aceitemos esta comparação para maior clareza, e vejamos o que succede.

Enquanto vivo, o individuo A tem a consciência, mais ou menos nítida, de tudo quanto está arquivado no livro da sua memória, e daí lhe resulta a sua personalidade e identidade. Mas um dia veio a morte, e o livro *desfez-se* como o resto do corpo; e a alma, embora no estado astral conserve a noção nítida de todos os seus actos, *quando reincarna* fica obscurecida pela sua adjunção e adaptação a um *novo organismo*, que não pode conservar noção alguma do que foi e do que se passou com o organismo anterior.

O *livro* da memória da personalidade actual está em branco, as *impressões* que há de receber hão de lhe vir do exterior e não do passado. Como os *órgãos* da personalidade actual nada tem de comum com os da personalidade anterior, é claro que, apesar da personalidade psíquica ser a mesma, a personalidade física é *totalmente diversa*.

Daqui resulta a *impossibilidade fisiológica*

de se manter a recordação das existências anteriores.

Considerada agora a questão debaixo do ponto de vista moral, temos a atender que:—Se conservássemos a recordação das nossas existências passadas, recordar-nos híamos também dos factos dos outros que se relacionassem comnosco.

E se, sob o *novo invólucro*, nos reconhecêssemos a nós mesmos, era fatal que nos personagens actuais reconheceríamos também muitos dos nossos antigos contemporâneos das anteriores existências.

Como terrível consequência de tudo isto teríamos, a dominar tudo, *uma atmosfera de desconfiança recíproca* entre todos, e *o remorso corroendo constantemente* a todos, pela rememoração crudelíssima dos passados erros. E a consciência, de que os outros reconheciam também o nosso passado anterior, alhearia de cada um de nós as simpatias dos outros.

A vida numa sociedade *tão cheia das recordações do passado* seria o mais atroz dos suplicios. O criminoso não poderia ter reabilitação fácil, porque, na *sua nova existência*, *pairava sobre êle o estigma do passado*. A vítima de ontem procuraria vingar-se hoje daquelle, que fôra seu algoz.

Finalmente, numa sociedade assim organiza-

da era *completamente impossível* o progresso individual e social.

O esquecimento total de tudo o que se passou nas existências anteriores, é, pois, *uma necessidade moral* para o progresso da humanidade. Assim, ao menos, o maior delinqüente da existência anterior pode reabilitar-se na vida actual e tornar-se mesmo um benemérito, porque a sua personalidade anterior é desconhecida para todos e para êle próprio.

IX

Conseqüências Morais e Sociais do Espiritismo

Uma vez aceites as duas bases fundamentais do *Espiritismo*, isto é—*a imortalidade da alma humana*, envolta sempre no seu corpo astral,—e *o seu desenvolvimento progressivo e indefinido pelos seus próprios esforços, em sucessivas reencarnações*, as conseqüências filosóficas que daí dimanam são *inúmeras e transcendentas*.

As obscuridades sistemáticas e metafísicas da velha filosofia e as concepções caducas e meramente convencionais da velha psicologia; as especulações teológicas e as imposições dogmáticas [dos diversos cultos: as abstenções sistemáticas do positivismo em devassar o problema gigantesco do destino humano; e a negação terminante e franca dos materialistas sobre a existência e imortalidade do espírito; *nada disto se impõe já ao espírito do homem*, como capaz de saciar a sua avidez de saber, nem é capaz de preencher o vá-

cuo se lhe depara ante o problema do seu destino.

A velha metafísica *não o convence*; a teologia *briga com a sua razão*; o materialismo *deixa-o frio e avilta-o*; e todavia o homem, que pensa e medita, tem *a intuição nítida* de que há nêle um *quid*, que não morre, e que o seu *procedimento bom ou mau* não pode ser cousa indiferente para o problema do seu destino.

O homem é por instinto religioso; mas não pode acreditar nos deuses antropomorfos, caprichosos, venais e vingativos que lhe querem impor; não pode crer em milagres, nem na predestinação de uns para a beatitude, e na condenação eterna de outros a suplícios sem termo.

O homem de hoje quer ser religioso, mas não aceita crenças impostas *em nome da fé*, aceita apenas as que resultem de convicções baseadas *na razão e na observação*.

O homem culto de hoje não pode também aceitar as doutrinas *neantistas* que deprimem a dignidade e a consciência humana, levando-o, *pela irresponsabilidade*, à imoralidade, ao desespêro e ao crime.

No conjunto admirável dos seres criados, o homem é indubitavelmente o mais perfeito; e se toda a criação revela um plano que gradualmente se desenvolve em harmonia com a lei universal do progresso, o homem, sendo, como é, o

animal mais perfeito, tem indubitavelmente o papel mais importante no desenvolvimento dêsse plano.

Se a morte fôsse o *aniquilamento do ser*, a *anulação da personalidade humana*, é claro que sendo a *felicidade individual* o móvel, o objetivo que todos *devem buscar*, e como só nesta vida a poderiam encontrar, é claro que seria o *egoísmo* a lei mais imperiosa da vida humana, e, assente isto como princípio, o homem, *por necessidade e conveniência*, tornar-se hia na sociedade muito pior do que as feras.

A responsabilidade humana não passaria de *um mito*, as leis de um *despotismo social*.

O homem derrubaria na sua passagem quanto obstasse às suas ambições; a imoralidade e o crime seriam termos sem significação alguma.

Não pode ser! uma tão deprimente doutrina *bestealizaria* o homem, tornando-o escravo inconsciente das suas paixões.

E todavia é esta a consequência fatal do materialismo.

*

* *

É contra êste morbo perniciosissimo da sociedade moderna, é contra esta descrença ruïnosa,

contra este egoísmo feroz do século passado e do corrente, que o *Espiritismo* se alevanta armado como um paladino medieval; opondo à vaidosa sciência dos académicos, a sciência nova do futuro, apoiada em factos e observações inúmeras, provadas com o maior rigor scientifico.

Êle cria desde os alicerces uma psicologia nova, toda experimental, estabelece o liame indissolúvel entre todas as sciências, até hoje desconexas; dá do Universo a concepção mais grandiosa e completa, mostra a *unidade* do problema religioso através da multiplicidade de cultos; depura a crença dos dogmas abstrusos e imobilizantes; e, demonstrando que o homem é o fautor do seu próprio destino através dos séculos, lança as bases da solidariedade humana e da moral universal.

Tal é o papel, tal a missão que o *Espiritismo* vem desempenhar na sociedade actual.

Perante a simplicidade luminosa da nova doutrina, teem de ser postas de parte, como fósseis desvalorizados, todas as obscuridades sistematicas e velharias incoerentes da velha filosofia, que, em dois mil anos de domínio, não conseguiu legar ao espirito humano a *demonstração cabal e irrefutável da vida além da campa, e da immortalidade da nossa personalidade*.

Perante o fúlgido clarão, que da nova doutrina irradia, a ideia de **Deus** ressalta formidável-

mente bela, e a crença fundamental num **Deus** universal, inefável e bom para todos, que deixa a cada um a liberdade de acção necessária para criar e fomentar o seu próprio destino, que é o *progresso indefinido e constante*, ou noutros termos — garantindo a salvação de *todas* as suas criaturas em períodos de tempo mais ou menos longos, consoante os esforços de cada um.

Perante esta crença científica, que se radica na consciência pelo raciocínio, e não se impõe *pela fé* nem *pela fôrça*, caem por terra todas as prescrições dogmáticas, que aviltam a razão, e que obstando ao nosso desenvolvimento consciente, quási aniquilam o nosso livre arbítrio. Assim o homem, nobilitado pela consciência da sua fôrça evolutiva, e pela certeza da sua missão através dos tempos, sente-se *mais crente, mais forte e mais feliz*, porque sabe que o seu destino *só de si depende*, e não da intervenção miraculosa de uma divindade parcial e caprichosa que predestinava uns para *a felicidade eterna*, e outros para *castigos sem fim*.

E, com efeito, a ideia mais grandiosa que se pode formar da Divindade é supô-lo capaz de criar os mundos e os seres *com todas as fôrças ingénitas*, necessárias ao pleno desenvolvimento de cada um, sem que seja mister a intervenção *anormal* do seu poder, mediante essa ideia de colaboração divina chamada *milagre*.

A criação não é um facto miraculoso, singular, voluntarioso; a criação é um acto contínuo de todos os instantes, sem comêço e sem fim.

O Universo renova-se constantemente em cada uma das suas partes; mas no seu conjunto é co-eterno com a Divindade.

A Terra deixa de ser o centro do Universo, para se tornar num *ponto ínfimo* na incomensurabilidade do espaço, um grão de areia no concôrto universal dos mundos.

Assim reduzida à sua verdadeira importância no Universo, a Terra torna-se apenas *um dos estadios* inúmeros da vida, *um dos meios* de perfectibilidade do *Espírito*.

Êste, por seu turno, não saíu completo e perfeito das mãos do Criador, como a Minerva brotou armada do crânio de Júpiter; pelo contrário, forma-se e depura-se ela própria pelos seus esforços, trabalhos e sofrimentos no decurso das suas vidas sucessivas.

Desponta no mineral sob a forma de afinidade e de coesão, individualiza-se na planta criando forma própria e faculdades psíquicas rudimentares, depura-se e enriquece-se no animal, tornando-se inteligente e voluntarioso, e nobilita-se no homem, atingindo a consciência da sua fôrça e a intuição mais ou menos nítida da sua missão no mundo.

Chegado a êste estadio do seu desenvolvi-

mento, o espirito vai-se pouco e pouco libertando do mal, inerente *necessariamente* às fases inferiores da sua evolução, e, desenvolvendo-se gradualmente pelo seu próprio esforço, atinge as noções e o culto da *verdade*, do *belo* e do *bem*, cuja objectivação mais ou menos rápida sintetiza o ideal da sua felicidade futura. É só esta elevada compreensão da vida universal e do progresso individual que nos pode dar a chave dos mais intrincados problemas da sociologia.

Assim, segundo esta doutrina, explica-se facilmente o problema do mal, e justifica-se plenamente a existência das desigualdades físicas, morais, intellectuais e sociais entre os homens, factos estes que, vistos através do falso prisma das outras doutrinas, brigam enormemente com a noção que formamos do ideal de justiça.

Negue-se a lei das *reincarnações sucessivas* e teremos *a iniquidade mais revoltante* a governar o mundo.

Aceite, porém, essa lei, tudo se explica racionalmente.

As *desigualdades humanas*, consideradas sob o ponto de vista da intelligência, da consciência e do coração, acham a sua cabal explicação nos *diferentes graus de evolução* em que se encontram os diversos seres.

Todas as desigualdades sociais, que tanto nos preocupam, quer resultem da fortuna, da

saúde, do carácter, das aptidões da moral ou do homem, tem a sua razão de ser ou antes o seu acto de justiça eterna *na pluralidade das existências*.

O problema do mal tem uma explicação igualmente lógica.

O mal não é, como se tem querido fazer acreditar, a consequência fatal de um *pecado inicial* expiado por todas as gerações subsequentes; não é um castigo, e menos ainda a vingança de uma Divindade, porque êsse sentimento egoísta e malévolos é incompatível com a concepção elevadíssima que formâmos do Ente Supremo, ou de *Parabrahma*, como hoje se diz em sciências ocultas.

O *Mal* é o grande *estímulo* da actividade dos seres; o *agulhão* onipotente do progresso, o *aviso* protector da Natureza, que assim garante a nossa conservação.

O estímulo do mal impede que o homem e a sociedade se immobilizem no seu estado actual.

A doença, a dor física ou moral, qualquer das formas, emfim, por que o *mal* se pode apresentar, desperta a nossa actividade para a luta constante, para o trabalho incessante; mostra-nos a inanidade dos prazeres materiais, e fazendo-nos lamentar o tempo inútilmente perdido, faz-nos antever, como Sant'Elmo salvador, a necessidade

de um destino mais amplo, fazendo-nos conceber o desejo de conquistar a verdadeira felicidade.

Assim, pois, conquanto em virtude das condições evolutivas das espécies, o *mal* seja uma condição de vida e progresso inevitável, é todavia certo que êle diminui gradualmente com os progressos da evolução. A filosofia da história dá desta afirmação a mais brilhante demonstração.

O *paraíso* e o *inferno* são noções fósseis, que não cabem dentro dos limites desta concepção scientifica, como opostas às noções fundamentais da justiça e do progresso.

Os castigos e as recompensas são uma consequência fatal dos nossos êrros e dos nossos esforços.

A vida actual é a *consequência inevitável e directa das nossas vidas passadas*, como as nossas existências vindouras hão de ser a consequência necessária das nossas acções presentes.

A punição dos nossos êrros será simplesmente o *estacionamento* nas incarnações humanas inferiores, conforme certas condições, que matemática e fatalmente resultam das anteriores existências.

Igualmente o *prémio* ou *recompensa* das nossas virtudes domésticas e cívicas, dos nossos esforços e sofrimentos—é a *simples evolução para condições superiores*.

A felicidade do homem, como a de todos os

seres, está toda dependente *dos seus esforços* actuais combinados com as aquisições anteriores.

O maior incentivo ao progresso que o Espiritismo nos incute na alma é a convicção de que nós temos a *esperar tudo de nós mesmos*,—o bem e o mal.

*

* *

Postos e assentes êstes princípios, não é difícil de ver quão transcendentés são as consequências morais e sociais, que desta doutrina fatalmente dimanam; pois que a radicação de tais doutrinas no mais íntimo da consciência humana faz brotar nela uma *moral nova*, toda de paz, solidariedade e progresso, uma *moral científica, e altruísta*, que, deixando de ver nos gozos terrenos o ideal da felicidade humana, substituirá a moral egoísta, material e míope da sociedade actual, que leva os homens fatalmente a essa luta perene entre o capital e o trabalho, luta que divide a sociedade em dois bandos fatalmente hostis—*os exploradores e os explorados*, em vez de conduzir a humanidade à solidariedade universal, única conclusão lógica da nova ciência do espirito.

A *nova moral* tem de assentar as suas doutrinas nas três bases seguintes:

1.º— *O conhecimento das leis evolutivas.*

2.º— *A necessidade impreterível do livre desenvolvimento individual.*

3.º— *A noção da relatividade da liberdade moral, baseada na compreensão do mal, e das desigualdades humanas.*

Como o desenvolvimento dêstes princípios nos levaria demasiado longe, limitar-nos hemos a fazer a sùmula do muito que poderíamos dizer a tal respeito.

Assim pois :

Do conhecimento das leis evolutivas resulta:

1.º— *A necessidade do trabalho individual.*

2.º— *A necessidade de cultivar, mais que tudo, as nossas faculdades intellectuais e affectivas, libertando-nos quanto possivel, das sujeições materiais.*

3.º— *O conhecimento da solidariedade humana, como lei básica da nossa espécie, lei que resulta das existências sucessivas a que estamos sujeitos, em condições sociais e meios de existência os mais diversos. Daqui resulta o altruismo, sentimento grandioso, que, levando-nos a auxiliar espontâneamente os nossos semelhantes individual e colectivamente, contribui simultâneamente para o nosso próprio adiantamento, e torna menos penosas as nossas futuras encarnações.*

Da necessidade impreterível do livre desenvolvimento individual resulta:

1.º—Que nós trazemos, por natureza, no nosso ser tudo quanto pode assegurar o nosso *progresso individual*, e que essa progressão deve resultar essencialmente dos *nossos esforços pessoais*. E, disto resulta:

2.º—Que, tanto quanto possível, a moral humana deve deixar o indivíduo em liberdade desde que êle atinge o seu pleno desenvolvimento.

3.º—Que, passado o período da infância, é *inútil e nociva*, por contraproducente, a imposição de um dever que o indivíduo *não compreende, que seja um dever*. Assim pois:

4.º—O ideal da moral deve ser *instruir e aconselhar*, e *não impor-se pela coacção*, deixando ao homem a *plena liberdade de proceder*, para poder ser responsável pelas suas próprias acções. A luta com os azares da sorte é *uma condição de progresso*.

Cedo ou tarde os êrros cometidos serão expiados pelo sofrimento na Terra, ou em outras existências, e *julgados e compreendidos pelo próprio culpado*, quando vier a entrar na vida astral. E essa expiação e julgamento constitui para êle um progresso.

Deve notar-se que a *plena liberdade de acção*, que o espiritismo aceita e reclama como um *di-*

reito humano — é um *mero ideal*, que na vida prática tem de ser restringido e limitado *tanto quanto baste* para assegurar o *bem estar de todos*.

Mas toda a restrição que exceda o indispensável é *injusta e condenável*.

Da *noção da relatividade* da liberdade moral resulta:

1.º — Que, segundo a lei natural da evolução, o livre arbítrio é sempre proporcional ao adiantamento moral do indivíduo.

Daqui resulta que a gravidade de um erro ou culpa não deve ser apreciada em si mesma, nem mesmo segundo as circunstâncias concomitantes, mas sobretudo segundo o grau de *elevação intelectual e moral* do culpado.

Conseqüentemente os julgamentos humanos, assentando sobre leis penais baseadas no *falso princípio da igualdade moral dos delinquentes*, são fundamentalmente iníquos.

2.º — Dêstes princípios se conclui que o verdadeiro espírita deve, tanto quanto possível, abster-se de julgar os outros; porque nós mesmos nas nossas encarnações anteriores incorremos sem dúvida em delitos análogos: e aos princípios da moral repugna que queiramos aplicar aos nossos semelhantes penalidades, que não desejaríamos nos fossem aplicadas a nós.

E tanto mais quanto é certo que o espírita ilustrado considera os crimes, vícios e todas as

manifestações degradantes das paixões humanas, não tanto como *produtos voluntários* da inteligência humana, quanto como um *resultado fatal* da ignorância ou de um estado psíquico inferior.

Por isso a sociedade deve tender, cada vez mais, *a fechar as prisões e abrir as escolas*, a instruir intelectual e moralmente os seres psíquicamente inferiores, e *a impedir apenas* as suas más acções; mas nunca *a punir*, e menos ainda *a vingar-se*.

Quando o criminoso o é *por vício orgânico* que resulta do seu atraso psíquico, os castigos, além de inúteis, tornam-se contraproducentes. Em tais casos a sociedade deve *apenas impedi-lo* de fazer mal aos outros.

*

* *

Dito isto, tornam--se evidentes as consequências que daqui dimanam para o indivíduo e para a sociedade.

Assim, na vida individual, aconselhamos mais que tudo *o trabalho*, e especialmente o trabalho intelectual, como meio de cultura das nossas faculdades afectivas e emotivas. Mas, como a vida terrestre é *curta*, e a sciência *múlti-*

pla e infinita, é inútil, por impossível, visar ao enciclopedismo.

Nós trazemos do berço uma tendência *inata* para um determinado ramo das sciências ou das artes. Procuremos descobrir essa tendência, e cultivemo-la. É, seguindo esta orientação, que mais facilmente procuraremos uma relativa felicidade.

Orientado por êstes princípios moralizadores e fecundos, o homem *fará o bem* em tórno de si sem mira na recompensa, nem se importar com a ingratição dos homens nem se envaidecer com o reconhecimento das turbas.

Desprezará as injúrias pessoais como aberrações filhas da ignorância e do atraso intelectual.

Virtuoso por convicção, êle desculpará todavia os vícios e defeitos alheios e o sentimento da vingança será banido do seu coração.

Trabalhando *para si* êle trabalhará largamente *para os outros*, procurando o seu aperfeiçoamento em virtude da lei do altruísmo, que resulta da crença nas vidas sucessivas.

Reconhecendo que cada vida é um degrau *indispensável* na escala do seu progresso, o espirita buscará tirar todo o partido possível da sua incarnation actual, poupando, tanto quanto possível, o corpo, como instrumento de trabalho, evitando os perigos inúteis, aguardando serenamente a morte física, sem todavia a provocar nem de-sejar.

*

*

*

Na *vida social* as conseqüências do espiritismo são enormes e transcendentas.

Do conhecimento das vidas sucessivas e da reencarnação em personalidades mui diversas, como meio de expiação e progresso, resultará para cada um *a convicção* de que, sendo a humanidade solidária, o primeiro dever de cada um — *é trabalhar constantemente* para o progresso geral da sociedade.

A família será considerada sob um ponto de vista mais largo e, como a *ideia da pátria*, irá alargando-se de mais em mais, desaparecerá pouco e pouco o espírito de rivalidade de raças e de interesses, que actualmente divide as diversas nações.

As divisões e inimizades entre as diversas classes sociais tenderão a desaparecer, e os prejuizos de castas, de crenças, de fronteiras e raças sumir-se hão por seu turno.

O Estado, como poder político, limitará a sua intervenção a *impedir o menos possível* a iniciativa de cada um, e, restringindo a sua acção a um papel de *mera protecção*, terá apenas em

vista assegurar a cada um a sua liberdade de acção e garantir a segurança de todos.

*

* *

Mas, se a doutrina *evolucionista psico-física*, que defendemos, nos demonstra as falsas bases em que assenta a organização da sociedade actual, ela obsta igualmente a que possamos adoptar as *teorias liberticidas* do socialismo e as *utópicas aspirações* do anarquismo.

Ambas estas doutrinas dimanam de uma observação aliás verdadeira, e é—*que a maior parte dos males de que sofre a humanidade tem a sua origem nos próprios homens e não na Natureza.*

Mas procurando dar remédio a êste mal, o socialismo chega a uma conclusão errónea, pois que, reforçando os poderes e attribuições do Estado, *mata de vez* a liberdade e a iniciativa individual, nivelando tudo o que a *Natureza fez desigual*, e transformando a humanidade numa *imensa roça*, dirigida *pelo azorrague onnipotente* do Senhor, que é o Estado.

Por seu turno a anarquia, procurando reconquistar para o homem a liberdade inteira do selvagem, e aniquilar de vez a entidade Estado, erra

profundamente, porque êsse estado social só seria possível se a humanidade, tendo atingido já *o cúmulo da perfectibilidade*, soubesse praticamente respeitar sempre, nos outros, a liberdade de acção, que para si deseja.

Finalmente, ainda cumpre fazer sentir uma última conseqüência, que dimana da doutrina espirita, e é que os deveres chamados humanitários se estendem também aos animais. E com efeito, admitida a teoria de que todos nós passamos por diversos estadios de vida nos animais inferiores, e de que, qualquer animal é apenas *um espírito*, que, sob uma forma material variável, *evoluciona* para chegar à *categoria de homem*, nós devemos, por um dever recíproco de *solidariedade anímica*, auxiliá-lo nessa evolução natural, evitando tudo o que a possa contrariar.

Por isso todo o espiritualista convicto e coerente repelirá todos os espectáculos cruéis à custa dêles, evitando-lhes todo o sofrimento *inútil*; não os matando, senão por absoluta necessidade.

São condenadas, sob todos os pontos de vista, as *toiradas*, êsse espectáculo degradante para a espécie humana, relíquia *atenuada* dos combates de feras, com que o povo romano se comprazia tanto.

— «Pode-se afirmar, dizia Schopenhauer, e com toda a confiança, que aquele que é cruel

para com os animais, não pode ser um homem bom!»

E nós acrescentámos:—E aquele que se apraz nessas crueldades dá uma triste prova do seu senso moral.

E com respeito aos animais domésticos, que nos prestam serviços relevantes, temos o dever sagrado de os tratar com brandura e de lhes prestar todas as atenções e cuidados de que possam carecer.

*

* *

Eis-nos chegados ao fim da tarefa que nos impusemos, que era expor *sumariamente* os fenómenos, teoria e doutrinas do Espiritismo; demonstrar a sua *verdade* e apreciar o *papel reformador*, que tem a desempenhar na sociedade.

Mostrámos que o *Espiritismo* é, como a física e a química, uma sciência positiva e experimental, baseada toda em factos, tão demonstrados, que os sábios mais afamados da Europa e América, tais como William Crookes, Russel Wallace, Zoelner, Aksakoff, Miers, Lodgé, Schiaparelli, Carlos Richet, Lombroso e o Coronel, conde de Rochas, entre muitas dezenas de ou-

tros, foram, mau grado seu, forçados a renegar o materialismo em que foram educados, para abraçarem e se tornarem beneméritos apóstolos da nova orientação filosófica.

A doutrina *evolucionista* aplicada por Darwin ao mundo *físico*, completada hoje pelo *Espiritismo*, que é o *evolucionismo psíquico*, é a única doutrina que está destinada a *revolucionar o mundo* sob o ponto de vista *moral e social*, combatendo triunfantemente as doutrinas *neantistas* e o *indiferentismo filosófico* que ainda hoje dominam na sociedade actual. E' também a doutrina que pode *derruir* o edifício milenário das velhas superstições, e unificar a espécie humana num *abraço de paz e de fraternidade*.

Nós, que devemos à doutrinação espírita a consolação maior da vida, e a fôrça inexgotável para a luta pela existência, nós, escrevendo êste livro, sem vaidades nem hesitações, indo de encontro às opiniões correntemente admitidas, sem fazermos caso do que contra nós se possa dizer, ficâmos tranquilos e satisfeitos com a nossa consciência, porque ela nos diz termos cumprido um dever, procurando encaminhar os nossos compatriotas no caminho fecundo da felicidade futura.

FIM.

ÍNDICE

Duas palavras preliminares	7
CAPÍTULO I	
A Neo-Psicologia (teoria)	11
O Corpo	22
O Perespírito	23
A Alma	26
A Morte	30
CAPÍTULO II	
A Neo-Psicologia (provas)	35
A Alma.	48
CAPÍTULO III	
A Neo-psicologia — Factos (provas indirectas)	53
I. Telepatia	53
Sonhos verídicos e proféticos	54
II. Magnétismo	71
III. Alucinações telepáticas	97
A Teoria Espírita	149
CAPÍTULO IV	
O Espiritismo	161
I.	161
II. Parte histórica do espiritismo moderno	166
III. Provas Directas do Espiritismo.	177
Ruídos vários	183
Movimento de corpos pesados sem contacto	186
Variação de pêso nos corpos	195
Levitação ou ascensão de corpos vivos	197

Execução de trechos musicais	209
Claro-vidência—Claro-audição	213
Mediumnidade Escrevente ou Psicografia	215
Escrita automática.	216
Manifestações várias	224
Fenómenos de Incorporação ou Mediumnidade Vocal	233
Materializações completas.	237
Conclusões	277
Filosofia Espírita e Espiritismo Prático	288
I. Generalidades	288
II. O Homem.	294
III. A Vida Terrena.	299
IV. A Vida Astral	303

CAPÍTULO V

Sessões Espíritas	313
I. Generalidades	313
II. Os Médiuns	323
Tiptologia.	326
Escrita automática.	328
Mediumnidade vocal.	332
Sessões diversas	336

CAPÍTULO VI

Origem das Comunicações e seu valor	337
---	-----

CAPÍTULO VII

Teoria dos Fenómenos Espíritas	349
--	-----

CAPÍTULO VIII

Concordância do Espiritismo com todas as Ciências.	361
--	-----

CAPÍTULO IX

Conseqüências Morais e Sociais do Espiritismo.	387
--	-----

Coleção Teosofica e Esoterica

- I— *Compêndio de Teosofia*, por C. W. Leadbeater,
1 vol. 400
II— *Ideais da Teosofia*, por Annie Besant, 1 vol. 300
III— *Clarividência*, por C. W. Leadbeater, 1 vol. no prelo
-

Ruy Chianca

A freira de Beja

(*Sóror Mariana*)

Peça em 1 acto. 200

Maurício Maeterlinck

A vida das Abelhas

Tradução da 62.^a edição, por Candido de Figueiredo
1 vol. 500

Yoghi - Ramaciaraga

Ata-Yoga

ou arte de viver com saúde, 1 vol. 600

Dr. Nuno Simões

Gente risonha

1 vol. 200

LIVRARIA CLASSICA EDITORA
17—Praça dos Restauradores—17
LISBOA